



IMPrensa GAY LATINO-AMERICANA: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980

Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior

LGBTQ

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR

**IMPrensa GAY LATINO-AMERICANA: os estereótipos e a construção de outras
masculinidades entre 1960 e 1980**

Bauru

2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR

IMPrensa GAY LATINO-AMERICANA: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de doutor em comunicação sob orientação da Prof^a Associada Dra. Maria Cristina Gobbi

Bauru

2023

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira.
Imprensa gay latino-americana: os estereótipos
e a construção de outras masculinidades entre
1960 e 1980 / Carlos Humberto Ferreira Silva
Júnior, 2023
193 f.:il.

Orientador: Maria Cristina Gobbi

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2023

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Imprensa Gay.
4. Estereótipos. 5. Masculinidades. I.
Universidade Estadual Paulista. II. Título.

Impacto potencial desta pesquisa

Ao resgatar e trazer a tona a história da imprensa gay latino-americana de maneira inédita esta pesquisa tem como principal potencial abrir caminho para futuros estudos na área, especialmente para aqueles voltados aos estudos de Gênero, oferecendo aos grupos sociais que subalternos, especialmente a população LGBTQIAPN+ referenciais históricos e conceituais para a construção de suas próprias identidades e masculinidades, afastando-se dos estigmas sociais difundidos socialmente e que ainda são responsáveis pela perseguição desses indivíduos. Relaciona-se com ao menos três ODS da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU): ODS 4: educação de qualidade. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, além de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, já que passa pelo desenvolvimento de novas perspectivas inclusivas, podendo ser utilizadas em projetos educacionais; ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, já que aponta para uma perspectiva multifacetada do gênero, na qual feminilidades e masculinidades possuem direito de existência e cidadania pela, mesmo que fora do padrão hegemônico estabelecido atualmente; e por fim ODS 16: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis, já que busca por meio da reflexão encontrar espaços para o desenvolvimento e aceitação social da população LGBTQIAPN+, representados neste trabalho pelos homens gays.

Potential impact of this research

By rescuing and bringing to light the history of the Latin American gay press in an unprecedented way, this research has the main potential to pave the way for future studies in the area, especially those focused on Gender studies, offering subordinate social groups, especially the population LGBTQIAPN+ historical and conceptual references for the construction of their own identities and masculinities, moving away from the socially widespread stigmas that are still responsible for the persecution of these individuals. It relates to at least three SDGs from the United Nations (UN) 2030 Agenda: SDG 4: Quality Education. Ensure inclusive and equitable quality education and promoting lifelong learning opportunities for all, as it involves the development of new inclusive perspectives that can be used in educational projects; SDG 5: Gender Equality. Achieve gender equality and empower all women and girls, as it points to a multifaceted perspective on gender, in which femininities and masculinities have the right to existence and citizenship, even if outside the currently established hegemonic standard; and finally, SDG 16: Peace, Justice and Strong Institutions. Promote peaceful and inclusive societies for sustainable development, provide access to justice for all and build effective, accountable and inclusive institutions at all levels, as it seeks through reflection to find spaces for development and acceptance of the LGBTQIAPN+ population, represented in this work by gay men.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 20 dias do mês de outubro do ano de 2023, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR, intitulada **IMPrensa GAY LATINO-AMERICANA: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professora Doutora CÍCILIA MARIA KROHLING PERUZZO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Profa. Dra MARLI DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Faculdade Cásper Líbero, Profa. Dra. LUZIA MITSUE YAMASHITA DELIBERADOR (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Professora Doutora CAMILA ESCUDERO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social / Universidade Metodista de São Paulo. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI



À todas e todos que lutam contra as marcas estabelecidas pela sociedade e, ao invés de se renderem ou se adaptarem, buscam a libertação de si e a transformação do mundo. Por e para vivências mais humanas e inclusivas.

AGRADECIMENTOS

Quando a vida nos é generosa, agradecer nunca é demais e sempre nos traz um desafio de fazer jus à beleza que ela nos proporciona. De maneira geral, eu agradeço à todas e todos que cruzaram meu caminho até agora e que fizeram parte dessa jornada.

Nominalmente, agradeço a minha família Eunice Cecilia da Silva (mãe), Carlos Humberto Ferreira Silva (pai), Adriana de Oliveira Silva (irmã), Beatriz Ferreira Silva (irmã), Mariana de Oliveira Silva (sobrinha), Enzo de Oliveira Silva (sobrinho), Rebeca Evelin Sales Silva (prima), Maria das Graças Ferreira de Sales (madrinha) e Ubirajara Ferreira Silva (padrinho). Sem vocês eu não seria quem sou. Destaco em especial a ajuda exemplar de Beatriz Ferreira Silva e Mariana de Oliveira Silva nos processos desta tese.

Aos amigos, a família que escolhi e que me acolheu com muito amor, Alvaro Rodrigues, Eliria Buso, Michele Carvalho, Anelize Gabriela, Izabel Marques Meo, Lisbeth Araya, Leonardo Arruda, Paula Evélyn Barbosa, Valmir Teixeira de Araújo, Mariana Crescêncio, Mariza Alves e Hueider Guerreiro Gomes por sempre estarem ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis. Destaco em especial a ajuda mais que necessária de Eliria Buso e Mariana Crescêncio na construção desta tese.

Às professoras, amigas e mentoras Marli dos Santos, Cicilia Krohling Peruzzo e Elizabeth Moraes Gonçalves, jamais esquecerei os ensinamentos que tive com vocês, que servem de exemplo na minha caminhada docente.

Aos eternos orientadores Jaqueline Lemos, José Salvador Faro e Veronica Cortes, sem os quais a vida acadêmica não seria a mesma.

À amiga, companheira e orientadora, Maria Cristina Gobbi, que adentrou minha vida e me ensinou muito sobre generosidade.

À amiga, companheira e psicóloga, Raquel Jandozza.

Por fim, à todas e todos que encontrei nessa nova casa: a Unesp. Agradeço a cada uma e a cada um que passou por essa minha caminhada. Desejo sucesso, paz e discernimento em sua jornada.

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi*

*Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir*

AmarElo – Emicida, Majur e Pablllo Vittar

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar os processos comunicacionais por meio dos estereótipos veiculados nos jornais gays do continente latino-americano, entre as décadas de 1960 e 1980, visando demarcar os enfrentamentos realizados por seus integrantes à masculinidade hegemônica da época, tendo em vista as particularidades de seus contextos políticos, econômicos e culturais. Como objetivos específicos, buscamos traçar o histórico das publicações voltadas aos gays no contexto da América Latina entre as décadas de 1960 e 1980; identificar quais estereótipos foram enfrentados, ou reforçados, por estas publicações; e compreendemos como as construções em torno das masculinidades subordinadas e da masculinidade hegemônica eram apresentadas nessas publicações. Temos como justificativa a falta de estudos sobre a temática, assim como o apagamento histórico de periódicos que possuem características e reivindicações sociais próprias de seu tempo. A questão de pesquisa que guia a nossa proposta é formulada da seguinte maneira: os veículos que compuseram a imprensa gay latino-americana entre as décadas de 1960 e 1980 enfrentaram os estereótipos derivados da masculinidade hegemônica e ajudaram a construir novas representações de masculinidades? Trata-se de pesquisa de abordagem descritiva-analítica, na qual foram utilizadas técnicas quantitativas e qualitativas, sendo elas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise de conteúdo. Temos como aporte teórico os trabalhos de gênero e masculinidade (CONNEL, 1987, 2005, 2018; e CONNELL, PEARSE, 2015); a discussão dos estereótipos, seu caráter comunicacional (AMOSSY, 2010) e prejuízo social, assim como a própria discussão sobre o conceito da imprensa gay (BAIM, 2012). Como resultados encontrados, obtemos um mapeamento da imprensa gay na América Latina, identificando suas características, bem como o debate sobre as masculinidades e os estereótipos nestes processos comunicacionais, que deram origem a uma masculinidade então não existente.

Palavras-chave: Comunicação; Imprensa Gay Latino-Americana; Masculinidades; Estereótipos; Homossexualidade.

RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es analizar los procesos comunicacionales a través de los estereotipos transmitidos en los periódicos gay del continente latinoamericano, entre las décadas de 1960 y 1980, con el objetivo de deslindar los enfrentamientos llevados a cabo por sus integrantes a la masculinidad hegemónica de la época en vista de las particularidades de sus contextos políticos, económicos y culturales. Como objetivos específicos, buscamos rastrear la historia de las publicaciones dirigidas a gays en el contexto de América Latina entre las décadas de 1960 y 1980; identificar qué estereotipos fueron enfrentados o reforzados por estas publicaciones; y comprendemos cómo se presentaron en estas publicaciones las construcciones en torno a las masculinidades subordinadas y la masculinidad hegemónica. Justificamos la falta de estudios sobre el tema, así como el borrado histórico de revistas que tienen características y reivindicaciones sociales de su época. La pregunta de investigación que orienta nuestra propuesta se formula de la siguiente manera: ¿los vehículos que conformaron la prensa gay latinoamericana entre los años 1960 y 1980 enfrentaron estereotipos derivados de la masculinidad hegemónica y ayudaron a construir nuevas representaciones de las masculinidades? Se trata de una investigación con enfoque descriptivo-analítico, en la que se utilizaron técnicas cuantitativas y cualitativas, a saber: investigación bibliográfica, investigación documental y análisis de contenido. Tenemos como sustento teórico los trabajos sobre género y masculinidad (CONNEL, 1987, 2005, 2018; y CONNELL, PEARSE, 2015); la discusión sobre los estereotipos, su carácter comunicacional (AMOSSY, 2010) y el daño social, así como la discusión sobre el concepto de prensa gay (BAIM, 2012). Como resultados encontrados, obtenemos un mapeo de la prensa gay en América Latina, identificando sus características, así como el debate sobre masculinidades y estereotipos en estos procesos comunicativos, que dieron origen a una masculinidad que no existía en ese momento.

Palabras clave: Comunicación; Prensa Gay Latinoamericana; Masculinidades; Estereotipos; Homosexualidad.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the communicational processes through the stereotypes conveyed in the gay newspapers of the Latin American continent, between the 1960s and 1980s, aiming to demarcate the confrontations carried out by its members to the hegemonic masculinity of the time, in view of the particularities of their political, economic and cultural contexts. As specific objectives, we seek to trace the history of publications aimed at gays in the context of Latin America between the 1960s and 1980s; identify which stereotypes were faced, or reinforced, by these publications; and we understand how the constructions around subordinate masculinities and hegemonic masculinity were presented in these publications. We justify the lack of studies on the subject, as well as the historical erasure of journals that have characteristics and social claims of their time. The research question that guides our proposal is formulated as follows: did the vehicles that made up the Latin American gay press between the 1960s and 1980s face stereotypes derived from hegemonic masculinity and help to build new representations of masculinities? This is a research with a descriptive-analytical approach, in which quantitative and qualitative techniques were used, namely: bibliographical research, documental research and content analysis. We have as theoretical support the work on gender and masculinity (CONNEL, 1987, 2005, 2018; and CONNELL, PEARSE, 2015); the discussion of stereotypes, their communicational character (AMOSSY, 2010) and social damage, as well as the discussion on the concept of the gay press (BAIM, 2012). As results found, we obtain a mapping of the gay press in Latin America, identifying its characteristics, as well as the debate about masculinities and stereotypes in these communication processes, which gave rise to a masculinity that did not exist at that time.

Keywords: Communication; Latin American Gay Press; Masculinities; Stereotypes; Homosexuality.

Sumário

Introdução.....	15
1.1 Definindo conceitos e traçando caminhos	17
1.2 Os objetivos, problema de pesquisa e hipótese	19
Capítulo I: Construindo um processo metodológico.....	23
2.1 Uma retrospectiva bibliográfica	24
2.1.1 Os estudos feministas	25
2.1.2 Os estudos gays e lésbicos	29
2.1.3 Os estudos latino-americanos e internacionais sobre a imprensa gay.....	36
2.1.4 Panorama da Comunicação e Masculinidades no Brasil.....	45
2.2 O levantamento das publicações	48
2.3 A análise de conteúdo e os estereótipos identitários	58
Capítulo II: Abordando, desestruturando e reestruturando conceitos	67
3.1 Gênero e Masculinidades.....	68
3.1.1 Dimensão do trabalho no gênero	71
3.1.2 Dimensão do poder no gênero.....	74
3.1.3 Dimensão da catexia no gênero.....	76
3.1.4 Dimensão do simbolismo no gênero.....	78
3.1.5 O conceito de Masculinidades.....	79
3.2 Estereótipos	83
3.2.1 O caráter comunicacional do estereótipo	84
3.2.2. O caráter negativo do estereótipo	88
3.3 Imprensa Gay	92
3.3.1 O surgimento e a definição da imprensa gay	93
3.3.2 Um breve mapeamento da imprensa gay latino-americana.....	100
Capítulo III: Analisando estereótipos e compreendendo uma nova masculinidade	131
4.1 As qualidades dos estereótipos identitários	134
4.1.1 Homossexual	134
4.1.2 Mulher.....	136
4.1.3 Homem	138
4.2 Uma nova masculinidade.....	140
Considerações Finais.....	150
Referências Bibliográficas	157
ANEXO I – Artigos sobre masculinidade na área da comunicação no Brasil.....	167
ANEXO II – Lista de associações gays latino-americanas organizadas entre 1960 e 1980.....	187

Lista de ilustrações

Gráfico 1: Trabalhos encontrados, período de 2007 e 2021	46
Gráfico 2: Trabalhos encontrados no período de 2007 a 2021.....	46
Gráfico 3: Trabalhos por região, no período de 2007 a 2021	47
Gráfico 4: Trabalhos por tipo de instituição (pública ou privada), entre 2007 e 2021	47
Gráfico 5: Temáticas tratadas no período de 2007 a 2021	48
Figura 1: Capas do jornal O Snob	102
Figura 2: Primeiro editorial e capa do Boletim de Ativistas Homossexuais	108
Figura 3: Capas da Revista Somos	110
Figura 4: Capas Jornal Él Outro	112
Figura 5: Cartas de Leitores do Jornal Gente Gay.....	115
Figura 6: Capas jornais gays brasileiros entre 1978-1983	120
Figura 7: Capas do jornal gay mexicano Nuestro Cuerpo	122
Figura 8: Capas da revista Machos Tips	123

Lista de Tabelas

Tabela 1: Trabalhos acadêmicos sobre imprensa gay nos Estados Unidos	37
Tabela 2: Estudos sobre a imprensa gay na América Latina	39
Tabela 3: Trabalhos em outros países que abordam a imprensa gay	43
Tabela 4: Lista de bibliotecas e acervos consultados para busca de livros e periódicos	49
Tabela 5: Lista de Autores Consultados Para Acesso a Periódicos e informações diversas	51
Tabela 6: Publicações Gays Latino-Americanas	52
Tabela 7: Publicações selecionadas para análise de conteúdo	60
Tabela 8: Edições selecionadas por periódico para análise de conteúdo	60
Tabela 9: Palavras/Estereótipos selecionadas a partir de 50 repetições	64
Tabela 10: Categorias e frequência após junção de palavras selecionadas	65
Tabela 11: Jornais da protoimprensa gay latino-americana (1960-1970)	104
Tabela 12: Lista de Periódicos Gays Latino-americanos a partir de 1976	125
Tabela 13: Lista de subcategorias	133
Tabela 14: Subcategorias do estereótipo homossexual	135
Tabela 15: Subcategorias do estereótipo mulher	137
Tabela 16: Subcategorias do estereótipo homem	139

Introdução

*A verdade que não quer encarar
O riso sádico na sala de estar
A violência dos falsos profetas
Te desafio a me amar
Desafio a me amar, desafio a ficar e encarar
As cicatrizes que eu carrego no peito
Desafio dessa vez a ficar
E só dessa vez a olhar pra essa dor
Que nunca tem jeito
Eu Te Desafio A Me Amar- Johnny Hooker*

Assim que cheguei¹ ao mundo fui colocado, como todos nós somos, em uma série de categorias e definições. Menino, homem, masculino, macho, viril... foram algumas delas. Imagens que me desafiam a descobrir o que esses valores, de fato, representam à minha existência até hoje.

Sou um ser social, e pelo fato de sê-lo, trago marcas que ultrapassam minha individualidade. Em meu próprio nome há uma marca, de acordo com ele sou uma continuação, Júnior, o Juninho, consequência do pai. Deveria, para honrar o lugar que me deram, ser um pai também, ou basta ser o filho? Deveria ser o homem másculo e viril dentro daquilo que é esperado pela sociedade contemporânea - com base em modelos não tão modernos, como aponta Foucault (2006) - ou poderia exprimir uma nova masculinidade, uma outra virilidade, ser um outro tipo de homem? Poderia, eu, exprimir aquilo que considero que sou, sem deixar de ser aquilo que esperavam que eu fosse?

São as marcas destas questões que me levam a estudar as masculinidades em meu doutorado. Um espaço no qual não apenas o processo do conhecimento pode ser uma cura² para

¹ Apesar da escrita acadêmica *a priori* determinar a linguagem impessoal, em alguns pontos da tese optei por escrever em primeira pessoa, compreendendo que este trabalho se trata também de um processo de construção pessoal que envolve minha percepção enquanto pesquisador, além de minha vivência. A discussão da construção do texto científico como objeto de poder pode ser esclarecida no texto “O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”, de Claudia Fonseca, que apesar de observá-la dentro da construção antropológica, nos serve de base para esta pesquisa.

² bell hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” oferece em um de seus capítulos a possibilidade da “Teoria como prática libertadora”, analisando como a teoria e suas perspectivas acadêmicas foram importantes em seu caminhar. O início deste capítulo resume: “Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (HOOKS, 2013, p. 83)

mim, como afirma bell hooks (2013), mas também para diversos outros meninos e homens que tenham encontrado neste caminho da vida a dúvida, ou algum insistente questionamento externo, de não serem “*homens o suficiente*”.

Se, como afirma González (2007), os problemas teóricos advêm das ordens práticas, começo elucidando que aqui está o meu problema prático: a percepção de um deslocamento social provocado pela não adequação ao ideal masculino em mim projetado. Deslocamento este que atinge toda minha experiência enquanto indivíduo, perpassa o âmbito familiar, os círculos de amigos, minha educação formal, meu desempenho profissional, as relações espirituais e religiosas...

A vivência e sobrevivência como um homem gay, que tomou real consciência de sua condição aos 19 anos de idade, marca minha história, me traz até aqui. Se antes de minha autoaceitação a chacota, o *bullying* e a violência definiam quem eu era, hoje adentro este lugar de fala (RIBEIRO, 2017) com consciência e orgulho, sabendo das benesses de ser homem em uma sociedade machista e patriarcal, porém, sem perder a dimensão das consequências do desafio inerente que é existir enquanto homem gay nesta mesma sociedade, um processo *queer*³.

Começo minha apresentação trazendo a ideia do lugar de fala não como uma justificativa por si, mas como uma contextualização e esclarecimento daquilo que me move. Longe dos ideais positivistas, nos quais há uma pretensa separação entre objeto e pesquisador, parto do princípio de que somos integrantes de nossas pesquisas, e estas, pedaços de nós. Um caminho que, apesar de ser científico, traz consigo a subjetividade do pesquisador e a realidade compreendida como aquilo que o rodeia, o forma e o influencia, mesmo que pautado sob a ótica da ciência.

Até minha aceitação sexual, imperava em meu imaginário o estigma social do gay, presente em nossa cultura popular cotidiana, que é expresso corriqueiramente e em suas sorrateiras dimensões esconde as evidentes marcas de preconceito e violência. Eu via o gay como aquele que é afeminado (*Bicha!*), que gosta de “*coisas de mulheres*” e se porta como uma (*Parece uma mocinha!*), que não dispõe de coragem (*Vira homem!*), e que é passivo sexualmente (*Arrombado!*). Preconceitos que carregam - como podemos ver nos exemplos citados - percepções de si e do outro.

³ Dentro da Teoria Queer, a ideia de se reconstruir a partir dos elementos externos, de fazer-se enquanto ser leva o nome de *queering*. Trata-se de uma resignificação daquilo que sociedade heteronormativa impõe a corpos não normatizados. Passa pelo processo de identificação de si como um diferente, porém, capaz de ser aquilo que se deseja, direcionando-se para a potência do ser. “queering é algo que fazemos, ao invés de algo que somos (ou não somos)” (BARKER, Meg-John; SCHEELE, Julia, 2016 – tradução livre).

Os diversos estigmas arraigados à figura gay, historicamente construídos, me fazem olhar para o passado com o intuito de elaborar ferramentas para a compreensão do presente. Entender o funcionamento das representações das masculinidades subordinadas das décadas de 1960 a 1980, presentes em publicações gays da época, tem, para mim, dupla utilidade: a primeira já expressa, de se olhar para experiências passadas vislumbrando soluções para situações atuais; e a segunda, a da construção de uma história até então suprimida, a história social da imprensa gay latino-americana e as expressões de suas masculinidades subordinadas durante este período.

Longe de fazer desta pesquisa um monólogo sobre as dores, como diz o rapper Emicida “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Elas são coadjuvantes...não, melhor, figurantes. Que nem deviam estar aqui” (EMICIDA, 2019), busco transformar essa experiência, esse problema prático, em problema de conhecimento (GONZÁLEZ, 2007, p.43).

Essa minha caminhada sobre as masculinidades, estereótipos, jornalismo e ciência se iniciou em 2009, ainda não tendo a dimensão de que meu problema de conhecimento envolvia necessariamente esses conceitos. Faço agora um breve relato deste percurso, a fim da contextualização daquilo que me trouxe até este momento e que, de certa forma, é o cerne desta pesquisa.

1.1 Definindo conceitos e traçando caminhos

Assim que entrei na graduação em Comunicação Social - Jornalismo, na Universidade Metodista de São Paulo, na condição de bolsista integral do ProUni (Programa Universidade Para Todos), tive contato com aquilo que denominei imprensa homossexual brasileira. Em pesquisa de iniciação científica, uma das primeiras sobre o tema, busquei estudar o jornal *Lampião da Esquina*, uma iniciativa de jornalistas e intelectuais gays que se concretizou em 1978, seguindo até 1981.

A pesquisa teve dois orientadores: a professora Dra. Maria Cristina Gobbi, na elaboração do projeto, e o professor Dr. José Salvador Faro, que deu continuidade à orientação do trabalho. Além do relatório, o trabalho teve como resultado o artigo “Imprensa Homossexual: surge o *Lampião da Esquina*”, publicado na Revista *Alterjor*, da Universidade de São Paulo.⁴

⁴ O artigo se mantém disponível para acesso e leitura. Apesar de sua simplicidade, tem se mostrado útil para uma compreensão inicial do periódico, este é o link para acessá-lo: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195>

Seguindo na temática, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi uma monografia também sobre um veículo gay, porém, contemporâneo a mim, a Revista Júnior. O ano de 2011 experimentava no mercado editorial brasileiro uma série de lançamentos de revistas destinadas ao público LGBTQIAPN+, mais especificamente aos homens gays, como por exemplo as revistas Júnior, Aimé e DOM. Forjadas dentro de um *lifestyle* específico e bastante inspiradas em modelos estrangeiros, essas publicações traziam elementos que me causavam estranhamento. Seja pelos corpos sarados estampados nas capas que não condizem com o meu, seja pelas viagens internacionais e comportamentos de classe que não me são possíveis, me questionava sobre a importância e representatividade dessas publicações.

O trabalho foi orientado pela professora Dra. Veronica Patricia Aravena Cortes e fizemos uma análise de conteúdo, buscando entender como eles eram apresentados na publicação. Ao contrário de minha premissa inicial, apesar de encontrar divergências importantes - principalmente com relação às questões da apresentação do corpo pouco diverso e o consumismo exacerbado - chegamos à conclusão de que aquelas publicações traziam luz a temáticas relevantes à época.

Após um período dedicado à carreira profissional, em 2016, voltei à academia com a expectativa de retomar aquilo que já julgava ser o que amava fazer: refletir sobre a sociedade em forma de ciência. Entro no Mestrado em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, como bolsista Capes, e desenvolvo uma pesquisa ligada às Manifestações de Junho de 2013, em São Paulo.

Distante de meu caminho inicial, buscava neste momento me aproximar de uma ciência que eu julgava não estar marcada pela minha subjetividade. Me iludi com a imagem do pesquisador positivista, desejava ampliar meu objeto de pesquisa a fim de não ser caracterizado como um pesquisador limitado a sua própria subjetividade - atitude da qual não poderia estar mais enganado e que o próprio mestrado acabou por me ensinar.

Orientado novamente pelo professor Dr. José Salvador Faro e com a contribuição informal, e essencial, das professoras Dra. Cicilia Krohling Peruzzo, Dra. Elizabeth Moares Gonçalves e Dra. Marli dos Santos, o trabalho “Vestígios de junho: o ethos discursivo composto nas manifestações de 2013 em São Paulo” foi defendido em 2018.

Apesar de um objeto distinto, a pesquisa me aproximou do conceito de estereótipo, principalmente da concepção elaborada pela professora francesa da Universidade de Tel-Aviv, Ruth Amossy. Conceito este que também será útil nesta pesquisa.

Em 2019, entro no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista e início os trabalhos desta pesquisa. Novamente sob orientação da professora Dra. Maria Cristina Gobbi, retorno ao campo da imprensa gay. Agora, utilizando conceitos mais bem definidos para a composição do objeto de pesquisa. Nesta pesquisa, trabalharemos com três elementos centrais: Masculinidades, Estereótipos e Imprensa Gay, buscando compreender a imprensa gay latino-americana como um fenômeno cultural e abarcando as discussões das masculinidades e da própria comunicação dentro de um cerne epistemológico comunicacional.

1.2 Os objetivos, problema de pesquisa e hipótese

Relacionar esses três elementos: masculinidades, estereótipos e imprensa gay é um dos seus⁵ desta pesquisa. Tratar de um objeto de pesquisa complexo, que é a imprensa gay latino-americana da década de 1960 a 1980, exige de acordo com nossa proposta, o entrelaçamento adequado, ao menos, desses três conceitos fundamentais.

Outro objetivo, este o principal desta pesquisa, é *analisar os processos comunicacionais por meio dos estereótipos veiculados nos jornais gays do continente latino-americano, entre as décadas de 1960 e 1980, visando demarcar os enfrentamentos realizados por seus integrantes à masculinidade hegemônica da época.*

Este período foi escolhido, pois, levantamentos prévios apontam que nele ocorreram as primeiras manifestações impressas de homens gays latino-americanos sobre sua própria condição humana e cidadã, sem que houvesse uma intermediação de sua imagem. São homens gays que falam sobre si, gays que criam comunidades de convívio, que passam a viver suas vidas com maior liberdade a ponto de poderem falar publicamente de suas experiências e difundi-las na esfera pública.

Como objetivos específicos, busquei as especificidades destas publicações, assim como suas relações com os aspectos da cultura. Tentando realizar uma leitura ao mesmo tempo particular e de suas interlocuções e câmbios, caso estes existam. Temos, portanto, como objetivos específicos:

⁵ Buscaremos nos aproximar das perspectivas decoloniais durante nosso trabalho. Portanto, sem menosprezar o conhecimento desenvolvido no norte, buscaremos abordar e ampliar as visões produzidas no sul global, tendo ele como eixo de articulação.

- *Traçar o histórico das publicações voltadas aos gays no contexto da América Latina entre as décadas de 1960 e 1980;*
- *Identificar quais estereótipos foram enfrentados, ou reforçados, por estas publicações;*
- *Compreender como as construções em torno das masculinidades subordinadas e da masculinidade hegemônica eram apresentadas nessas publicações;*

A principal hipótese desta pesquisa é a de que existiu de fato uma imprensa gay latino-americana durante este período e que ela foi um veículo de debate e veiculação de ideia que auxiliaram na construção de uma nova performatividade masculina não hegemônica, uma identidade que buscava ser internalizada pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que deveria ser reconhecida publicamente. A formulo da seguinte maneira:

A existência de uma imprensa gay latino-americana foi uma resposta dos indivíduos e movimentos sociais para o enfrentamento da masculinidade hegemônica a qual estavam subordinados e que este processo se deu por meio do combate aos estereótipos vigentes à época, a fim de uma construção e vivências até então não experienciadas publicamente.

Apesar de o termo não constar na literatura existente – como veremos mais para frente - a quantidade prévia de publicações identificadas, por mais que seus idealizadores tivessem dificuldades com relação a sua periodicidade, e possíveis discussões com relação ao tipo de conteúdo produzido, justifica a utilização do termo “imprensa gay latino-americana” como necessário e representativo deste fenômeno social.

Além disso, essa hipótese diz respeito ao caráter dessas publicações, assim como seus conteúdos. Acreditamos que ele tenha sido construído tendo como objetivo o combate aos estigmas sociais consecutivos da masculinidade hegemônica da época, fazendo frente a essas expressões e construindo outras representações e, portanto, novas formas de enxergar, expressar e viver outra masculinidade.

Busquei, dessa forma, demonstrar a importância dessas publicações, realizando uma cartografia geral, constatando a própria relevância deste objeto de pesquisa, assim como buscando representar sua materialidade. Em seguida, selecionando algumas publicações e

observando com mais cuidado seus conteúdos, lidei com a responsabilidade de responder meu problema de pesquisa.

O problema de pesquisa que se apresenta está relacionado primeiramente a relevância dessas publicações em seus respectivos contextos. É necessário compreender se de fato podemos considerar os periódicos da época como um tipo de imprensa, que apesar de suas diferenças contenham um objetivo comum na sua forma de se posicionar frente à opinião pública. Ainda, é importante estabelecermos se essas publicações buscavam desconstruir os estigmas sociais vigentes relacionados à masculinidade hegemônica e se, por fim, foram capazes de apresentar novas representações de masculinidades que até então não eram visibilizadas. Desta forma, a pergunta que buscarei responder ao olhar esses jornais se formula da seguinte maneira:

- Essas publicações enfrentaram os estigmas sociais derivados da masculinidade hegemônica e ajudaram a construir novas representações de masculinidades?

É possível verificamos, por meio de uma rápida pesquisa na *web*, a existência de diversos veículos de comunicação gays durante este período em nosso continente, porém, a especificidade da primeira questão - e também desta pesquisa - se mostra na compreensão de se esses veículos, que hoje são encontrados em um pensamento fragmentado, podem ser considerados, dentro de suas similitudes, e apesar de suas particularidades, um tipo de imprensa.

Além de constatar se existiu ou não uma imprensa gay latino-americana, também será cerne deste trabalho saber se essa imprensa foi combativa à figura da masculinidade hegemônica e, portanto, criadora de novas imagens, discursos e representações sobre a homossexualidade e as demais masculinidades subordinadas. O segundo aspecto, portanto, é de que os discursos construídos nesta imprensa foram combatentes aos estigmas elaborados em torno da masculinidade hegemônica em suas diversas expressões culturais e, com isso, foram essenciais para construção de outras representações e, consecutivamente, de outras expressões masculinas.

Esta tese está dividida em três capítulos. O primeiro, “**A construção metodológica**”, aborda o percurso metodológico percorrido, desde a documentação da pesquisa bibliográfica até a análise dos estereótipos; o segundo capítulo, “**Abordando, desestruturando e estruturando conceitos**”, traz as discussões teóricas em torno dos três principais conceitos utilizados nesta tese: masculinidades, estereótipos e imprensa gay; e por fim, o terceiro e último

capítulo “**Analisando estereótipos e compreendendo uma nova masculinidade**”, mostra como as análises foram realmente realizadas a fim entender como a nova masculinidade foi construída frente aos demais estereótipos sociais.

Capítulo I: Construindo um processo metodológico

*Pictures of naked young women are fun
In Titbits and Playboy, page three of The Sun
There's no nudes in Gay News, our one magazine
But they still find excuses to call it obscene
Read how disgusting we are in the press
The Telegraph, People and Sunday Express
Molesters of children, corruptors of youth
It's there in the paper, it must be the truth*

Glad to be gay – Tom Robinson Band

Essa pesquisa se inicia dentro de uma proposta exploratória, portanto, durante toda sua construção foram aplicados diferentes métodos para que ela se tornasse possível. Desde a pesquisa bibliográfica, até a análise dos estereótipos encontrados nas publicações, foi percorrido um caminho específico que ao mesmo tempo moldou o objeto de pesquisa e ofereceu as ferramentas necessárias para que o mesmo pudesse ser analisado.

Com isso, neste capítulo, será descrito todo este caminho percorrido, desde o encontro inicial das bibliografias que abordam o tema, até a construção das categorias e subcategorias aplicadas na análise descrita no terceiro e último capítulo da tese, ao mesmo tempo em que alguns resultados são apresentados, a dinâmica busca trazer clareza ao processo metodológico enquanto um *continuum* da pesquisa.

Essencialmente, foram desenvolvidos três passos metodológicos para se alcançar o objetivo final da tese. O primeiro foi uma pesquisa bibliográfica ampla que traçou os caminhos entre o início dos estudos feministas até aquilo que temos de mais avançado na discussão de gênero na área não apenas da comunicação, mas das humanidades. Nesta pesquisa foram respectivamente traçados os percursos dos estudos feministas, dos estudos gays e lésbicos, assim como dois levantamentos: um sobre os estudos gays e lésbicos latino-americanos e outro da produção sobre masculinidades na área da comunicação no Brasil.

O segundo passo foi o levantamento das publicações gays latino-americanas entre os anos de 1960 e 1980, no qual foi possível identificar a periodicidade, autores, data e local de circulação das publicações que existiram durante este período. Para isso foram consultados diversos acervos e bibliotecas latino-americanas, estadunidenses e europeias.

Por fim, o terceiro e último passo foi a construção de um método de análise capaz de captar, estudar e compreender a influência dos estereótipos na construção das masculinidades

de alguns periódicos selecionados. Esse processo se deu com base na Análise de Conteúdo, especificamente aquela proposta por Laurence Bardin.

2.1 Uma retrospectiva bibliográfica

A própria busca por referências para esta pesquisa apresentou desafios a serem superados, sendo necessárias pesquisas em diversas bases de dados, assim como variados termos. Como já foi dito, a ideia de uma imprensa gay latino-americana não é corrente na literatura atual. Não foram encontrados trabalhos ligados à ideia de uma imprensa gay em nosso continente. Antes de chegarmos a essa conclusão, realizamos pesquisas por meio de palavra-chave nas seguintes bases: Portal de Periódicos Capes; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; JSTOR; Science Direct; Scopus; Scielo; Biblioteca Digital da Unesco; EBSCO; SAGE journals; e Google Acadêmico.

O termo escolhido para a primeira visualização de resultados nas bases acima citadas foi “imprensa gay latino-americana”, suas variáveis e traduções na língua espanhola e inglesa, a saber: “imprensa gay latinoamericana”; “imprensa gay América Latina”; “prensa gay latinoamericana”; “prensa gay latinoamerica”; “latin america gay press”; “latin gay press”; “periódico gay latino-americano” e “periódicos gays latino-americanos”. Não foram encontrados trabalhos sobre a temática em nenhuma delas. A exceção foi o trabalho “Libertação gay no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal Lampião da Esquina durante a abertura política (1978-1981)”, escrito por mim, e que cita o título desta tese.

Com isso, busco neste estado de arte apresentar autoras e autores que foram influentes na desconstrução da ideia da masculinidade hegemônica, assim como as obras que foram elementos essenciais para que estudos sobre a imprensa gay e a homossexualidade passassem a ser temas correntes nas ciências humanas sociais. A visão que começa a afastar a ideia da homossexualidade como uma disfunção, assim como uma patologia, é iniciada pelo deslocamento da figura feminina, que ganhou mais evidência e organização social a partir do século XVIII.

A reivindicação das mulheres enquanto seres de direito, inclusive o direito ao prazer, trará à tona outras manifestações identitárias, como é o caso da identidade gay. O início desses estudos se dá dentro do âmbito do liberalismo, assim como na discussão racial no contexto estadunidense. Há, além dessa discussão, diversos outros que podem ser apontados como

espaços de articulação embrionários para a reivindicações dos direitos LGBTQIAPN+. Na Europa, por exemplo, teremos no início do século XIX estudos alemães específicos sobre a homossexualidade, inclusive a criação do próprio termo. Começamos pelos estudos feministas.

2.1.1 Os estudos feministas

A perspectiva dos estudos feministas se mostra um caminho epistemológico essencial para a discussão das masculinidades dentro do aspecto da igualdade de gênero. Compreender os estudos dos homens como parte de uma perspectiva feminista faz com que posicionamentos supremacistas a favor do patriarcado não sejam legitimados pela ciência. É justamente por isso que os trabalhos ligados aos *Men's Studies* (Estudos do Homem) frisam sua origem relacionada a esses movimentos.

Falar dos estudos feministas se mostra uma tarefa complexa devido, primeiro, à sua tradição e, segundo, por suas várias vertentes e autoras. A luta da mulher remonta ao século XVIII, relacionando-se com a perspectiva iluminista, até os dias atuais. Por meio do livro *Feminist theory: the intellectual traditions of American feminism*, de JosephineL Donovan (1992), é possível delimitar alguns pontos importantes desse movimento, ao menos nos Estados Unidos.

Como aponta a autora, a teoria feminista teve suas primeiras manifestações com o *Enlightenment feminism theory* (Teoria do Feminismo Iluminista), movimento intelectual no qual as mulheres tiveram como base o liberalismo para reivindicar seus direitos como iguais. Em dado momento, a autora aponta que: “O legado da Teoria do Feminismo Iluminista ainda está entre nós. Fornece uma imagem da mulher como agente racional e responsável; aquele que é capaz, se tiver a chance, de cuidar de si mesma, de promover suas próprias possibilidades” (DONOVAN, 1992, p. 31 – tradução livre).

Um livro de referência desta época é *A indication of the rights of woman: with structures on political and moral subjects*, escrito por Mary Wollstonecraft, autora inglesa, em 1791, no qual argumenta que as mulheres são seres humanos com direitos iguais aos dos homens da época, visão que até então não era difundida na Esfera Pública.

Apesar desta frase profeminista, já que o conceito em si ainda não havia sido desenvolvido, Donovan também trata de outras expressões do feminismo na história e suas

manifestações. Demonstra a relação do feminismo com os pensamentos de Marx e Freud, assim como as relações com o existencialismo e a fase que a autora intitula de feminismo radical.

O “*Cultural Feminism*” (Feminismo Cultural), como aponta a autora, trouxe diversas discussões que iam além do indivíduo, abordando, por exemplo, o senso de comunidade e da experiência coletiva da mulher como aquele defendido por Margaret Fuller em seu livro *Woman in the Nineteenth Century* (1845), no qual é apresentada a ideia de que as mulheres, para além de indivíduos dotados de inteligência, deveriam se unir para compreender como de fato deveriam constituir um corpo social (DONOVAN, 1992, p. 34). Outros trabalhos que tiveram relevância neste período foram “*Woman church and state*”, publicado em 1893 por Matilda Joslyn Gage (1826-1898), que aborda as relações de opressão da figura feminina, em especial as praticadas pelo Estado e pela Igreja Católica; *The Woman’s Bible*, publicado em duas partes em 1895 e 1898, e o artigo *The Matriarchate*, em 1891, ambos escritos por Elizabeth Cady Stanton (1815-1902), que buscam apontar características inerentes à figura feminina, assim como uma interpretação da bíblia que, segundo a autora, trazia informações deturpadas sobre o papel da mulher na sociedade. Essas autoras, em conjunto com Susan B. Anthony (1820-1906), foram importantes para as discussões do movimento sufragista, assim como responsáveis pela organização do livro *History of Woman Suffrage*, publicado entre os anos 1881 e 1922, em seis volumes.

A dimensão da mulher enquanto ser social, assim como os argumentos de sua opressão por meio das instituições sociais, passa a fazer parte da Esfera Pública. Como mais tarde será abordado, esse elemento do poder representado pelas instituições surge como uma das dimensões da estrutura de gênero propostas por Connell e Pearse (2015), base para nossas discussões sobre as masculinidades.

Os debates sobre a mulher e o trabalho, que também são objetos de Connell e Pearse (2015), começaram a ser desenvolvidos a partir de 1969 (DONOVAN, 1992, p.76). O livro *The Political Economy of Women’s Liberation*, escrito por Margaret Benston (1937-1991), é colocado como pioneiro na temática. A publicação chama atenção à importância do trabalho doméstico como um dos pilares do capitalismo contemporâneo, a autora “(...) via o trabalho realizado no lar como uma sobrevivência “pré-capitalista”, e destacou que sob o capitalismo coube às mulheres continuarem a produzir valores de uso que eram consumidos por seus familiares imediatos.” (DONOVAN, 1992, p. 76 – tradução livre). Lise Vogel, em seu livro *The Earthly Family* (1973) defende que, por produzir um valor de uso, esse trabalho doméstico

é relativamente não alienador, posição que alguns críticos mantinham no período (DONOVAN, 1992, p. 77). Nitidamente os trabalhos fazem alusão ao duo conceito de Marx, valor de uso e valor de troca e traçam discussões importantes para a localização da mulher dentro da esfera de produção, elemento não elencado até então dentro desta perspectiva fundante.

Incluindo as discussões que mais tarde seriam intituladas de interseccionais, Angela Davis, em *Reflections on the Black Woman's Role in the Community of Slaves* (1971), mostra como a consciência da mulher negra, que tinha a experiência de trabalhos alienantes e relativamente não alienantes, foi essencial para a libertação dos escravos nos Estados Unidos (DONOVAN, 1992, p.77). Essa perspectiva, além de trazer protagonismo às figuras que até então não tinham visibilidade social, iniciou as discussões sobre o feminismo negro e a importância do reconhecimento das estruturas de classe e raça dentro dos próprios movimentos sociais da época.

Concomitantemente ao desenvolvimento destes trabalhos, começam a surgir críticas aos trabalhos freudianos. Apesar da relevância do trabalho do psicanalista alemão, seus conceitos sobre a adoração fálica serão um ponto que, a princípio, afastarão as feministas de suas teorias. Autoras como Viola Klein, Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Eva Figes, Shulamith Firestone, Kate Millet, Ane Koedt e Ti-Grace Atkison serão algumas delas (DONOVAN, 1992, p. 101).

Outra vertente mais disruptiva também surge durante o final da década de 1960 e início de 1970. Donovan a chama de “*Radical Feminism theory*” (Teoria Feminista Radical) e diz que seu epicentro de criação foram as cidades de Nova Iorque e Boston. Essa perspectiva buscará fazer frente aos pensamentos da nova esquerda que, apesar de progressistas, traziam em alguns de seus motes, de acordo com as autoras, perspectivas machistas (DONOVAN, 1992, p. 141). Esse sentimento será o mesmo que os gays no final da década de 1970 terão ao constituir seus próprios veículos de comunicação no Brasil, ao não se verem representados na imprensa tradicional e na imprensa alternativa que se formou na época, assim como a presença em movimentos sociais pouco inclusivos, fez com que eles adotassem uma posição em prol de si e de seus direitos.

A autora aponta Roxanne Dunbar e seu livro *Female Liberation as a Basis for Social Revolution* (1968) como um dos primeiros trabalhos que articula essa visão. Outros trabalhos que seguem essa perspectiva são: *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (1970), de Shulamith Firestone; *Sexual Politics* (1970), de Kate Millet; *Amazon Odyssey*

(1974), de Ti-Grace Atkinson; e *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (1978), de Mary Daly (DONOVAN, 1992, p. 144).

Vale ressaltar também que é neste período que o campo dos *Women's Studies* (Estudos das Mulheres) começa a ganhar repercussão nos Estados Unidos. Já em 1969, é criado na Universidade de Cornell o primeiro curso sobre mulheres (JU, 2009). E em 1970, na Universidade Estadual de San Diego, o primeiro programa de estudo da mulher (RUSSELL; LOFTIN; SHAYNE, 2020).

Em todo o mundo passam a existir estudos feministas que levavam em consideração a questão da mulher dentro de contextos locais e globais. Connell e Pearse (2015) fazem um apontamento interessante que, apesar de sua influência, nem sempre estudos importantes do feminismo foram desenvolvidos no norte do globo.

Um dos estudos apontados pelas autoras como relevantes dentro desta perspectiva feminista é de uma autora brasileira. Heleieth Saffioti, com sua obra “A mulher na sociedade de classes” que de acordo com as autoras “realiza uma abordagem histórica da subordinação das mulheres e da emancipação, analisa a influência conservadora da Igreja Católica e traz uma discussão brilhante sobre a economia sexual da sociedade colonial no Brasil” (CONNELL; PEARSE, 2015, p.134). Outros trabalhos destacados pelas autoras são: *The main enemy*, (1970) de Christine Delphy; *Beyond the veil*, (1975) de Fátima Mernissi; *Ser política en Chile*, (1986) de Julieta Kirkwood; *This sex which is not one*, (1977) de Luce Irigaray.

A luta do feminismo e das mulheres foi essencial para a promoção da noção de igualdade na sociedade, trata-se de uma das lutas travadas, as lutas pelo abolicionismo e contra o racismo também demonstram a mesma força em torno das ideias de liberdade, destacamos as mulheres aqui, pois, como é visto na história e como será visto neste trabalho, elas foram essenciais para a construção da noção de outras identidades, outras expressões de gênero e também a criação de outras masculinidades, visto que eram tidas como o oposto da masculinidade hegemônica. Essas mulheres demonstram a importância de seus pensamentos, lutas e ações ao deslocarem o papel a elas associados pela estrutura de poder de gênero. Começam a ser questionados conceitos como “papéis de gênero” e a própria estrutura que as colocam como seres inferiores passa a ruir. O reflexo social é da conquista de direitos, assim como do posicionamento de mulheres em espaços, até então, unicamente ocupados por homens, pelo simples fato deles serem homens.

2.1.2 Os estudos gays e lésbicos

Influenciada por essa perspectiva feminista, a temática da homossexualidade começa a ser abordada, no final do século XIX, a partir de uma visão não estereotipada e não patologizada. Passa a ser compreendida mais como fenômeno cultural do que um caso que deveria ser tratado em consultórios médicos, ou casas de reclusão.

Esta literatura anterior, que tinha na homossexualidade um objeto de pesquisa de caráter reversivo ou repulsivo, aquilo que Foucault (2006) chamou de *Scientia Sexualis*. demonstra como os princípios da história da sexualidade estão imbuídos dentro de uma lógica de controle, na qual o falar sobre o sexo fez com que ele se tornasse ainda mais controlado pelas instituições de poder, a mais proeminente delas foi a Ciência por meio do aparato da confissão, que migrou dos espaços religiosos para o consultório médico. Não vamos nos deter neste momento a esses tipos de estudos, tendo inclusive Foucault em sua “História da Sexualidade Volume 1 - A vontade de Saber” demonstrado com grande perspicácia esses tipos de estudos. Compreendemos que esta discussão se mostra superada, estrando nosso estado de arte relacionado à homossexualidade enquanto mais um fenômeno do diverso espectro da sexualidade humana.

Neste sentido, os primeiros estudos sobre a homossexualidade podem ser encontrados na Alemanha. Em 1869, o médico alemão Karl Maria Kertbeny (1824-1882) usou pela primeira vez os termos *Homosexualität* e *Heterosexualität*, respectivamente em português homossexualidade e heterossexualidade. No desenvolvimento de sua teoria sobre o “homossexualismo”⁶, o autor encarava a homossexualidade não como um crime ou um desvio, como muitos autores de sua época, mas sim, como uma “qualidade de um grupo de indivíduos” (FERAY; HERZER; PEPPEL, 2010, p. 25). Tomamos este livro como marco inicial, pois, como bem ressalta Foucault (2006, p. 51), a partir da criação do conceito de homossexualidade foi elaborada uma nova forma de compreender a sexualidade de homens que se relacionam com outros homens, o que mais tarde será o mote para a busca de reconhecimento da identidade *gay*.

⁶ Apesar de ter nascido como um termo a favor dos direitos da população LGBTQIAPN+ o termo homossexualismo hoje não é mais utilizado, já que o conceito foi apropriado de um modo discriminatório pelo mundo da ciência, entre esses autores temos o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, que em seu livro *Psychopathia Sexualis* (1886) acrescentou os termos e concedeu status de parestesia (o desejo por um objeto errado ou em atos “anormais”) a homossexualidade. Em 1990, a OMS (Organização Mundial da Saúde) retirou o termo da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), para saber mais, acesse: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/05/17/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas.htm> (VEIGA, 2020). Acesso em: 10 de jul. 2020.

Essa perspectiva se mostra essencial a esta pesquisa, já que, a partir dessas visões, os gays passam a ser percebidos e a *perceberem-se* como seres que têm direitos sociais. Perceber-se, portanto, enquanto uma possibilidade de ser aquilo que se é, se mostra um caminho importante para sua própria constituição individual e consecutivamente para sua organização político-social.

De acordo com o britânico Colin Spencer, em seu livro “Homossexualidade: uma história” (1995), outro alemão pode ser considerado um dos pioneiros da causa gay durante o período do Entre Guerras. O médico e sexólogo alemão Magnus Hirschfeld (1868-1935) criou, em 1897, o Scientific-humanitarian Committe, localizado em Berlim, que teve a intenção de abolir o parágrafo 175 do Código Criminal alemão⁷. Ele também é autor do livro *The Homosexuality of Men and Women* (1911), de acordo com a Enciclopédia Britânica, um estudo que “foi baseado nas extensas pesquisas estatísticas sobre homossexualidade que ele conduziu” (DJAJIC-HORVÁTH, 2021- tradução livre).

Ainda de acordo com Spencer (1995, p. 327), o poeta e escritor George Cecil Ives, nascido também na Alemanha, criou a *Order of Chaeronea* (Ordem da Queroneia) em meados de 1890. A sociedade secreta teve membros associados nos Estados Unidos, França, Itália e Inglaterra, além de alguns encontros em Viena e Paris. É possível perceber, portanto, que o pensamento sobre a homossexualidade começa a tomar forma na Europa Ocidental, sendo depois ampliado para outros espaços, como os Estados Unidos.

Ainda no final do século XIX podemos apontar como um dos pioneiros da causa o escritor Karl Heinrich Ulrichs, que se tornou em 1867, a primeira pessoa a falar publicamente sobre ser homossexual. Ele foi responsável pela criação de um periódico (Urano) e “(...) se declarou para amigos e familiares como "Urning", ou um terceiro gênero, que normalmente descrevia como uma psique feminina no corpo de um homem, ele também começou a escrever sobre o amor homossexual” (MOLESSO, NEEDHAM; 2020, p.3 – tradução livre).

Um estudo sobre a questão do comportamento sexual masculino foi promovido pelo professor Alfred Kinsey, *Sexual Behavior in the Human Male* (1948). Apesar de não estar necessariamente ligado aos direitos homossexuais, foi por meio deste estudo que se

⁷ O parágrafo 175, como ficou conhecido foi um ato que tornou a relação homossexual proibida na Alemanha. Começou a vigorar em 1871, sendo retirado do código apenas em 1994. Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas ampliaram este artigo já existente promovendo o extermínio de milhares de gays em campos de concentração. Para saber mais: Bendegúz Havas V. *Paragraph 175 A Comparative Study on Gay Life in East Germany, West Germany, and West Berlin*: http://publikaciok.lib.unicorvinus.hu/publikus/szd/Havas_V_Bendeguz.pdf. Acesso em: 15 de out. 2021.

desenvolveu a tabela Kinsey, na qual se percebeu que a maioria dos homens não estavam nem no espectro estritamente heterossexual nem homossexual.⁸

Apesar dessas iniciativas, a questão homossexual tomará corpo no continente americano apenas meio século depois. Um dos primeiros livros que aborda as questões da homossexualidade nos Estados Unidos, dentro de uma perspectiva humanizada, é o *The Homosexual in America: a subjective approach*, escrito em 1951, por Donald Webster Cory, pseudônimo de Edgard Sagarin, e traduzido para o espanhol com o título de *El homosexual en Norteamérica*, publicado pela Cia. General de Ediciones, S. A – México.

O livro é dividido em seis partes e aborda aspectos sociológicos, psicológicos, culturais, da vida de gays nos Estados Unidos, apesar de sua publicação ter sido realizada há cerca de 70 anos, demonstra um relato bastante atual sobre as questões gays. A própria definição que embasa o livro pode nos servir para compreender o tom adotado na obra:

(...) me sento para escrever o que significa ser homossexual. Não são os pensamentos de uma pessoa amarga e desgraçada. É a experiência acumulada e os pontos de vistas de alguém que viveu em luta consigo mesmo e com a sociedade (CORY, 1951, p.15 – tradução livre).

O componente social é o principal apontado por Cory como aquele que subjuga não apenas os homossexuais, como todos os grupos subalternos da sociedade por meio de um círculo vicioso, em suas palavras:

(...) o grupo dominante cria um círculo vicioso, pelo qual uma situação de desigualdade é imposta a uma minoria, e as condições resultantes da desigualdade são então alegadas como justificação para a própria situação de desigualdade. É fácil verificar que esta forma ilógica de argumentar formou o pensamento humano mesmo na época dos filósofos gregos. Tem sido usada contra os escravos, contra os povos coloniais, contra os católicos e protestantes pelos seus adversários, e contra os revolucionários, os judeus, os asiáticos, os negros, os indígenas e muitos outros. E é, manifestamente, fundamental no pensamento da sociedade sobre os homossexuais. (CORY, 1951, p.62 – tradução livre).

Esses estudos já demonstram a existência de experiências, e mais, reflexões sobre a questão da homossexualidade moderna longe do aspecto patológico ou psiquiátrico,

⁸ Para saber mais sobre o relatório Kinsey, acesse: <https://kinseyinstitute.org/>. Acessado em 28 nov. 2021.

compreendendo sua opressão como um fator social. Porém, o campo dos Estudos Gays e Lésbicos (*Gay and Lesbian Studies*) começará a ser traçado apenas a partir da década de 1960, tendo seu auge nas décadas seguintes.

As referências oferecidas por John D’Emilio (1983), em seu livro *Sexual Politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970*, nos dão uma dimensão da proporção desses estudos. *Gay American History: lesbian and gay men in the U.S.A*, escrito em 1976 por Jonathan Katz, que traça a história dos gays estadunidenses, com relatos desde 1500 até a década de 1970, incluindo informações dos povos nativos da América. Até hoje, essa publicação é considerada uma das pioneiras nos estudos gays.

O livro aborda de maneira bastante detalhada e documentada a história da população gay e lésbica dos Estados Unidos, trazendo, inclusive, citações sobre jornais e veículos de comunicação como o *Friendship and Freedom*⁹, considerada a primeira publicação homossexual estadunidense. Outro livro também escrito por Jonathan Katz, *Gay/Lesbian Almanac* (1982), é uma extensão de seu primeiro estudo, incluindo mais referências às lésbicas, assim como ampliando o número de documentos sobre experiências homoeróticas através dos tempos.

Um estudo que nos chama atenção como um dos expoentes dos estudos Gays e Lésbicos é o *Coming Out: homosexual politics in Britain*, escrito por Jeffrey Weeks (1977), que apresenta a história de diversos movimentos gays a partir da década de 1950 na Grã-Bretanha, espaço que futuramente terá diversas publicações e movimentos destinados à população LGBTQIAPN+.

Com esses movimentos é possível observar o aumento do interesse social em torno da temática homossexual. As experiências dos primeiros movimentos em torno da Liberação Homossexual começam a se irradiar em todo o mundo. São esses movimentos e indivíduos que darão início ao que conhecemos como imprensa gay. A fim de influenciar a opinião pública, passarão a editar materiais para sua organização interna e, mais tarde, suas manifestações externas. Como veremos, é a partir da década de 1950 que esses periódicos passam a ser uma realidade frequente, ao menos no norte global.

⁹ A Society for Human Rights foi criada nos Estados Unidos por Henry Gerber, em 1924, assim como a primeira publicação sobre a favor do movimento gay. Para saber mais acesse: <https://www.nps.gov/articles/henry-gerber-house-national-historic-landmark.htm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Outra literatura relacionada à questão gay, e que se mostrou influente nos Estados Unidos, tratou sobre as questões militares. Diversos autores relacionam os momentos entre a II Guerra Mundial e o pós-guerra com as questões da sexualidade e do chamado *Coming Out* (saída do armário). Como exemplos desses estudos, podemos citar *Homosexuals and the Military* (1971), de Colin J. Williams e Martin S. Weinberg, e *Marching to a Different Drummer: Coming out During World War II* (1981), de Allan Bérubé¹⁰.

Esses estudos apontam para uma perspectiva que desafia os estigmas sociais, assim como oferece a oportunidade da experiência de outras masculinidades que não a hegemônica dentro de instituições masculinas e masculinizadas. Sobre a vida gay que começa a se estabelecer no pós-guerra, são realizados outros estudos, assim como surgem o relato do dia a dia das comunidades de gays e lésbicas. Esses trabalhos terão influência nos próprios movimentos, uma junção entre a teoria e a prática política. Entre eles, podemos citar: *The Homosexual Bar* (1964), de Nancy Achilles; *Male Homosexuals and Their 'Worlds'* (1965) de Evelyn Hooker; *The Homosexual Revolution* (1962), de Robert Masters; *The Homosexual Explosion*, de Roger Blake; *The Homosexual Uprising* (1967), de Eric Karlson; *The Homosexual* (1961), de Benjamin Morse; *The Homosexual Generation* (1965) e *The New Homosexual Revolution* (1965), de Ken Worthy; *The Grapevine: a Report on the Secret World of the Lesbian* (1964), de Jess Stearn; *The Gay Militants* (1971), de Doon Teal; *Out of Closets* (1972), de Karla Jay e Allen Young; e *The Politics of Homosexuality* (1981), de Toby Marotta.

Um autor contemporâneo e que se destacou nos Estudos Gays e Lésbicos foi Denis Altman, ativista australiano que após a publicação de seu livro *Homosexual: oppression an liberation* (1971), se tornou uma referência escrevendo outros trabalhos, como: *Coming out in the seventies* (1979) e *The Homosexualization of America* (1982). A influência de Altman nos estudos gays, e no próprio movimento de libertação homossexual da época, se dará por seus conceitos, em especial a ideia “do fim do homossexual” (*the end of the homosexual*) e “o todo polimorfo” (*the polymorphous whole*), ambos apresentados em seu primeiro livro e que demonstram como a questão da homossexualidade está ligada a uma repressão muito maior da sexualidade de toda sociedade. Para o autor, a causa da Libertação Gay é desafiadora e transformadora para toda a sociedade capitalista:

A libertação gay, então, é parte de um movimento muito mais amplo que está desafiando as normas culturais básicas de nossa sociedade

¹⁰ Este trabalho é o primeiro ensaio do autor que em 1990 viria publicar o livro *Coming Out Under Fire: The History of Gay Men and Women in World War II*, tendo uma segunda edição publicada em 1994.

industrial, capitalista e burocrática avançada e trazendo mudanças na consciência individual e novas identidades e estilos de vida. É um movimento que é político, não da maneira tradicional que usamos essa palavra, mas porque desafia as próprias definições e demarcações que a sociedade criou. (ALTMAN, 2012, p. 244 – tradução livre)

É essa Libertação Gay, tendo como exemplo institucional a organização de movimentos em todo o mundo, a partir da visibilidade de Stonewall, que fez com que a literatura ganhasse mais trabalhos, assim como outras formas de relatos e construções críticas. Essas organizações sociais ganham relevância a partir de 1960, quando muitos dos ativistas se colocaram no papel de pensadores e, para além das ruas, ocuparam também os livros, como foi o caso de Altman.

Passaram a existir, então, em toda América Latina, uma série de movimentos sociais, como o caso da Frente de Liberación Homosexual, em Buenos Aires. As referências a eles podem ser encontradas nas publicações que se originaram das experiências da época, a maioria destes trabalhos escritos pelos próprios ativistas.

No Brasil, esses trabalhos começaram a surgir ainda na década de 1960. Um desses, que aborda mais a vida dos gays antes da organização do movimento brasileiro, pode ser considerado um marco. A primeira monografia apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, com intuito de ser um mestrado, e a primeira abordando a questão da homossexualidade em uma universidade brasileira: “O Homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário”, de José Fabio Barbosa da Silva, orientada por Florestan Fernandes.¹¹

Outros trabalhos que serão editados mais tarde, mas que compõem essa literatura são vários, entre eles: “Devassos no Paraíso” (2002), de João Silvério Trevisan, que mostra o histórico da homossexualidade no Brasil, desde sua colonização até os dias atuais; “O que é Homossexualidade” (1983), de Peter Fry, que aborda conceitos básicos sobre a homossexualidade, assim como relata parte do movimento gay; “A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da ‘abertura’” (1990), de Edward Macrae, que mostra a organização do primeiro grupo gay do Brasil, o SOMOS; “Além do Carnaval” (1999), de James N. Green, que traça o histórico das redes de sociabilidade além do prelúdio da organização do movimento gay brasileiro; “Escravidão, homossexualidade e demonologia” (1988) e “O lesbianismo no Brasil” (1987), de Luiz Mott; “O homossexual visto por entendidos” (2004), de

¹¹ O trabalho, que ficou anos perdido, foi encontrado e reeditado pelo brasilianista James N. Green. A publicação leva o nome de “Homossexualismo em São Paulo e outros escritos” e além de trazer a monografia reconstituída, traz textos de outros autores como Edward MacRae, Isadora Lins França, Júlio Assis Simões, Nestor Perlongher e Peter Fry.

Carmem Dora Guimarães, que resgata uma rede de sociabilidade gay da década de 1970, demonstrando hábitos e características do grupo e seus integrantes; e “Libertação Homossexual” (1981), de Sue March, que oferece ao leitor diversos conceitos sobre a homossexualidade.

Uma revisão histórica mais recente, realizada em 2009, por Julio Assis Simões e Regina Facchini, busca realizar uma organização dessa literatura, assim como apresentar o desenvolvimento do movimento gay no Brasil. O livro “Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT” oferece um panorama desde o início do movimento até sua configuração no presente da publicação.

Com relação aos demais autores espalhados pela América Latina, assim como obras que abordam a temática, temos publicações como: “*Historia de la homosexualidad en la Argentina*” (2002), de Osvaldo Bazán, que traz informações sobre a história de personagens argentinos e suas manifestações gays; “*De los baños a la calle: historia del movimiento lésbico, gay, trans Uruguayo*” (2013), de Diego Sempol, que analisa e relata a construção do movimento político LGBT no Uruguai; “*Una historia sociocultural de la homosexualidad*” (2003), de Xabier Cruchaga, com relatos de experiências sociais e políticas mexicanas; “*Infamous Desire: Male Homosexuality in Colonial Latin America*” (2003), de Pete Sigal, que analisa como se dava a relação de homens que faziam sexo com outros homens nas colônias espanholas e portuguesas da América Latina; *Latin american male homosexualities* (1995), de Stephen O. Murray, que busca compreender as diferentes manifestações gays na América Latina; *La outra cara del machismo: estudio sobre el varon homossexual mexicano* (1982), de Maurice Nelligan, que analisa a construção da identidade gay por homens mexicanos.

Um ponto importante sobre os estudos gays é que, a partir da década de 1990, começam a surgir outras variações, principalmente por conta da inclusão de outras identidades, sexualidades e performatividades, que antes eram ignoradas ou colocadas a escanteio pelo próprio movimento. Com isso, os trabalhos que antes faziam parte do campo chamado Gay and Lesbian Studies passam a compor os LGBT Studies ou Queer¹² Studies.

Um dos trabalhos que mais influenciou essa mudança no campo foi o de Judith Butler, *Problemas de Gênero*, lançado em 1990, e que aborda de uma maneira bastante inovadora a

¹² Queer é uma palavra em inglês que a princípio servia de xingamento aos gays estadunidenses. Com a onda de orgulho, a palavra passou a cada vez mais fazer parte do cotidiano gay, ressignificada como identidade. Nos damos a liberdade de fazer um paralelo com o que vem ocorrendo no Brasil, com o termo viado, que cada vez mais vem sendo apropriado pelos movimentos sociais e indivíduos como forma de reforço de sua identidade.

questão do gênero na sociedade estadunidense, apontando para a problemática das performatividades, especialmente entre as drag queens. Com ela, todo um novo campo passa a ser estruturado, tendo como base a *Teoria Queer*¹³.

Além de Problemas de Gênero, alguns outros trabalhos influentes desta corrente são: *A cyborg manifesto* (1985), de Donna Haraway; *Performative and Performance* (1995), de Andrew Parker e Eve Kosofsky Sedgwick; *The Trouble with Normal: Sex, Politics, and the Ethics of Queer Life* (1999), de Michael Warner; *Epistemology of the Closet* (2008), de Eve Kosofsky Sedgwick; *Bodies That Matter* (2011), de Judith Butler; *Female Masculinity* (1998), de Judith Halberstam; *Queer Theory, Gender Theory* (2004), de Riki Wilchins; *Black Queer Studies: A Critical Anthology* (2005), de E. Patrick Johnson, Mae G. Henderson. No Brasil, *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer* (2004), de Guacira Lopes Louro; *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2015) de Paul. B. Preciato; *A Teoria Queer e a Sociologia* (2009) e *Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças* (2016), de Richard Miskolci.

Todas essas obras possuem em seu cerne o questionamento da lógica heteronormativa como compulsória e definidora dos corpos e dos gêneros, assim como o ilusório ideológico da definição de gênero enquanto elemento que possui no biológico, e especificamente nas genitálias, a verdade de ser. Tratam-se de obras que buscam extrapolar as noções de gênero vigente na sociedade ocidental moderna, ao mesmo tempo em que demonstram a existências de várias outras expressões que não se enquadram no binômio mulher/homem e que mesmo este está repleto de imperfeições quando observados de perto pelo olhar científico e filosófico.

2.1.3 Os estudos latino-americanos e internacionais sobre a imprensa gay

Como já dissemos, apesar de não haver referências ainda hoje sobre o termo imprensa gay latino-americana, é na década de 1990 que começam os estudos sobre esses veículos de comunicação de maneira individualizada, reflexo dos movimentos sociais das décadas de 1960 a 1980 que se espalharam pelo mundo. De maneira geral, esses trabalhos sobre a imprensa gay vão observar a existência e particularidades dos jornais e produtos comunicacionais produzidos durante esse período.

¹³ Entre diversos apontamentos à *Teoria Queer* terá como base a hipótese de que não existem papéis de gênero construídos biologicamente, mas que tanto a identidade de gênero, quanto a orientação social, são construções sociais.

Não são poucos os trabalhos que abordam a questão da imprensa gay, seja no Brasil ou no mundo. Faremos referências a alguns deles a fim de demonstrar as diversas abordagens que nos oferecem.

Vale ressaltar que os trabalhos foram pesquisados por meio das plataformas digitais Portal de Periódicos Capes; Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; JSTOR; Science Direct; Scopus; Scielo; Biblioteca Digital da Unesco; EBSCO; SAGE journals; e Google Acadêmico, com o termo imprensa gay e suas traduções para a língua inglesa e espanhola. Já a classificação temática se deu após a leitura de ao menos o resumo das publicações.

Começando pelos Estados Unidos, que oferecem a literatura mais antiga sobre a temática, conforme Tabela 1. É possível identificar uma ampla variedade de trabalhos relacionados à imprensa gay estadunidense, principalmente aquela ligada ao caráter histórico e social dos movimentos e suas expressões. Alguns trabalhos se destacam por sua particularidade, como é o caso da análise das propagandas de cigarros nesta imprensa feito por Elizabeth A. Smith, Naphtali Offen e Ruth E. Malone (2005 e 2007). Porém, a maioria busca dialogar com o aspecto histórico desta imprensa. Os estudos se iniciam no ano de 1992, pois, trata-se do primeiro trabalho encontrado nas bases pesquisadas. Os dados apresentados nas tabelas foram retirados dos próprios artigos, a temática foi definida e resumida após leitura prévia dos trabalhos.

Tabela 1: Trabalhos acadêmicos sobre imprensa gay nos Estados Unidos

Título do Trabalho	Autores	Ano	Temática
Silence equals death: Discourses on AIDS and identity in the gay press, 1981-1986	Keith Haring	1992	AIDS na imprensa gay estadunidense.
The Advocate: Setting the Standard for the Gay Liberation Press	Rodger Streimatter	1993	Criação e desenvolvimento da revista Advocate.
Lesbian and gay press: Raising a militant voice in the 1960s	Rodger Streimatter	1995	Levantamento de veículos gays estadunidenses dos anos 1960.
Creating a venue for the 'love that dare not speak its name': Origins of the gay and lesbian press	Rodger Streimatter	1995	Criação da imprensa gay estadunidense.
So's your old lady: naming patterns in the gay and lesbian press	Robert B. Marks Ridinger	1995	Onomástica (estudo dos nomes) na imprensa lésbica e gay entre os anos de 1924 e 1992.
Playing in the attic: Indexing and preserving the gay press	Robert B. Marks Ridinger	1995	Criação da imprensa gay estadunidense.
Lesbian representation in the gay press: A content analysis of "The Advocate", 1970-1992.	Ronald Joseph Nerio	1995	A representação lésbica da revista Advocate.
More Love and More Desire	James N. Green	1999	Criação do movimento gay brasileiro, assim como o jornal Lampião da Esquina.

Bareback Sex and Gay Men: An HIV Prevention Failure	Brian K. Goodroad, Kenn M. Kirksey, Ellen Butensky	2000	AIDS na imprensa gay estadunidense.
Defining the Lesbian/Gay Community? Market Research and the Lesbian/Gay Press	Fred Fejes e Ron Lennon	2000	Propagandas veiculadas na imprensa gay estadunidense.
A Beautiful, Sinister Fairyland	Daniel Balderston e José Quiroga	2003	Relações da publicação estadunidense Gay Sunshine com a América Latina.
Framing the Reality of AIDS: An Analysis of the Presentation of AIDS in the Mainstream and Gay Press	Renee D. Shelburne	2002	AIDS na imprensa gay estadunidense.
What makes an ad a cigarette ad? Commercial tobacco imagery in the lesbian, gay, and bisexual press	Elizabeth A. Smith, Naphtali Offen e Ruth E. Malone	2005	Propagandas de cigarros na imprensa gay estadunidense
Pictures Worth a Thousand Words: Noncommercial Tobacco Content in the Lesbian, Gay, and Bisexual Press	Elizabeth A. Smith, Naphtali Offen e Ruth E. Malone	2007	Propagandas de cigarros na imprensa gay estadunidense
Gay Press, Gay Power: The Growth of LGBT Community Newspapers in America	Tracy Baim	2012	História da imprensa gay estadunidense.
The Plight of Gay Visibility: Intolerance in San Francisco, 1970–1979	Nicole E. Roberts	2013	A intolerância relatada na imprensa gay dos Estados Unidos
True Art Sells Itself: XY Magazine and the Gay Press in Digital-Age America	Michael Hitchcock	2017	A imprensa LGBTQIAPN+ na era digital.

Fonte: Próprio autor, 2022

Apesar destes trabalhos não estarem necessariamente ligados à nossa temática, com exceção ao trabalho feito por Daniel Balderston e José Quiroga (2003), que mostra a relação do jornal Gay Sunshine com a América Latina, podemos identificar que a bibliografia acaba por não dialogar com o conceito de masculinidades, se detendo mais às identidades gays e lésbicas.

No Brasil, os estudos ligados à imprensa gay são amplos. Inicialmente intitulada imprensa homossexual, os trabalhos se multiplicaram com o passar dos anos, principalmente a partir de 2015, conforme identificado na Tabela 2. O primeiro trabalho identificado entre os países latino-americanos é de Marcus Antonio Assis Lima, pesquisador brasileiro que abordou as questões das identidades na revista *Sui Generis*, datado dos anos 2000.

Tabela 2: Estudos sobre a imprensa gay na América Latina

Título do Trabalho	Autores	Ano	Temática	País
<i>O estilo Sui Generis de vida gay: identidade e esfera pública</i>	Marcus Antonio Assis Lima	2000	Identidade sexual e vida pública.	Brasil
<i>Em busca da normalidade: sui generis e o estilo de vida gay</i>	Marcus Antonio Assis Lima	2001	Identidade sexual e vida pública	Brasil
<i>Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil</i>	Marcus Antonio Assis Lima	2001	História da imprensa gay no Brasil.	Brasil
<i>Impressões de identidade: histórias e estórias da imprensa gay no Brasil</i>	Jorge Luis Pinto Rodrigues (Jorge Caê Rodrigues)	2007	História da imprensa gay brasileira a partir do Lâmpião da Esquina.	Brasil
<i>Jornal do Nuances - A prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o "Gay Classe Média" e a "Bicha Bafona"</i>	Fernando Luiz Alves Barroso	2007	Jornal Nuances, publicação criada em 1998 pelo grupo de mesmo nome e que trata das questões LGBTQIAPN+ em Porto Alegre.	Brasil
<i>De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil</i>	Marcus Antonio Assis Lima	2007	História da imprensa gay no Brasil.	Brasil
<i>Imprensa Homossexual: surge o Lâmpião da Esquina</i>	Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior	2010	Jornal Lâmpião da Esquina, seu conteúdo, distribuição e criação.	Brasil
<i>"Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!" –Corpo e identidade homossexual na revista gay A capa</i>	Tiago Sana	2010	Raça e classe em revista gay de distribuição gratuita.	Brasil
<i>Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto: Produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983)</i>	Charles Roberto Ross Lopes	2011	Normatividade na imprensa gay.	Brasil
<i>Linhas e Entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gêneros nos discursos da imprensa gay brasileira</i>	Ricardo Augusto de Saboia Feitosa	2014	Identidade sexual e gênero na imprensa gay.	Brasil
<i>Fazendo travestis - Identidades transviadas no jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981)</i>	Ronaldo Pires Canabarro	2015	Travestis e Transsexuais no jornal Lâmpião da Esquina.	Brasil
<i>Lâmpião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)</i>	Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso	2015	Os casos de violência publicados no jornal Lâmpião da Esquina.	Brasil
<i>O Lâmpião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)</i>	Alexandre Magno Maciel Costa e Brito	2016	Os casos de violência publicados no jornal Lâmpião da Esquina.	Brasil
<i>Voz da diversidade: os discursos da imprensa gay masculina no Brasil</i>	Gean Oliveira Gonçalves	2016	Mudanças históricas da	Brasil

			imprensa gay brasileira, analisando Lampião da Esquina e as revistas Sui Generis e DOM.	
<i>Historiografia do movimento homossexual no Brasil entre 1978 e 1984: educação e sexualidade nas intervenções pela imprensa nas tensões do espaço público</i>	Rosana Pena De Sá	2016	Educação e sexualidade por meio da imprensa gay e lésbica brasileira.	Brasil
<i>Militância homossexual no Brasil da ditadura militar: os casos de João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas</i>	Paulo Roberto Souto Maior Júnior e Miguel Zioli	2016	Análise de entrevistas com João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas, militantes gays que acompanharam a criação do movimento homossexual brasileiro.	Brasil
<i>Imprensa Homossexual Brasileira e Construções de Subjetividades (1960-1980)</i>	Vinicius Ferreira Ribeiro Cordão	2017	Identidade sexual e normatividade.	Brasil
<i>Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira</i>	Carolina Maia de Aguiar	2017	Redes de sociabilidades lésbicas na imprensa brasileira	Brasil
<i>Um jornalismo “Sui Generis”? visibilidade, identidades e práticas jornalísticas numa revista gay brasileira dos anos 1990</i>	Ricardo Augusto de Saboia Feitosa	2018	Identidade sexual e prática jornalística na revista Sui Generis.	Brasil
<i>Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lampião da Esquina” (1978-1981)</i>	Rodrigo Otávio Moretti-Pires; Zeno Carlos Tesser Júnior e Douglas Francisco Kovaleski	2018	Tensionamentos entre a esquerda brasileira e o movimento homossexual da época	Brasil
<i>Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo</i>	Paula Evelyn Silveira Barbosa	2019	História da imprensa lésbica brasileira.	Brasil
<i>A invenção do sair do armário: a confissão das homossexualidades no Brasil (1979-2000)</i>	de Paulo Roberto Souto Maior Júnior.	2019	Saída do armário e autoaceitação.	Brasil
<i>Imprensa homossexual no Brasil na década de 1970</i>	Paulo Roberto Souto Maior Júnior	2019	História da imprensa a partir de Lampião da Esquina	Brasil
<i>Libertação gay no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal Lampião da Esquina durante a abertura política (1978-1981)</i>	Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior	2019	Jornal Lampião da Esquina e sua relação com os movimentos homossexuais do Brasil.	Brasil

<i>Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964</i>	Renan Quinalha	2021	Perseguição pela ditadura cívico-militar de 1964 ao Lâmpião da Esquina.	Brasil
Ser gay en la Ciudad de Mexico: lucha de representaciones y apropiación de una identidad, 1968-1982	Rodrigo Laguarda	2007	Identidade gay e militância na imprensa gay mexicana	México
¡Tenemos un mundo por ganar! Visiones militantes de las homosexualidades masculinas en la Ciudad de México	Rodrigo Laguarda	2008	Identidade gay e militância na imprensa gay mexicana	México
Homosexualidades mediáticas: la emergencia de las «otras» sexualidades en los discursos periodísticos en Colombia	Jorge Luis Aparicio Erazo	2009	Comparação dos discursos dos jornais <i>Él Otro</i> , <i>Ventana Gay</i> e <i>Acénto</i> .	Colômbia
Análisis comparativo de la publicidad pautaada en revistas de un segmento gay, frente a una revista dirigida a un público general, en la ciudad de Cali	José Roldofo Prieto Cortés	2011	Comparação da publicidade divulgada em dois veículos. Um gay (<i>Revista Ambición</i>) e outro tradicional (<i>Revista SoHo</i>)	Colômbia
El olvido recobrado: sexualidad y políticas radicales en el movimiento de liberación homosexual en Colombia	José Fernando Serrano Amaya	2012	Movimento homossexual colombiano e o periódico <i>Él Otro</i> .	Colômbia
Frente de Liberación Homosexual (1971-1976): prácticas comunicacionales de resistencia y resignificaciones en la historia reciente	Bárbara Soledad Bilbao	2012	Apresenta discursos de gênero e feministas durante a ditadura argentina	Argentina
Somos. La escritura a contrapelo de la historia del Frente de Liberación Homosexual (1973-1976)	Patricio Simonetto	2014	Resgata a história da organização e da <i>Revista Somos</i>	Argentina
Historia de las revistas LGBT de Venezuela	Jorge Gonzalez	2015	Resgata a história dos periódicos LGBTs Venezolanos	Venezuela
Del armario a la pareja" la promoción de un ethos protofamiliar para la homosexualidad en la revista <i>Diferentes</i> (Buenos Aires, 1984-1985)	Guido Vespucci	2015	Discussões sobre questões familiares na revista <i>Diferentes</i>	Argentina
<i>Revista Somos</i> : órgano de prensa y difusión del Frente de Liberación Homosexual	Gastón Klocker e Carolina Beatriz Wild	2017	Apresenta a <i>Revista Somos</i> como o veículo oficial da Frente de Liberación Homosexual	Argentina
<i>Revista Somos</i> y la militancia homosexual en los '70	Gastón Klocker e Carolina Beatriz Wild	2018	Difusão da militância entre os gays na década de 1970 por meio da <i>Revista Somos</i>	Argentina
"Saltemos por la ventana" surgimiento de la revista " <i>Ventana Gay</i> " desde el punto de	Nelly Andrea Guerrero Bautista	2018	História do periódico	Colômbia

vista de Manuel Antonio Velandía Mora, uno de sus fundadores”.			colombiano Ventana Gay	
Mediatización del género y de la familia en Colombia. Estudio de caso: revistas El Otro, Ventana Gay y Cromos	Laura Manuela Goyeneche Ramírez	2019	Gênero e família na imprensa gay	Colômbia
Consuming the Mexican Body: Gender, Race, and the Nation in Macho Tips, 1985–1989	Juan Carlos Mezo González	2020	Aborda as questões do corpo, raça e gênero na revista mexicana Macho Tips	México
“Ni enfermos ni criminales, simplemente homosexuales”. El Movimiento de Liberación Homosexual en México (1978-1982) y su estrategia de contestación discursiva de la sexualidad dominante	Celia Alejandra Barreto Estrada	s.d.	Desenvolvimento do movimento homossexual mexicano e seu discurso nos periódicos desenvolvidos.	México

Fonte: Elaboração própria, 2022

Nesses trabalhos, é possível identificar uma presença relevante do jornal Lampião da Esquina, sendo o veículo que teve uma periodicidade mais frequente, publicado mensalmente, e que se encontra mais preservado.¹⁴ Os demais trabalhos apresentam cartografias ou levantamentos relevantes sobre o início da imprensa no país.

Os marcos iniciais dos estudos ligados à história da imprensa gay brasileira variam de acordo com o autor e a disponibilidade de materiais, conforme são identificados jornais mais antigos, acabam sendo acrescentados nesta linha histórica. Não se trata de um consenso entre os pesquisadores, mas é possível identificar ao menos dois marcos bastante delimitados. O periódico O Snob, que circulou entre 1963 e 1969, editado por Agildo Guimarães, como o primeiro veículo de seu tipo a ser editado no país¹⁵, ou o jornal Lampião da Esquina como sendo o primeiro de distribuição nacional.

É possível identificarmos nesta literatura trabalhos mais analíticos e comparativos. Busca-se uma compreensão mais ampla das relações entre as publicações, assim como seu envolvimento com as questões da identidade e da formação dos movimentos gays no país, abrangendo não apenas o período histórico de sua criação, mas também discussões de publicações mais recentes, como é o caso dos trabalhos que abordam as revistas DOM e A Capa.

¹⁴ Todas as edições de Lampião da Esquina foram digitalizadas pelo Grupo Dignidade e se encontram disponíveis para acesso no link: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

¹⁵ O jornal O Snob, assim como uma série de outras publicações que James Howes (2015) chama de “jornalinhos das turmas” existiram no Brasil na década de 1960. Abordaremos no próximo capítulo como essas publicações formaram uma espécie de protoimprensa gay brasileira.

Ao contrário do Brasil, os demais países da América Latina apresentam uma produção acadêmica um pouco mais tímida sobre a imprensa gay em seus territórios, iniciando-se em 2007. Alguns trabalhos e autores se destacam, porém, não se trata de um fenômeno proporcional à dimensão do continente.

Conforme é possível notar, percebemos estudos localizados em cada um dos países, o que reforça nossa tese original de que uma discussão sobre uma imprensa gay latino-americana ainda não foi traçada, apesar de existirem estudos locais sobre cada uma das publicações, suas características, particularidades e reverberações sociais.

Em todos os trabalhos, é possível notar o início da imprensa gay latino-americana como formada pelos movimentos homossexuais da época. Buscando difundir suas ideias, organizar suas associações e realizar comunicados internos, os grupos optaram pelos periódicos que, como iremos notar adiante, foram essenciais para a articulação dessas organizações e interação entre seus integrantes, mesmo que à distância.

Existem ainda estudos espalhados por outras partes do mundo que, apesar de contar com menor expressão em termos quantitativos, abrangem a discussão para além do continente americano. É o caso de trabalhos realizados na Alemanha, Austrália, África do Sul, França, Israel, Polônia, Reino Unido, República Tcheca e Suécia, que apesar de não estarem relacionadas a nossa pesquisa, optamos por listá-las na Tabela 3 para possíveis investigações futuras de outros pesquisadores da imprensa gay.

Tabela 3: Trabalhos em outros países que abordam a imprensa gay

Título do Trabalho	Autores	Ano	Temática	País
<i>'Basic bullshit': lesbian detective fiction and the lesbian an gay press</i>	Deborah Hunn	1995	A literatura lésbica e sua representatividade em romances policiais.	Austrália
<i>Are younger German gay men more at risk from HIV? Results of a national survey in the gay press in Germany</i>	Michael Bochow	2000	Questão do HIV/Aids atrelada a estereótipos do homem gay jovem.	Alemanha
<i>The Construction of a Political and Media Presence: The Homosexual Liberation Groups in France Between 1975 and 1978</i>	Jean Le Bitoux	2001	Construção política dos movimentos de libertação gay na França.	França
<i>The Birth of a French Homosexual Press in the 1950s</i>	Oliver Jablonsky	2002	Início da imprensa gay francesa na década de 1950.	França
<i>No effeminates please: a corpus-based analysis of masculinity via personal adverts in Gay News/Times 1973-2000</i>	Paul Baker	2003	Campanhas publicitárias divulgadas na imprensa gay excluindo os corpos considerados afeminados.	Reino Unido
<i>Vague English creole:(Gay English) cooperative discourse in the French gay press</i>	Denis M. Provencher	2004	Um “jeito de ser gay” passou a ser assumido pela imprensa gay francesa a partir das	França

			construções da cultura gay dos Estados Unidos.	
<i>“Endangered territory, endangered identity: Oxford Street and the dissipation of gay life</i>	Robert Reynolds	2009	Aborda uma rua famosa em Sydney por ser um espaço de sociabilidade LGBTQIAPN+ e seu declínio, assim como as questões de intolerância.	Austrália
<i>Visual representation, editorial power, and the dual ‘othering’ of black men in the south african gay press: The case of Gay Pages</i>	Theo Sonnekus e Jeanne Van Eeden	2009	A marginalização do corpo negro nas publicações gays sul-africanas.	África do Sul
<i>The Struggle for Identity: The Emergence of a Gay Press in Australia</i>	Jeremy Fisher	2012	Levantamento histórico sobre a imprensa gay australiana.	Austrália
<i>A Special Kind of Married Man: Notions of Marriage and Married Men in the Swedish Gay Press, 1954-1986</i>	Hanna Bertildotter Rosqvist	2012	A imprensa sueca durante os anos de 1954 a 1986, apontando as formas como as quais a imagem do homem gay, seus desejos e a questão da normatividade são intercaladas.	Suécia
<i>Desiring difference, desiring similarity: Narratives on sexual interaction between boys and men in the Swedish homosexual press 1954–1986</i>	Hanna Bertildotter Rosqvist	2012	A imprensa sueca durante os anos de 1954 a 1986, apontando as formas como as quais a imagem do homem gay, seus desejos e a questão da normatividade são intercaladas.	Suécia
<i>Cruising” between the Lines: A Discourse of Oppression, Danger and Intimacy in the Israeli Gay Press</i>	קניאס יואב e Yoav Kanyas	2012	Apresenta como a imprensa gay israelense, em especial os jornais <i>Magaim</i> , <i>Nativ Nosafe</i> e <i>Hazman Havarod</i> constroem discursos distintos na busca de uma identidade gay.	Israel
<i>Raising the Flag: The Early Years of the Lesbian, Gay, Bisexual, and Trans Press in Brazil, 1963–1981</i>	Robert Howes	2015	O início da imprensa gay brasileira e os jornaizinhos das turmas.	Reino Unido
<i>Desiring difference, desiring similarity: Narratives on sexual interaction between boys and men in the Swedish homosexual press 1954–1986</i>	Hanna Bertildotter Rosqvist e Klara Arnberg	2015	A imprensa sueca durante os anos de 1954 a 1986, apontando as formas como as quais a imagem do homem gay, seus desejos e a questão da normatividade são intercaladas.	Suécia
<i>Bad Sex, Good Love: Homonormativity in the Swedish Gay Press, 1969–86</i>	Hanna Bertildotter Rosqvist e Catrine Andersson	2016	A imprensa sueca durante os anos de 1954 a 1986, apontando as formas como as quais a imagem do homem gay, seus desejos e a questão da normatividade são intercaladas.	Suécia
<i>Worlding Sexualities under Apartheid: From Gay Liberation to a Queer Afropolitanism</i>	Kanika Batra	2016	Afropolitismo Queer” na comunidade LGBTQIAPN+ de Joanesburgo e sua ausência na imprensa gay sul-africana.	África do Sul

<i>Time to Speak Out”: The 1980s Australian Gay Press and Personal Accounts of Living with HIV</i>	Cheryl Ware	2017	Imprensa gay australiana e sua relação com a questão do HIV/Aids.	Austrália
<i>Will I Find a Young Friend, One Who Loves Nature? ’A Cultural-Anthropological Perspective on Personal Ads in Interwar Homosexual Press</i>	Jean Seidl	2019	Analisa mais de 500 anúncios no jornal “ <i>Voice of the Sexual Minority</i> ” entre os anos de 1931 e 1934.	República Tcheca
<i>The rise and fall of the progressive drag queen: Westernization of cross-dressing in 1990s Poland</i>	Ludmila Janion	2020	Ocidentalização como norma na representação de <i>drag queens</i> polonesas.	Polônia
<i>The Importance of Contextualizing Research An Analysis of Data from the German Gay Press Surveys</i>	Michael Bochow	2021	Questão do HIV/Aids atrelada a estereótipos do homem gay jovem.	Alemanha

2.1.4 Panorama da Comunicação e Masculinidades no Brasil

Por fim, abordarei neste tópico os estudos que vêm sendo feitos no Brasil sobre Comunicação e Masculinidades. O levantamento dos dados pretendeu abarcar a área da Comunicação em sua complexidade, e para isso diversificamos a base de análise abrangendo revistas científicas, eventos e a produção de teses e dissertações. Para essa pesquisa, foram consultadas todas as revistas classificadas na área da Ciência da Comunicação (Capes 2013-2016), o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e os anais dos eventos Intercom, Intercom Júnior, Compós, SBPJor, ABPCom, ABCiber, Folkcom, Abrapcorp, Compolítica e Pensacom.

Foram encontrados 191 trabalhos (ANEXO 1) contendo os termos “masculinidades” e “masculinidade”. Sendo que, destes, 95 foram artigos distribuídos nas revistas científicas pesquisadas, 61 apresentações de trabalhos, 25 dissertações e 10 teses. O gráfico 1 demonstra esses dados.

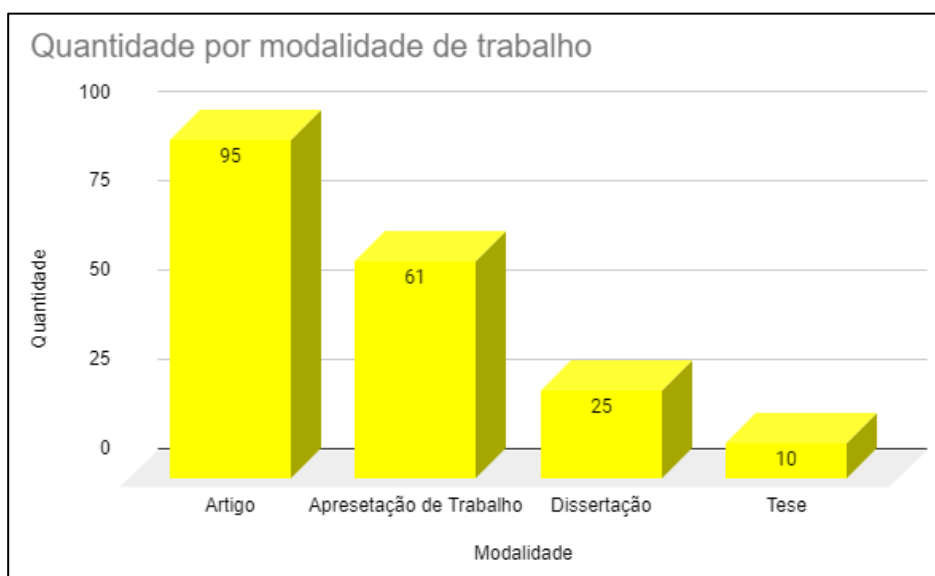
Sobre o período no qual esses trabalhos foram produzidos, podemos notar que a primeira produção encontrada é de 2007. Conforme pode ser observado no gráfico 2, houve um crescimento exponencial até o ano de 2012, um decréscimo nos dois anos seguintes, retomando a alta a partir de 2015, e atingindo um patamar acima de 20 trabalhos por ano a partir de 2018.

Apesar dos refluxos nos anos de 2013 e 2014, é possível perceber que, conforme os anos, a produção ganhou contornos mais sólidos na área da Comunicação, tendo seu auge em 2021, com 34 trabalhos produzidos.

Sobre a produção por região, é possível observar uma predominância da região Sudeste, com 96 trabalhos, seguida da região Sul (56), Nordeste (23), Centro-Oeste (13) e Norte, com

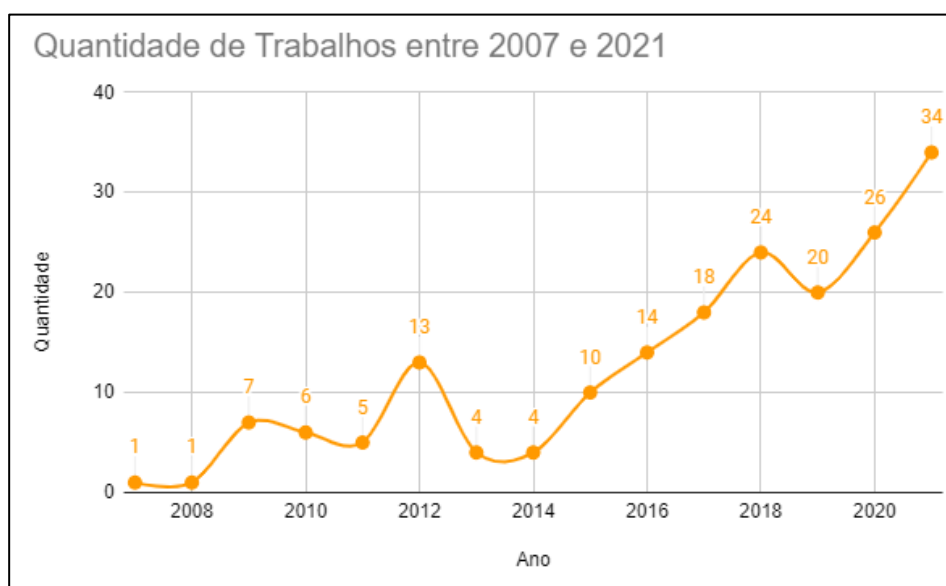
apenas um trabalho, conforme demonstrado no gráfico 3. Três trabalhos foram classificados como internacionais, por isso, não se somam a esta porcentagem. Quantitativamente, essa produção segue a lógica de distribuição dos programas de pós-graduação em comunicação do país. De acordo com o último documento de área, as regiões Sudeste e Sul são aquelas que concentram a maior quantidade de programas dedicados à Comunicação.

Gráfico 1 – Trabalhos encontrados, período de 2007 e 2021



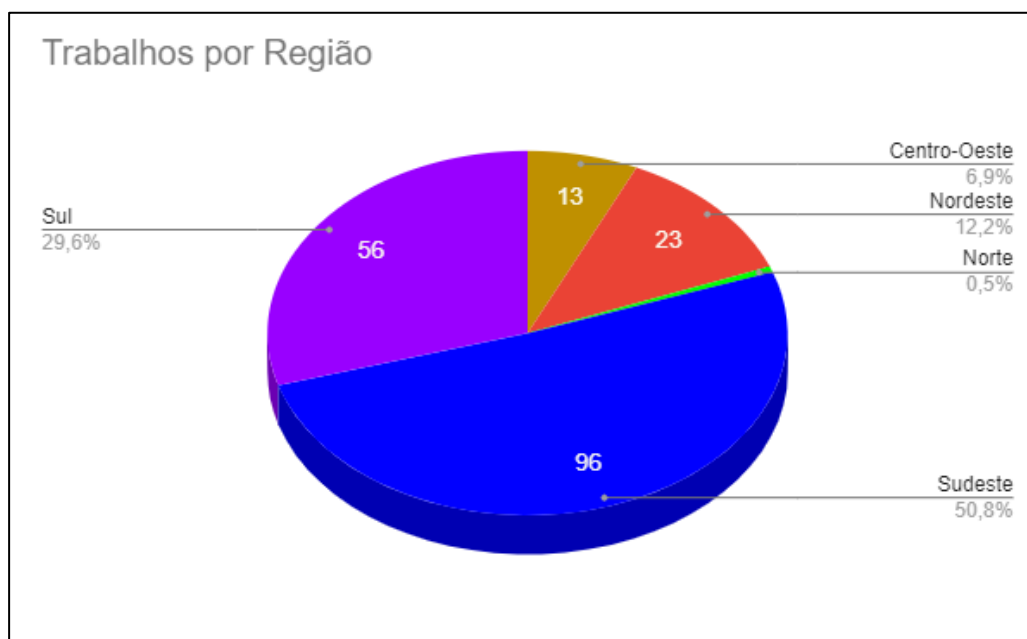
Fonte: Elaboração própria, 2022

Gráfico 2 – Trabalhos encontrados no período de 2007 a 2021



Fonte: Elaboração própria, 2022

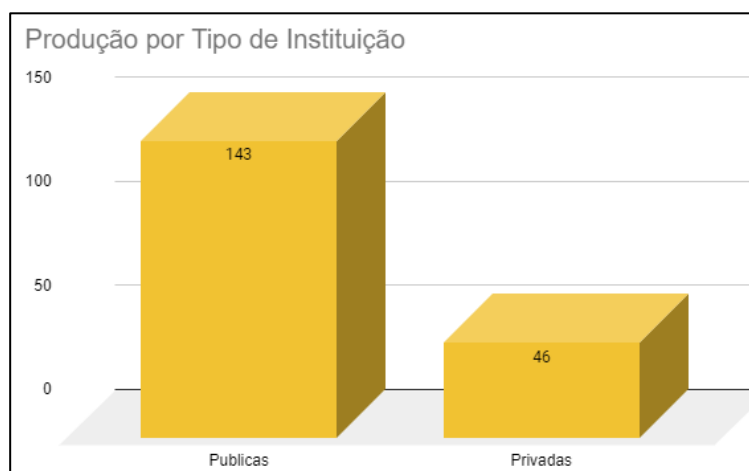
Gráfico 3 – Trabalhos por região, no período de 2007 a 2021



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação à produção por universidades, há um predomínio das instituições públicas. No total, elas foram responsáveis por 143 trabalhos encontrados, enquanto as privadas, 46. Vale ressaltar que, para estabelecer a instituição de origem em caso de trabalhos em coautoria de instituições distintas, foi considerado o primeiro autor da publicação. O gráfico 4 demonstra os dados:

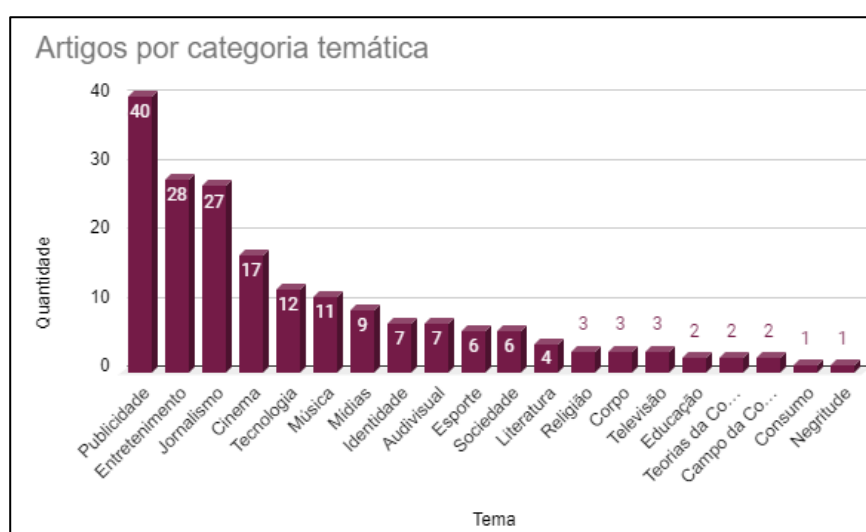
Gráfico 4 – Trabalhos por tipo de instituição (pública ou privada), entre 2007 e 2021



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação às temáticas, vemos um predomínio dos trabalhos ligados à Publicidade (40), seguidos por aqueles relacionados ao Entretenimento (28) e ao Jornalismo (27). É interessante observar a pouca quantidade de trabalhos ligados às Teorias da Comunicação; apenas dois publicados. Os dados também permitem afirmar que há mais estudos relacionados às Masculinidades como parte dos objetos de estudo do que reflexões que busquem imbricar os processos sociais da temática a uma matriz de particularidade comunicacional (gráfico 5).

Gráfico 5 – Temáticas tratadas no período de 2007 a 2021



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Esta breve análise nos serve para compreender o campo das masculinidades como um crescente na área da comunicação, que segue uma lógica de publicação, primeiramente em eventos e revistas científicas, e posteriormente para produções de mais fôlego como dissertações e tese. Elementos que nos fazem concluir que se trata de um campo em desenvolvimento, que necessita de produções teóricas mais amplas e que auxiliem na construção deste espaço como um conhecimento legitimado por seus pares (pesquisadores da comunicação) e que deve ser observado sob seu espectro comunicacional.

2.2 O levantamento das publicações

Outro processo metodológico que foi essencial para a delimitação desta pesquisa foi o do levantamento das publicações gays latino-americanas. Desde o início desta pesquisa, quando

o projeto foi elaborado, um artigo disponibilizado na internet por Luiz Mott demonstrou os pontos que poderiam ser os pontos de nossa pesquisa. O texto “Movimento Gay e Lésbico na América Latina” (s/d) oferece uma dimensão dos países que possuíam, na década de 1970, mais ou menos articulação política, fenômeno importante para o desenvolvimento de veículos de comunicação.

A partir deste texto, comecei a recolher o nome das publicações e associações responsáveis por eles, a fim de ter uma dimensão da quantidade de publicações gays existentes entre 1960 e 1980. As referências bibliográficas foram as primeiras fontes consultadas para a busca dos periódicos. E, além dos periódicos, foi realizada a busca do nome de associações existentes na América Latina durante este período, para verificar se as mesmas, em algum momento de sua história, editaram alguma publicação.

Para a certificação de que a bibliografia consultada estava de acordo com a literatura vigente, além da pesquisa descrita no tópico anterior, foi realizada uma varredura no acervo das principais universidades públicas e acervos de todos os países latino-americanos com os termos “homossexualidade” e suas variações em espanhol e inglês, a fim de encontrar teses, dissertações e produções que não artigos científicos nos quais fossem possíveis conter alguma referência a algum periódico (Tabela 4).

Tabela 4 – Lista de bibliotecas e acervos consultados para busca de livros e periódicos

Nome Instituição	País	Link
Universidad de Buenos Aires	Argentina	http://www.sisbi.uba.ar/
CeDInCi	Argentina	https://cedinci.org/
Biblioteca Nacional Mariano Moreno	Argentina	https://www.bn.gov.ar/
Biblioteca Mayor de la Universidad de Córdoba	Argentina	https://bmayor.biblio.unc.edu.ar/
Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolívia	Bolívia	https://www.archivoybibliotecanacionales.org.bo/index.php
Universidade de São Paulo	Brasil	https://www.buscaintegrada.usp.br/
Biblioteca Nacional do Brasil	Brasil	https://bndigital.bn.gov.br/
Acervo Edgard Leuenroth (Unicamp)	Brasil	https://ael.ifch.unicamp.br/
Acervo Grupo Dignidade	Brasil	https://www.grupodignidade.org.br/
Acervo Pajuba	Brasil	https://acervobajuba.com.br/
Universidad de San Andrés	Bolívia	https://web.udesa.edu.ar/biblioteca

Gale – Women’s Studies Archive	Canadá	https://www.gale.com/primary-sources/womens-studies
Universidad Nacional de Colombia	Colômbia	https://bibliotecas.unal.edu.co/
Universidad de Los Andes	Colômbia	https://biblioteca.uniandes.edu.co/
Biblioteca Nacional de Colombia	Colômbia	https://www.bibliotecanacional.gov.co/
Universidad de Costa Rica	Costa Rica	https://sibdi.ucr.ac.cr/
Biblioteca Nacional de Costa Rica	Costa Rica	https://www.sinabi.go.cr/bibliotecas/biblioteca_nacional.aspx
Universidad de Chile	Chile	https://bibliotecadigital.uchile.cl/
Biblioteca Nacional de Chile	Chile	http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/
Universidad Central de Ecuador	Equador	https://bibliotecadigital.uce.edu.ec/
Biblioteca Nacional de Ecuador	Equador	https://www.bne.gob.ec/
Universidad de El Salvador	El Salvador	https://biblioteca.ues.edu.sv/
Universidade de Miami – Arquivo Leila Mícollis	Estados Unidos	https://atom.library.miami.edu/asm0654
Universidad del Valle de Guatemala	Guatemala	https://koha.uvg.edu.gt/
Universidad Nacional Autónoma de Honduras	Honduras	https://www.unah.edu.hn/
Universidade Nacional Autônoma do México	México	https://www.bidi.unam.mx/
Universidade Autónoma Metropolitana	México	http://cosei.azc.uam.mx/
National Autonomous University of Nicaragua	Nicaragua	https://sigi.unan.edu.ni/
IHLA LGBT HERITAGE	Países Baixos	https://ihlia.nl/museums-and-diversities-the-lgbt-archive-in-amsterdam/
Universidad de Panamá	Panamá	http://www.sibiup.up.ac.pa/
Universidade Nacional de Asunción	Paraguai	https://biblioteca.una.py/
Universidad de Lima	Peru	https://www.ulima.edu.pe/departamento/biblioteca
Universidad de la Republica Uruguay	Uruguai	https://biur.edu.uy/
Universidad Central de Venezuela	Venezuela	http://biblioteca.ucv.ve/
Coletivo Sol	México	http://colectivosol.org/index.html

Fonte: Elaboração própria, 2023

A maioria das consultas realizadas foi de maneira remota, por meio dos sites das instituições, porém, identificamos aquelas que continham um número expressivo de publicações para realizar a visita presencial. Foi o caso do acervo Edgard Laurent, da Universidade de Campinas, assim como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o IHLIA LGBT Heritage, localizado na Biblioteca Pública de Amsterdã, nos Países Baixos.

Além desta busca e consulta em acervos virtuais e presenciais, foi realizado o contato direto com diversos pesquisadores locais da área para o acesso a informações diversas, localização e, quando possível, acesso aos periódicos. O contato foi realizado por e-mail e os pesquisadores consultados podem ser verificados na Tabela 5.

Tabela 5 – Lista de Autores Consultados Para Acesso a Periódicos e informações diversas

Nome	Instituição
Felipe Cesar Camilo Caro Romero	Universidade Nacional de Colômbia
James Green	Universidade de Brown
Joana Matias	Universidade Nova de Lisboa
Juan Carlos Mezo Gonzalez	Universidade de Toronto
Paulo Souto Maior	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Peter Fry	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Raewyn Connell	Universidade de Sydney
Robert Howes	King's College London
Steven F. Butterman	Universidade de Miami

Fonte: Elaboração própria, 2023

Também foram consultadas associações LGBTQIAPN+ em cada um dos países latino-americanos, a fim de encontrar resquícios da história da imprensa gay local. Essas associações foram identificadas por meio do site oficial da ILGA (Associação Internacional de Gays e Lésbicas), assim como por pesquisas pela palavra-chave “associação LGBT + país” em buscadores de pesquisa, em especial o Google, e o contato realizado por e-mail. Tanto no contato com os pesquisadores individualmente, quanto às associações, a intervenção teve como objetivo o resgate histórico dos movimentos sociais LGBTQIAPN+ assim como da existência de publicações, ou bibliografias próprias que descrevessem o período de 1960 a 1980.

Por fim, a leitura dos próprios periódicos da época serviu para a identificação de outras publicações semelhantes, seja pela divulgação por meio de anúncios, ou comentários em seus respectivos conteúdos. Uma publicação relevante neste caso foi o *Spartacus International Gay Guide*¹⁶, editado em Amsterdã a partir de década de 1970 e que continha informações turísticas, de jornais e associações gays de todo o mundo. Com isso, foi possível identificar um total de

¹⁶ Apesar de sua relação polêmica com a questão da exploração sexual, inclusive de menores, o guia, em nosso caso, foi utilizado apenas como fonte de informação já que os conteúdos neles distribuídos referentes aos jornais e associações não se relacionam com nenhuma perspectiva ligada à práticas ilícitas.

175 publicações (Tabela 6), sendo que essas 124 estão entre as décadas de 1960 e 1980, período delimitado para nossa análise.¹⁷

Tabela 6 – Publicações Gays Latino-Americanas

Título	Ano	País	Cidade	Responsável	Local
O Snob	1963-1969	Brasil	Rio de Janeiro	Gilka Dantas (Agildo Guimarães)	AEL-Unicamp
Força	1963	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Zona Norte	1963	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Vagalume	1964	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Mito	1966	Brasil	Niterói	Antonio Kalas	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
O Bem	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Edifício Avenida Central	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Show	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Estábulo	1966	Brasil	Niterói	Dalia Lavi	AEL-Unicamp
Le Sophistique	1966	Brasil	Campos	Adriana Gueiros	AEL-Unicamp
Mais	1966	Brasil	Belo Horizonte	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Fatos e Fofocas	1966	Brasil	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Charme	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Pelicano	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Le Carrilon	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Chic	1966	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Os Felinos	1967	Brasil	Niterói	Gato Preto	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Gay Society	1967	Brasil	Salvador	Jackie de Maga	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Gay	1967	Brasil	Salvador	Jackie de Maga	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Zéfiro	1967	Brasil	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Baby	1967	Brasil	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Little Darling	1970	Brasil	Salvador	Di Paula	AEL-Unicamp
Le Femme	1960-1970	Brasil	Rio de Janeiro	Blanca Marie (Anuar Farah)	AEL-Unicamp
Suburbio à Noite	1960-1970	Brasil	Rio de Janeiro	Frank Gasparelly	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Eros	1970	Brasil	Rio de Janeiro	Frederico Jorge Dantas	AEL-Unicamp
La Saison	1969	Brasil	Rio de Janeiro	Jéssica Shelley	AEL-Unicamp
O Centauro	1968	Brasil	Rio de Janeiro	Anita Chambarelly	AEL-Unicamp

¹⁷ Apesar de nossa pesquisa buscar trabalhos prioritariamente entre as décadas de 1960 a 1980, optamos por deixar todos periódicos encontrados durante nossas buscas, para consultas futuras de pesquisadores, assim como para o desenvolvimento de pesquisas futuras deste autor. Assim também o fazemos com as associações encontradas no Guia de Turismo Spartacus, todas instituições encontradas, assim como seus responsáveis e endereços da época. É possível consultar a lista de associações nesta tese no apêndice “Associações Homossexuais Latino-americanas”.

O Vic	1968	Brasil	Rio de Janeiro	Katherine Wood	AEL-Unicamp
O Grupo	1968	Brasil	Rio de Janeiro	Georgette de La Cruz	AEL-Unicamp
Darling	1960	Brasil	Rio de Janeiro	Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Gay Press Magazine	1976	Brasil	Rio de Janeiro	Claude Auger	AEL-Unicamp
20 de Abril	1960-1970	Brasil	Rio de Janeiro	Bette Taylor	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Centro	1960-1970	Brasil	Rio de Janeiro	Bette Taylor	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Galo	1960-1970	Brasil	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Opinião	1960-1970	Brasil	Niterói	Gigi Berger	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Tiraninho	1977	Brasil	Salvador	Orlando Andrade	AEL-Unicamp
Elo	1978	Brasil	Salvador	Di Paula	AEL-Unicamp
Persona	1960-1970	Brasil	-----	-----	Citado em Eros (Ano I, nº 5)
Homosexuales	1973	Argentina	Buenos Aires	FLH	Gale
Pa' Fuera	[1975]	Porto Rico		Comunidade Orgullo Gay (COG)	Spartacus, 1975, p.497
Aliança de Ativistas Homossexuais	1976-1977	Brasil	Rio de Janeiro	Frederico Jorge Dantas	AEL-Unicamp
Gente Gay	1976-1978	Brasil	Rio de Janeiro	Agildo Guimarães	AEL-Unicamp
Revista Somos	1976	Argentina	Buenos Aires	Grupo Somos	CeDInCI (Drive)/Gale
Él Outro	1976	Colômbia	Bogotá	Leon Zuleta	Digitalizado
Boletim informativo da Caixinha	1976	Brasil	Rio de Janeiro	Turma da Caixinha	Citado em CORDÃO, 2017
Boletim informativo : órgão da Frente Brasileira de Libertação Gay	1976	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
The Jamaica Gaily News	1977	Jamaica	Kingston	Gay Freedom Movement	George A. Smathers Libraries (University of Florida)
Entender - Jornal Gay	1977	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Mundo Gay	1977	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Jornal do Gay	1978-1980	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp/Gale
Hombres	[1978]	Colômbia	-----	-----	Spartacus, 1978, p. 129
Lampião da Esquina	1978-1981	Brasil	Rio de Janeiro	Aguinaldo Silva	Grupo Dignidade
Suruba	1979	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Revista Rose	1979-1983	Brasil	Curitiba	Grafipar	Grupo Dignidade/Digitalizado
Gay Zeppelin	1979	Brasil	Belém	-----	Citado em COLAÇO, 1984
Galeria Alegria	1979	Brasil	Rio de Janeiro	Glauco Matoso	Citado em COLAÇO, 1984
Gay News Brasil: Informativo mundial dos entendidos	1979	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp

Política Sexual	1979	México	Cidade do México	Frente Homossexual de Acción Revolucionaria (FHAR)	Citado em MEZO GONZÁLEZ, 2020/ GALE
CGI	1979	Brasil	São Paulo	Circulo Corydon	Gale
Nuestro Cuerpo	1979	México	Cidade do México	Frente Homossexual de Acción Revolucionaria (FHAR)	Colectivo Sol/Gale
Jornal for Gays	1980	Brasil	São Paulo	Walfrido	Citado em CORDÃO, 2017
Sucesos Gay	1980	Colômbia	Barranquilla	-----	Gale
Jornal Gay Internacional	1980-1984	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp/Gale
Entendido	1980	Venezuela	Caracas	Abdel Güerere	Biblioteca Nacional Venezuela
Leva e Traz	1980	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Ventana Gay	1980	Colômbia	Bogotá	Manuel Antonio Velandia Mora	Digitalizado/Gale
Gathó	1980	Brasil	Recife	-----	AEL-Unicamp
Eros	1980	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
O Corpo	1980	Brasil	São Paulo	Somos	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp/ Gale
Boletim do Grupo Gay da Bahia	1981-2005	Brasil	Salvador	Grupo Gay Bahia	AEL-Unicamp/Gale
Ciência e nudismo / História Secreta. [Pornográfica]	[1980]	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
VIP'S Foto Novela / História Secreta. [Pornográfica]	198?	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Facção homossexual da convergência socialista	1981	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Manga Preta	1981	Brasil	Brasília	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Gay	1981	Argentina	San Martin	-----	Gale
Iamuricumá	1981	Brasil	sem informação	-----	Leila Micollis - University of Miami
ALH - Ação de Libertação Homossexual	1981	Brasil	Tabaraja	-----	Leila Micollis - University of Miami
Boca Negra	1981	Brasil	Rio de Janeiro	Fáisca e Pandora	Citado em COLAÇO, 1984
Boletim informativo dialogay	1981	Brasil	Sergipe	-----	AEL-Unicamp
Ora Pombas	1981	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Auê - jornal da sexualidade	1981	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
PLEIGUEI	1982	Brasil	Rio de Janeiro	Aguinaldo Silva	AEL-Unicamp/Gale/ Citado em COLAÇO, 1984 como PlayGay
Boletim dos grupos Auê e Somos	1982	Brasil	Rio de Janeiro	Grupo Auê e Grupo Somos	AEL-Unicamp

Coverboy. Edição especial da Revista Moustache	1982	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Gayvota	1982	Brasil	sem informação	-----	AEL-Unicamp
Supergay	1982	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
O Bandeirante Destemido	[1983]	Brasil	São Paulo	Grupo Outra Coisa	Spartacus, 1983, p. 116
Lambda Gay	[1983]	Colômbia	Bogotá	Instituto Lambda Colômbia	Spartacus, 1983, p. 145
Ellos y su Mundo	[1983]	Colômbia	Bogotá	Oscar Vásquez	Spartacus, 1983, p. 145
Official Monthly Publication of COG	[1983]	Porto Rico	San Juan	Comunidad de Orgullo Gay (COG)	Spartacus, 1983, p. 560
Nuevo Ambiente	1983	México	Cidade do México	Grupo Lambda	Leila Micollis - University of Miami/Gale
Conducta Imprópria	1983	Peru	Lima	-----	Gale/AEL-Unicamp
Crisalida	1983	México	Guadalajara	GOHL	Gale
Okeizinho	1983-2001	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Revista Oficio	[1984]	México	Monterrey	-----	Spartacus, 1984, p. 436
S.L.A.G.H. (Secretariado Latino-americano de Grupos Homossexuai)	1984	Brasil	Salvador	Secretariado Latino-americano de Grupos Homossexuais	AEL-Unicamp/Gale
Postdata	1984	Argentina	Buenos Aires	-----	Leila Micollis - University of Miami/CeDInCI (Drive)
BOLETÍN DE LA COMUNIDAD HOMOSEXUAL ARGENTINA	1984	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Sodoma Gay	1984	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Macho Tips	1984-1989	México	Cidade do México	-----	Digitalizado
Cerdos y Peces	[1985]	Argentina	-----	-----	Spartacus, 1984, p. 32
San Telmo Gay	1985	Argentina	San Telmo	Comunidad Homosexual Arg.	CeDInCI (Drive)/ AEL-Unicamp/Gale
Life Gay	[1989]	Uruguai	-----	-----	Spartacus, 1989, p. 991
Folha Estudantil	1985	Brasil	Cataguases	-----	Leila Micollis - University of Miami
Situación	1985	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Al Margen	1985	Peru	Lima	Galf	Gale
Vamos a andar	1986	Argentina	Buenos Aires	Comunidad Homosexual Argentina (CHA)	CeDInCI (Drive)/ AEL-Unicamp/Gale
Jornal Marlyn Monroe: informação, prazer, cultura e lazer	1986	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Triangulo Rosa	1986	Brasil	Belo Horizonte	Triangulo Rosa	AEL-Unicamp
Narciso	1987	Brasil	-----	-----	Citado em PEREIRA, 2021; Spartacus, 1987, p. 992
Um Outro Olhar	1987	Brasil	-----	-----	Citado em PEREIRA, 2021

Conotaciones	[1984]	Colômbia	Bogotá	Manuel Velandia	Spartacus, 1988, p.154
De Ambiente	[1984]	Colômbia	Bogotá	C.O.R.G	Spartacus, 1988, p.154
Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual	1988	Brasil	São Paulo	Ubiratan da Costa e Silva	Citado em CORDÃO, 2017
Jornal do Jatobá	1988	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Citado em CORDÃO, 2017
Anjo	1988	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Boletim ABIA	1988	Brasil	Rio de Janeiro	Abia	AEL-Unicamp
Y Que	1988	México	Tijuana	Alejandro Garcia	Gale
Urania	[1989]	Colômbia	-----	-----	Spartacus, 1989, p.113
Hermes	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.541
Guia Gay de Costa Rica	1989	Costa Rica	San José	Servicios Graficos Hipo	Gale
Opus Gay	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.541
Así Somos	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.545
Mammy's News	1989	Brasil	sem informação	-----	AEL-Unicamp
Boletim a ponte : boletim informativo do GIV	1990	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Cadernos pela Vidda	1990	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Previna-se	1990	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami
Atobá	1989	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
O Caso	1991	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Deja Vú	1991	Peru	Lima	-----	Citado em MOTT, s.d
K-pranós	1991	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Folha de parreira : boletim informativo	1992	Brasil	Curitiba	-----	AEL-Unicamp
Nós Por Exemplo	1992	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
41 soñar fantasmas	1992	México	-----	-----	Colectivo Sol
Del Otro Lado	1992	México	-----	-----	Colectivo Sol
Suplemento G	1992	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami/AEL-Unicamp
Confidencial Argentina	1992	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
KA-BUUM	1992	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Confidencial	1992	Costa Rica	Curridabat	Maria Amparo Jiménez e Ana E. Obando	Gale
News From Brazil	1993	Brasil	Curitiba	-----	AEL-Unicamp
Orientação Sexual	1993	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Femme	1994	Brasil	Santos	-----	Leila Micollis - University of Miami

ENT&	1994	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Igual Género	1994	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Frontera Gay	1994	México	Tijuana	Emilio Velasquez	Gale
NX	1993	Argentina	Buenos Aires	Nexo Asociación Civil Sin Fines de Lucro	Gale
Ousar Viver	1995	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami
Sui Generis	1995	Brasil	São Paulo	Nelson Feitoso	Acervo Bajuba
LaHora	1996	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
G Magazine	1997	Brasil	-----	Editora Fractal	-----
Nuestro Mundo	1997	Honduras	Tegucigalpa	Colectivo Violeta	Gale
Fuera del Closet	1998	Nicaragua	Managua	Fundación Xochiquetzal	Gale
En Ambiente	1999	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Espejo de S.I.G.L.A.	1999	Argentina	Buenos Aires	SIGLA	Gale
Puerto Rico Breeze	1999	Porto Rico	San Juan	Tom Koontz	Gale
Macho Sex	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Reportagem Proibida: novela erótica gay	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Sex Gay	19??	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Ponto de Encontro	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
X & Y Boletín	2000	Equador	Quito	Corporacion Ecuatoriana de Gays Trangenero (COCCINELLE)	Gale
Info Gay	2001	Costa Rica	San José	AVP publicaciones S.A.	Gale
Boletim do Quimbanda-Dudu	2001	Brasil	Bahia	Grupo Gay Negro da Bahia	Gale
ViceVersa	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Gayness	2001	Costa Rica	San José	Adonay Vilalobos Palma	Gale
Equiláteros	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Gente 10	2001	Costa Rica	San José	Diseño y comunicación	Gale
La Voz de Lambda	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Nada Es Natural	2003	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Revista Júnior	2007	Brasil	São Paulo	André Fisher	-----
Revista ACapa	2007	Brasil	São Paulo	Disponível	-----
Revista DOM	2008	Brasil	São Paulo	Augusto Lins Soares/Fractal Edições	-----
Aimé	2008-2010	Brasil	-----	Grupo Lopso/ Ana Maria Sodré	-----
FHAR Informa	s/d	México	-----	FHAR	Gale
Nós Também	s/d	Brasil	João Pessoa	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp

Arte Livre	s/d	Brasil	Caxias	-----	Leila Micollis - University of Miami
------------	-----	--------	--------	-------	--------------------------------------

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As discussões sobre a imprensa gay latino-americana, assim como seu breve histórico, suas especificidades e conceituação são discutidas no próximo capítulo desta tese, no tópico “*Imprensa Gay Latino-Americana*”. O que podemos verificar previamente a partir deste levantamento é a diversidade de veículos e períodos que existiram.

Vale ressaltar que, neste levantamento, nos detemos à procura por materiais impressos, especificamente entre as décadas de 1960 e 1980, que quando localizados fisicamente foram reproduzidos para compor as análises desta tese e de estudos futuros.

2.3 A análise de conteúdo e os estereótipos identitários

Com o objetivo de aprofundar as análises dentro do escopo das masculinidades e dos estereótipos, foi realizada uma análise de conteúdo das publicações, a fim de compreender seus funcionamentos, aproximações e distanciamentos. A base desta análise está dentro da proposta oferecida por Bardin (2016).

De acordo com a pesquisadora francesa, algumas etapas precisam ser realizadas para que a análise de conteúdo possa ser validada, são elas: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2016, p.123)

Bardin aponta a pré-análise como a parte inicial da organização do material, no qual o pesquisador tem à disposição diversas possibilidades de abordagens e hipóteses. Nesta fase da pesquisa, são propostas “três missões”: a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e objetivos, e a elaboração de indicadores que fomentem a interpretação final (BARDIN, 2016, p. 95).

Para que esses objetivos sejam alcançados, a autora propõe cinco aplicações as quais nos deteremos a seguir: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, e a preparação do material.

De acordo com a autora,

A leitura «flutuante». - A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura «flutuante» por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco: a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos. (BARDIN, 2016, p. 96)

Neste sentido, desde a coleta dos materiais foram realizadas leituras sobre os conteúdos neles abordados, nesse processo foram identificadas algumas semelhanças como a relação dos periódicos e os assuntos abordados com a organização do movimento homossexual na América Latina. Também foi possível denotar a diferenciação de ao menos um grupo de jornais brasileiros, principalmente aqueles do início da década de 1960 que tinham pautas mais definidas à própria sociabilidade dos grupos existentes do que necessariamente sua relação com a sociedade de modo geral.

Com isso, elaboramos a hipótese emergente de que, ao menos no Brasil, existiu uma gama de veículos anterior a da imprensa gay relacionada ao movimento homossexual, chamamos esse fenômeno de protoimprensa gay latino-americana. Esse assunto será abordado com mais detalhes no próximo capítulo, na discussão do conceito da imprensa gay.

Para seguir na preparação da análise, foi realizada a escolha dos documentos, segundo passo sugerido por Bardin (2016, p. 96). Neste sentido, optamos pela construção de um *corpus* que representasse tanto o período que buscamos estudar, quanto as especificidades dos veículos que encontramos em nosso levantamento.

Apesar desta tese abarcar as décadas de 1960 a 1980, verificamos que o primeiro período, especificamente aquele que ocorre nos anos de 1960 a 1970, estão vinculados a protoimprensa gay. Esses conteúdos não foram considerados para a construção de nosso *corpus* de análise, justamente por suas características distintas frente as demais publicações.

Com isso, optamos por estudar e reconstruir o período de uma década de análise com os mais variados periódicos encontrados na América Latina. O ano inicial de nossa análise foi o de 1973, isso porque, trata-se da data de lançamento da Revista Somos, da Frente de Liberación Homossexual (FHL), da Argentina, primeira revista produzida e publicizada por um movimento homossexual latino-americano articulado. Assim, nosso ano final de análise foi 1982, totalizando, portanto, o período de dez anos.

Em nossa análise foram estudados periódicos de quatro países que possuíam publicações relatadas durante este período: Argentina, Brasil, Colômbia e México. Foram excluídos desta seleção inicial dois países: Jamaica, por seu conteúdo estar em língua inglesa e

não necessariamente ser considerado um país latino-americano, apesar de sua proximidade geográfica com a região; e Venezuela, por não termos acesso ao periódico relatado, disponível apenas para acesso presencial na Biblioteca Nacional da Venezuela.

Optamos pela seleção dos periódicos de maior circulação em cada um dos países selecionados. Para isso levamos em consideração a quantidade de edições localizadas, assim como a longevidade da publicação.

A exceção dessa lógica foi o Brasil, que além de selecionarmos o *Lampião da Esquina*, periódico de maior representatividade nacional, acrescentamos outras publicações de diferentes regiões do país devido à grande quantidade de títulos identificados durante um mesmo período provindo de diferentes partes do país. Com isso, temos a seguinte relação de publicações a serem analisadas:

Tabela 7: Publicações selecionadas para análise de conteúdo

Título	País/Região	Anos
Revista Somos	Argentina – Buenos Aires	1973-1976
Gente Gay	Brasil -Rio de Janeiro (Sudeste)	1976-1978
Jornal do Gay	Brasil – São Paulo (Sudeste)	1978-1980
Lampião da Esquina	Brasil – Rio de Janeiro (Sudeste)	1978-1981
Nuevo Ambiente	México – Cidade do México	1979-1981
Revista Rose	Brasil – Paraná (Sul)	1979-1982
Ventana Gay	Colômbia- Bogotá	1980-1982
Gathó	Brasil – Pernambuco (Nordeste)	1980-1981
Manga Preta	Brasil – Brasília (Centro-Oeste)	1981

Fonte: Elaboração própria, 2023

Ainda foi realizada uma segunda seleção para a definição deste *corpus*, com intuito de captar conteúdos mais heterogêneos possíveis, foi selecionada uma edição de cada periódico por ano de circulação coletado, totalizando um total de 22 edições dos nove periódicos, distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 8: Edições selecionadas por periódico para análise de conteúdo

Título	Edições			
Revista Somos	n° 1 - dez/1973	n° 4 - ago-set/1974	n° 6 - ago/1975	n° 8 - jan/1976
Lampião da Esquina	n°2 - jun/1978	n° 16 - set/1979	n° 20- jan/1980	n° 35 -abr/1981
Revista Rose	n° 6 – 1979	n° 19 – 1980	n° 32 - 1981	n° 79- 1982
Ventana Gay	n° 2 - set-out/1980	n° 4 jun/1981	n°10 - ago/1982	

Nuevo Ambiente	n° 1 - jun/1979	n° 2 - jan/1981
Gente Gay	s.n. – 1977	
Jornal do Gay	n° 2 – 1978	
Gatho	n° 2 - nov/1980	n° 4 - jan/1981
Manga Preta	n° 0 - abr/1981	

Fonte: Elaboração própria, 2023

Seguindo a terceira sugestão de Bardin, na qual se faz necessária a elaboração de hipóteses e objetivos (BARDIN, 2016, p. 98), olhamos para o material buscando esse espectro exploratório, já que para ela,

(...) em muitos casos, o trabalho do analista é insidiosamente orientado por hipóteses implícitas. Daqui a necessidade das posições latentes serem reveladas e postas à prova pelos factos, posições estas susceptíveis de introduzir desvios nos procedimentos e nos resultados. Formular hipóteses consiste, muitas vezes, em explicitar e precisar - e, por conseguinte, em dominar- dimensões e direções de análise, que apesar de tudo funcionam no processo. (BARDIN, 2016, p. 98),

Nesse sentido, partimos das hipóteses implícitas de que esses veículos possuem qualidades e objetivos semelhantes, são produzidos por e para gays, além de estarem relacionados à busca da emancipação e direitos relacionados a esse grupo. Além disso, também partimos do princípio de que nesses veículos estão evidentes os estereótipos que validam a possibilidade de uma leitura de seu conteúdo, no sentido de identificar a criação de uma outra masculinidade até então não vigente nos demais espaços da esfera pública da época.

Com isso, nossa análise se direciona primeiro à identificação dos estereótipos existentes dentro desses conteúdos, para depois codificá-los em categorias analisáveis, buscando inferir se, de fato, é possível responder nossa questão sobre a construção de uma outra masculinidade. Nesse sentido, os estereótipos encontrados em nossos conteúdos foram nossos índices, os espaços nos quais buscamos compreender os significados ali expostos, já que “Se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes”. (BARDIN, 2016, p. 99)

Nossos indicadores se fizeram no critério da repetição, entendendo que se trata de uma ênfase, uma marcação que esses estereótipos exerceram naquele grupo, naquele momento. A evocação de figuras de identificação própria, ou de delimitação da imagem do outro, serviu de ferramenta para criar as margens do novo que se desdobrava aos olhos e nos corpos daqueles que exerciam sua sexualidade de uma maneira inédita e buscando seu espaço na esfera pública. Com isso, apesar de estarmos realizando uma análise qualitativa, optamos pela repetição dos

estereótipos como uma evidência de que essas figuras se mostraram importantes durante esse processo construtivo. Para isso, nos apoiamos na definição de que

o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Se se parte do princípio, de que este tema possui tanto mais importância para o locutor, quanto mais frequentemente é repetido (caso da análise sistemática quantitativa), o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativamente a outros. (BARDIN, 2016, p. 100)

Por fim, o último processo realizado durante a pré-análise foi a de preparação do material. Esta fase foi essencial para garantir a qualidade do conteúdo analisado, já que nosso material, por conta da ação do tempo e do modo artesanal que alguns foram elaborados, possuem alguns espaços difíceis de leitura. Como iremos demonstrar nos próximos tópicos, optamos pela utilização do programa *Atlas.ti* em alguns processos de identificação, especificamente para a contagem automatizada de palavras.

Apesar de sua eficácia na leitura em massa, a desvantagem do programa é que sua leitura é realizada apenas em documentos pdf com a tecnologia OCR¹⁸ embutida, ou em conteúdos Word, nos quais a identificação e diferenciação das palavras é possível de ser realizada. Para garantir, portanto, a eficácia dessa leitura automática, foi realizada a digitação de todo o conteúdo disponível nas edições selecionadas para análise, transformando-as em documentos Word legíveis ao programa.

Essa precaução foi necessária, pois, apesar de alguns exemplares possuírem a tecnologia OCR, a maioria deles continha erros de identificação, ou de digitação. Com isso, essa revisão e redigitação foi necessária para a homogeneização do conteúdo e a garantia de que esses problemas de qualidade do material não causassem desvios na pesquisa.¹⁹

A partir deste ponto, passamos a exploração do material (BARDIN, 2016, p. 101) por meio da utilização do software *Atlas.ti*. Foram submetidas ao programa todas as edições dos jornais para a extração dos termos mais frequentemente utilizados. Nesta extração, foram selecionados conforme a representatividade, palavras-chaves relacionadas aos estereótipos identitários e ao modelo da masculinidade hegemônica.

¹⁸ Reconhecimento ótico de caracteres (em inglês: Optical Character Recognition) é uma tecnologia que identifica caracteres em arquivos diversos (pdf, imagens, arquivos de texto). Apesar de sua eficácia, em alguns casos como o nosso, pode ser prejudicada pela qualidade dos arquivos originais.

¹⁹ O conteúdo completo deste processo resultou em um grande arquivo que totaliza 535 páginas A4. Ele pode ser consultado no link: <https://bit.ly/conteudos-jornais-analisados>

De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é justamente um processo de codificação e decodificação dos materiais que fazem parte da pesquisa. A codificação de nossa pesquisa é de caráter semântico, ou seja, conforme a aparição palavras-chaves que denotam sentido aos tópicos que procuramos foram criadas categorias, assim, os conteúdos foram codificados dentro de uma categoria específica de acordo com sua similaridade, sobre a análise por meio de palavras, Bardin afirma:

Todas as palavras do texto podem ser levadas em consideração, ou pode-se reter unicamente as palavras-chave ou as palavras-temas (*symbols* em inglês); pode igualmente fazer-se a distinção entre palavras plenas e palavras vazias, ou ainda efetuar-se a análise de uma categoria de palavras: substantivos, adjetivos, advérbios (...) a fim de se estabelecer quocientes. (BARDIN, 2016, p.104)

Em nosso caso, mantivemo-nos atentos principalmente aos substantivos e adjetivos, que podem expressar as qualidades dos estereótipos identitários. Também foram eliminadas as chamadas palavras-vazias (preposições, pronomes e todas as demais que não estejam relacionadas à temática proposta). Esse processo teve como base essencialmente duas categorias: os estereótipos autorreferenciais e os estereótipos extrarreferenciais.

Os *estereótipos autorreferenciais* são todas as menções nas quais os próprios homossexuais referem-se a si, individual ou coletivamente, que os distingue da sociedade de maneira geral. Podem ser apontamentos realizados contra a figura masculina hegemônica, a figura feminina, seu posicionamento e tratamento frente a instituições, ou o imaginário evocado nos momentos de ação coletiva ou individuais tidas como positivas. Trata-se de todas as referenciais as quais os homossexuais da época se viam de certa forma representados, ou que deveriam representar, por meio de sua ação política e vivência, o papel social por eles desejado.

Já os *estereótipos extrarreferenciais* são aqueles que fazem menção aos demais indivíduos ou grupos sociais que estão fora do imaginário homossexual, em especial as imagens enfatizadas pela masculinidade hegemônica, que se opõem a figura masculina que esses homossexuais desejam construir e experienciar. Neste sentido, daremos mais ênfase e atenção às referências que eram vistas como elementos impeditivos da realização plena da homossexualidade. Com essas duas categorias, buscamos compreender por quais estereótipos foram construídas tanto a autoimagem homossexual, quanto a imagem externa e opressora desta realização.

Ao realizar a listagem de palavras por meio do *Atlas.ti* foram identificados um total de 32.340 diferentes termos, sendo que desses 29.911 foram repetidos menos de dez vezes em toda amostra.

Levando em consideração a escolha metodológica da frequência como um indicador de relevância dentro do conteúdo selecionado, foram identificadas nas palavras que tiveram ao menos 50 repetições, 36 que representam estereótipos identitários, são elas:

Tabela 9: Palavras/Estereótipos selecionadas a partir de 50 repetições

Palavra	Frequência
Amigo	55
Amigos	83
Amizade	63
Bicha	89
Bichas	72
Feminista	52
Feministas	68
Gay	294
Gays	56
Guei	97
Grupo	324
Grupos	191
Hombre	79
Hombres	77
Homem	160
Homens	159
Homossexual	267
Homosexuales	308
homosexualidad	128
Homossexuais	226
Homossexual	220
homossexualismo	69
Lesbianas	74
Machista	58
Mujer	143
Mujeres	142
Mulher	298
Mulheres	280
Negro	54

Personas	61
Pessoa	97
Pessoas	264
Rapaz	56
Rapazes	58
Travesti	69
Travestis	58

Fonte: Elaboração própria, 2023

A partir dessas palavras foram então identificados 7 estereótipos. Para essa categorização, foram juntadas as palavras semelhantes (traduções, plurais e singulares) que tratavam de uma mesma identidade, por exemplo, na categoria mulheres foram incluídas as palavras: mujer, mujeres, mulher e mulheres. As frequências também foram somadas a fim de classificar as categorias mais frequentes e, consecutivamente, de maior assimilação ou oposição a criação da nova masculinidade. As palavras: amigo, amigos, amizade, grupo, grupos, negro²⁰, personas, pessoa, pessoas, feminista, feministas²¹, machismo²², rapaz e rapazes²³ foram excluídas, pois, apesar de serem possíveis estereótipos não estão relacionados à constituição de uma identidade específica, ou não dizem respeito ao assunto abordado nesta tese. Com isso, temos as seguintes categorias de estereótipos identitários definidas:

Tabela 10: Categorias e frequência após junção de palavras selecionadas

Categoria	Frequência
homossexual	1218
mulheres	863
homens	475
Gay	447

²⁰ Apesar de possivelmente denotar um estereótipo identitário, após a recuperação do contexto dos conteúdos verificou-se que muitas expressões estavam ligadas a cor negra, fazendo com que a palavra não obtivesse o mínimo necessário do critério de frequência para ser analisada.

²¹ Durante o processo de classificação da palavra mulher foram identificados conteúdos nos quais as feministas já estavam representadas, portanto, a palavra não foi considerada.

²² A palavra machismo está presente em diversos estereótipos e classificações, não se configurando para nós um estereótipo identitário particular, portanto, a palavra não foi considerada para classificação.

²³ Após uma primeira análise prévia (leitura flutuante do conteúdo) foi identificado que as palavras rapaz e rapazes estavam presentes em conteúdos de anúncios de interesse sexual ou de sociabilidade, portanto, também foi desconsiderada da análise.

lesbianas ²⁴	182
Bicha	161
travesti	127

Fonte: Elaboração própria, 2023

Para denotar as qualidades dos estereótipos, foram geradas subcategorias conforme a recuperação do contexto no qual esses estereótipos foram citados, criando-se subcategorias. Assim, foi apresentado um resumo dessas qualidades delimitando a composição do estereótipo, e trazida uma definição se esses estereótipos se enquadram como autorreferenciais ou extrarreferenciais, noção essencial para a posterior compreensão de como esse estereótipo se relaciona com a nova masculinidade.

Para a classificação dos estereótipos em subcategorias, foi realizada a leitura integral de cada um dos parágrafos nos quais estes estavam dispostos e a aglutinação em categorias se deu conforme suas similaridades; quando as palavras se encontravam dentro de um mesmo parágrafo foi realizada apenas uma classificação. Para a criação de uma subcategoria, levou-se em conta o critério do ineditismo do tema tratado e total distinção desta frente aquela, já que nenhum item categorizado deveria pertencer a mais de uma subcategoria, portanto, optou-se por evidenciar a heterogeneidade desses elementos. Essa análise está detalhada no terceiro capítulo desta tese.

Com isso, finalizamos nosso percurso metodológico, que acabou demonstrando-se por si próprio a construção de processo de conhecimento já que por meio dele foi possível não apenas identificar as leituras necessárias para toda a compreensão e busca de nosso arcabouço teórico para lidar com nosso problema de pesquisa, quanto na própria busca e levantamento de materiais que compõem nosso corpus e o desenvolvimento de ferramentas analíticas capazes de responder nossos questionamentos. No próximo capítulo, os conceitos abordados em nossa tese serão trazidos em mais detalhes e debatidos dentro de suas qualidades e fragilidades, a fim de esclarecer ainda mais este caminhar.

²⁴ Para compor esta categoria, palavras que não foram mencionadas ao menos 50 vezes, mas que estavam atreladas a ela foram acrescentadas, foi o caso das palavras: lesbiana (25 menções), lésbica (33), lésbicas (34) e lesbianismo (16).

Capítulo II: Abordando, desestruturando e reestruturando conceitos

*O que me impede de sorrir
É tudo que eu já perdi
Eu fechei os olhos e pedi
Para quando abrir a dor não estar aqui, mas
Sei que não é fácil assim
Mas vou aprender no fim
Minhas mãos se unem para que
Tirem do meu peito o que há de ruim
(...)
Se recebo dor
Te devolvo amor
E quanto mais dor recebo
Mais percebo que sou indestrutível*

Indestrutível – Pablo Vittar

Nessa pesquisa, trabalhamos três conceitos fundamentais para a compreensão da criação da imprensa gay latino-americana, assim como para o entendimento das representações das masculinidades nela difundidas. O próprio conceito de masculinidades, dentro do espectro do gênero, oferecerá um arcabouço teórico para a compreensão do fenômeno, seu espraiamento social e as relações estruturais envolvidas na construção dessa organização de poder; os estereótipos como ferramenta de análise, já que se tratam de construções imagéticas genéricas das representações identitárias e sociais; e a imprensa gay como espaço para criação de conteúdos e discussões fora do *mainstream* e da norma social.

A ideia, ao trabalhar com esses conceitos, é construir um arcabouço teórico capaz de identificar não apenas a existência de uma imprensa gay latino-americana, mas contextualizá-la dentro de seu período de criação, assim como assimilar as distintas discussões, conteúdos e discursos dentro de uma lógica compreensível e passível de uma análise comunicacional.

Para trabalhar diferentes perspectivas, iremos nos valer dos conhecimentos distribuídos nas diferentes áreas das ciências humanas, em especial, a Sociologia, a Linguística e a própria Comunicação. Neste capítulo, abordaremos em detalhes cada um desses conceitos, trazendo ao final um breve mapeamento da imprensa latino-americana, resultado dos levantamentos da pesquisa.

3.1 Gênero e Masculinidades

A compreensão de uma experiência masculina marcada pelo poder não é difícil de ser enxergada atualmente. Como apontamos em nosso estado de arte, as mulheres vêm lutando pela equidade de gênero há séculos e a razão para isso é a estrutura de poder que as envolve, que tem como figura central o homem - se quisermos ser mais específicos nessa pontuação, o homem branco ocidental heterossexual.

Podemos inclusive indagar se a categoria de gênero não é uma das mais eficazes, no sentido de moldagem do mundo e discurso ocidental, assim como foi e continua sendo a categoria de raça. Para isso, basta tentarmos dimensionar um mundo no qual as pessoas não se identifiquem enquanto homens e mulheres. Partindo do princípio que não há *per se* uma essencialidade das coisas, que não possuímos uma linguagem que expressa a natureza, mas sim que a cria, também é possível compreender a dimensão daquilo que chamamos de gênero, justamente por vermos em nosso cotidiano a quantidade de elementos que essa estrutura toca.

O gênero está em tudo. Desde nossos nomes, roupas, produtos que consumimos, tipos de trabalhos que temos, formas com as quais nos definimos e definimos os outros. O gênero é uma lógica organizacional da realidade da qual dificilmente iremos nos libertar tão cedo. Além disso, é uma lógica organizacional de poder, já que dentro da estrutura social de gênero existem conceitos, políticas e ações que dão contornos e possibilitam a primazia do homem branco frente os demais.

Compreender as masculinidades consiste em entender também a estrutura de gênero a qual a sociedade ocidental foi fundada e permanece estruturada até os dias de hoje. O patriarcado, sistema que sobrepõe o homem frente à mulher, é uma realidade e não se trata de uma novidade. Realidade esta que sustenta a estrutura de gênero e a faz permanecer hegemônica.

Apesar de diversas pesquisadoras e pesquisadores dedicados ao assunto terem demonstrado que a questão de gênero não é tão natural quanto por vezes se apresenta no discurso, o modelo ocidental generificado²⁵ é o que se tornou norma em diversos países,

²⁵ O termo generificado se refere às experiências sociais que passaram de alguma forma pelo processo de gênero. De acordo com a tradutora de “Gênero uma perspectiva global”, Marília Moschkovich: “(...) o substantivo *gender* (*gênero*) foi desdobrado em *gendered*, termo traduzido aqui como “generificado” ou “generificada” – indicando que uma pessoa, grupo, espaço etc. foi tocado ou passou pela rede de processos inclusos na dinâmica de gênero. (CONNELL; PEARSE, 2015, p.17-18)

incluindo os latino-americanos. Já que por meio da ideia, primeiro do difusionismo da religião e posteriormente do capital, estes países se tornaram modelos imperfeitos daquilo era considerado civilização dentro os moldes eurocêntricos.

Portanto, compreender essas relações de gênero é também entender as masculinidades. Quando falamos em gênero, é comum que a figura feminina seja evidenciada, porém, acreditamos, assim como Connell (2015), que a compreensão do gênero se dá ao observá-lo em relação. Ou seja, estudar as masculinidades, em certa perspectiva, é estudar as feminilidades, e o inverso também é verdadeiro, já que ambas são processo e resultado da estrutura social em si.

De acordo com Connell (1987; 2005; 2015), o gênero é construído e corporificado²⁶ em nosso dia a dia, desde os primeiros momentos de nossa vida, marcando-a até o final de nossa existência. Trata-se de uma estrutura social intrínseca à nossa experiência, tão elementar que por vezes acaba não sendo questionada. A autora dará o nome para esse espaço de construção, luta e troca de “*arena reprodutiva*”²⁷, espaço no qual o gênero se faz e se nutre das experiências existentes.

Neste ponto vale ressaltar que há ao mesmo tempo um processo de (re)criação daquilo que experienciamos e vivemos enquanto gênero. É no dia a dia que podemos ao mesmo tempo inovar aquilo que é um homem, ou reforçar a concepção que já existe do que é ser um homem. É este espaço cotidiano que é lido como *arena reprodutiva*, nas ações dos indivíduos que lutam pela hegemonia daquilo que é significado como sendo válido e pertencente a certo gênero ou não. Não por acaso, há no movimento LGBTQIAPN+ a inclusão sempre de novas expressões de gênero e sexualidade, já que este espaço está em disputa e reconhecer uma nova identidade é trazer transformações dentro desta lógica da (re)produção de gênero. Podemos ler cada inclusão de uma letra na sigla como um desdobramento social da arena reprodutiva.

O que torna uma mulher, mulher? O que faz do homem, um homem? Biologicamente, o pensamento clássico aponta as diferenças básicas no sistema reprodutor de pessoas XX e XY

²⁶ Trata-se do processo de “incorporação”, ou seja, absorção no corpo dos processos de gênero. A corporificação é um conceito relevante no pensamento de Connell já que é por meio dela que o gênero ganha forma e passa a existir no tecido social, por meio das experiências corporificadas dos indivíduos.

²⁷ Este conceito é central na dinâmica oferecida por Connell e em sua teoria de estrutura de gênero. Trata-se do espaço social no qual as trocas, lutas por permanência ou superação, inovações, entre outras expressões de gênero se reproduzem. O sentido da reprodução está longe da característica biológica, mas sim, em seu aspecto estrutural social. É por meio de exemplos vivos que o gênero é feito, refeito, produzido e reproduzido socialmente.

como o elemento diferenciador, porém, essa explicação acaba sendo muito superficial inclusive para própria biologia, já que o sexo não se exprime apenas em cromossomos, mas também em características anatômicas, hormonais, psíquicas. Assim como a pele, o sexo perpassa o corpo, em cada ponto ganhando uma tonalidade, uma forma, uma particularidade. Sexo não é sinônimo de genitália.

Uma pergunta que desvela essa superficialidade e que pode ser formulada dentro de uma perspectiva sociológica é: apesar de serem os animais mais próximos uns dos outros, no sentido biológico, porque algumas sociedades preferem reforçar as distinções entre homens e mulheres, ao invés de suavizá-las?

É verdade que diversas experiências vêm questionando o gênero nas suas mais variadas formas, a Teoria Queer, o conceito de performatividades e a atenção aos aspectos de fluidez de gênero têm ganhado espaço. Reverberando, inclusive, na grande imprensa. O bilionário Elon Musk deu a sua criança um nome que não evidencia o gênero, X Æ A-12; a cantora pop Demi Lovato declarou, em maio de 2021, ser de gênero não binário; a família Smith, composta pelos atores Will Smith e Jada Pinkett Smith e seus filhos Jaden, Willow e Trey (filho de Will com Sheree Zampino) são famosos pelo desafio às regras de gênero e do casamento monogâmico.

Porém, vale ressaltar que as estruturas de gênero acabam produzindo respostas a esses desafios, além dos já tradicionais grupos “a favor da família e dos bons costumes”. Uma das celebrações que mais tem evidenciado nos últimos tempos a questão de gênero é o “chá revelação”, (*gender reveal party*, em inglês). A celebração, que consiste na descoberta do gênero da criança ainda não nascida, é geralmente realizada com as cores azul (para os meninos) e rosa (para as meninas) e foi criada em 2008 nos Estados Unidos por Jenna Karvunidis. A festa se tornou uma febre no Brasil e no mundo e, aparentemente inocente, está focada em apenas um aspecto do feto, sua genitália, definidora das cores, estereótipos e do gênero que a partir de então a futura criança deverá passar a adotar para estar dentro da “norma social”.

Apesar de não citar o gênero em sua obra, o primeiro autor que tratou a questão da sexualidade enquanto um normatizador foi Michel Foucault, em sua obra “História da Sexualidade”, particularmente em seu primeiro volume, “A vontade de saber”. Nesta obra, Foucault (2006) demonstra como a sexualidade foi um dispositivo discursivo criado para o controle do sexo e das práticas sexuais. Por meio do conhecimento realizado principalmente em espaços médicos, foram estabelecidas diversas categorizações e normatizações para a compreensão do que seria o correto e o patológico dentro do aspecto sexual. O autor defende

ainda, ao invés da tese então vigente de que houve um silenciamento e envergonhamento sobre o tema da sexualidade, nunca se produziu tanto sobre o sexo durante os séculos XIX e início do século XX.

Existem diversos elementos em nossa sociedade que diferenciam homens de mulheres. As professoras Connell e Pearse (2015) apontam que as estruturas de gênero possuem ao menos quatro dimensões que se interseccionam: produção (trabalho), poder, catexia e simbolismo. Inspirado na forma como as autoras apresentam dados globais que comprovam sua teoria das dimensões do gênero, farei o mesmo neste trabalho, porém, oferecendo dados específicos dos cenários brasileiros e latino-americanos.

3.1.1 Dimensão do trabalho no gênero

Podemos apontar a questão do trabalho doméstico feminino, que inclui desde organizar a casa à criação das crianças, animais, e outros seres que habitam o espaço privado como um dos principais elementos que mantêm a estrutura de gênero. Além do mais, este trabalho, não remunerado, é uma das principais diferenciações do gênero nas relações trabalhistas. Vale ressaltar que, com a crescente emancipação das mulheres, muitas passaram a ocupar espaços em empresas e organizações públicas, mesmo assim, continuam acumulando tarefas dos espaços formais com o trabalho doméstico, a conhecida jornada dupla. Connell e Pearse (2015) apontam justamente essa desigualdade como um elemento definidor da estrutura de gênero:

Na sociedade industrial e comercial que surgiu ao longo dos últimos duzentos anos, que agora chamamos de “capitalismo”, divisões de gênero em diferentes empregos não são a totalidade da divisão social total do trabalho (Glucksmann, 2000). Há uma divisão mais ampla entre “trabalho”, o mundo do trabalho pago e da produção para os mercados, e “casa”, o mundo do trabalho não remunerado. Toda a esfera econômica é culturalmente definida como um universo dos homens (apesar da presença das mulheres ali), enquanto a vida doméstica é definida como um universo das mulheres (apesar da presença dos homens ali). (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 165)

De acordo com estudo “Mercado de Trabalho: conjuntura e análise”, realizado em 2019 pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 1992, tínhamos 56,1% de presença feminina no mercado de trabalho brasileiro, levando em consideração a quantidade de mulheres entre 17 e 70 anos empregadas. Em 2015, esse número saltou para 61,6% e a projeção é de que em 2030 esse índice chegue a 64,3%. Esses dados nos fazem enxergar um movimento paulatino, demonstrando que as mulheres, cada vez mais, têm, de fato, conquistado mais espaço no

mercado de trabalho. Porém, as condições e os custos sociais indicam o quão distantes ainda estamos de uma equidade de gênero.

Quando observamos os cargos gerenciais e as rendas obtidas por mulheres, vemos a operação da estrutura de gênero. Na pesquisa “Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil – 2ª Edição” realizada pelo IBGE, também em 2019, foi constatado que as mulheres ocupam apenas 37,4% dos cargos gerenciais e que estas recebem 77,7% dos rendimentos dos homens no mesmo cargo. E isso ocorre mesmo as mulheres tendo uma formação mais qualificada que os homens, já que entre mulheres de 25 a 34 anos, 25,1% detinham formação em nível superior, enquanto este índice entre os homens era de 18,3%.

A ocupação feminina também oferece um problema social pouco observado, mas bastante relevante, inclusive no Brasil e na América Latina. O fenômeno da entrada das mulheres no mercado de trabalho formal faz com que diversas outras mulheres, principalmente negras e periféricas, passem a cuidar dos trabalhos domésticos e da criação dos filhos de mulheres com mais condições financeiras, uma interseção de classe²⁸.

Também em 2019, foi constatado pelo IBGE que havia no Brasil um total de 6,2 milhões de trabalhadores domésticos e, deste contingente, 92% eram mulheres e, delas, 66% negras. As mulheres com melhores condições financeiras têm auxílio desse contingente de trabalhadoras, que recebiam em média R\$ 925 por mês em 2019. Dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho) apontam que, dos 67 milhões de trabalhadores domésticos existentes no mundo, 18 milhões estão localizados na América Latina (27%) e que desses 88%, são mulheres e 90% dessas trabalhadoras não têm acesso à seguridade social.

Além disso, vale ressaltar que, de acordo com o Índice de Feminidade da Pobreza, do Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e Caribe, iniciativa da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), para cada 100 homens pobres, havia, em 2019, 112,7 mulheres na mesma situação, demonstrando que as relações de trabalho têm influência direta na qualidade de vida e consequente autonomia desse público.

²⁸ Um ótimo retrato ficcional deste fenômeno é o filme “Que horas ela volta”, dirigido por Anna Muylaert e protagonizado por Regina Casé. O filme foi lançado em 2015 retratando a realidade de uma empregada doméstica na vida de uma família de classe média alta brasileira. O filme recebeu diversas indicações e prêmios no Brasil e no mundo.

Olhando para esses dados, não podemos deixar de fazer ao menos uma pergunta: “Seria esse, a sobrecarga da mulher, em especial da negra periférica, um dos reflexos mais dramáticos das relações de gênero no mundo atual?”.

Apesar de sempre fazer parte das atividades de produção, inclusive em fases pré-capitalistas, a estrutura de gênero força a mulher ocidental ao ostracismo ou ao trabalho doméstico gratuito, movendo as mulheres das camadas mais baixas ao lugar que delas histórica e infelizmente, sempre foi seu dever, o da servidão. Como aponta Safiotti (1978)

O primeiro contingente feminino que o capitalismo marginaliza do sistema produtivo é constituído pelas esposas dos prósperos membros da burguesia ascendente. A sociedade não prescinde, entretanto, do trabalho das mulheres das camadas inferiores. Muito pelo contrário, a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai oferecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que para o processo de acumulação rápida de capital era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então (SAFIOTTO, 1978, p. 21).

Portanto, não só o trabalho configura a estrutura de gênero, como é configurado por ela, a partir do momento que se aproveita das características femininas para oferecer menores salários e piores condições de vida. Vemos, portanto, nesse espaço da *arena reprodutiva* a intensificação da figura feminina como inferior e incapaz, por meio de sua desvalorização individual e coletiva. Ainda mais, é por meio de um sistema de violência reiterado que as mulheres acabam sendo retiradas dos espaços de conhecimento, de acordo com Rich essa ação é realizada de algumas maneiras:

Ao retirá-las de amplas áreas de conhecimento e de realizações culturais da sociedade – [por meio da não educação das mulheres; do “Grande Silêncio” quanto às mulheres e, particularmente, da existência de lésbicas na história e cultura; do monitoramento por sexo como um fator para desviá-las da esfera das ciências, da tecnologia e de outras profissões “masculinas”; dos laços sociais e profissionais masculinos que excluem as mulheres; da discriminação das mulheres nas profissões]. (RICH, 2012, p.25)

Trata-se de uma exclusão sistêmica que surge como característica da estrutura de gênero, que evidentemente a configura e mantém como tal, fazendo que a masculinidade agregue como inerentes ao homem os valores de eficiência, completude, capacidade, inovação, entre outros.

3.1.2 Dimensão do poder no gênero

O poder pode ser lido de diversas formas, desde a concepção foucaultiana, na qual ele é exercido por todos nas mais diversas interações sociais, como aponta em sua microfísica, até a ideia de uma estrutura definida e definidora, quase como um ente presente em nosso dia a dia com o qual devemos batalhar.

Para esta pesquisa, o poder terá uma dimensão menos complexa, na qual poderemos identificá-la por meio dos espaços sociais dirigentes nos quais algumas figuras de autoridade possuem a capacidade de definição e comando, afetando assim a vida de milhares ou milhões de pessoas ao seu redor. Portanto, buscarei compreender a interferência do gênero nas estruturas e instituições sociais. De acordo com Connell (2005):

O Estado, por exemplo, é uma instituição masculina. Dizer isso não quer dizer que as personalidades dos principais detentores de cargos masculinos de alguma forma se infiltram e mancham a instituição. É dizer algo muito mais forte: que as práticas organizacionais estatais são estruturadas em relação à arena reprodutiva. A esmagadora maioria dos altos cargos são ocupados por homens porque há uma configuração de gênero do recrutamento e promoção, uma configuração de gênero da divisão interna do trabalho e sistemas de controle, uma configuração de gênero da formulação de políticas, rotinas práticas e formas de mobilizar prazer e consentimento. (CONNELL, 2005, p.73 – tradução livre)

Connell (1987) também aponta que o poder dialoga com uma vertente bastante comum do nosso dia a dia: a violência. A violência é o processo brutal e autoritário do exercício do poder.

Dentro da concepção moderna, os Estados são aqueles que detêm o poder, inclusive, como aponta Weber (1919), os Estados são a representação do monopólio legítimo da violência. Como também aponta o autor, este monopólio deve estar ancorado dentro de um processo de legitimação, que nas sociedades ocidentais se caracteriza atualmente por meio dos processos de eleição.

Desde a época do império, temos os homens nos lugares de poder em toda América Latina. O exemplo brasileiro não difere, assim que o país foi colonizado por Portugal, seu território foi dividido em capitânicas hereditárias, todas elas comandadas por homens. Durante os mais de trezentos anos de domínio português no país, tivemos apenas três mulheres em cargos representativos: D. Maria I (1815-1822), como rainha reinante do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; D. Leopoldina, regente durante 1822; e D. Isabel, regente durante períodos variados entre 1870 e 1888.

A primeira mulher a ser empossada em um cargo executivo na América Latina por meio do voto foi Alzira Soriano. Em 1929, recebendo 60% dos votos da população de Lajes, Rio Grande do Norte, foi eleita prefeita da cidade mantendo-se no cargo por menos de um ano, após rejeitar o posto de interventora municipal por entender que se tratava de uma afronta ao estado democrático. (AS ALZIRAS, s/d)

A primeira e única presidenta eleita no país foi Dilma Rousseff cumprindo seu primeiro mandato entre 2011 e 2014. Sendo reeleita, assumindo a presidência em 2015 até 31 de agosto de 2016, quando teve seu mandato caçado em uma nítida manobra política, cercada de campanhas misóginas e machistas.

Se olharmos os exércitos, espaço legitimado do Estado para o exercício da força, vemos que a participação feminina também não é maioria. De acordo com o estudo “Situações extraordinárias: a entrada de mulheres na linha de frente das Forças Armadas brasileiras”, realizado pelo Instituto Igarapé em 2017, as mulheres representam 8% das forças armadas brasileiras, sendo elas locadas em áreas como logística, saúde e administração.

Em 2016, existiam 176 generais no Exército brasileiro, todos homens; na Força Aérea o mesmo se repete dos 102 generais, 102 eram homens. A “exceção” nesse caso é a Marinha, já que, de seus 104 generais, em 2016, uma era mulher. Ainda de acordo com o Instituto Igarapé, apenas seis países na América Latina permitem o acesso total de mulheres em suas forças armadas: Argentina, Bolívia, Colômbia, Nicarágua, Uruguai e Venezuela.

Se há falta de representatividade nos cargos políticos e espaços de poder institucionalizados, a violência de gênero, resultado do poder nas mãos dos homens frente às mulheres, oferece dados inversos.

Em 2017, os dados do Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), no qual são registradas queixas sobre abusos e violência de gênero, registraram um total de 26.835 casos de estupro no Brasil, sendo as mulheres 89% das vítimas desses casos. 67% dos casos de violência, em 2017, também tiveram como vítimas as mulheres.

De acordo com a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), ao menos 4.091 mulheres foram vítimas de feminicídio na região em 2020. Sendo que os países que apresentaram os índices de violência mais elevados foram Honduras (com 4,7 casos a cada 100 mil mulheres), República Dominicana (2,4 para cada 100 mil mulheres) e El Salvador (2,1 a cada 100 mil mulheres).

Essa ideia do poder reforça a ideia da fragilidade das demais figuras, em especial, da feminina. Já que esses posicionamentos são tidos como características essenciais, de mérito e natas da masculinidade hegemônica. O atrelamento aos espaços de poder é essencial para a manutenção discursiva e social que fundamenta a primazia do masculino.

3.1.3 Dimensão da catexia no gênero

Dimensão de mais difícil assimilação, a catexia diz respeito as relações emocionais estabelecidas pelo desejo voltado a um objeto específico. O conceito foi formulado por Freud e apropriado por Connell (1987; 2005) e Connell e Pearse (2015) para demonstrar como a estrutura de gênero é produzida por meio de construções sociais ligadas ao aspecto emocional dos seres humanos. Como aponta Connell:

[...]o desejo sexual é tão frequentemente visto como natural que é comumente excluído da teoria social. No entanto, quando consideramos o desejo em termos freudianos, como energia emocional ligada a um objeto, seu caráter de gênero é claro. Isso é verdade tanto para o desejo heterossexual quanto para o homossexual. (É impressionante que em nossa cultura a escolha de objeto sem gênero, desejo 'bissexual', seja mal definida e instável.) As práticas que moldam e realizam o desejo são, portanto, um aspecto da ordem de gênero. (CONNELL, 2005, p. 73 – tradução livre)

Atualmente, há uma relação profunda ligada ao gênero conforme a energia emocional é direcionada a um ou outro sujeito ao ponto de serem designadas categorias de “diferentes seres” conforme sua catexia. Homens cisgêneros que possuem atração sexual por seus iguais são denominados gays ou homossexuais, enquanto homens cisgêneros que sentem atração por mulheres são considerados heterossexuais. O mesmo ocorre com as mulheres, quando a relação emocional está ligada ao mesmo sexo, são lésbicas, caso tenham atração sexual por homens, também estão no espectro heterossexual. O compromisso emocional relacionado à sexualidade – catexia – cria tipos de seres humanos no mundo ocidental.

Esse tipo de classificação não é uma verdade em toda a experiência humana, nem em sua história, como demonstra Connell (1987). Se pegarmos como exemplo histórico a sodomia, perceberemos que no Brasil muitos grupos indígenas tiveram suas sexualidades questionadas e proibidas, como foi o caso dos povos tupinambás e tupinaé (TREVISAN, 2018, p.63). O termo

que resume as experiências não reprodutivas como pecados frente à igreja reunia uma série de experiências sexuais que desviava o desejo sexual para longe da reprodução.²⁹

Vale ressaltar que essa conexão se dá por meio da energia direcionada, sendo ela positiva ou negativa. A homofobia e os crimes de ódio praticados por homens considerados heterossexuais contra gays também decorrem de uma catexia – um compromisso emocional – negativa:

Freud usou o termo "catexia" para se referir a uma carga psíquica ou energia instintiva ligada a um objeto mental, ou seja, uma ideia ou imagem. Aqui estou generalizando para a construção de relações sociais emocionalmente carregadas com "objetos" (ou seja, outras pessoas) no mundo real. Assim como no uso de Freud, é importante notar que o apego emocional pode ser hostil ao mesmo tempo, ou seja, ambivalente. A maioria dos relacionamentos próximos tem esse grau de complexidade. (CONNELL, 1987, p.112 – tradução livre)

Esse conceito é essencial para compreendermos a questão de gênero como um constructo social e não dentro dos paradigmas biológicos ou essencialistas que apontam para a diferenciação sexual como elementar e distintiva entre homem e mulher.

Uma forma de compreender bem essa formação sexual da sexualidade são as proibições realizadas pelas sociedades como forma de organização. Connell (1987) oferece como exemplo o incesto, a homossexualidade em alguns contextos, assim como as leis contra estupro. Nos três casos, são evidenciadas sobreposições de regras sociais a frente de qualquer outro argumento, seja ele o instinto biológico ou a essência dos seres envolvidos. Trata-se de um modelamento dos desejos sexuais por meio da vida social, amplamente permitidos pela sociedade.

Esse constructo deixa evidente a fragilidade da lógica existente hegemonicamente de que há uma relação causal entre sexo biológico, gênero social e identidades e subjetividades sociais, no qual quem tem pênis se identifica como homem e adota uma postura heterossexual, direcionando seu desejo ao ser oposto.

Uma das principais contribuições da Teoria Queer é exatamente a de demonstrar as interseções existentes nesses processos fazendo com que apesar de terem um sexo biológico (em suas variadas dimensões, não apenas genital), as pessoas possam construir suas identidades, subjetividades e desejos de maneira que desejarem, sem necessariamente adotar a “causalidade imposta” pela heteronormatividade compulsória.

²⁹ Para saber mais sobre a sexualidade no período colonial brasileiro ler: Devassos no Paraíso - TREVISAN, João Silvério.

3.1.4 Dimensão do simbolismo no gênero

A dimensão da estrutura de gênero a qual o campo da comunicação tem mais se atentado é aquela relacionada ao simbolismo e às formas como as quais homens e mulheres são representados, identificados e, por assim dizer, simbolizados nos diversos meios de comunicação.

Essa dimensão simbólica do gênero é apenas apresentada por Connell e Pearse (2015), compondo a já existente tríade conceitual que estabelecia essa estrutura desde o lançamento do livro *Gender & Power* em 1987. Com ela, passa a existir na proposição teórica de Connell uma camada específica e relevante sobre o campo simbólico da luta na arena reprodutiva.

Como aponta Connell e Pearse (2015), o simbólico, apesar dos diversos estudos ligados à linguagem, diz respeito a muitos outros elementos que compõem nosso dia a dia e fazem com que as distinções de gênero sejam reforçadas:

Apesar de a linguagem – falada e escrita – ser o campo mais analisado das relações de gênero, não é o único. O simbolismo de gênero também opera em roupas, maquiagens, gestos, fotografias, filmes e em formas mais impessoais da cultura, como na ambientação construída. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 174).

A cultura e o discurso estão dentro da questão do simbolismo, já que cada um de seus elementos encontram-se interligados. O kilt escocês, por exemplo, tem um significado particular na Escócia bastante diferente daquele utilizado no Ocidente para vestimentas que se assemelham às saias tidas basicamente como vestimentas femininas.

Como já citamos, alguns avanços têm sido dados nesse campo, porém, as respostas às tentativas de transpor o simbolismo de gênero existente possuem fortes reações, como é o caso do já citado “chá revelação”, uma celebração ao gênero do feto semidesenvolvido.

A dimensão do simbolismo atravessa um conceito que durante bom tempo foi utilizado na Sociologia dos papéis sociais, de caráter funcionalista, este conceito buscava compreender a alocação dos indivíduos conforme sua função social. Carregado de simbolismo, esse conceito, hoje questionável em seus moldes originais, se baseava naquilo que estava determinado no social pela estrutura de gênero a fim de estabelecer o local ao qual cada qual deveria desempenhar na sociedade. Fazendo alusão ao exemplo passado do trabalho doméstico, dentro desta lógica, o papel social feminino dificilmente estaria desalocado da lógica do trabalho no espaço privado, vide que este é um mecanismo fundamental para a continuação da perpetuação das desigualdades.

Neste sentido podemos novamente chamar atenção as discussões realizadas pela Teoria Queer, que busca por meio da performatividade questionar esse poder simbólico do gênero. Quando uma *drag queen* transforma seu corpo, seja ele com trejeitos masculinos ou femininos, em arte, desafia as normas e os padrões estabelecidos pelo simbolismo. O mesmo ocorre quando uma pessoa desafia os padrões simbólicos estabelecidos na sociedade em torno do gênero. Uma menina brincar de carrinho, uma mulher mais masculinizada, um menino que brinca de bonecas e casinha, um homem que demonstra seus sentimentos e chora... mesmo que estando dentro da lógica da heteronormatividade compulsória, sofrerão sanções sociais por não representarem aquilo que foi determinado aos seus corpos e condutas.

O simbolismo de gênero é propagado pela cultura e pelos relacionamentos, em nosso mundo cotidiano, as mídias têm grande influência. Na *arena reprodutiva* podem servir de alicerce a estrutura de gênero ou como forma de aos poucos desconstruí-la ou questioná-la. Os exemplos da masculinidade hegemônica são diversos. Os heróis, os homens super musculosos, os atletas viris, todos eles compõem o imaginário deste ser que tem iniciativa, carrega consigo a força expressa em seu corpo, é capaz. O contrário também ocorre as mulheres, claro, de forma depreciativa e na maioria das vezes tendo seu corpo exposto como objeto sexual.

Porém, é possível vermos na sociedade uma ressignificação desse simbólico, mulheres sendo apresentadas em posições de poder, o filme *Barbie*, lançado em 2023 e que foi uma febre mundial pode ser considerado um desses exemplos. A inclusão de pessoas, corpos e povos periféricos, longe do padrão estético branco e europeu também são formas de acrescentar diversidade a esse aspecto do simbolismo de gênero. As pessoas não são todas brancas, loiras, magras e altas e este não deve ser o padrão de beleza delas exigidos. Nosso simbólico pode ampliar esses padrões para pessoas gordas, pretas, asiáticas, indígenas, de cabelos com as mais variadas texturas e tamanhos, buscando ver a beleza naquilo que é diverso.

3.1.5 O conceito de Masculinidades

As Masculinidades como conceito são um fenômeno que pode ser considerado recente nas Ciências Sociais. Essa abordagem surgirá com a criação do livro de Connell, em 1995, intitulado justamente como “*Masculinities*” (Masculinidades). Ou seja, apesar da presença cotidiana das relações de gênero existirem há milênios, há menos de três décadas estamos refletindo as masculinidades enquanto um fenômeno cultural específico.

A primeira e mais importante contribuição de Connell ao campo das Masculinidades é apresentá-lo como plural. Ao invés de tratarmos todas as expressões como uma normativa e única possibilidade, são abertas portas para a concepção, existência e verificação da autenticidade de outras formas de performar a masculinidade que não aquela tida como hegemônica, termo também cunhado pela autora australiana, com base no pensamento de Gramsci.

O esquema teórico das Masculinidades de Connell parte daquilo que já abordamos nos tópicos anteriores, entendendo que todas as relações de gênero estão dentro de uma estrutura, sendo resultado e produto das disputas que ocorrem dentro da *arena reprodutiva*.

A definição das Masculinidades como objeto de estudo e a chegada a concepção delas dentro da estrutura de gênero partiu da verificação de ao menos quatro pontos perspectivos teóricos. Connell afirma que, nos estudos das Ciências Sociais, as definições essencialistas, normativas, semióticas e da ciência positivista buscaram enxergar as Masculinidades a partir de suas lógicas. Porém, a autora demonstra diversos pontos de oposição com a forma como cada uma delas refletiu sobre o fenômeno. (CONNELL, 2005)

Em resumo, as definições essencialistas buscam, de maneira nem sempre harmônica, uma característica única para a definição de masculinidade. De acordo com Connell “A fraqueza da abordagem essencialista é óbvia: a escolha da essência é bastante arbitrária.” (CONNELL, 2005, p. 67). Já a busca da ciência positivista está na tentativa de estabelecer como fato aquilo que o homem é, da qual a autora aponta três dificuldades principais: a da inexistência da imparcialidade no processo de produção científica; a necessidade de uma classificação prévia na dicotomia homem/mulher para que os processos pudessem ser observados na realidade empírica; e a inflexibilidade do uso para atitudes de mulheres masculinas, homens femininos.

A definição normativa se pauta naquilo que os homens deveriam ser, o problema desta teoria, de acordo com a autora, é que poucos homens se aproximam de fato da norma estabelecida. Ela utiliza atores de Hollywood como exemplos e o quão distante essas figuras estão da realidade cotidiana da maioria dos homens. Por fim, a autora confronta as abordagens semióticas nas quais a masculinidade acaba sendo observada em seu aspecto simbólico e caracterizada como não-feminilidade. O principal ponto para autora é que:

Essa definição de masculinidade tem sido muito eficaz na análise cultural. Escapa à arbitrariedade do essencialismo e aos paradoxos das definições positivistas e normativas. É, no entanto, limitado em seu escopo – a menos que se suponha, como alguns teóricos pós-modernos fazem, que o discurso é

tudo sobre o que podemos falar na análise social. Para lidar com toda a gama de questões sobre masculinidade, precisamos de maneiras de falar sobre relacionamentos de outros tipos também: sobre lugares de gênero na produção e consumo, lugares em instituições e em ambientes naturais, lugares em lutas sociais e militares. (CONNELL, 2005, p. 71 – tradução livre)

Com a definição proposta por Connell, portanto, temos as masculinidades dentro de seu espectro social, com as dinâmicas inerentes as suas formações e transformações. Porém, esse pluralismo não se trata de uma simplificação, não basta observarmos as masculinidades como “a masculinidade negra”, a “masculinidade da mulher”, “a masculinidade dos jogadores de futebol”. Parte essencial é a estrutura na qual estão inseridas, nesse contexto é que autora apresenta quatro formas de masculinidades que são apresentadas socialmente em formas de estruturas.

A principal delas é a masculinidade hegemônica. Partindo do conceito gramsciano de hegemonia, a autora demonstra a existência de uma estrutura masculina que serve como forma legitimadora do patriarcado, ou seja, é por meio dessa masculinidade que os homens acabam por manter sua posição de privilégio social na arena reprodutiva. Essa masculinidade não é aquela exercida pela maioria dos homens, mas, sim, a que oferece a condição essencial de sua predominância social:

O conceito de 'hegemonia', derivado da análise das relações de classe de Antonio Gramsci, refere-se à dinâmica cultural pela qual um grupo reivindica e sustenta uma posição de liderança na vida social. A qualquer momento, uma forma de masculinidade em vez de outras é culturalmente exaltada. A masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração da prática de gênero que encarna a resposta atualmente aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é tomado como garantia) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. (CONNELL, 2005, p. 77- tradução livre).

Dentro desta lógica de poder, existem as masculinidades subordinadas; são aquelas masculinidades que podem ser consideradas como desviantes, opositivas ou negadoras da masculinidade hegemônica. De acordo com Connell, a principal masculinidade subordinada dentro da cultura europeia/estadunidense é a homossexualidade masculina, já que nesta lógica a masculinidade homossexual seria vista como feminilidade.

Essa demarcação de subordinação é vivenciada dia a dia por homens gays por meio de exclusões econômicas, culturais, da vida social masculina e também por meio da violência. No

Brasil, a violência é um dos pontos mais críticos, já que o país possui altos índices de assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+, em 2021, foram 300 vidas perdidas, de acordo com o relatório produzido pelo Grupo Gay Bahia “Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil – 2021”. Ou seja, além de simbólica, trata-se de uma subordinação física e bastante tangível, de acordo com Connell:

A opressão posiciona as masculinidades homossexuais na base da hierarquia de gênero entre os homens. A homossexualidade, na ideologia patriarcal, é o repositório do que é simbolicamente expelido da masculinidade hegemônica, os itens que vão desde o gosto meticuloso na decoração da casa até o prazer anal receptivo. Assim, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a homossexualidade é facilmente assimilada à feminilidade. E daí - na visão de alguns teóricos gays - a ferocidade dos ataques homofóbicos. (CONNELL, 2005, p. 78 – tradução livre)

A masculinidade cúmplice³⁰ trata-se, na realidade, da masculinidade exercida pela maioria dos homens, já que, apesar deles não performarem uma masculinidade hegemônica, ganham com o espraiamento social que a hegemonia garante a figura masculina. São, portanto, homens que não se opõem ao sistema patriarcal tornando-se cúmplices dele.

Por fim, temos, dentro do esquema de Connell a masculinidade marginalizada. Trata-se das relações exteriores e interseccionais que afetam diretamente a masculinidade, transformando-a. A autora dá atenção especial às relações de classe e de raça, apontando que, por exemplo, as masculinidades negras são marginalizadas frente às masculinidades brancas e isso pode ocorrer de diversas maneiras:

As relações raciais também podem se tornar parte integrante da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, as masculinidades negras desempenham papéis simbólicos para a construção do gênero branco. Por exemplo, estrelas esportivas negras tornam-se exemplos de dureza masculina, enquanto a figura fantasiosa do estuprador negro desempenha um papel importante na política sexual entre os brancos, um papel muito explorado pela política de direita nos Estados Unidos. Por outro lado, a masculinidade hegemônica entre os brancos sustenta a opressão institucional e o terror físico que moldaram a construção das masculinidades nas comunidades negras. (CONNELL, 2005, p. 80 – tradução livre).

Com isso, temos o esquema no qual as masculinidades acabam entrando na estrutura de gênero como elementos essenciais para sua compreensão. Há uma dinâmica de subordinação

³⁰ A autora utiliza apenas o termo “*cumplicity*”, que pode ser traduzido como cumplicidade em português. Porém, para estabelecer uma linguagem padrão adotou-se o termo “masculinidade cúmplice” por entender que assim como as demais “masculinidade hegemônica”, “masculinidade subalterna” e “masculinidade marginalizada” auxiliam na compreensão geral da estrutura dos conceitos.

que atinge todas as mulheres, assim como as demais masculinidades, hierarquizadas a partir do ideal da masculinidade hegemônica. Essa hegemonia, vale ressaltar, é alterada conforme o tempo. Não é a mesma masculinidade que no início do século servia como modelo que segue vigente nos dias de hoje, assim como não se trata de um conceito que pode ser aplicado sem a devida verificação do contexto e da cultura na qual está sendo estudada. O que pode ser hegemônico no Brasil, pode não na Coreia do Sul e o contrário também é verdadeiro.

3.2 Estereótipos

A complexidade do processo comunicacional oferece chances de nos debruçarmos sobre seus diversos aspectos. Seu imbricamento com a cultura e a cognição fazem com que, ao mesmo tempo, compreendamos o mundo ao nosso redor e passemos a interagir com ele. Um processo psíquico, social, linguístico, cultural, mas que traz consigo suas próprias qualidades e consequências.

Não por acaso, a ideia de estereótipo, o conceito como conhecemos hoje é amplamente difundido socialmente, surge por meio de um texto do jornalista Walter Lippman, que em sua obra “Opinião Pública” (1922), entre outras colaborações, busca compreender o papel do estereótipo na comunicação.

Irei abordar este conceito dentro de uma proposição comunicacional, o que significa não deixar de lado seus aspectos psíquicos, sociais, linguísticos e culturais, mas sim tentar compreendê-lo dentro desta lógica complexa como um dos resultados do processo de comunicação.

Neste trabalho, o estereótipo será compreendido como a estabilização, por meio do reducionismo, de uma imagem acústica de acordo com as normas culturais vigentes em cada sociedade para a facilitação da comunicação humana.

Apesar disso, é necessário levar em consideração o aspecto coletivo cultural que o estereótipo pode carregar. Diversas situações de desigualdades são enfrentadas cotidianamente por grupos sociais estigmatizados por meio dos estereótipos. Mulheres negras são hipersexualizadas, homens negros são mortos apenas por serem quem são, culturas inteiras são relegadas a pequenos significados que, na prática, podem se transformar em preconceito ou até mesmo violências físicas e assassinatos.

Existem diversas abordagens para aquilo que atualmente conhecemos como estereótipo; as três principais vêm da linguística, das ciências sociais e da análise do discurso. Buscarei neste tópico abordar essas três visões, dando o caráter de complexidade que o estereótipo merece enquanto conceito, ao mesmo tempo em que, demonstrarei que ele pode ser uma chave de análise importante para os estudos da Comunicação.

3.2.1 O caráter comunicacional do estereótipo

No Curso de Linguística Geral, de Fernand Saussure (1916), nos é apresentada a tríade signo, significado e significante, que resume a forma como o processo psíquico capta a realidade social, transformando-a em linguagem.

É dentro desta tríade que se encontra o caráter comunicativo dos estereótipos. De acordo com o autor francês, o signo une um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante), trata-se de um processo sensorial:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrata. (SAUSSURE, 2006, p.80)

Ou seja, compreendemos a realidade por meio de um processo de assimilação mediado pela linguagem. Apesar de não estar inicialmente relacionado ao conceito de estereótipos, esse elemento é essencial para que compreendamos o caráter comunicativo que ele possui. Seria o estereótipo outra coisa que não uma imagem acústica?

A simplificação é um processo essencial para a compreensão da realidade, por isso, esse processo se dá de maneira acumulativa e relacionada à cultura na qual estamos inseridos. Justamente por isso, os significados não são neutros, possuem uma relação íntima com a vida cotidiana, são construídos em situações específicas. Ao explicar a importância do simbolismo na estrutura de gênero, Connell e Pearse (2015) apresentam de maneira bastante clara como as categorias de homem e mulher acionam seus respectivos significados:

Quando falamos em “uma mulher” ou “um homem”, ativamos um imenso sistema de entendimentos, implicações, sobretons e alusões que se

acumularam ao longo de nossa história cultural. Os “significados” dessas palavras são muito maiores do que as categorias biológicas de macho e fêmea. (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 172)

De acordo com nossa visão, esses significados são materializados enquanto estereotípias. Temos uma imagem, mais ou menos coletiva, do que é uma mulher ou um homem. Imagem em disputa e construção, porém, que para ser comunicada se baseia em uma estabilidade simbólica.

Conforme já antecipado, a primeira menção ao conceito nas Ciências Sociais foi feita por Walter Lippman, no livro *Opinião Pública*. Nele, o autor aponta como o estereótipo é um elemento essencial do nosso dia a dia, pelo fato de termos a capacidade de compreender apenas uma parte da realidade ao nosso redor.

De acordo com o autor, visão com a qual compartilho, vivemos uma experiência limitada da realidade, da qual apreendemos e interpretamos uma pequena parte. Portanto, para termos possibilidades de compreender o nosso entorno, realizamos simplificações daquilo que assimilamos cotidianamente, armazenamos em nossas memórias e resgatamos quando algo nos parece semelhante ou totalmente opositivo aquele significado que possuímos. A vida social sem os estereótipos não seria possível, ou se tornaria completamente diferente da que levamos atualmente, nas palavras do autor:

As mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Conta-nos sobre o mundo antes de nós o vemos. Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos. E estas preconceções, a menos que a educação tenha nos tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção. Eles marcam certos objetos como familiar ou estranho, enfatizando a diferença, de forma que o levemente familiar é visto como muito familiar, e o de alguma forma estranho como profundamente alienígena. São despertados por pequenos sinais, que podem variar desde um índice verdadeiro até uma vaga analogia. (LIPPMAN, 2008, p. 91)

O autor continua afirmando que a projeção do mundo realizada pelos estereótipos está ligada à nossa memória e às uniformidades que existem no ambiente, formando uma comunicação possível por meio da simplificação. E afirma que a abdicação completa aos estereótipos não é possível já que “renúncia a todos estereótipos por uma completa inocente aproximação à realidade empobreceria a vida humana”. (LIPPMAN, 2008, p. 92)

Bernard Fradin e Jean-Marie Maradin (1979) fazem uma leitura importante para nossa compreensão da dimensão comunicativa dos estereótipos dentro da lexicografia³¹. Para os autores, ao descrever um elemento, o lexicógrafo criará um estereotipo como referência, já que sua definição será o mais próximo possível de um conjunto de características que identifiquem genericamente o elemento a ser retratado. Em outras palavras, por meio de uma descrição mínima e distintiva de outros elementos semelhantes, será desenhada uma classe genérica o suficiente para torná-la compreensível para qualquer falante do idioma.

No texto “*Autour de la définition: de la lexicographie à la sémantique*” (Em torno da definição: da lexicografia à semântica), os autores apresentam como exemplo a descrição da palavra “corvo” como sendo “alto, de plumagem negra, bico forte e ligeiramente curvo, com fama de necrófago” (FRADIN; MARADIN, 1979, p.61 – tradução livre). Apontam que esses elementos não são fechados, ou descritos hierarquicamente, podendo inclusive serem alterados ou questionados. Porém, o que chama atenção neste estudo é a forma como esse conhecimento é construído e repassado, sendo essencial a formação estereotipada para que seja dado sentido à palavra:

O que esta definição dá é uma descrição que o lexicógrafo considera mínima, dos objetos denotados pela palavra “corvo”. (...) Conceber esta descrição desta forma define claramente o objetivo que o lexicógrafo se dá ao escrever tal definição: dar critérios suficientes (“características distintivas”) para permitir ao leitor distinguir um corvo de uma águia e torná-lo capaz de entender ou usar essa palavra em qualquer contexto. Se assim for, não é possível definir uma função de verdade para esse tipo de substantivo: corvo não é (sempre e somente) verdadeiro para objetos “com tal bico e tal plumagem”. “Ter tal bico e tal plumagem” são critérios que permitem constituir uma classe de objetos, “os corvos”. A noção de extensão (definida na filosofia medieval para denotar a classe de objetos para os quais um termo é verdadeiro) só pode ser mantida à custa de uma idealização diferente, que é o que qualquer dicionário de linguagem faz implicitamente: é possível constituir o estereótipo ligado a um substantivo, um estereótipo que lhe permite funcionar como objeto de discurso (ou seja, ter um efeito de referência extralinguística em um discurso) para qualquer leitor do dicionário. “Ter plumagem negra, bico forte e ligeiramente curvo, ser necrófago” constitui um conjunto de critérios suficiente para que os falantes possam falar de uma classe de objetos substancialmente semelhante quando usam a palavra “corvo” (FRADIN; MARADIN, 1979, p.62 – tradução livre).

Em outras palavras, trata-se de um processo comunicativo de simplificação para a mínima compreensão do que está sendo enunciado dentro de suas características mais

³¹ Área de estudo dos léxicos responsável pela organização e elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

marcantes e gerais. Essa compreensão semiótica dos estereótipos pode não demonstrar o prejuízo social que essas imagens possuem, principalmente quando relacionadas a figuras marginalizadas. Porém, demonstra a importância deles em nossa linguagem e, consecutivamente, em toda nossa comunicação. É necessário um local comum para que possamos nos comunicar.

É isso que a concepção da Análise do Discurso também irá observar sobre o estereótipo, que se trata de um lugar-comum³² necessário para o estabelecimento da comunicação dentro de uma doxa³³ compreensível. Anexa também a essa ideia o processo de resgate realizado pelo destinatário no processo de recepção. Se os estereótipos desenharam um ponto de partida por meio do que é dito, poderão conter significados outros, conforme a significação daquele que o recebe. Serão idênticas, mesmo que parecidas, as imagens-acústicas da palavra “corvo” para todas e todos nós?

A resposta dada pela Análise do Discurso para essa pergunta é que não. Cada pessoa resgatará o estereótipo de acordo com seus conhecimentos enciclopédicos e referências pessoais. Trata-se de um elemento essencial para a comunicação ser possível (AMOSSY, 2010). Porém, se são construídos, significa que também podem ser ressignificados.

Essa dimensão se mostra relevante já que estabelece conexão com a proposta de dialogismo feita por Bakhtin, na qual tanto enunciador, quanto destinatário, são colocados como agentes ativos do processo comunicativo.

A principal autora que desmembrará essa perspectiva é Ruth Amossy, professora da Universidade de Tel-Aviv que, influenciada pelos estudos da Nova Retórica de Perelman, buscará entender a eficácia da argumentação dentro do discurso. De acordo com a autora:

Para uma prática que visa denunciar os pressupostos ideológicos incrustados no interior dos discursos aparentemente inocentes, a estereotipia, segundo

³² A ideia de lugar-comum na Análise do Discurso está relacionada ao conceito de *tópos*. Trata-se de um espaço no qual emergem argumentos. De acordo com o Dicionário da Análise do Discurso (). “A palavra *tópos* (plural de *topoi*) foi emprestada do grego. Ela corresponde ao latim *locus communis* que resultou *lugar comum*. (1) Fundamentalmente, um *tópos* é um *elemento de uma tópica*, sendo uma *tópica* uma heurística, uma arte de coletar informações e fazer emergirem argumentos. (2) Um *tópos* é um esquema discursivo característico de um tipo de argumento.”

³³ O conceito de doxa está atrelado a dimensão do sentido comum corrente na sociedade, parte-se de elementos comuns para que seja estabelecido um mínimo denominador comum para a comunicação acontecer. De acordo com o Dicionário da Análise do Discurso (). “Doxa é uma palavra emprestada do grego e designa a opinião, a reputação o que dizemos das coisas ou das pessoas. A doxa corresponde ao **sentido comum**, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente.

diversas formas (em que o clichê e o estereótipo constituem simples variantes), aparece como aquilo que permite naturalizar o discurso, esconder o cultural sob o evidente, isto é, o natural. (...) Mais ainda, o locutor não pode se comunicar com seus alocutários, e agir sobre eles, sem se apoiar em estereótipos, representações coletivas familiares e crenças partilhadas. (AMOSSY, 2010, p.216)

Ou seja, para ter eficácia e sentido, o estereótipo é necessário para que seja encontrada pontos em comum na comunicação. Trata-se de um artifício útil, inclusive, como a autora aponta, para colocar dentro de um discurso elementos considerados “naturais”, sem necessariamente demonstrar o que de fato está sendo falado, se levarmos em conta os aspectos culturais aos quais esses estereótipos estão ligados.

Com isso, argumento que o estereótipo se apresenta como um elemento essencial do processo comunicacional. Não se trata de retirar a carga negativa que este conceito pode trazer no momento que é utilizado, mas sim, apresentar a importância do estereótipo como um elemento cotidiano e essencial da forma como significamos o mundo, utilizamos nossa linguagem e construímos nossa comunicação.

Um processo comunicacional sem a utilização dos estereótipos estaria fadado à incompreensão, já que aqueles que o tentassem fazer não teriam condições de assimilar as noções básicas dos elementos que desejassem expressar. Não haveria a possibilidade *de tornar comum* e estabelecer compreensões da realidade minimamente compreensíveis.

Essa visão não retira dos estereótipos sua carga potencialmente prejudicial, o que iremos analisar no próximo tópico. O mundo é interpretado e significado, logo, não se trata de um processo livre da ideologia e das tendências apresentadas nessas significações. Se temos sociedades desiguais, isso se refletirá em nossa comunicação e também nos estereótipos, sendo eles possíveis geradores de preconceitos, perpetuações de desigualdades e até mesmo violências.

3.2.2. O caráter negativo do estereótipo

Qual a probabilidade de dois pré-adolescentes jogando xadrez serem abordados pela polícia em uma praça pública? Ou de eles estarem esperando em um ponto de ônibus para irem ao shopping center e a mesma coisa acontecer e o policial questionar “Vocês não têm nada? Nem uma maconhazinha?”

Talvez sejam baixas se estivermos falando de dois jovens brancos em uma região nobre da cidade, mas vamos acrescentar alguns elementos a essas duas situações: os dois jovens moram na zona leste da cidade de São Paulo, uma região considerada periférica; um deles é negro retinto o outro pardo. As chances de as ocasiões acontecerem aumentam?

Nestes dois casos, a resposta é sim, e trata-se de uma experiência pessoal. Toda minha adolescência foi marcada por esses tipos de episódios. O garoto de pele clara sou eu e o negro retinto é um amigo de infância chamado Alvaro. Não apenas o Alvaro e eu sofremos esses tipos de abordagens, todos nossos amigos da mesma região passavam por isso. Até uma ida a uma quermesse de igreja estava fadada ao famoso “enquadro”. Por isso, sempre éramos recomendados pelos nossos pais a sairmos com nosso documento de identidade em mãos, uma precaução para não virar um “indigente”.

Na ocasião mais dramática, por conta de uma denúncia anônima de vizinhos, um grupo de aproximadamente dez jovens que jogava futebol foi obrigado a se deitar no chão com as mãos para cima. Eu era um deles, e por ser um dos maiores, um dos policiais se sentou em minhas costas mantendo sua arma apontada para minha cabeça, e lá ficou até que todos os pais saíssem à rua desesperados, dizendo “são só crianças” e os policiais percebessem que estavam enganados em sua abordagem.

Vale ressaltar que, durante nossa juventude, nenhum de nós esteve envolvido com drogas ou atividades ilícitas, tratava-se apenas de um grupo de amigos que utilizava uma praça pública para suas atividades de lazer, como jogar futebol, taco, xadrez e um esporte inventado pelo próprio grupo, o “tênis de mão”, já que não tínhamos raquetes.

Esses são exemplos que mostram empiricamente algumas situações na qual o estereótipo foi um elemento determinante para minha vivência pessoal. Mas não se trata de uma situação isolada; existem diversos estudos que demonstram como uma imagem cristalizada, estereotipada pode trazer malefícios às pessoas em situações de marginalização social. Em nosso caso, o estereótipo acionado pelos policiais e vizinhos estava relacionado ao jovem delinquente e violento da periferia, mesmo que não estivéssemos em uma região tão periférica quanto poderia ser.

A abordagem dos estereótipos como imagens cristalizadas que possuem forte relação com o preconceito é predominante nas Ciências Sociais, área que contém a maioria dos estudos relacionando o estereótipo a questões de desigualdades, abuso de poder, violência, entre outras.

O estereótipo, apesar de seu aspecto comunicacional abordado anteriormente, é o reflexo da cultura na qual está inserido, logo, abarca todas as desigualdades de classe, gênero e raça as quais essa sociedade está habituada.

Onze anos após a publicação do livro “Opinião Pública” de Lippman (1922), Daniel Kartz, em parceria com Kenneth Braly, realizou um estudo com cem estudantes universitários dos Estados Unidos a fim de identificar quais os estereótipos raciais por eles introjetados. No trabalho, foram selecionados 84 adjetivos aos quais, por meio de questionários, os estudantes relacionaram a 10 raças e nacionalidades.

Por meio da pesquisa intitulada “*Racial stereotypes of one hundred college students.*” (Estereótipos raciais entre 100 alunos universitários) foi possível identificar, por exemplo, que os estudantes consideravam os alemães ligados à ciência e à indústria, uma imagem que os autores associaram com os encontrados em jornais e revistas da época. Os italianos receberam características ligadas à latinidade como, por exemplo, serem artísticos, musicais, apaixonados e temperamentais. Nessa mesma pesquisa, os negros foram considerados altamente supersticiosos, preguiçosos, despreocupados, ignorantes, musicais e ostentosos. Assim como os judeus foram considerados perspicazes, mercenários, industriais, gananciosos, ambiciosos e astutos. Os turcos foram considerados cruéis para 54% dos respondentes. Os estadunidenses foram classificados como diligentes, inteligentes, materialistas, ambiciosos, progressistas e amantes do prazer, em contrapartida os chineses foram descritos como supersticiosos, conservadores, amantes da tradição, leais aos laços familiares e ligados à indústria e à meditação (KARTZ; BRALY, 1933, p.285-287).

O estudo conclui que os estudantes dificilmente tinham relacionado essas características por questão do contato íntimo com pessoas que representassem as nacionalidades ou raças, já que a frequência das referências foi considerada constante e com alta insciência entre os cem participantes. Da mesma forma, foi possível identificar o preconceito relacionado a figuras específicas como a do negro, do turco, do judeu e dos chineses, ao mesmo tempo em que características positivas foram apontadas aos próprios estadunidenses.

Porém, não é apenas no cotidiano que os estereótipos se fazem presentes, existem momentos críticos da história na qual o estereótipo foi devastador para toda a sociedade. A colonização foi um desses momentos, nos quais povos negros inteiros foram bestializados e perderem seus direitos enquanto seres humanos. Homi K. Bhabha apresenta a forma como o estereótipo foi um instrumento essencial para o projeto político de dominação do mundo:

Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provados jamais no discurso. (BHABHA, 2019, p. 117)

O preconceito derivado dos estereótipos está ligado com aquilo que Erving Goffman (2004) chamou de estigma social, uma identificação prévia de um indivíduo marcando-o como diferente, por vezes, perigoso ou sem completude.

A perspectiva psicológica aponta para alguns caminhos quando tratam da questão dos estigmas relacionados aos estereótipos. Um deles foi apresentado por Steven Fein e Steven J. (1994), no qual argumentam que esses estigmas podem estar ligados a uma possível ameaça a autoestima dos sujeitos que os possuem.

Porém, para além das causas, os resultados do estigma social provocados com base nos estereótipos podem ser bastante devastadores, como é o caso da criação das imagens de controle³⁴. O conceito desenvolvido por Patricia Hill Collins demonstra como as imagens das mulheres negras são moldadas dentro de uma esfera de poder que acaba por limitar suas potencialidades. Winnie de Campos Bueno explica as imagens de controle como:

(...) a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são construídos para que permaneçam no poder. As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às inequidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade (BUENO, 2019, p. 69).

Essa dimensão demonstra que as violências perpetradas pelos estereótipos não são ocasiões isoladas e particulares, mas que fazem parte de um sistema lógico de exploração que se apoia em imagens genéricas, socialmente difundidas e constituintes dos processos de desigualdade social.

³⁴ Inicialmente tive acesso a esse conceito por meio do vídeo “Imagens de controle, BBB e as queer”, de Rita Von Hunty, drag queen de Guilherme Lima Pereira, professor e ator. Disponível em: <https://youtu.be/OZO3XNIakN0>. Acesso em 12 de março de 2022.

Se em alguns casos, o estereótipo pode ser algo inofensivo e essencial, como o caso do termo corvo no trabalho lexical, em outros ele mantém, com a possibilidade de ampliar, as desigualdades. Esse é um elemento essencial para os estudos de comunicação que desejem trabalhar com o conceito: buscar sua compreensão não apenas dentro de seu aspecto discursivo, linguístico ou comunicacional, mas também suas consequências sociais, elas devem ser lidas e sublinhadas, já que fazem parte do resultado dos processos comunicacionais, base de um contexto que não deve ser ignorado.

3.3 Imprensa Gay

Na maioria das ocasiões nas quais falo que faço um doutorado sobre a imprensa gay, as pessoas demonstram uma reação de surpresa por não saberem que existe esse tipo de imprensa. A reação é ampliada quando explico que existiram jornais, revistas e publicações no Brasil desde a década de 1970.

Essa reação está bastante atrelada aos estigmas sociais difundidos socialmente sobre os gays, uma das principais razões para eu escolher esse objeto de estudo, assim como a justificativa do próprio objeto. Falar em uma imprensa gay é trazer à memória coletiva um esquecimento – talvez proposital – de lutas, histórias e capacidades que existiram e continuam existindo.

Essa dimensão também é importante dentro do próprio meio acadêmico, já que em algumas ocasiões fui questionado sobre a importância da demarcação de uma imprensa segmentada, afinal, teoricamente, todos somos seres humanos e não deveríamos ter essas restrições por estarmos representados coletivamente pela imprensa.

A imprensa gay surge como um movimento próprio dos movimentos e indivíduos que não se sentiam representados nos jornais e veículos de comunicação de modo geral. Com os movimentos sociais da década de 1960, principalmente a Contracultura nos Estados Unidos, essas vozes ganham espaço na esfera pública. A partir das demandas feministas, diversas manifestações ligadas às chamadas “minorias sociais” surgiram como forma de protesto.

Nasce, portanto, de movimentos sociais, dentro de uma perspectiva comunicacional particular, a que conhecemos, de acordo com Peruzzo:

Movimentos sociais populares são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e se organizam para reivindicá-los, quando, estes não são efetivados na prática. Aqueles de base popular se organizam na própria dinâmica de ação e tendem a se institucionalizar como forma de consolidação e legitimação social (PERUZZO, 2013, p. 161-162)

Inicialmente, não é esse caráter reivindicatório que veremos em alguns desses veículos, que estavam mais ligados à própria socialização dos grupos, apenas mais tarde avançaram dentro da esfera pública de forma organizada. Alguns deles possuem repercussão até os dias de hoje, como é o caso da revista *The Advocate*, dedicada à população LGBTQIAPN+, criada em 1967 e que se mantém em circulação até os dias atuais.

Mas podemos caracterizar essa imprensa de alguma forma? Existem semelhanças entre as publicações ao ponto de considerarmos um fenômeno social? Neste tópico buscaremos responder essas perguntas, assim como traçar um breve mapeamento da imprensa gay latino-americana, demonstrando não apenas sua existência como relevância nos países latinos.

3.3.1 O surgimento e a definição da imprensa gay

A figura do gay apareceu na imprensa antes da criação daquilo que conhecemos como imprensa gay ganhar relevância social. Por meio de estigmas relacionando-os a assassinatos, com condutas desviantes e imorais, gays foram presos, acusados, humilhados e mortos antes de terem seus direitos reconhecidos.

Foi assim com Oscar Wilde, condenado a prisão por conta de sua homossexualidade em um caso bastante repercutido na imprensa britânica. Também foi assim com o caso “El baile de los 41 maricones”, de grande repercussão no México, ocorrido em 1901, no qual 41 homens foram presos por estarem uma festa, muitos deles vestidos de mulheres. A condenação, além da prisão, foi a varredura das ruas com as roupas nas quais estavam trajados. Ambas (prisão e varredura) ilegais, já que, no México, a homossexualidade nunca foi proibida legalmente (NAJAR, 2020).

Como definição neste trabalho, partiremos da imprensa gay como aquela feita por e/ou para gays com o intuito de reivindicar seus direitos, ou fazer circular na esfera pública e dentre os próprios gays notícias e informações de seu interesse.

Antes da grande propagação de jornais gays nos Estados Unidos, a partir da década de 1950, existiram outras iniciativas espalhadas especialmente no continente europeu. Existem três veículos que podem ser considerados o marco inicial da imprensa gay no mundo, um deles com longa duração.

O jornal *Der Eigene* (em tradução literal, O excepcional) pode ser considerado o primeiro jornal gay de longa duração e iniciou suas atividades em 1896, mantendo-as até 1931. O responsável pela publicação foi Adolf Brand e o jornal buscava aconselhar e defender gays, publicando também anúncios que auxiliavam os leitores a se conhecerem. A revista pode ter tido um total de 1.500 assinantes durante sua existência. (BAIM, 2012, n.p.)

Os outros dois jornais que podem ser considerados os precursores da imprensa gay são: *Urano*, publicado por Karl Heinrich Ulrichs também na Alemanha, na cidade de Leipzig, em 1870; e *Annales de L'Unisexualité* escrito por Marc-André Raffalovich na cidade francesa de Lyon, em 1897. Os marcos oferecidos por essas publicações, por vezes, são relegados por conta de sua curta duração, apenas uma edição cada. (BAIM, 2012, n.p.)

A França também foi espaço para outros dois jornais precoces da imprensa gay mundial. *Akaderos*, publicado mensalmente a partir de 1909, financiado e editado por Jacques d'Adelswärd Fersen, e *Inversions*, que surgiu em 1925 e foi rapidamente fechado pela polícia. (BAIM, 2012, n.p.)

Com a ascensão nazista da Alemanha e o advento das guerras mundiais, as publicações gays sofreram impacto, sendo os materiais de produção confiscados no país germânico juntamente com a perseguição do regime nazista contra homossexuais. Teremos a publicação apenas em 1932 de um novo veículo, a revista *Der Kreis* (em tradução literal: O círculo), em Zurique, Suíça, e que se manteve até 1967. Após a Segunda Guerra Mundial, foram estabelecidas nos Países Baixos as publicações *Vriendschap* (em tradução literal: Amizade) e *Lesbos*. (BAIM, 2012, n.p.)

A primeira publicação gay estadunidense se intitulava *Friendship and Freedom* (em tradução literal: Amizade e Liberdade) publicada pela *Chicago's Society for Human Rights*, estabelecida em 1924 por Henry Gerber. A publicação teve apenas duas edições publicadas, sendo que “Os sete membros da sociedade planejavam recrutar outros gays e, por meio de um processo de educação, mudar as leis de conduta sexual” (DEADERICK, 1997, p.32).

Ainda antes da década de 1950, também vale ressaltar a criação nos Estados Unidos da primeira publicação da imprensa lésbica estadunidense. A revista *Vice Versa* circulou entre 1947 e 1948 e era publicada por Edith Eyde. Foram produzidas nove edições da revista distribuídas gratuitamente, tendo cada uma dessas edições apenas 10 exemplares; a baixa quantidade se deu por conta dos recursos limitados (BAIM, 2012, n.p.).

Na década de 1950, surgiram três publicações importantes para a história da imprensa gay nos Estados Unidos. Em 1953, foi criada a revista *One*, da Mattachine Society, organização clandestina de homossexuais que lutavam por seus direitos no país norte-americano. A primeira edição da revista *One* foi lançada em 1953, em Los Angeles, e organizada por W. Dorr Legg, Martin Block, Dale Jennings, Don Slater e William Lamber (BAIM, 2012, n.p.).

Uma ampla repercussão de um caso de Dale Jennings, que havia sofrido perseguições pelo FBI e após auxílio da associação para contratação do advogado George Sibley, foi liberado das acusações frente ao júri que tentava o condenar fez com que um número diversos de pessoas passassem a fazer parte da Mattachine Society, que continuou com suas publicações e militância criando outros títulos como a *Mattachine Review*, sob outra perspectiva já que os militantes se diversificaram. A revista se manteve em circulação também até 1967 e foi importante para a história do movimento LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos.

Já com relação à imprensa lésbica, a revista *The Ladder* teve seu papel. Fundada em 1956, se manteve até 1972 e foi importante para a articulação do movimento lésbico da época. “Como os outros primeiros boletins alternativos, inicialmente era digitado em uma máquina de escrever, mimeografado, grampeado e enviado pelos correios aos assinantes. Foi distribuído em um ‘saco de papel pardo’. (...) Nos últimos anos, cópias de *The Ladder* foram vendidas nas bancas.” (BAIM, 2012, n.p. – tradução livre).

Essas publicações tinham em comum a articulação do incipiente movimento homossexual que surgia no mundo, especialmente nos Estados Unidos. Funcionaram ao mesmo tempo como uma forma de identificação de gays como espaços de afirmação frente à sociedade na busca pelos direitos que eram renegados.

Em 1960, esse movimento irá se espalhar e se tornar mais intenso em todo o país norte-americano, ao mesmo tempo em que as mudanças sociais darão fôlego para o espraiamento do fenômeno em todo o mundo. O barateamento das impressões também favoreceu a criação de diversos veículos alternativos, em alguns deles o tema da homossexualidade era tratado em tópicos específicos.

A década de 1960 para a imprensa gay estadunidense foi de pujança e crescimento, sendo lançados diversos veículos de comunicação regionais com objetivo de atender às demandas do movimento político e social que começava a se organizar no país:

A mídia sobrevivente da década de 1950 continuou a ter alcance nacional, mas mais mídias começaram a surgir. O *Mattachine Midwest Newsletter* durante a maior parte da década de 1960 serviu [a comunidade de] Chicago. A *Eastern Mattachine Magazine* serviu aos homossexuais da Costa Leste. O *Boletim Mattachine de Denver* serviu aos gays naquela cidade. *Fifth Freedom* foi uma publicação (...) de 1970-81 produzida pela *Mattachine Society of the Niagara Frontier*, em Buffalo, Nova York. Outras cidades também iniciaram suas próprias publicações regionais para atender ainda mais às necessidades do crescente movimento gay underground. Frank Kameny e Jack Nichols fundaram a *Mattachine Society of Washington* (D.C.) em 1961. Era um grupo independente que fundou primeiro a *Gazette* em maio de 1963 e depois *The Homosexual Citizen* como boletins mimeografados emitidos pelo grupo. Lilli Vincenz (originalmente como Lily Hansen) foi editora da *THC*, que começou em 1966 e durou 18 edições. (BAIM, 2012, n.p. – tradução livre).

Foi também na década de 1960 que a revista gay de mais longa circulação iniciou suas atividades nos Estados Unidos. *The Advocate*, até hoje em circulação, foi fundada em 1967 como um jornal regional de Los Angeles, intitulado *The Los Angeles Advocate*. A publicação foi iniciada por ativistas gays e trazia assuntos variados de interesse aos gays residentes de Los Angeles:

Inicialmente, a publicação se concentrou em notícias locais, cobrindo má conduta policial e manifestações de libertação gay. Mas também acrescentou artigos sobre celebridades de Hollywood e colunas como "Body Buddy" (fitness) e "Cooking with Auntie Lou". Curto em conteúdo lésbico, o jornal frequentemente apresentava homens seminus em suas capas e incluía uma seção popular de anúncios pessoais chamada "Trader Dick. (HIGHLEYMAN, 2007, n.p. – tradução livre)

No final da década de 1960, três publicações se tornaram importantes no contexto estadunidense. *Gay*, *Gay Power* e *Come Out!*. A novidade das duas primeiras publicações é que elas eram feitas por empresários heterossexuais, que após verificarem a potência do movimento gay com o advento de Stonewall, resolveram editar publicações tendo os gays como público-alvo. *Gay* começou como um jornal quinzenal, em 1969, se tornando uma publicação semanal entre abril e setembro de 1970. De acordo com o primeiro editorial, a publicação “acredita que existe apenas um mundo e que rótulos e categorias como homossexual e heterossexual um dia desaparecerão, deixando seres humanos que, como esta publicação, serão apreciados e apreciadas não por causa de questões sexuais. orientação, mas porque eles próprios são interessantes” (BAIM, 2012, n.p. – tradução livre). A revista *Gay* foi criticada por alguns grupos

da época por trazer uma visão considerada excludente das pessoas mais marginalizadas da sociedade como travestis e transexuais.

Já a revista *Gay Power*, iniciativa também de empresários heterossexuais, foi lançada em agosto de 1969 e buscava debater as questões da política ligada ao movimento gay, além de trazer notícias e fotos sensuais, juntamente com obras de ficção e ilustrações. A publicação feita em papel jornal fazia parte do conglomerado EVO (East Village Other) e trouxe à tona artistas que faziam parte da cena *underground*.

A Frente de Libertação Gay (GLF) foi responsável pela produção e publicação da revista *Come Out!* que, diferente das outras duas de sua época, foi produzida por um coletivo gay. Podemos considerar a *Come Out!* como uma resposta ao movimento que se desenhava dos investimentos de heterossexuais em publicações gays, já que, em um de seus ensaios foi publicada a seguinte crítica:

Tem sido a triste situação do homossexual em nossa sociedade ser vítima do oportunista faminto por dinheiro: o dono do bar da máfia, o chantagista, o comércio áspero com dedos pegajosos. Uma perversão recente e deplorável do movimento gay por lucros pode ser encontrada na revista quinzenal ‘Gay Power’, terceira edição nas bancas agora. (BAIM, 2012, n.p. – tradução livre).

O embate entre essas publicações não foi breve e sempre se deu em torno das questões da exploração da causa gay em relação ao capital e a captação de um movimento legítimo por empresários que, de acordo com o *Come Out!*, não representavam os verdadeiros interesses da causa.

Um outro jornal estadunidense importante e que teve repercussão bastante intensa no Brasil foi o *Gay Sunshine*, editado em São Francisco a partir de 1970. O jornal foi editado pelo Gay Sunshine Colletive e tinha na figura de Winston Leyland seu principal motivador. Um tabloide que aos poucos se tornou aprofundado e abordando questões políticas e culturais da época. O jornal continha notícias, fotos, ilustrações, artigos, quadrinhos, poesias, entre outros. A importância do jornal para o Brasil e para a imprensa gay latino-americana se dá, pois foi seu editor, em viagem ao Rio de Janeiro, quem incentivou a criação de publicação gay nacional, o jornal *Lampião da Esquina*, que veio a ser a publicação gay mais importante do país entre os anos de 1978 e 1981.

Vale ressaltar que a imprensa gay ganhou notoriedade em outros países do Ocidente como é o caso da França, no qual periódicos voltaram a ser publicados com frequência a partir da década de 1950. Esse é o caso de jornais e revistas como o *Arcadie*, *Futur e Inversions*

(JABLONSKY, 2008, p. 235), três exemplos de muitos periódicos que foram importantes para a organização do movimento gay em seus respectivos países.

Percebo, inclusive, que se trata dessa característica essencial da imprensa gay em seu período inicial. Os periódicos, além das denúncias cotidianas, tinham como objetivo articular, engajar e buscar mais gays na luta por seus direitos individuais e coletivos. E não por acaso, a maioria dos jornais citados neste subtópico foi criada por associações, coletivos e espaços de convivências de gays e lésbicas que buscavam estabelecer laços entre si e pleitear direitos frente aos demais. Engajar-se e fazer aparecer suas vidas e seus dilemas na esfera pública foi a estratégia traçada para que os movimentos ganhassem forma, ao mesmo tempo que influenciava pessoas fora dos círculos de convivência aos quais tinham acesso.

Assim como repercutiu nos Estados Unidos e no mundo, o evento de Stonewall também foi uma marca para a América Latina. O assunto da homossexualidade e de homens e mulheres lutando pelo direito de sua sexualidade passou a fazer parte também dos desejos e anseios de gays e lésbicas latino-americanos. Começamos a ver, portanto, a partir da década de 1960, surgirem organizações pelos direitos gays, assim como aquelas que existiam, principalmente, nos Estados Unidos. É nesse contexto que as associações, organizações e sociedades latino-americanas começaram a reivindicar seus direitos frente à sociedade e, não por acaso, a estratégia da influência da opinião pública e a articulação interna promovida pelos veículos de comunicação foi a forma pela qual esses militantes escolheram atuar.

Podemos atrelar esses jornais à comunicação comunitária, no sentido da busca pelos direitos e da construção de uma perspectiva cidadã a essas pessoas. Por meio dessas publicações, gays buscavam um direito em especial, aquele de serem vistos como seres humanos, portanto, cidadãos de direito.

A comunicação comunitária no Brasil, nas experiências gestadas e administradas coletivamente por entidades comunitárias e a serviço do interesse público, ela significa uma “outra” comunicação uma vez realizada por setores organizados das classes subalternas de acordo com as necessidades de mobilização social, de falar com seus públicos e de externar sua visão de mundo na sociedade, com vistas a conquistar a hegemonia. (PERUZZO, 2013, p. 166-167)

É importante destacar que no Brasil houve um fenômeno histórico que favoreceu a existência de algumas publicações gays, apesar de seu caráter ser distinto de maneira geral. A imprensa nanica, ou imprensa alternativa, das décadas de 1960 e 1980, no Brasil, surgiu como alternativa para o jornalismo praticado nas grandes redações, que ou estavam reféns da censura

ou com ela haviam se mancomunado. De acordo com a introdução de *Jornalistas e Revolucionários*:

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. Ainda sugeria imaturidade e promessas de tratamento paternal. Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 2001, p.5)

Apesar da existência da imprensa alternativa existir e influenciar a imprensa gay do período, inclusive em debates de caráter filosófico, não é correto atrelarmos os veículos gays exclusivamente a esse fenômeno. A imprensa gay, assim como diversas outras imprensas identitárias da época (feminista, lésbica, negra) tinham a busca pelo reconhecimento da identidade um elemento fundamental que não estava estritamente relacionado a redemocratização do país, apesar de por vezes se alinharem politicamente ao campo progressista, em raras exceções esse movimento era recíproco, fazendo com que um outro tipo de imprensa fosse necessário para lidar com demandas que eram relegadas ao ostracismo, inclusive entre os movimentos sociais progressistas.

Por vezes esses jornais e movimentos foram discriminados por estarem destoando da “luta maior”, justamente aquela contra a ditadura militar. Neste sentido, a imprensa gay, foi determinante “não somos de esquerda, nem de direita, somos pelos homossexuais”, já que em ambos os movimentos havia a dificuldade do reconhecimento das pautas relacionadas as lutas identitárias de então.

Não são poucos os relatos fornecidos por Trevisan (2018), nos quais os movimentos de esquerda da época tentaram cooptar ou foram contra pautas colocadas pelas então chamadas minorias sociais, demonstrando que mesmo existindo uma imprensa de caráter progressista, as discussões sobre sexualidade não estavam presentes e precisavam ser pautadas, daí a especificidade desta imprensa: o reconhecimento de uma identidade, que buscava por fim, o reconhecimento de uma cidadania negada, por toda a sociedade, em todos seus setores.

3.3.2 Um breve mapeamento da imprensa gay latino-americana

Uma das buscas desta pesquisa é apontar a existência, de fato, de uma imprensa gay latino-americana, como demonstrado em seu objetivo geral. Para isso, início neste momento um breve mapeamento da imprensa latino-americana com a intenção de responder, ao menos previamente, esta pergunta.

Como já mencionado, o movimento gay surgido no início das décadas de 1960 nos Estados Unidos se espalhou pelo mundo. Sua primeira reverberação política organizada na América Latina foi a criação do grupo *Nuestro Mundo*, fundado por Héctor Anabitarte em Buenos Aires, na Argentina, em 1967, a primeira associação latino-americana em defesa dos direitos gays. É da junção deste grupo com outras organizações (*Safo*, *Eros* e *Bandera Negra*) que nascerá, em 1971, a *Frente de Liberación Homosexual*, organização que existiu até 1976 e foi responsável pela publicação da *Revista Somos*, tendo sua primeira edição publicada em dezembro de 1973.

Apesar de alguns estudos apontarem a *Revista Somos* como a primeira publicação gay latino-americana, temos algumas experiências que podem e devem ser levadas em consideração, como é o caso dos boletins informativos e jornais das Turmas brasileiros que datam o início da década de 1960, e que podem ser considerados partes de uma protoimprensa gay latino-americana.

3.3.2.1 Uma proto-imprensa gay latino-americana

Apesar de não estarem ligados a um movimento político específico, característica que mais tarde será fundamental na configuração da imprensa gay latino-americana, esses boletins e jornais tinham como objetivo discutir as questões internas das turmas, uma forma de ampliar os laços de sociabilidade dos grupos. Mais de vinte boletins existiram entre os anos de 1963 e 1970, a maioria deles, infelizmente, perdida pelo tempo. (GREEN, 2019, p. 298).

A principal dessas publicações, no Brasil, foi o jornal *O Snob* editado a partir de 1963, por Agildo Guimarães, no Rio de Janeiro (GREEN; POLITO, 2004; GREEN, 2019; HOWES, 2015). No começo de sua publicação, era um jornal mimeografado e chegou a ter entre suas 99 edições exemplares com mais de 30 páginas. Como conta Green (2000), a publicação não foi a primeira de seu gênero, mas a mais duradoura e relevante:

Embora O Snob não fosse o primeiro periódico caseiro desse gênero que apareceu no Rio de Janeiro, ele foi o mais duradouro e mais influente, e inspirou o surgimento de mais de trinta publicações similares entre 1964 e 1969, não apenas em outras partes da cidade, mas também em todo o estado e no restante do país (GREEN, 2019, p. 298).

O conteúdo da publicação era diversificado, contendo colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com travestis da época (GREEN, 2019, p. 298) e girava em torno da realidade vivida até então por esses homossexuais que se organizavam em grupos, conhecidos como ‘turmas’.

As turmas eram grupos informais de relacionamento de homens gays baseadas em concursos de *cross-dressing*, com inspiração em competições famosas à época como o Miss Universo (HOWES, 2015, p. 182). O encontro e organização desses eventos e das próprias turmas dizia respeito ao contexto no qual os homossexuais estavam inseridos no início da década de 1960.

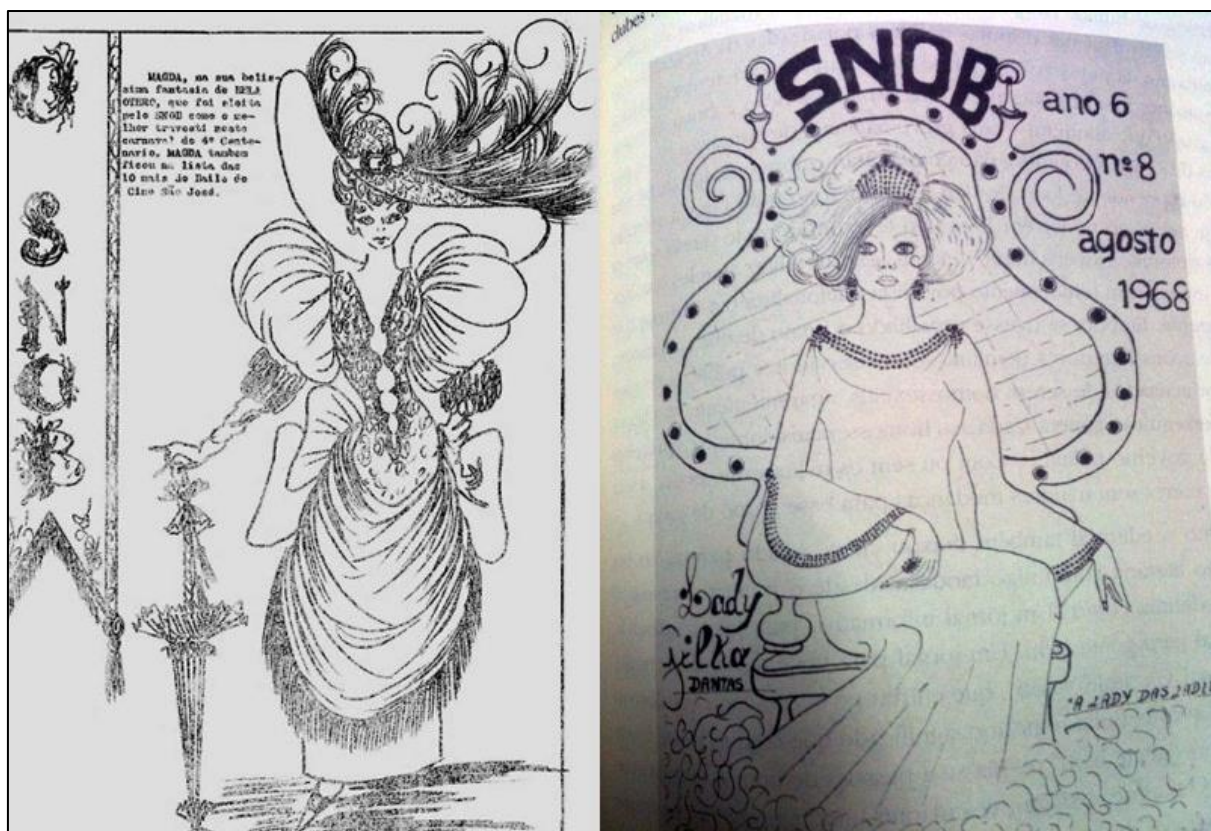
Apesar de estarem vivenciando o breve período democrático, após a era Vargas e antes da Ditadura Militar, instalada em 1968, o preconceito se fazia presente cotidianamente. Especificamente no caso dos integrantes de O Snob, a cidade do Rio de Janeiro oferecia uma espécie de anonimato interessante aos gays que viam, na dispersão da vida cotidiana da cidade, uma das formas de experienciar sua sexualidade tida como desviante com mais liberdade, longe de familiares e vizinhos. Essa necessidade fez com que os integrantes de O Snob, como afirma Costa (2010), se colocassem em movimento de fuga das localidades mais interioranas, ou de menor densidade populacional, e criassem laços de amizade durante o final da década de 1950 na capital carioca:

A rede de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro (...) incorporava esses sujeitos em “fuga”, compondo vários grupos em que eles criaram laços de amizade que remontam ao final dos anos 50. O relato de dois participantes da rede exemplifica o movimento de “fuga” empreendido em busca do anonimato para experimentar novos cenários culturais sem influência familiar e vigilância vicinal (COSTA, 2010, p. 31)

A socialização, portanto, era um ponto importante para esses indivíduos, já que os grupos faziam com que fosse capaz a realização de uma vivência menos reprimida e com mais possibilidades para uma outra performatividade, dando espaço às diferentes expressões sexuais e de gênero. Uma das características de O Snob foi a utilização de pronomes femininos no tratamento tanto dos colunistas, quanto dos leitores. A dicotomia heterossexual era vista nas

relações e nas próprias performatividades, a identidade dos indivíduos estava mais atrelada a ideia de uma feminilidade do que a da masculinidade, assim como os “nomes de guerra” serviam como forma de preservação frente aos preconceitos sociais.

Figura 1: Capas do jornal O Snob



Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Mesmo sendo um espaço predominantemente voltado à convivência, contradições foram pautadas em O Snob. A polarização entre os papéis da “bicha” e do “bofe” começou a ser debatida a partir de 1964. Os integrantes que faziam parte do grupo que editava O Snob se definiam no início da publicação como bichas, um papel mais ligado aos trejeitos e caracteres femininos, enquanto seus parceiros eram tidos como bofes, que desempenhavam o papel sexual ativo na relação, muitas vezes não sendo colocados nos papéis de homossexuais, mas visto como heterossexuais.

A figura da bicha também se distanciava daquela denominada como a dos “entendidos”, homossexuais que buscavam não atrelar sua imagem à figura feminina, nem utilizavam de nomes femininos para identificação, buscavam consolidar uma nova identidade baseada no que

hoje entendemos ser o gay, que não necessariamente renega seus caracteres masculinos para o exercício de sua sexualidade (COSTA, 2010, p.57).

Com o passar do tempo, uma transformação passou a ser vista entre os próprios integrantes, muitos deles passando a assumir barbas e bigodes, o que antes não era tão notado, assim como a colocação em segundo plano dos papéis sexuais como definidores das identidades (COSTA, 2010, p. 60). Uma transformação que abriu a discussão para as transformações que os gays mais tarde expressariam com muita firmeza, por vezes, renegando completamente qualquer traço feminino como constituinte de suas identidades, chagando inclusive a misoginia, consequência negativa da possível construção de um novo tipo de masculinidade que buscaremos identificar em nosso capítulo de análise.

Como já abordado, O Snob não foi o primeiro e nem o único veículo de seu gênero a ser publicado neste período. Pelo contrário, de acordo com levantamento de Green (2000), mais de 20 jornais foram identificados neste período. Segundo entrevista de Leila MICCOLIS com Agildo Guimarães, Anuar Farah e Marcelo do Auê, publicada em setembro de 1980 no jornal Lampião da Esquina, ao menos 27 publicações circularam a partir de 1961 (MICCOLIS, 1980, p.6).

Tantos eram os jornais que foi fundada e existiu entre os anos de 1962 e 1964 a ABIG- Associação Brasileira de Imprensa Gay que reunia as publicações do gênero e interessados na luta a favor dos direitos gays no Brasil, um espaço embrionário na organização homossexual no país, porém, com a chegada da Ditadura Militar, foi descontinuada, como contam Agildo e Anuar:

Nós fundamos a ABIG [Associação Brasileira de Imprensa Gay] com todos os jornais gays editados no Brasil. Eu fui o primeiro presidente, depois o Thula Morgani... Aliás, era a época em que nos chamávamos por nomes femininos, porque cada um tinha responsabilidade no seu trabalho, hoje ninguém mais se preocupa com isso, é tudo normal. Thula Morgani é um dos melhores maquiadores do Rio: o Gilly. A ABIG durou de 62 a 64. Depois veio a revolução e acabou (...) a ABIG foi feita para lutar, porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas outras faziam. Normais sempre fomos, sem diferenças. (...) Naquela época, nosso trabalho estava ainda engatinhando, como numa pré-história, mas ele era feito com muito amor, com um esforço enorme (...) (MICCOLIS, 1980, p.7)

Uma das características dessas publicações é que elas eram identificadas por seus responsáveis, ao menos assim o foram na entrevista feita por Leila MICCOLIS ao Lampião da

Esquina, geralmente por meio de seus codinomes, assim temos O Snob, de Gilka Dantas (Agildo Guimarães), Le Femme, de Blanca Maria (Anuar Farah) e assim por diante.

Para esta pesquisa, também realizamos um levantamento tendo como base pesquisa bibliográfica e documental. Com a junção das referências, ao invés das 20 publicações listadas por Green, foram identificadas 37 publicações que circularam entre as décadas de 1960 e 1970 e que tinham essas características, ao menos 17 títulos a mais do que a pesquisa anterior. Essa diferença se encontra principalmente ao juntarmos a essa listagem os títulos citados pela escritora Leila Miccolis, em reportagem ao Lâmpião da Esquina, assim como a nossas consultas presenciais ao Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas (Unicamp). A lista dos periódicos, assim como informações e localização podem ser conferidas na Tabela 11.

Tabela 11: Jornais da proto-imprensa gay latino-americana (1960-1970)

Título	Ano	Cidade	Responsável	Local
O Snob	1963-1969	Rio de Janeiro	Gilka Dantas (Agildo Guimarães)	AEL-Unicamp
Força	1963	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Zona Norte	1963	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Vagalume	1964	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Mito	1966	Niterói	Antonio Kalas	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
O Bem	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Edifício Avenida Central	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Show	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Estábulo	1966	Niterói	Dalia Lavi	AEL-Unicamp
Le Sophistique	1966	Campos	Adriana Gueiros	AEL-Unicamp
Mais	1966	Belo Horizonte	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Fatos e Fofocas	1966	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Charme	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
O Pelicano	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Le Carrilon	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Chic	1966	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em GREEN, 2019
Os Felinos	1967	Niterói	Gato Preto	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Gay Society	1967	Salvador	Jackie de Maga	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7

Gay	1967	Salvador	Jackie de Maga	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Zéfiro	1967	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Baby	1967	Salvador	Di Paula	Citado em GREEN, 2019 e MICCOLIS, 1980, p.7
Little Darling	1970	Salvador	Di Paula	AEL-Unicamp
Le Femme	1960-1970	Rio de Janeiro	Blanca Marie (Anuar Farah)	AEL-Unicamp
Suburbio à Noite	1960-1970	Rio de Janeiro	Frank Gasparelly	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Eros	1960-1970	Rio de Janeiro	Frederico Jorge Dantas	AEL-Unicamp
La Saison	1960-1970	Rio de Janeiro	Jéssica Shelley	AEL-Unicamp
O Centauro	1960-1970	Rio de Janeiro	Anita Chambarelly	AEL-Unicamp
O Vic	1960-1970	Rio de Janeiro	Katherine Wood	AEL-Unicamp
O Grupo	1960-1970	Rio de Janeiro	Georgette de La Cruz	AEL-Unicamp
Darling	1960-1970	Rio de Janeiro	Georgette de La Cruz e Agildo Guimarães	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Gay Press Magazine	1960-1970	Rio de Janeiro	Claude Auger	AEL-Unicamp
20 de Abril	1960-1970	Rio de Janeiro	Bette Taylor	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Centro	1960-1970	Rio de Janeiro	Bette Taylor	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Galo	1960-1970	Rio de Janeiro	Não citado	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
Opinião	1960-1970	Niterói	Gigi Berger	Citado em MICCOLIS, 1980, p.7
O Tiranhinho	1960-1970	Salvador	Orlando Andrade	AEL-Unicamp
Elo	1960-1970	Salvador	Di Paula	AEL-Unicamp

Fonte: Próprio autor, 2022

Vale ressaltar que essa lista foi montada por meio das escassas informações que obtivemos por meio das fontes disponíveis. A maioria dos veículos, infelizmente, não resistiu ao tempo, se tornando inviável a análise de seus conteúdos, com exceção ao O Snob, ao qual já nos detivemos anteriormente que têm preservadas a maioria de suas edições.

Também vale mencionar que é possível existirem iniciativas semelhantes a esta em outros países da América Latina, porém, com a bibliografia a qual tivemos acesso, em nenhum momento são citadas publicações deste gênero, uma questão que pode ser pesquisada com mais detalhes futuramente.

Com isso, temos o que intitulamos nesta pesquisa de protoimprensa gay latino-americana. Periódicos que existiram com o principal objetivo de serem elementos de

socialização entre grupos gays, que possivelmente tinham certa articulação, mas que não passava de uma circulação interna restrita a essas redes de sociabilidade.

O que faz com que sejam apresentados como protoimprensa é que possuíam certa periodicidade, tinham objetivo de informar, se trataram de manifestações sociais em ao menos quatro cidades do país e, mais importante, não tinham o caráter privado (privativo) da comunicação. Diferente de cartas, que servem de documentação para pesquisas históricas sobre o tema e que também podem ser encontradas em acervos diversos, essa comunicação tinha o objetivo, e apenas continha sentido, se fosse amparada pelo espaço público, por menor que fosse o espaço que circulassem, não se tratava de uma comunicação privada, construíam seus significados apenas coletivamente. Conforme afirmamos em análise d'O Centauro, uma dessas publicações:

Vale em primeiro momento destacar a razão de considerar esse periódico artesanal como um integrante de um movimento coeso de uma série de publicações com as mesmas características, integrantes de uma protoimprensa. Em primeiro lugar os destaques, como já referidos, estão nas questões da acurácia e do processo jornalístico para a produção dos conteúdos. Como caracterizado na literatura sobre o tema, disponíveis em Green (2019), Fry (1982 e 1983), Macrae (1983 e 2018), Facchini (2005), entre outros, é possível afiançar que não se trata de material apurado jornalisticamente, nem delimitado dentro dos padrões do jornalismo tradicional, muitas vezes sendo colocados como simples espaços para fofocas. O outro ponto de realçamento está na questão da forma de distribuição que era realizada. Esses periódicos, eram distribuídos entre os integrantes dos próprios grupos, ou entre os demais grupos que compunham a “vida entendida” da época, tendo uma circulação limitada aos próprios membros, sem a priori, terem a intenção ou capacidade de circulação na livre esfera pública-social ou de influência em suas pautas. Finalmente, o terceiro ponto a ser considerado é a periodicidade. (SILVA JR., GOBBI, 2023, p. 3)

E ainda:

Apesar de haver parte da literatura de referência sobre o tema que desqualifica essas publicações colocando-as, muitas vezes, como sendo apenas boletins de fofocas, como Green (2019), as revisões têm, igualmente, mostrado ser importante validá-las como veículos de comunicação dentro de uma imprensa que começava a se formar no período (Colaço, 2022). É nítido que esses veículos buscam mimetizar o formato jornalístico, assim como realizam discussões para além desse aspecto formador e identificador de relações que é a fofoca. (SILVA JR., GOBBI, 2023, p. 11-12)

Com isso, é possível afiançar ao menos duas conclusões sobre essas publicações: primeiro, elas tinham como objetivo realizar o debate da realidade homossexual entre seus pares, por meio da convivência expandida para além dos encontros cotidianos para um suporte o que demonstra uma necessidade de comunicar-se; segundo, ao mimetizar os formatos jornalísticos, em especial as colunas sociais, ou coluna de mexericos, buscava-se se aproximar

de um discurso social legitimador, o jornalístico, a fim de conferir credibilidade ao que se escrevia e se lia, mesmo que o processo essencial do jornalismo, a acurácia não fosse essencial e centralizador no processo de produção desses veículos.

3.3.2.2 A imprensa gay latino-americana

Após esse período de socialização, teremos, a partir de 1976, a publicação de outros periódicos com características ainda mais marcadamente políticas. O Boletim da Aliança de Ativistas Homossexuais, no Brasil, foi um exemplo deste novo tipo de periódico. O boletim, realizado por Frederico Jorge Dantas, circulou entre os anos 1976 e 1977. Trata-se de uma publicação datilografada de capa simples com o título do boletim, assim como seu número e ano. Em seu primeiro número, o boletim se apresenta como um movimento de esclarecimento, conforme segue:

Nós nos propusemos a iniciar uma caminhada da qual você também é participante. Iniciamos um Movimento de esclarecimento que tem como meta o melhor entendimento e aproveitamento de todo este manancial de forças positivas, até agora mal distribuídas entre as várias classes de homossexuais. Se conseguirmos canalizar todo o esforço existente voltado no sentido de um compromisso maior e mais responsável para com a sociedade, acreditamos já ser isto de grande importância à nossa causa, especialmente na luta pelos direitos civis em que estão empenhados não somente os homossexuais brasileiros, mas de maneira ainda mais atuante, os homossexuais de todos os países onde a consciência humana já tem maior abertura, mais maturidade cultural e psicológica, como também maior desenvolvimento. (BOLETIM, n.1,[1976]) p.1).

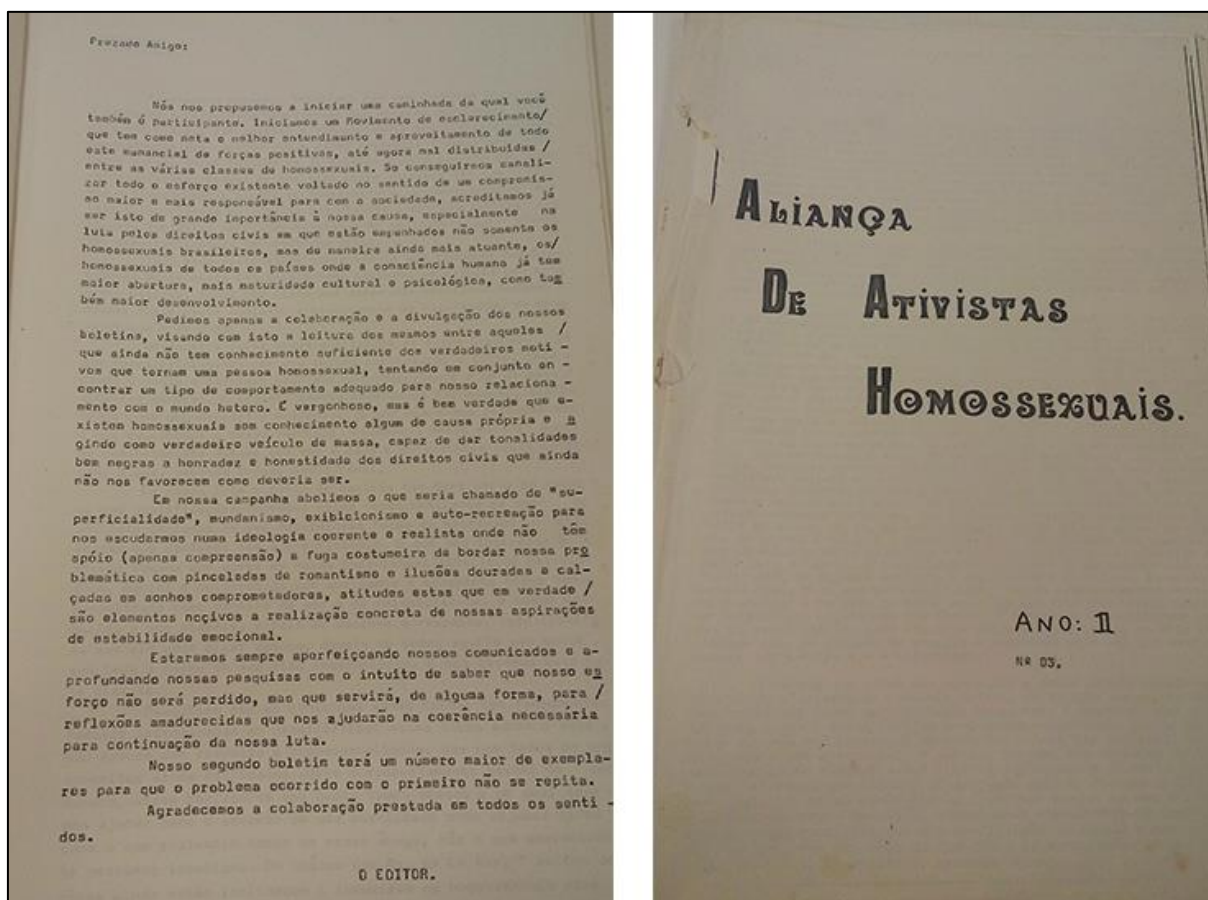
Na primeira edição, além do editorial citado, o boletim traz uma série de informações sobre o movimento gay estadunidense, como passeatas e eventos, assim como discussões e comentários sobre a questão dos direitos civis, sempre tendo como referência o movimento dos Estados Unidos, além de um trecho de poema de Oscar Wilde. Todo conteúdo foi distribuído num total de 9 páginas, sem imagens. A mesma lógica segue nas duas outras edições as quais foi obtido acesso para essa pesquisa, os números 3 e 4. Com uma capa um pouco mais artística, porém, sem imagens.

Na terceira edição, chama atenção no comentário de Frederico Jorge Dantas à argumentação contra a figura “travesti”, já que neste olhar pode estar o começo da identificação de uma outra masculinidade performada por este novo agente social “o gay”. De caráter estigmatizado e preconceituoso, são apresentados tipos diferentes de travestis, buscando-se um afastamento do tipo de comportamento que deveria ser evitado entre os “homossexuais que buscam a sua maturidade”:

O travesti deixa realmente de ser um dos componentes deste grupo de homossexuais que buscam a sua maturidade dentro do seu próprio padrão físico e emocionalmente masculinizado (ou feminino, se for o caso) de relacionar-se. Em sua maioria esta condição de homossexual-mulher nos rotula aos olhos ignorantes de uma maneira pouco saudável, fechando horizontes que seriam mais abertos não houvessem tantas interpretações errôneas no que diz respeito a nossa conduta (BOLETIM, n.3 [1977], p. 1)

Essa visão nos dá um apontamento para outro espaço que deve ser considerado em nossa análise e nessa breve história da imprensa gay latino-americana: a classe social. Os jornais que surgem a partir de 1976 no Brasil, e também em outros países latino-americanos, terão uma concepção mais clara do movimento homossexual espalhado pelo mundo, assim como de suas ideias, podendo começar a articulação e distribuição de ideias. Essas funções não exigem apenas conhecimento técnico, mas também condições para obtenção de informações, que serão relegadas a indivíduos tidos como mais intelectualizados que trazem consigo posições de classe demarcadas, de sujeitos de seu tempo, logo, com suas devidas limitações e capacidades de articulação distintas das que possuímos atualmente.

Figura 2: Primeiro editorial e capa do Boletim de Ativistas Homossexuais



Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Vale ressaltar que a PNAD, de 1977, identificou que 26,3% da população de 20 anos ou mais era analfabeta (FERRARI, 1984, p.35), assim como 39% das pessoas eram consideradas pobre (BARROS, HENRIQUES, MENDONÇA, 2000, p.124). Ou seja, pessoas que tinham acesso às informações vindas do exterior eram bastante privilegiadas frente à sociedade de maneira geral, podendo carregar consigo uma visão elitista sobre os marginalizados.

Não apenas o Brasil apresenta publicações na América Latina, como já antecipado, a *Revista Somos* foi criada, também em 1976, em Buenos Aires, na Argentina, pela *Frente de Liberación Homossexual (FLH)*, disponível atualmente no arquivo digital CeDinCi. A FLH é, até onde se sabe, a primeira associação de luta dos direitos homossexuais na América Latina. Portanto, podemos considerar a *Revista Somos* como a primeira de um movimento político organizado latino-americano. Ela teve um total de 8 exemplares, sendo os seis primeiros datilografados, com ilustrações e os dois últimos escritos a mão.

Ao mesmo tempo que traz informações nacionais e internacionais, a *Revista Somos* possui comunicados e posicionamentos da *FLH* frente às demandas sociais, especialmente nos temas ligados à homossexualidade. Em seu primeiro número, por exemplo, ao mesmo tempo que abre a publicação com um manifesto bastante delicado e esteticamente interessante, conta com uma “*cartilla de seguridad*” que apresenta diversas formas de se precaver de abusos policiais, um artigo sobre lésbicas, entre outras informações.

Na terceira edição, nos chama atenção um texto que busca responder à questão do que é ser um homem e como os gays acabam sendo relegados a uma outra categoria que não essa, conforme o trecho:

Esta pergunta poderia ser respondida de muitas maneiras. Poderíamos dizer: ser "homem" é bater em mulher, e isso provavelmente condensaria a maioria das respostas em uma só; ou poderíamos dizer: ser "homem" é andar como um urso na rua, ou como um macaco senhor do território, abrindo um pouco os braços e as pernas com um balanço peculiar. O bem; os fatos são machistas e as palavras famintas, como gosta "El Caudillo", revelando com muita clareza sua ideologia patriarcal. Ser homem é ser inteligente, dominante, competitivo, autoritário, ativo, superior, e ser mulher é ser inferior, pouco inteligente, subordinada, obediente, passiva. (ROGELIO, 1974, p.3 – tradução livre)

Como podemos ver, há uma visão ligada a violência como característica masculina, um elemento que, como já vimos, está relacionado até hoje com a ideia da masculinidade hegemônica e seus estereótipos. Demonstrando que há uma busca, ao menos neste texto, de um questionamento desta figura, dentro de uma perspectiva de base feminista, já que aponta

também para o papel da mulher nesta relação de gênero. Neste caso, por exemplo, vemos uma visão mais aberta a diversidade, principalmente ao apoiar outras figuras lidas como minoritárias, como a da mulher. Demonstrando que as visões dentro da própria imprensa gay latino-americana eram plurais, realizamos essa afirmação ao compará-la com o tratamento anterior dado as travestis.

Figura 3: Capas da Revista Somos



Fonte: Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas

Outro aspecto que chama a atenção e que demonstra o papel político como essencial à imprensa gay latino-americana aparece na sexta edição da *Revista Somos*. No texto intitulado “*Por que la organización*”, é explicitado o porquê da necessidade de haver um movimento organizado em torno do prazer, única forma, de acordo com a revista, do verdadeiro prazer homossexual ser exercido e estabelecido. Esse movimento em torno do prazer apresenta alguns elementos que deveriam ser observados pelos leitores, conforme segue:

Temos que resolver acabar com tanto sofrimento, com todas essas histórias de pecado carnal, de "anormalidade", de doença. Pelo menos não devemos mais acreditar mais neles, mas passar a pensar em medidas para desenvolver nosso desejo de liberdade. Podemos partir de alguns pontos: 1. Gostamos de ser gays; 2. Há pessoas que não gostam que sejamos homossexuais e tentam nos impedir de ser o que gostamos de ser. Eles não gostam da nossa homossexualidade. Por que eles não se envolvem em seus próprios negócios?; 3. Gostamos de ser homossexuais mais do que eles não gostam que sejamos homossexuais; 4. Para nós, a homossexualidade é um direito inquestionável, do qual não abriremos mão em troca de nada. (POR QUE, 1974, p.12-13 – tradução livre).

Nota-se, portanto, um espaço de reivindicação que ultrapassa a socialização como forma essencial da comunicação. O desejo, neste caso, é da articulação política em torno do desejo, assim como aquela vista no Boletim de Ativistas Homossexuais e que também será vista no primeiro jornal gay da Colômbia, o *Él Otro*.

Editado na cidade de Bogotá, na Colômbia, o periódico *Él Otro* foi uma publicação organizada por León Zuleta, um dos primeiros ativistas gays colombianos e que foi assassinado a punhaladas em 1993, aos 41 anos (CARIBE, 2020). Para esta pesquisa, o acesso aos exemplares do *Él Otro* se deu por meio do pesquisador colombiano Felipe Cesar Camilo Caro Romero, que gentilmente cedeu as cópias digitalizadas.

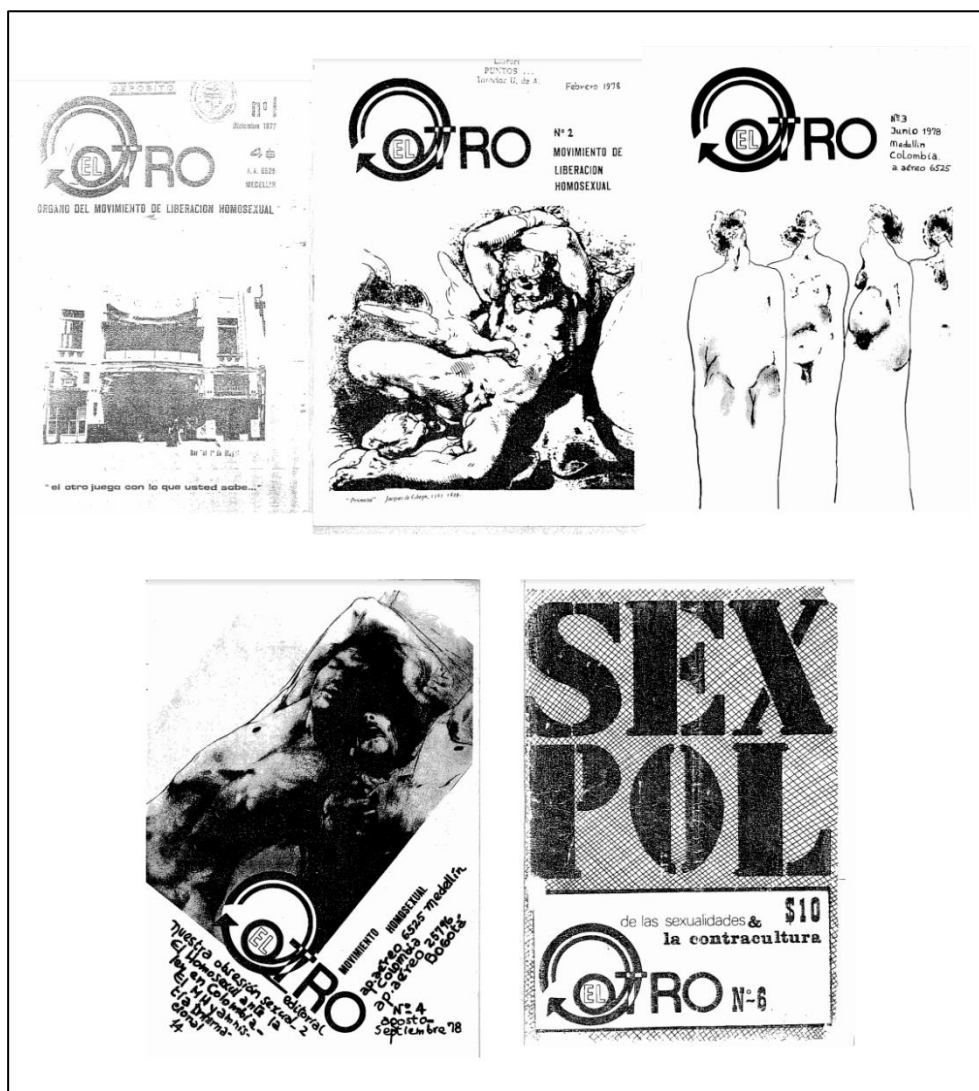
Él Otro foi um jornal datilografado, produzido em folha sulfite A4, com diversas ilustrações e em algumas edições reproduções de imagens. Apesar de, em diversas referências bibliográficas, sua data de criação ser apontada como 1976, a primeira edição do jornal traz na capa a data de dezembro de 1977. Capa na qual também o jornal se apresenta como “*Organo del Movimiento de la Liberación Homosexual*”, demonstrando seu aspecto político. Ao que também indica, o jornal era comercializado, já que contém na capa de sua primeira edição a informação cifrada de 4\$, assim como em sua edição número 6, com a informação atualizada em \$10.

Em seu primeiro texto “*La paranoia anti-homosexual*”, podemos encontrar um discurso semelhante aos demais já apresentados neste novo tipo de jornal gay de caráter político. Neste

trecho, é evidente o posicionamento a favor da expressão homossexual como mais uma entre as várias existentes na sociedade:

Devemos pensá-las [homossexualidade e heterossexualidade] como historicamente coexistentes, termos que indicam a validade arcaica de múltiplas formas de relações sexuais válidas, como satisfação do desejo, e esse pensamento como produto da decantação cultural, com alta incidência de formas ético-religiosas, foi tomando uma direção primordial, a heterossexualidade, ao custo de reprimir outras formas de relações sexuais. Isso, não apenas como evidência de um esforço humano pela própria identificação, mas aliado à repressão ético-religiosa do sexo, estava fundamentalmente implícito, uma necessidade econômica, como as necessidades demográficas e a família nuclear, vinculadas necessariamente à ascensão de propriedade privada. (LA PARANOIA, 1977, p. 6)

Figura 4: Capas Jornal *Él Otro*



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim como nas outras publicações, *Él Otro* apresenta a seus leitores notícias internacionais. De maneira mais notável que as outras publicações até o momento citadas, o periódico colombiano traz uma sessão para a recepção de cartas de leitores, para que eles expressem suas opiniões sobre o conteúdo recebido, característica que com o decorrer do tempo se tornará cada vez mais presentes nessas publicações.

Outro periódico colombiano que surgiu logo na sequência de *Él Otro* foi o *Ventana Gay*, a primeira revista gay criada na cidade de Bogotá. De acordo com Manuel Velandia, um dos editores do periódico, foram editados entre 23 a 24 números. (BAUTISTA, 2018, p. 3265). A publicação foi o veículo de comunicação do *Movimiento de Liberación Homosexual Colombiano* e, conforme outras publicações na época, tinha uma distribuição realizada por seus próprios membros.

A revista tinha como objetivo difundir os direitos dos homossexuais frente a esfera pública e começou a ser editada em agosto 1980. Tinha como diretores Afonso Parra, Manuel Velandia e Daniel Lleras e uma periodicidade mensal. (VENTANA GAY, 1980). Em seu primeiro editorial, a revista se apresenta como um veículo para todos os gays colombianos como uma manifestação viva da beleza de ser gay.

Ventana Gay é dedicada a todos os homossexuais da nação, e é um brinde de união com nossos lindos irmãos do mundo. Pretende-se ser o meio de expressão de todas as variantes que temos. É a contemplação de nossas situações e o ponto de ação sobre elas. É a confluência de todos os homossexuais. É a manifestação viva, a afirmação, da beleza de ser GAY (VENTANA GAY, 1980, p.3 – tradução livre).

Conforme aponta Bautista (2018, p.210), *Ventana Gay* tinha como discurso a ideia da visibilidade, assim como da liberação. Esses motes estavam ligados a uma busca pelo reconhecimento próprio e exterior do ser gay, sendo a saída do armário uma das bandeiras do periódico.

Existe entre as discussões de *Ventana Gay*, o debate e busca por uma nova masculinidade, assim como os demais veículos de sua época, o afastamento do estereótipo arraigado socialmente, que será combatido. Como é possível notar em um trecho da segunda edição do periódico, o afastamento da figura dos “homossexuais místicos” é contestado:

(...) grande parte da perseguição contra a homossexualidade sempre partiu de homossexuais místicos que internalizam em suas mentes a rejeição social da homofilia, e vivem atormentados por esse conflito entre seus desejos

homossexuais e sua autorrepresentação ditada de fora pela sociedade. (VENTANA GAY, 1980, p.11 apud BAUTISTA, 2019 – tradução livre)

Ventana Gay foi publicado até 1984, sendo suas últimas três edições organizadas por um movimento homossexual anarquista que se formava na Colômbia. De acordo com Manuel Velandia, a produção do periódico, inclusive seus custos financeiros, foi o motivo para a finalização do jornal, já que o novo grupo não teve formas de organização que sustentassem o modelo que até então era adotado pelos primeiros militantes (BAUTISTA, 2018, p. 3266)

Afastando a ideia de uma evolução cronológica da imprensa gay latino-americana, é importante ressaltar que as publicações de caráter mais ligado ao entretenimento, sem necessariamente estarem ligadas a movimentos políticos, continuavam a existir. Esse é o caso de outro periódico que surgiu em 1976, no Brasil, o jornal *Gente Gay*, feito por Agildo Guimarães, o mesmo criador de *O Snob*, e que foi distribuído no Rio de Janeiro.

Com uma diagramação simples e datilografada, trazia colagens de imagens e textos, e tratava não apenas das notícias de fora do país, mas também do que acontecia no Rio de Janeiro. O jornal, feito em folha sulfite A4, também possuía uma seção de “Cartas do Leitor”, além de colunas, trazia aos leitores poemas, contos, entrevistas, dicas de espaços de confraternização gays e notícias diversas. O jornal durou até pelo menos 1978.

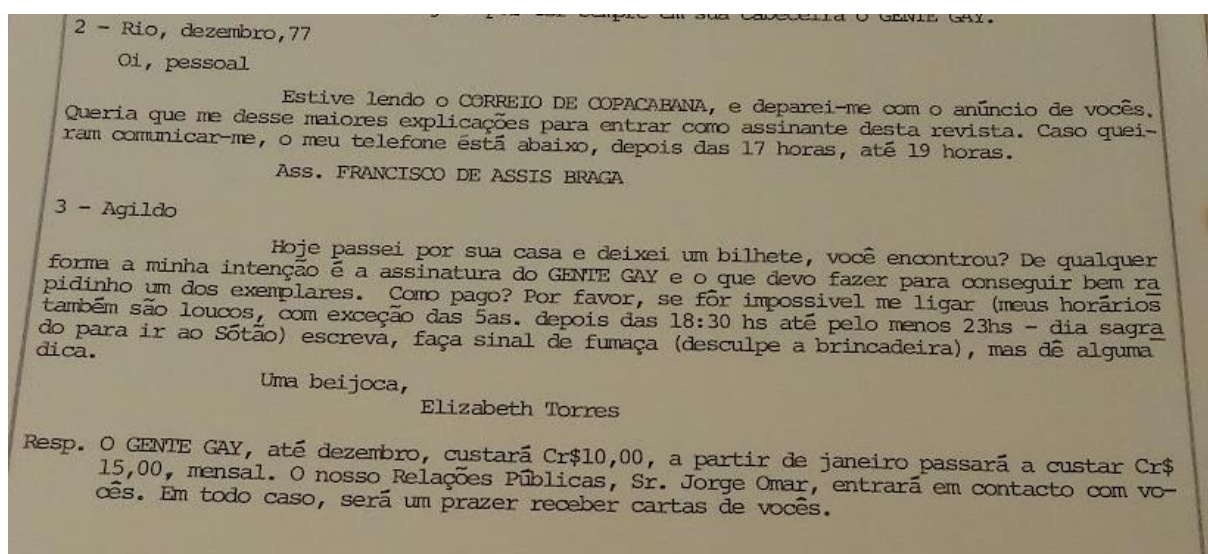
Nessa publicação, é interessante olhar como o seu caráter de socialização, presente nos veículos da protoimprensa gay latino-americana, ganha uma dimensão ainda maior. Nas edições que tivemos acesso, foi possível encontrar cartas da capital do Rio de Janeiro, mas também das cidades como Niterói (Rio de Janeiro), Barbacena (Minas Gerais), Salvador (Bahia), Recife (Pernambuco), São Paulo (São Paulo), demonstrando que sua circulação deixou de ser restrita aos grupos aos quais eram realizadas, se tornando publicações mais bem difundidas e por vezes sendo criticadas pelo próprio público, conforme o caso de um leitor de Recife que traz sua reclamação:

Caro Agildo e Redator de *Gente Gay*. Como vai sua vida? Deduzo pelas notícias do jornalzinho, que você entregou totalmente ao mundanismo e a complexidade da liderança neste mundo gay. Sinceramente não te invejo e tenho cuidados contigo por isto, pois sei que mais uma vez vais sair queimado pelas injustiças e falta de escrúpulos destas pessoas quase sempre tão neuróticas e maldosas, mas que se há de se fazer se escolhes esta participação na vida? (CARTA DO LEITOR, 1977, p.11)

Independente da forma como o leitor apresenta suas críticas, o que chama atenção é a forma de sociação estabelecida por meio do conflito. Demonstrando que, além de atingir mais pessoas em regiões mais distantes, atingiu aquelas com diferentes perspectivas e visões de mundo, ampliando as discussões em torno da “causa gay”.

Apesar de algumas edições serem apontadas como de circulação interna, é interessante notar que o jornal era comercializado e que havia demanda dos leitores que chegavam à publicação por meio de cartas (Figura 5)

Figura 5: Cartas de Leitores do Jornal Gente Gay



Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

O contato com os leitores, cartas e conversas com a redação, assim como a comercialização do periódico, apontam para um veículo ao menos semiestruturado e com certa articulação entre o público interessado.

A partir de 1978, começam a aparecer jornais mais profissionalizados, com diagramações mais sofisticadas, possuindo utilização de fotos, entre outros elementos gráficos que valorizavam o conteúdo jornalístico.

No Brasil, o advento da Imprensa Alternativa facilitará essa produção mais sofisticada. Em São Paulo, entre 1977 e 1978, os jornais Entender, Mundo Gay e Jornal do Gay passam a existir com uma circulação variável. Publicações que tinham em seu conteúdo reivindicações políticas, ao mesmo tempo que abordavam temas culturais. Esse perfil passará a ser o mais visto a partir de então no país, tendo como exemplo maior o jornal Lampião da Esquina, criado em 1978 e que circulou até 1981.

Há uma vasta literatura sobre o jornal *Lampião da Esquina*, inclusive em material audiovisual, o documentário de 2016 dirigido por Livia Perez, traz informações sobre a dinâmica de produção da publicação, assim como sua repercussão na esfera pública. O periódico foi o primeiro nanico a cores no Brasil e trazia um trabalho jornalístico mais definido e apurado em seus conteúdos.

Sob a tutela de Aguinaldo Silva, jornalista e dramaturgo, tinha como principal objetivo ser um jornal (PEREZ, 2016), preocupando-se com as pautas que eram abordadas, assim como a forma dos textos. Diversas editorias acabam se destacando em *Lampião da Esquina*, entre elas a Carta dos Leitores, um espaço de intenso debate e busca por parceiros, assim como as entrevistas, sempre trazendo personalidades para abordar o tema da homossexualidade e dos direitos gays. Outra editoria que trazia entretenimento era a coluna *Bixórdia*, um espaço no qual as fofocas e amenidades presentes nos jornais da protoimprensa se faziam presentes.

O período no qual o *Lampião* foi editado ficou conhecido no Brasil como Abertura Política, uma vez que o Regime Militar, instalado em 1964, perdia forças graças à militância popular e ao afrouxamento de regras por conta dos diversos desgastes que a ditadura enfrentava após o ilusório milagre econômico.

Esse período é marcado também pelo processo de repatriamento de indivíduos que antes foram exilados por suas posições contrárias o regime ditatorial, ou que optaram por viver no exterior por conta das diversas repressões presenciadas na realidade brasileira. Isso faz com que uma nova visão política chegue às militâncias brasileiras, assim como novos assuntos que antes não eram abordados pela política tradicional, alimentada, principalmente, pelos ideais marxistas:

Na busca de soluções para suas próprias contradições, estudantes e intelectuais voltavam suas preocupações para questões como o corpo, o erotismo, a subversão de valores e comportamentos. (...) Entre esses setores começava a se formar cada vez mais nítido um desinteresse pela política como ela vinha sendo entendida até então. A teoria e a prática das esquerdas eram questionadas, sendo apontado seu conservadorismo cultural, refletido na sua dificuldade em inovar nas áreas das artes e dos costumes. O marxismo ficava estigmatizado como “carente” e difundia-se uma nova noção – não existiria a possibilidade de uma revolução ou transformação social sem que ocorresse também uma revolução ou transformação individual (MACRAE, 1990, p.20-21)

João Silvério Trevisan foi um dos articuladores dessa nova perspectiva ligada à renovação dos costumes, que tentou em 1976 a organização de um grupo para estudos ligados à homossexualidade, agrupamento que apesar de sua curta duração, pode ser considerado um

dos embriões do movimento da liberação homossexual no Brasil. O autor relata as dificuldades desse primeiro momento, por conta dos questionamentos internos dos próprios participantes, e antecipa uma disputa que mais tarde seria a principal causa do esfacelamento do Somos, primeiro grupo gay do Brasil: a exigência do alinhamento na militância política ligada à “grande luta” pela redemocratização do país, ou a independência da causa gay frente aos interesses militantes e partidários da época. Questionamentos esses que eram internalizados pelos homossexuais que acabavam por se denominar como “anormais”

Houve tentativa de estudar alguns textos. Mas os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados às suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações por parte de seus companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nessa questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitia francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade (TREVISAN, 2018, p. 315).

Esse tipo de organização, que passava da convivência para a problematização da causa e do contexto gay no país, se tornou então uma realidade concreta de algumas elites intelectuais e Lampião da Esquina está diretamente ligado a esse movimento. Diversos estudos tratam da importância do Lampião da Esquina como primeiro periódico a abordar as questões das “minorias sociais”, como uma publicação estruturada e de circulação nacional, produzida por profissionais da área da comunicação e diversos outros setores da cultura, assumidamente gays e que tinham como objetivo retirar os homossexuais da clandestinidade que lhes era imposta e internalizada.

Um ponto relevante a se destacar atrelado a esse protagonismo de Lampião da Esquina é que, quase concomitantemente ao seu surgimento, foi criado o Grupo Somos, considerado o primeiro grupo do movimento homossexual brasileiro, agrupamento tido como marco na luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e encabeçado por membros que faziam parte do periódico.

Criado oficialmente em 1978, na cidade de São Paulo, o Grupo Somos foi a maior associação de gays dos anos 1970. Em um dos editoriais do Lampião da Esquina, intitulado “Grupo SOMOS: uma experiência”, foi aberto espaço para que o próprio grupo expusesse suas ideias. Neste editorial, podemos perceber as dificuldades encontradas no início da organização

do grupo e como os problemas pessoais enfrentados pelos próprios integrantes afetavam as questões centrais do grupo, colocando o “ser homossexual” à frente de qualquer outra questão abordada pelo movimento homossexual àquela época:

Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas frequentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar um ponto em comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida, porque tudo era novo. E em uma extrema oscilação de gente entrando e saindo. Muitos vinham para espiar. Se decepcionavam. Criticavam nossa falta de objetivos, de organização. De fato não, tínhamos nada pronto, nada concreto para mudar o mundo. (...) Já nos disseram que o SOMOS só tem problemas a contar. Até certo ponto é verdade. Mas nós descobrimos coisas importantes, graças aos problemas. Por ex., descobrimos que temos dificuldade em falar de nós mesmos, enquanto indivíduos. As pessoas em geral, alimentam uma ideia mistificada de coletividade, comunidade, conjunto: e esquecem que cada um forma a base do todo (LAMPÍÃO, 1979, p. 2-3).

A bibliografia deste período acaba por representar as diferentes visões políticas presentes nesse início do movimento gay no Brasil. Isso porque as três principais obras de referência sobre o tema *Devassos no Paraíso*, de João Silvério Trevisan; *Além do Carnaval*, de James Green; e *A construção da Igualdade*, de Edward MacRae, são produções de integrantes e participantes desse momento político. Enquanto Trevisan apresenta seu ponto de vista, como sujeito, em uma espécie de pesquisa participante, os outros dois autores buscam um certo distanciamento do fato ocorrido, o que acaba revelando narrativas distintas sobre uma mesma época e influenciando nas possíveis leituras do que foi o Movimento Homossexual Brasileiro do período.

Enquanto Edward MacRae vê uma recepção pouco amistosa dos participantes do Somos a sua presença no ambiente (MACRAE, 1990, p.98), Trevisan o apresenta como um estudante de antropologia que começou a realizar diversas anotações e estudos sem a devida autorização do grupo (TREVISAN, 2018, p.325). Green aponta uma entrada triunfante de militantes gays em um evento de operários da época sob aplausos dos demais participantes como um momento culminante da luta LGBTQIAPN+ no Brasil (GREEN, 2019, p.434), enquanto Trevisan fala que alguns desses integrantes mais tarde seriam hostilizados em um dos eventos da causa operária, o que culminaria o fim do Grupo Somos após uma cooptação dos partidos de esquerda da época da causa gay sem que houvesse uma verdadeira preocupação com os direitos do grupo (TREVISAN, 2018, p.335).

Menos pela preocupação da veracidade de uma ou de outra versão e mais ligados a seus processos de produção, podemos identificar por meio desses relatos difusos e de diferentes perspectivas, uma nova forma de socialização dos grupos gays, nos quais as disputas pelo poder passam a ser, mesmo que de maneira indesejada por alguns de seus integrantes, uma das formas de organização e relacionamento. Isto antes não era perceptível nos demais jornais e organizações.

Se as antigas publicações podiam apresentar certo conteúdo de rivalização entre os grupos, internamente buscavam uma convivência de relacionamento mais pacífica. Como consequência, essas organizações influenciaram diretamente o *Lampião da Esquina*, que possuía um posicionamento que tendia mais a não filiação do movimento homossexual aos partidos políticos da época, o que pode ser visto como um reflexo da presença de Trevisan como um de seus integrantes e fundador. Porém, a indisposição do jornal com grupos do Rio de Janeiro acabaria colocando-o em uma espécie de isolamento, culminando no fechamento da publicação, que também sofria com as finanças. De acordo com relato de Aguinaldo Silva, no documentário *Lampião da Esquina* (PEREZ, 2016), por vezes ele teve que complementar os valores para que o jornal fosse publicado, já que o veículo não conseguia se manter com as vendas em bancas.

Apesar do protagonismo de *Lampião da Esquina*, outras publicações marcaram espaço, como foi o caso do *Jornal do Gay*, que depois viria a ser chamado de *Gay News*, no qual as discussões sobre a homossexualidade e o “devido posicionamento” do gay eram trazidos à tona, apresentando, novamente, visões menos abertas com relação às demais minorias sociais, como os transexuais, afeminados, cross-dressing e drag queens, à época alocados aos estereótipos de travestis, bonecas e bichas:

A disputa pela verdade do ideal de homossexualidade pode ser percebida na matéria "Questões Homossexuais" publicada na edição nº6 do *Jornal do Gay* de 1980. O texto, escrito por Aristides Penaforte coloca os corpos identificados enquanto homossexuais segundo o modelo hierárquico como anormais. Para o autor, "o organismo social geralmente exhibe as exceções como sendo regras institucionalizando como exemplos homossexuais apenas os travestis, as bonecas, as bichas, para falar dos mais comuns, estes sim, patologicamente anormais (CORDÃO, 2016, p. 11).

Não por acaso, é neste período que veremos uma grande diversidade de grupos, associações e jornais aparecerem no Brasil, representando essas diferentes visões políticas que passavam a ser discutidas na esfera pública. Em nosso levantamento, identificamos ao menos 24 periódicos gays que circularam no país entre 1978 e 1983.

Figura 6: Capas jornais gays brasileiros entre 1978-1983



Fontes: Arquivo Edgard Leuenroth e Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Grupo Dignidade)

Enquanto a diversidade de publicações se faz presente no Brasil, vemos outros países latino-americanos iniciarem suas imprensas gays, como são os casos de México e Venezuela. O movimento político gay no México teve uma breve duração entre 1978 e 1982, e com isso

algumas publicações foram desenvolvidas neste período: *Nuevo Ambiente*, do *Grupo Lambda* (1979); *Informa e Nuestro Cuerpo* (FHAR) e *Política Sexual* (LAGUARDA, 2008, p138).

O periódico *Nuestro Corpo* era editado pelo *Colectivo Mariposas Negras* da *Frente Homosexual de Accion Revolucionaria* (FHAR), seu primeiro número foi lançado em maio de 1979, sendo comercializado por \$10 e financiado coletivamente e sem fins lucrativos. Em um de seus primeiros textos, intitulado “*Tomamos la Palabra*”, o periódico demonstra seus objetivos:

Tomamos a palavra para nossa sexualidade colonizada - nosso corpo. Conscientes e responsáveis pela diversidade de nossas relações em todas as áreas do cotidiano, os integrantes do Colectivo Mariposas Negras da FHAR abrem, com este primeiro número de NOSSO CORPO, uma alternativa de solidariedade, comunicação, amizade, com todos aqueles grupos ou pessoas que lutar contra uma ditadura heterossexual em todas as suas manifestações autoritárias. (...) Colocam prazer nas prisões, nos manicômios, nos bordéis, nos mictórios fétidos dos cinemas. Juntos queremos resgatar nossos corpos da perseguição, da culpa eterna. Nós, homossexuais, rejeitamos a marginalização do prazer minoritário porque é uma forma de interpretação e codificação, posta por aqueles que, até agora, se arrogaram o direito de falar por nós. (NUESTRO, 1979, p.2 – tradução livre)

A abertura deste periódico se assemelha bastante ao primeiro editorial do jornal brasileiro *Lampião da Esquina*, demonstrando que, nas demandas em torno da liberdade, havia uma certa visão geral do que deveria ser realizado: lutar pela liberdade do corpo e do prazer.

Notadamente político, o jornal *Nuestro Cuerpo* trazia testemunhos, novidades, notícias e principalmente as ações realizadas pela *FHAR* e as discussões que realizava frente aos direitos homossexuais. Apesar de até o momento ter tido acesso apenas a uma edição do jornal *Nuestro Cuerpo*, de acordo com Ricardo Laguarda (2008), é possível encontrarmos um ponto de encontro entre as quatro publicações existentes neste período no México:

As publicações da militância homossexual tentaram mudar o que o senso comum da época ditava sobre a homossexualidade, tanto entre aqueles que agora se autodenominavam gays (apelando à sua consciência), quanto em termos do resto da sociedade (exigindo respeito ou, pelo menos, tolerância, a partir do discurso dos direitos civis). Dessa forma, os ativistas buscavam construir uma sociedade mais inclusiva e afirmar sua própria identidade contra agentes considerados antagônicos ou opressores. (LAGUARDA, 2008, p.160 – tradução livre)

Ou seja, é possível compreendermos que houve uma certa lógica e razão para esses periódicos existirem e seus objetivos não se mostravam tão diferentes dos jornais políticos apresentados até este momento nesta pesquisa: busca pelos direitos humanos, a organização de um discurso social e a busca por uma sociedade mais inclusiva.

Figura 7: Capas do jornal gay mexicano Nuestro Cuerpo



Fonte: Colectivo Sol

Ainda tratando dos periódicos mexicanos, é importante falarmos da revista *Machos Tips*. O periódico circulou entre 1985 e 1989, porém, contém um tipo de conteúdo que até então não era visto na América Latina. A revista editada por Aurélio Hidalgo de la Torre oferecia conteúdos diversificados para seus leitores, chegou a ter uma tiragem de até 30 mil exemplares por edição, totalizando em seus quatro anos de existência 23 números. A novidade da revista era mesclar conteúdo cultural e político com entretenimento e ensaios sensuais de homens nus, sendo que, em suas capas, estão presentes modelos masculinos, geralmente sem camisas, brancos e musculosos.

Esse modelo de revista aparecerá em outras partes da América Latina, principalmente no final dos anos de 1990, sendo o México o país que mais cedo importou esse modelo, já difundido nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. A revista finalizou suas atividades com a chegada do HIV/Aids no México, porém, foi uma das revistas que abordou o tema em profundidade.

De acordo com Juan Carlos Mezo González, pesquisador mexicano que gentilmente cedeu duas edições digitalizadas da revista Macho Tips para esta pesquisa, a questão da mestiçagem foi um ponto de debate no periódico gay, já que este tinha objetivo de mostrar uma característica mais nacionalista e próxima dos modelos heterossexuais da época:

Macho Tips desafiou a marginalização dos mexicanos gays por meio da promulgação da masculinidade gay, respeitabilidade e incorporação nacional. Ao se envolver com ideologias nacionais de mestiçagem e masculinidade, Macho Tips nacionalizou a homossexualidade e apelou com sucesso aos desejos das classes médias gays que buscavam consumir o corpo masculino mexicano (MEZO GONZÁLEZ, 2020, p,682 – tradução livre).

Vale ressaltar que revistas como esta continuarão atuando dentro de um espectro ligado à classe média, porém, agora, demonstrando valores que não eram exclusivamente ou prioritariamente políticos, mas sim comportamentais e corporais. Há uma corporificação da masculinidade hegemônica nos ideais de beleza propagados por essas publicações por meio de seus modelos e suas capas.

Figura 8: Capas da revista Machos Tips



Fonte: Arquivo Pessoal

Na Venezuela, entre os anos de 1980 e 1983 foi editado o primeiro jornal gay do país, intitulado de *Entendido*. A revista foi editada na cidade de Caracas e tinha como objetivo ser um canal de comunicação gay relacionado aos direitos humanos e homossexuais.

Os exemplares das edições de 2 a 7 se encontram atualmente disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional da Venezuela. Teve uma tiragem de aproximadamente 5 mil exemplares por edição e foram feitas, no total, 9 edições do periódico. Apesar de não termos tido contato com o material original, de acordo com a bibliografia existente, o jornal *Entendido* se assemelha aos jornais políticos dos demais países latino-americanos. Uma existência a partir da violência policial local fez com que os integrantes de um grupo de gays iniciassem o jornal e consequentemente o movimento LGBTQIAPN+ venezuelano.

Fizeram parte do periódico Edgard Carrasco, Julio Vengoechea, Miguel Lorenzo, Luis Álvarez, Abdel Güerere, entre outros. Em entrevista ao pesquisador, Abdel Güerere conta como o jornal surgiu, assim como os objetivos que o grupo tinha ao lançá-lo.

Nós - lembra Abdel Güerere - éramos um grupo de amigos bem-humorados. Nos víamos muitas vezes em discotecas, bares e festas particulares em Caracas. A cena gay na cidade não era tão grande e havia poucos lugares para homossexuais. Aqueles eram os anos da Venezuela saudita e muitos homossexuais e lésbicas tiveram a oportunidade de viajar para o exterior e conhecer outras realidades. Aqueles que conheciam a Europa e a América do Norte ficaram impressionados com a tolerância que os GLBTs desfrutavam dentro dos grandes guetos de algumas cidades como São Francisco ou Nova York. Na Venezuela o contraste era evidente. Os poucos lugares que abertamente atendiam gays e lésbicas foram submetidos a abusos e batidas policiais contínuas, e um tratamento hostil às minorias sexuais foi mantido na mídia. Diante dessa realidade, aquele pequeno bando de amigos bem-humorados se viu numa encruzilhada, tinham duas opções: ir para outro país onde houvesse climas mais tolerantes para GLBT, principalmente nos guetos; ou ficar na Venezuela e tentar gerar mudanças a partir de dentro. Alguns foram embora. Outros ficaram. Entre os que ficaram, surgiram os Entendidos, responsáveis por iniciar o movimento de libertação GLBT no país. Não podemos dizer que se trata de uma iniciativa venezuelana original - esclarece Güerere - Foi o contato com o resto do mundo que nos permitiu, sem a internet, conhecer outros grupos gays que lutavam por seus direitos civis.

Com isso, podemos apontar que o jornal Entender também esteve ligado a esse espectro político de jornais que dominou a imprensa gay latino-americana entre os anos de 1970 e 1980, com objetivo maior de lutar por meio de seus direitos frente à sociedade e também como formas de articulação de movimentos sociais.

Outros países também tiveram o desenvolvimento de seus movimentos LGBTQIAPN+ mais tardiamente na América Latina, como é o caso do Peru e da Bolívia, por exemplo. Porém, esses países desenvolveram políticas de atuação, assim como periódicos apenas a partir de década de 1990, período que foge ao nosso escopo para esta pesquisa.

Em nosso levantamento de materiais, foram identificadas 138 publicações gays latino-americanas entre 1973 e 2003. Somando este número aos periódicos da protoimprensa (Tabela 5), no total foram identificadas 175 publicações gays latino-americanas entre os anos de 1960 a 2003. Os periódicos da imprensa gay latino-americana de 1973 a 2003 podem ser observados na Tabela 12 com as informações de ano, país e cidade de origem, responsável pela publicação e localização atual.

Tabela 12: Lista de Periódicos Gays Latino-americanos a partir de 1976

Título	Ano	País	Cidade	Responsável	Local
Homossexuais	1973	Argentina	Buenos Aires	FLH	Gale
Pa' Fuera	[1975]	Porto Rico		Comunidade Orgullo Gay (COG)	Spartacus, 1975, p.497
Aliança de Ativistas Homossexuais	1976-1977	Brasil	Rio de Janeiro	Frederico Jorge Dantas	AEL-Unicamp
Gente Gay	1976-1978	Brasil	Rio de Janeiro	Agildo Guimarães	AEL-Unicamp
Revista Somos	1976	Argentina	Buenos Aires	Grupo Somos	CeDInCI (Drive)/Gale
Él Outro	1976	Colômbia	Bogotá	Leon Zuleta	Digitalizado
Boletim informativo da Caixinha	1976	Brasil	Rio de Janeiro	Turma da Caixinha	Citado em CORDÃO, 2017
Boletim informativo : órgão da Frente Brasileira de Libertação Gay	1976	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
The Jamaica Gaily News	1977	Jamaica	Kingston	Gay Freedom Movement	George A. Smathers Libraries (University of Florida)
Entender - Jornal Gay	1977	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Mundo Gay	1977	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Jornal do Gay	1978-1980	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp/Gale
Hombres	[1978]	Colômbia	-----	-----	Spartacus, 1978, p. 129
Lampião da Esquina	1978-1981	Brasil	Rio de Janeiro	Aguinaldo Silva	Grupo Dignidade
Suruba	1979	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Revista Rose	1979-1983	Brasil	Curitiba	Grafipar	Grupo Dignidade/Digitalizado
Gay Zeppelin	1979	Brasil	Belém	-----	Citado em COLAÇO, 1984
Galeria Alegria	1979	Brasil	Rio de Janeiro	Glauco Matoso	Citado em COLAÇO, 1984

Gay News Brasil: Informativo mundial dos entendidos	1979	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Politica Sexual	1979	México	Cidade do México	Frente Homossexual de Acción Revolucionaria (FHAR)	Citado em MEZO GONZÁLEZ, 2020/ GALE
CGI	1979	Brasil	São Paulo	Circulo Corydon	Gale
Nuestro Cuerpo	1979	México	Cidade do México	Frente Homossexual de Acción Revolucionaria (FHAR)	Colectivo Sol/Gale
Jornal for Gays	1980	Brasil	São Paulo	Walfrido	Citado em CORDÃO, 2017
Sucesos Gay	1980	Colômbia	Barranquilla	-----	Gale
Jornal Gay Internacional	1980- 1984	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp/Gale
Entendido	1980	Venezuela	Caracas	Abdel Güerere	Biblioteca Nacional Venezuela
Leva e Traz	1980	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Ventana Gay	1980	Colômbia	Bogotá	Manuel Antonio Velandia Mora	Digitalizado/Gale
Gathó	1980	Brasil	Recife	-----	AEL-Unicamp
Eros	1980	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
O Corpo	1980	Brasil	São Paulo	Somos	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp/ Gale
Boletim do Grupo Gay da Bahia	1981- 2005	Brasil	Salvador	Grupo Gay Bahia	AEL-Unicamp/Gale
Ciência e nudismo / História Secreta. [Pornográfica]	[1980]	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
VIP'S Foto Novela / História Secreta. [Pornográfica]	198?	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Facção homossexual da convergência socialista	1981	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Manga Preta	1981	Brasil	Brasília	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Gay	1981	Argentina	San Martin	-----	Gale
Iamuricumá	1981	Brasil	sem informação	-----	Leila Micollis - University of Miami
ALH - Ação de Libertação Homossexual	1981	Brasil	Tabaraja	-----	Leila Micollis - University of Miami
Boca Negra	1981	Brasil	Rio de Janeiro	Fáisca e Pandora	Citado em COLAÇO, 1984
Boletim informativo dialogay	1981	Brasil	Sergipe	-----	AEL-Unicamp
Ora Pombas	1981	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Auê - jornal da sexualidade	1981	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
PLEIGUEI	1982	Brasil	Rio de Janeiro	Aguinaldo Silva	AEL-Unicamp/Gale/ Citado em COLAÇO, 1984 como PlayGay

Boletim dos grupos Auê e Somos	1982	Brasil	Rio de Janeiro	Grupo Auê e Grupo Somos	AEL-Unicamp
Coverboy. Edição especial da Revista Moustache	1982	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Gayvota	1982	Brasil	sem informação	-----	AEL-Unicamp
Supergay	1982	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
O Bandeirante Destemido	[1983]	Brasil	São Paulo	Grupo Outra Coisa	Spartacus, 1983, p. 116
Lambda Gay	[1983]	Colômbia	Bogotá	Instituto Lambda Colômbia	Spartacus, 1983, p. 145
Ellos y su Mundo	[1983]	Colômbia	Bogotá	Oscar Vásquez	Spartacus, 1983, p. 145
Official Monthly Publication of COG	[1983]	Porto Rico	San Juan	Comunidad de Orgullo Gay (COG)	Spartacus, 1983, p. 560
Nuevo Ambiente	1983	México	Cidade do México	Grupo Lambda	Leila Micollis - University of Miami/Gale
Conducta Imprópria	1983	Peru	Lima	-----	Gale/AEL-Unicamp
Crisalida	1983	México	Guadalajara	GOHL	Gale
Okeizinho	1983-2001	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Revista Oficio	[1984]	México	Monterrey	-----	Spartacus, 1984, p. 436
S.L.A.G.H. (Secretariado Latino-americano de Grupos Homossexuai)	1984	Brasil	Salvador	Secretariado Latino-americano de Grupos Homossexuais	AEL-Unicamp/Gale
Postdata	1984	Argentina	Buenos Aires	-----	Leila Micollis - University of Miami/CeDInCI (Drive)
BOLETÍN DE LA COMUNIDAD HOMOSEXUAL ARGENTINA	1984	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Sodoma Gay	1984	Argentina	Buenos Aires		CeDInCI (Drive)
Macho Tips	1984-1989	México	Cidade do México	-----	Digitalizado
Cerdos y Peces	[1985]	Argentina	-----	-----	Spartacus, 1984, p. 32
San Telmo Gay	1985	Argentina	San Telmo	Comunidad Homosexual Arg.	CeDInCI (Drive)/ AEL-Unicamp/Gale
Life Gay	[1989]	Uruguai	-----	-----	Spartacus, 1989, p. 991
Folha Estudantil	1985	Brasil	Cataguases	-----	Leila Micollis - University of Miami
Situación	1985	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Al Margen	1985	Peru	Lima	Galf	Gale
Vamos a andar	1986	Argentina	Buenos Aires	Comunidad Homosexual Argentina (CHA)	CeDInCI (Drive)/ AEL-Unicamp/Gale
Jornal Marilyn Monroe: informação, prazer, cultura e lazer	1986	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Triangulo Rosa	1986	Brasil	Belo Horizonte	Triangulo Rosa	AEL-Unicamp
Narciso	1987	Brasil	-----	-----	Citado em PEREIRA, 2021; Spartacus, 1987, p. 992

Um Outro Olhar	1987	Brasil	-----	-----	Citado em PEREIRA, 2021
Conotaciones	[1984]	Colômbia	Bogotá	Manuel Velandia	Spartacus, 1988, p.154
De Ambiente	[1984]	Colômbia	Bogotá	C.O.R.G	Spartacus, 1988, p.154
Boletim Informativo LAMBDA - Movimento pela livre orientação sexual	1988	Brasil	São Paulo	Ubiratan da Costa e Silva	Citado em CORDÃO, 2017
Jornal do Jatobá	1988	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Citado em CORDÃO, 2017
Anjo	1988	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Boletim ABIA	1988	Brasil	Rio de Janeiro	Abia	AEL-Unicamp
Y Que	1988	México	Tijuana	Alejandro Garcia	Gale
Urania	[1989]	Colômbia	-----	-----	Spartacus, 1989, p.113
Hermes	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.541
Guia Gay de Costa Rica	1989	Costa Rica	San José	Servicios Graficos Hipo	Gale
Opus Gay	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.541
Así Somos	[1989]	México	-----	-----	Spartacus, 1989, p.545
Mammy's News	1989	Brasil	sem informação	-----	AEL-Unicamp
Boletim a ponte : boletim informativo do GIV	1990	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Cadernos pela Vidada	1990	Brasil	São Paulo	-----	AEL-Unicamp
Previna-se	1990	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami
Atobá	1989	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
O Caso	1991	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Deja Vú	1991	Peru	Lima	-----	Citado em MOTT, s.d
K-pranós	1991	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Folha de parreira : boletim informativo	1992	Brasil	Curitiba	-----	AEL-Unicamp
Nós Por Exemplo	1992	Brasil	Rio de Janeiro	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
41 soñar fantasmas	1992	México	-----	-----	Colectivo Sol
Del Otro Lado	1992	México	-----	-----	Colectivo Sol
Suplemento G	1992	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami/AEL-Unicamp
Confidencial Argentina	1992	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
KA-BUUM	1992	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Confidencial	1992	Costa Rica	Curridabat	Maria Amparo Jiménez e Ana E. Obando	Gale
News From Brazil	1993	Brasil	Curitiba	-----	AEL-Unicamp
Orientação Sexual	1993	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp

Femme	1994	Brasil	Santos	-----	Leila Micollis - University of Miami
ENT&	1994	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Igual Género	1994	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Frontera Gay	1994	México	Tijuana	Emilio Velasquez	Gale
NX	1993	Argentina	Buenos Aires	Nexo Asociación Civil Sin Fines de Lucro	Gale
Ousar Viver	1995	Brasil	São Paulo	-----	Leila Micollis - University of Miami
Sui Generis	1995	Brasil	São Paulo	Nelson Feitoso	Acervo Bajuba
LaHora	1996	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
G Magazine	1997	Brasil	-----	Editora Fractal	-----
Nuestro Mundo	1997	Honduras	Tegucigalpa	Colectivo Violeta	Gale
Fuera del Closet	1998	Nicaragua	Managua	Fundación Xochiquetzal	Gale
En Ambiente	1999	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Espejo de S.I.G.L.A.	1999	Argentina	Buenos Aires	SIGLA	Gale
Puerto Rico Breeze	1999	Porto Rico	San Juan	Tom Koontz	Gale
Macho Sex	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Reportagem Proibida: novela erótica gay	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
Sex Gay	19??	Brasil	Rio de Janeiro	-----	AEL-Unicamp
Ponto de Encontro	19??	Brasil	-----	-----	AEL-Unicamp
X & Y Boletín	2000	Equador	Quito	Corporacion Ecuatoriana de Gays Trangenero (COCCINELLE)	Gale
Info Gay	2001	Costa Rica	San José	AVP publicaciones S.A.	Gale
Boletim do Quimbanda-Dudu	2001	Brasil	Bahia	Grupo Gay Negro da Bahia	Gale
ViceVersa	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Gayness	2001	Costa Rica	San José	Adonay Vilalobos Palma	Gale
Equiláteros	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Gente 10	2001	Costa Rica	San José	Diseño y comunicación	Gale
La Voz de Lambda	2001	Venezuela	-----	-----	Citado em GONZALEZ, 2015
Nada Es Natural	2003	Argentina	Buenos Aires	-----	CeDInCI (Drive)
Revista Júnior	2007	Brasil	São Paulo	André Fisher	-----
Revista ACapa	2007	Brasil	São Paulo	Disponível	-----
Revista DOM	2008	Brasil	São Paulo	Augusto Lins Soares/Fractal Edições	-----
Aimé	2008-2010	Brasil	-----	Grupo Lopso/ Ana Maria Sodré	-----
FHAR Informa	s/d	México	-----	FHAR	Gale

Nós Também	s/d	Brasil	João Pessoa	-----	Leila Micollis - University of Miami/ AEL-Unicamp
Arte Livre	s/d	Brasil	Caxias	-----	Leila Micollis - University of Miami

Fonte: Elaboração própria, 2022

Com base no que destacamos nesta breve história da imprensa gay latino-americana, acreditamos que existam elementos suficientes para classificá-la como tal, sendo que apontados ao menos três momentos de sua recente história, uma protoimprensa mais relacionada com a socialização; uma imprensa relacionada aos processos políticos que nascem com os movimentos de liberação homossexual e, por fim, uma imprensa mais comercial relacionada com conteúdos atrelados ao estilo de vida e comportamento.

É essencial destacarmos que apesar de suas diferentes formas de apresentação, de visões dissonantes que promovem o debate público sobre os direitos e deveres de gays, essas publicações trazem em sua essência uma comunicação particular, segmentada e específica que busca dar visibilidade social a um grupo marginalizado, ao mesmo tempo em que, busca se definir e encontrar como veículos de comunicação capazes de dialogar com os diversos aspectos da diversidade sexual, das questões de gênero e de sexo.

Tratam-se de pioneiros que ao mesmo tempo que buscavam sobreviver e eram limitados pelas questões de seu tempo, traçavam uma história em torno da busca do estabelecimento de uma identidade e de uma masculinidade que até então era socialmente interdita, seja por meio de ridicularização ou da violência.

Outro papel importante que esses veículos demonstram ter em sua história é a capacidade de articulação e socialização entre os próprios leitores. São frequentes as cartas para as redações para tratar sobre o conteúdo do jornal, ou simplesmente para se colocar à disposição para relações amorosas e sexuais, necessidade que até hoje é vista no convívio LGBTQIAPN+ como uma necessidade, especificamente na população gay masculina, grande utilizadora de aplicativos de relacionamentos.

Capítulo III: Analisando estereótipos e compreendendo uma nova masculinidade

*Quando eu estava prá nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu deus como eu queria
Que esse cabra fosse home'
Cabra macho pra danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H*

Homem com H – Ney Matogrosso

Os estereótipos identificados em nosso processo metodológico oferecem uma leitura da estruturação da masculinidade proposta pelas publicações gays latino-americanas durante as décadas de 1970 e 1980. Antes de abordar a qualidade dos estereótipos e a forma como eles se relacionam construindo essa masculinidade, proponho uma leitura da própria incidência dos estereótipos na amostra construída.

Quatro estereótipos chamam a atenção pelo quesito de frequência, o primeiro deles é o estereótipo do homossexual que foi o mais frequente em todo o conteúdo, com um total de 1218 menções, seguido das mulheres (863), homens (475) e gay (447). Essa composição oferece uma denotação inicial de que ao exporem seus argumentos, existe uma necessidade de diferenciação expressiva entre ao menos os três primeiros estereótipos.

Os demais estereótipos apresentam uma frequência marginal se comparado aos mais citados já que todos possuem entre 161 e 104 repetições, são eles: bicha (161 aparições), travesti (127), lesbianas (104).

Saltam aos olhos e se faz necessária a identificação da qualidade de cada uma dessas identidades, pois, mesmo estando delimitadas podem oferecer semelhanças ou afastamentos não evidentes em um primeiro nível de observação. Com isso, foi realizada uma nova leitura flutuante dos conteúdos (BARDIN, 2006) e verificadas algumas particularidades em cada estereótipo.

A observação que mais nos chamou atenção foi o uso como sinônimos das palavras homossexual e gay. Como relatamos houve no princípio dos escritos, na protoimprensa gay

latino-americana, discussões sobre os papéis sexuais e suas derivações. A “bicha” bastante diferente do “entendido” que por sua vez também era distinto do “bofe”. Aqui vemos uma homogeneização dos termos homossexual e gay, além de serem apresentados como sinônimos aparecem em muitos títulos de matérias e nos próprios nomes dos veículos e organizações, exemplos: Ventana Gay, Frente de Liberación Homossexual, Grupo Gay Bahia, entre outros.

Outro ponto observado é a utilização da palavra homossexual para ambos os sexos, há uma evidência e em alguns textos a marcação da palavra lésbica, porém, é notável que se trata de um processo de distinção incipiente nessas publicações. Por conta justamente dos jornais se apresentarem como gays e homossexuais e terem em suas maiorias homens brancos produzindo seus conteúdos. Quando os questionamentos das mulheres surgem, elas passam a se organizar em grupos próprios e produzir seus próprios veículos de comunicação, no Brasil, temos o exemplo do jornal ChanacomChana, dos coletivos Lesbico-Feminista (LF) e Ação Lésbica Feminista (GALF)³⁵

Outro elemento percebido em todos os estereótipos é a repetição das palavras em um mesmo contexto. No mesmo parágrafo, não é incomum encontrarmos a menção a homossexuais, homens, mulheres e lésbicas em sequência numa mesma sentença. Na maioria das vezes nas quais houve essa construção se tratava em ligar todas as figuras em torno da luta pelos direitos a favor das minorias, sempre evidenciando os homossexuais masculinos.

Com isso, optamos pela classificação dos conteúdos em três estereótipos, um autorreferencial “homossexual” e dois extrarreferenciais, “mulher” e “homem”. Esses três estereótipos correspondem a 75% da frequência dos conteúdos identificados, demonstrando que são aqueles que mais interagem na construção da masculinidade desejada por esses movimentos sociais.

Foi identificado um total de 38 subcategorias, sendo elas mais presentes em um ou outro estereótipo. Abaixo segue a descrição de cada uma das subcategorias, assim como a regra para que o conteúdo fosse alocado a ela.

³⁵ Para uma leitura mais ampla sobre o surgimento e desenvolvimento da imprensa lésbica brasileira sugerimos o trabalho de Paula Évelyn Silveira Barbosa, Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995): uma história possível para (re)-pensar o jornalismo, dissertação que recebeu menção honrosa no Prêmio de Teses e Dissertações da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3163>

Tabela 13: Lista de subcategorias

Subcategorias
Aborto – quando o conteúdo estava estritamente ligado ao direito ao aborto.
Aliados – quando o conteúdo se relacionava com as articulações políticas fora dos movimentos sociais homossexuais.
Arte – quando o conteúdo estava relacionado a uma obra de arte ficcional (filmes, livros, pinturas, etc.); ou quando o conteúdo evidenciava a participação de artistas ou trabalhos artísticos atrelados à homossexualidade.
Capitalismo – quando o conteúdo abordava questões sobre a consequência do capitalismo no movimento e nos indivíduos homossexuais.
Ciência – quando o conteúdo buscava por meio da ciência (com exceção as medicinais) explicar ou debater sobre a homossexualidade.
Cultura – quando o conteúdo fazia referência a cultura de povos originários, ou quando o conteúdo fazia referência a própria cultura do país em questão e seu relacionamento com a homossexualidade.
Desarticulação – quando o conteúdo estava atrelado aos processos de falta de diálogo entre grupos, membros ou integrantes dos movimentos homossexuais ou externos a eles.
Educação – quando o conteúdo estava atrelado a congressos, palestras ou esclarecimento didático em torno da homossexualidade.
Escravidão – quando o conteúdo estava estritamente ligado ao escravagismo.
Esporte – quando o conteúdo estava atrelado a algum esporte.
Esposa – quando o conteúdo apresentava uma mulher especificamente no papel de esposa, sem mais nenhum contexto ou participação.
Estupro – quando o conteúdo estava atrelado especificamente ao crime do estupro.
Exército – quando o conteúdo estava atrelado especificamente as Forças Armadas
Família – quando o conteúdo abordava relações familiares.
Feminismo – quando o conteúdo abordava especificamente discussões, soluções ou situações relacionadas ao feminismo e as mulheres do movimento feminista.
Homem Homossexual – quando o conteúdo atrelava a palavra homossexual a figura masculina.
Identidade – quando o conteúdo apresentava características, descrições, discussões ou conceituações sobre as diversas identidades (homossexual, lésbica, homem, mulher, etc.)
Imprensa – quando o conteúdo fazia menção direta ao jornalismo, ou a jornais, programas de televisão, entre outros.
Justiça – quando o conteúdo estava atrelado a alguma forma jurídica (processo, lei) favoráveis ou desfavoráveis aos homossexuais.
Lesbianidades – quando o conteúdo estava especificamente relacionado ou formulados por ou para mulheres lésbicas.
Medicina – quando o conteúdo buscava por meio de aparatos médicos e/ou medicinais a classificação, explicação ou cura da homossexualidade enquanto uma patologia.
Militância – quando os conteúdos estiveram atrelados a ações relacionadas aos movimentos sociais (organização e divulgação de eventos, posicionamentos políticos recomendados aos leitores e participantes, estratégias para a realização da luta contra a opressão vivida pelos gays da época)
Mimetização – quando o conteúdo apresentava a imagem feminina mimetizada por homens.
Misoginia – quando o conteúdo apresentava uma violência específica a figura feminina.
Não se aplica – quando o conteúdo não possuía condições mínimas de contexto para sua classificação (perguntas ou respostas isoladas de entrevistas, títulos, subtítulos, chamadas de

matérias, assinaturas e notas de tradução); e quando o conteúdo se relacionava especificamente sobre relações heterossexuais.
Objeto Sexual – quando o conteúdo apresentava ou fazia referência a mulher como objeto sexual.
Política – quando o conteúdo fazia menção a atividades relacionadas a políticas partidárias, ou a textos relacionados aos poderes legislativos e executivos.
Preconceito – quando o conteúdo tinha como mote a denúncia de preconceitos, ou quando este conteúdo era uma reprodução de um preconceito realizado contra homossexuais.
Privilégio – quando o conteúdo ressaltava os privilégios do homem na sociedade.
Relacionamento - quando o conteúdo estava atrelado a relacionamentos estáveis ou não, monogâmicos ou não de indivíduos homossexuais.
Religião – quando o conteúdo de alguma maneira realizava menção religiosa, citações bíblicas ou perseguição de homossexuais dentro do contexto religioso.
Representatividade – quando o conteúdo dava ênfase a espaços nos quais a representatividade se fez presente ou em conteúdo no qual se cobra a participação e representatividade de homossexuais ou mulheres.
Saúde – quando o conteúdo estava relacionado estritamente a questão da saúde dos indivíduos ou quando eram passadas dicas de saúde.
Sexo – quando o conteúdo estava atrelado ao sexo ou a prática sexual.
Sociabilidade – quando os conteúdos descreviam ou apresentavam uma situação de sociabilidade entre homossexuais.
Trabalho – quando o conteúdo estava atrelado as relações de trabalho.
Transexualidades – quando o conteúdo dava ênfase especificamente a questão das transexualidades
Violência – quando o conteúdo abordava situações de violência experienciada na prática contra homossexuais.

4.1 As qualidades dos estereótipos identitários

Nessa seção são apresentados os dados referentes as classificações das subcategorias em cada um dos estereótipos analisados: homossexual, mulher e homem. O objetivo é demonstrar por meios quantitativos a descrição dos estereótipos, suas principais relações com as subcategorias, assim como realizar as primeiras inferências sobre cada um deles individualmente e apresentar um breve resumo que explicita as qualidades atribuídas aos estereótipos por seus enunciadores.

4.1.1 Homossexual

O estereótipo mais frequente em nosso conteúdo foi *homossexual*, com 1218 aparições com as palavras: homossexual, homosexual, homossexualidade, homosexualidad, homossexualismo, homossexuais, homosexuales. O estereótipo teve um total de 693 conteúdos

classificados³⁶ separados em 27 subcategorias distintas. As subcategorias que se mostraram mais frequentes foram: Militância (121 menções), Preconceito (51), Violência (47), Arte (49) e Justiça (36). Já as menos frequentes foram: Exército (2 menções), Saúde (3), Relacionamento (4), Capitalismo (5), Esporte (5) e Trabalho (5). Os conteúdos aos quais não se aplicaram classificações foram 91. A frequência de todas as subcategorias está listada na Tabela 14, abaixo:

Tabela 14: Subcategorias do estereótipo homossexual

Subcategoria	Frequência
Militância	121
Não se aplica	91
Preconceito	51
Violência	47
Arte	49
Justiça	36
Identidade	35
Imprensa	32
Medicina	28
Aliados	23
Sociabilidade	22
Educação	19
Cultura	19
Religião	17
Política	17
Lesbianidades	13
Sexo	12
Desarticulação	11
Família	10
Feminismo	8
Ciência	8
Trabalho	5
Esporte	5
Capitalismo	5
Relacionamento	4
Saúde	3
Representatividade	2
Total	693

Fonte: Elaboração própria, 2023

A quantidade de subcategorias expressa as variadas abordagens e dimensões pelas quais os veículos de comunicação buscaram retratar a figura do homossexual, distanciando-a da

³⁶ Haverá uma discrepância entre quantidade de palavras e número de conteúdos classificados já que muitas palavras aparecem repetidamente, ou em suas diversas formas, dentro de um mesmo contexto e parágrafo. Quando isto ocorreu, optamos por classificar todas as palavras dentro da mesma subcategoria, o que gerou uma diminuição no número total de conteúdos classificados.

visão, até então tradicional, de ser frívolo, afeminado e pertencente ao mundo da clandestinidade. É notório que a busca pelos homossexuais da época era a de abordar e ter liberdade para expressar suas vivências nas mais variadas formas.

Não por acaso, a luta contra a opressão diária é o tema mais frequente nesses conteúdos. Opressão esta vivenciada nas próprias relações sexuais, familiares, econômicas, religiosas, estruturadas socialmente por meio de aparatos da justiça, da medicina, da ciência, pela violência expressa pelas batidas policiais e prisões, assim como as opressões da vida cotidiana como a impossibilidade de se ter um espaço de convivência, ao ponto de destacá-los como diferenciais quando estes existiam.

De maneira resumida, a figura homossexual que é apresentada é sobretudo uma figura militante, que busca seus direitos, sofre com os preconceitos e violências espalhados pela sociedade, em especial nos aparatos da Justiça e da Medicina, além de ser apreciador de obras de artes, consumidor de bens culturais e informação que busca compreender melhor sua própria identidade.

4.1.2 Mulher

O estereótipo mulher, segundo mais frequente em nosso conteúdo, teve um total de 863 aparições com as palavras mulher, mulheres, *mujer* e *mujeres*. Tivemos um total de 260³⁷ conteúdos classificados distribuídos em 31 subcategorias. As subcategorias mais presentes foram: Militância (33 menções), Arte (18), Identidade (17), Lesbianidades (14) e Mimetização (13). As subcategorias menos frequentes foram, respectivamente: Relacionamentos, Escravidão (com apenas uma menção cada), Família, Saúde, Medicina e Aborto (com duas menções cada).

Vale ressaltar que as formas de violência contra a mulher foram especificadas por meio das subcategorias, principalmente quando o caráter evidente desta violência estava configurado como de gênero. Com isso, as subcategorias Misoginia (11 menções), Objeto Sexual (11),

³⁷ Para esta classificação os conteúdos da Revista Rose não foram considerados por conta de sua particularidade histórica. A Revista Rose, criada em 1979, a princípio foi criada para o público feminino, apesar de sempre contar com leitores homossexuais, com seu desenvolvimento a revista sai do armário e assume o público gay como seu. Porém, para a nossa análise, especificamente sobre as mulheres, essa particularidade traria um desvio, já que em seus conteúdos existem dicas, temas e tópicos relacionados apenas ao público feminino heterossexual. Com isso, optou-se por não incluir suas menções nesta fase da análise qualitativa.

Esposa (8), Estupro (7) se mostraram evidentes durante a categorização que pode ser verificada em sua íntegra na Tabela 15, abaixo:

Tabela 15: Subcategorias do estereótipo mulher

Subcategoria	Frequência
Militância	33
Não se aplica	19
Arte	18
Identidade	17
Lesbianidades	14
Mimetização	13
Sexo	12
Transexualidades	11
Misoginia	11
Objeto Sexual	11
Machismo	9
Esposa	8
Estupro	7
Feminismo	6
Imprensa	6
Representatividade	6
Sociabilidade	5
Política	5
Preconceito	5
Aliados	5
Desarticulação	5
Violência	4
Religião	4
Cultura	4
Trabalho	3
Família	2
Saúde	2
Medicina	2
Aborto	2
Escravidão	1
Relacionamentos	1
Total	260

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

O estereótipo mulher demonstra, assim como o homossexual, uma forte ligação com a militância. Não é incomum nos conteúdos encontrarmos mobilizações realizadas por homens gays e mulheres lésbicas, ou heterossexuais. Esse processo de militância parece ser um modelo ao qual aqueles que escreviam também buscavam em seus pares de relacionamento, independe

de gênero e sexualidade. Em outras palavras, os laços entre homossexuais e mulheres se mostravam presentes nas lutas que ambos traçavam em torno de seus direitos.

As discussões sobre as identidades, assim como a figura da lésbica como componente neste processo de identificação de si também estão presentes no estereótipo. A mulher é apresentada como um indivíduo que necessita buscar a própria definição de sua identidade para não ser um simples oposto do homem, seja ela hetero ou homossexual.

As formas como as mulheres são vistas de maneira geral pela sociedade também integram esse estereótipo, conteúdos nos quais elas são colocadas como objetos sexuais, assim como apresentadas apenas como esposas, destacando sua falta representatividade em espaços de poder, evidência esta que não é tão presente na categoria homossexual.

Em resumo, o estereótipo apresenta uma mulher que luta por seus direitos, tem interesse e é representada pelas artes, assim como busca uma identificação própria por meio da construção de uma identidade coletiva contra as opressões cotidianas. Mostra também que apesar desse direcionamento, essa mulher ainda é vista como objeto sexual, está atrelada as funções domésticas e sofre violências específicas por ser quem são: mulheres. Há ainda uma diferenciação entre as mulheres heterossexuais das lésbicas, que por muitas vezes, por desejo ou por oposição é colocada em um estereótipo outro que não o da mulher. Trata-se de uma categoria extrarreferencial

4.1.3 Homem

O estereótipo homem é aquele que apresenta maior distância entre os três analisados em nossa classificação. Foram identificadas 475 frequências com as palavras homem, homens, *hombre* e *hombres* que resultaram um total de 244 conteúdos classificados.

As subcategorias mais presentes foram: Machismo (32 menções), Arte (29), Sexo (19), Homem Homossexual (18) e Identidade (18). As menos frequentes, respectivamente, foram: Mimetização, Capitalismo, Desarticulação e Esporte, cada uma delas com apenas uma aparição. A classificação completa é vista abaixo, na Tabela 16:

Tabela 16: Subcategorias do estereótipo homem

Subcategoria	Frequência
Machismo	32
Arte	29
Não se aplica	28
Sexo	19
Homem Homossexual	18
Identidade	18
Relacionamento	14
Preconceito	9
Violência	9
Privilégio	9
Militância	8
Sociabilidade	5
Imprensa	5
Justiça	4
Feminismo	4
Medicina	4
Política	3
Religião	3
Cultura	3
Saúde	3
Ciência	3
Lesbianidades	2
Aliados	2
Estupro	2
Educação	2
Família	2
Mimetização	1
Capitalismo	1
Desarticulação	1
Esporte	1
Total	244

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Uma subcategoria que acaba tendo destaque pela sua particularidade e frequência é aquela que denuncia os privilégios vivenciados pelo homem na sociedade, na qual, apesar de não realizar uma violência ou ação específica, ainda acaba por desfrutar os privilégios da masculinidade hegemônica, é aquilo que Connel (2005) identificou como masculinidade cúmplice.

O machismo, atitude mais explícita de violência contra mulher e o homossexual é a categoria que define esse estereótipo. O homem é visto como elemento produtor e perpetuador

de violências contra as mulheres e os homossexuais. Não por acaso, é evidenciado um afastamento do estereótipo homem do *homem homossexual* em diversos conteúdos analisados. Outras referências que demonstram que essa categoria é extrarreferencial são as subcategorias de Sexo e Relacionamento, nas quais os homossexuais se referem ao homem como um outro com o qual ele se relaciona.

Em suma, o estereótipo do homem é daquele que promove a violência sistêmica contra homossexuais e mulheres. Que é representado nas artes e para os quais o sexo e as relações acabam sendo permitidos, apesar de sua posição opressora. É articulador de violências específicas, apesar de por vezes ser visto como um aliado, em questões relacionadas a militância e a política.

4.2 Uma nova masculinidade

Por meio de uma luta coletiva, contra uma sociedade dominada por uma massa contrária as suas aspirações enquanto cidadão, homossexual e masculino. Os conteúdos analisados em nossa pesquisa demonstram que travando alianças e galgando caminhos, aqueles que estavam presentes na imprensa gay latino-americana buscavam seu reconhecimento enquanto homossexuais dando ênfase a necessidade de apresentarem também como homens.

Aliados das mulheres, tendo o homem heterossexual como um oposto à sua experiência, os gays se mostraram combativos frente a uma realidade opressora, a fim de serem vistos por aquilo que construíam e tinham convicção do que eram, um tipo masculino diferente, porém, digno de direitos e com seus respectivos deveres.

A maior ênfase ao caráter militante presente no estereótipo do homossexual gay latino-americano não se apresenta por acaso. Durante as décadas de 1960 e 1980, com auxílio de países imperialistas, como foi o caso dos Estados Unidos e sua conhecida Operação Condor, tiveram que lidar com os processos de repressão políticos e sexuais em uma sociedade já demarcada por uma cultura de matriz cristã, grande condenadora das práticas homoeróticas, desde a Idade Média.

A homossexualidade militante trata-se basicamente do posicionamento e da forma que os gays da época acreditavam que deveriam ter frente aos problemas que lhes eram apresentados cotidianamente. De maneira coletiva e organizada os movimentos sociais homossexuais tentaram mostrar as possíveis saídas para a articulação em torno da luta por seus direitos. A militância se apresenta de diversas formas, desde o posicionamento frente aos dilemas da

construção de uma identidade, baseada em uma nova masculinidade, até ações em massa realizadas com intuito de denunciar uma situação de abuso ou para dar visibilidade a causa gay.

Esse pensamento militante por vezes buscava delimitar aquilo que era ser homossexual, passando informações e argumentos para que os leitores percebessem a importância da ação política refletida na realidade. O discurso militante, se demonstra bastante enfático quanto aos rumos da organização, assim como o comportamento esperado de seus integrantes, a fim de obterem aquilo que é apresentado como “conscientização de sua condição homossexual”, como apresenta o editorial do segundo número do jornal *Ventana Gay* no qual

esta opressão que se traduz numa ideologia (anteriormente sexismo) e na sua tradução para o plano homossexual (heterossexismo), por sua vez consolidada pela família, pela escola, pela igreja, pelo trabalho, pelo direito, pela medicina, pela psicologia e pelos mesmos partidos políticos, **exige de nós um aprofundamento, o que implica a necessidade de criação de grupos de trabalho, por parte de homossexuais – homens e mulheres – para sensibilizar para o processo de libertação.** (EDITORIAL, 1980 – tradução livre, destaques nossos)

Trata-se, portanto, de uma forma de ser, de se portar, frente a realidade. Destacam-se também os processos de construção, na maioria das vezes enfatizando a luta coletiva junto as mulheres e o movimento feminista e das relações que o estereótipo do homossexual militante possui com a compreensão da realidade que o cerca.

Os processos de conscientização dificilmente deixam de partir de um princípio de opressão vivenciada cotidianamente, opressão essa que não é apenas sexual, mas também econômica e social. O pedido de direitos não se limitava a uma vivência tolerada, os princípios da subversão fazem parte das reivindicações, como afirmam:

A luta de mulheres e homens homossexuais conscientes não está orientada para a tolerância das nossas preferências sexuais, uma tolerância que a "aprovação do consumo" tornou gradualmente mais tangível, desde que se percebeu que esbanjar-se com guetos alienantes e marginalizantes não significa trazer apenas benefícios econômicos (...) O objetivo da nossa luta é **subverter todas as concepções e práticas que demonizaram os homossexuais e subjugaram as mulheres**, fazendo da sexualidade mais um instrumento de controle e poder político. (FEMINISTAS, 1979. - tradução livre, grifos nossos)

As estratégias de ação militante também são expostas e por vezes debatidas nos veículos de comunicação. Os congressos nacionais e internacionais estão presentes em todos os veículos

analisados, seja evidenciando a participação ou a cobertura desses, ou mesmo sua própria realização.

Congressos internacionais, especialmente realizados no continente europeu e nos Estados Unidos são destacados. Há uma prevalência para a apresentação das próprias discussões realizadas pelos grupos responsáveis pelas publicações, a exceção é o brasileiro Lampião da Esquina, que não possuía relação com nenhum grupo específico, mas, mesmo assim, as relatavam:

A reunião da ABI tinha caráter especulativo quando foi idealizada: ela ultrapassou de longe esse caráter e mostrou que a vontade, o sentido de organização e o avançado estado de preparo tático de alguns grupos estão a exigir uma estrutura muito mais ampla e profunda do movimento homossexual como um todo e que essa estrutura só pode ser criada com a colaboração de todos os interessados. Diante do arsenal de idéias e de projetos plausíveis e inventivos apresentados na ABI cresceu a certeza de que o movimento já está maduro e capaz de criar uma perspectiva de ação social para os homossexuais organizados. (NO RIO, 1979.)

Essa masculinidade, porém, não estava apenas caracterizada por uma posição militante. Era marcada, também, pela violência sofrida pelos homossexuais. Além da opressão psicológica imposta pelos armários, pelo não poder ser, as violências físicas e a negação de direitos eram materializadas por quaisquer uns que a desejavam. Nesse posto, a organização que mais tem provas contra si é a polícia.

Agindo como braço do Estado homofóbico, a polícia foi responsável por acusar, julgar e condenar os homossexuais por andarem nas ruas, se reunirem festas particulares, em cinemas, bares e clubes. A atitude de repressão que motivou nos Estados Unidos a Revolução de Stonewall foi sentida por todos os homossexuais da América Latina cotidianamente durante os anos de 1960 e 1980. Como afirmam os relatos na Argentina:

Um perigo grave, **semelhante ao representado pelos policiais à paisana que costumam entregá-lo aos colegas de trabalho após fazerem amor com você**, é o daqueles homossexuais "vergonhosos", geralmente do sexo masculino, que se aproveitam de seu conhecimento do meio ambiente para chantagear para seus eventuais amantes. Às vezes eles se passam por policiais. (Revista Somos, nº 6, 1975. Las trampas de la represión – tradução livre, destaque nosso)

No Brasil:

Logo percebi o que eu estava fazendo ali: **eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com outros quatro, para ser assaltado por policiais**. E não de outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns

trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...), ele nos dispensaria. É claro que queríamos é sair logo daquele local: eu dei 300 cruzeiros e os outros entre 100 e 500. (Lampião da Esquina, nº 16, 1979, Chantagem no Banheiro da Central – destaque nosso)

Na Colômbia:

Ele se referiu, de fato, à brutalidade da polícia. “Os homossexuais, especialmente os travestis, são frequentemente alvo de ataques. **Um passatempo favorito da polícia é despi-los, encharcá-los com água gelada e forçá-los a passar a noite no frio.** Se você não puder pagar uma determinada multa, estupros e espancamentos serão comuns.” (Ventana Gay, nº 4, 1981. UN DESTELLO DE ESPERANZA: EL MOVIMIENTO GAY EN ASCENSO – tradução livre, destaque nosso)

E no México:

A perseguição policial aos atos homossexuais remonta a séculos passados em nosso país. Tempos como o porfiriano falam-nos de uma aguda repressão oficial. O número 41, tradicionalmente considerado um número homossexual, está relacionado com a rusga a uma festa privada em 1901, quando 41 homossexuais foram detidos pelas forças policiais e expostos a escândalo público. Desde essa data até ao presente, a repressão, **em vez de se extinguir, alastrou-se manifestamente, sendo frequentes as batidas policiais a homossexuais em festas privadas, realizadas com todo o tipo de arbitrariedades e assédios** contra mulheres e homens. (Nuevo Ambiente, nº 1, 1979. Editorial – tradução livre, destaque nosso)

Todas essas arbitrariedades ocorrendo ao olhar da justiça, como é possível verificar em nossa subcategoria ligada ao tema, já que nenhum desses países possuía a época leis contra a homossexualidade. Influenciadas pelo Código Napoleônico, as constituições desses quatro países latino-americanos eliminaram de suas leis a criminalização da homossexualidade entre homens adultos, porém, como também é possível verificar em nossos conteúdos, quaisquer outras leis ou regras eram utilizadas para incriminar os gays neste período, tendo inclusive a Argentina criado normas escritas pela inteligência policial para dar respaldo as prisões e abusos.

Outras duas marcas que aparecem nessa nova masculinidade evidenciada são a da patologia e do pecado, por meio, das classificações realizadas pela Medicina e pela Religião, outras subcategorias identificadas em nossa análise. Assim como Foucault (2006) comprovou em seus trabalhos, que durante o século XIX por meio das confissões realizadas nos consultórios e confessionários, uma nova racionalidade criava uma nova espécie a ser normatizada (o homossexual) é possível ver traços dessa *Scientia Sexuales* nos periódicos da época.

Os saberes médicos buscavam a causa da homossexualidade, assim como formas de tratamento, em algumas situações, avançavam ao ponto de evidenciar que o mais adequado seria a própria aceitação do gay enquanto tal, porém, essa não era a regra. Fazer frente a esses argumentos também é uma marca dessa masculinidade, inclusive trazendo outras exposições que podem ser consideradas criativas e provocadoras do *status quo* capitalista.

A homossexualidade não é possível porque a Bíblia em tal página diz isso... ou porque homens e mulheres são destinados por Deus a formar famílias e ter filhos. Etc. A mesma análise pode ser feita por um empresário, qualquer relação de produção que não seja capitalista é condenável pois é essencial para a vida que haja propriedade privada e que os trabalhadores trabalhem em outras fábricas, etc. (Revista Somos, nº 8, 1976. Comentário de livros – tradução livre)

A questão da criatividade, da arte e da informação se mostram importantes. Em praticamente todos os veículos são dadas atenções às artes, seja por meio de crítica, de disponibilização de trechos de livros sobre a vida homossexual ou publicação de poemas. Não por acaso a subcategoria de arte é vista nos três estereótipos analisados e com evidência.

Neste sentido é nítido o desejo de demonstrar que os homossexuais produziam conhecimento e arte, esta é a diferença entre a representação dos estereótipos do homem e da mulher nesta subcategoria. Ao contrário desses dois estereótipos extrarreferenciais, são evidenciadas, criticadas e exaltadas obras produzidas por e para gays, assim como analisadas representações feitas de figuras homossexuais em obras produzidas por heterossexuais. Para essa nova masculinidade, o campo da arte aparece como um garantidor de suas competências, que vão para além do estereótipo vigente socialmente. O trecho da entrevista com o cantor Tom Robinson, da banda Tom Robinson Band, é um dos exemplos:

A realidade é que sou um homem gay no mundo heterossexual; além de mim, todos, exceto um da minha equipe de trabalho, são heterossexuais. Organizei meus companheiros de banda com base em suas habilidades musicais. (Nuevo Ambiente, nº 1, 1979. Nuestra imagen – tradução livre)

Além da produção e consumo de obras e produtos de arte, ações políticas com relação a elas eram planejadas e executadas. Incluindo a criatividade. Exposições eram planejadas e realizadas em torno da temática homossexual. Um dos Encontros Gueis realizado no Brasil, demonstra esse interesse, inclusive, buscando que as expressões artísticas destacassem mais humanidade

Propuseram um levantamento de toda a produção homossexual no campo das artes e da criatividade, e pediram que se levasse em conta – já que não se tratava de repetir os chavões da política tradicional – “o lado mais humano das

coisas". (Lampião da Esquina, nº 16, 1979. No Rio, o encontro nacional do povo guei.)

A busca pelo esvaziamento dos estereótipos é também uma marca dessa masculinidade. Muito antes daquilo que hoje conhecemos como *queering* ser teorizado e ganhar os espaços acadêmicos, já era executado no dia a dia desses indivíduos e grupos. O que nos confere ainda mais confiança em afirmar que aquilo que se buscava era uma nova concepção do ser. Tratava-se de fazer-se, construir-se enquanto tal. As palavras que serviam de xingamento, passavam por um processo de resignificação pelos próprios homossexuais, aquilo que tinha o sentido pejorativo era acolhido e passava a fazer parte desta nova masculinidade.

Temos batalhado muito para redimir e recolocar no vocabulário homossexual palavras hostis como viado e bicha. Isto é, tentamos dar um novo sentido. Inclusive o de bom humor, às palavras que a sociedade machista sempre usou para nos humilhar. (Lampião da Esquina, nº 16, 1979, Apresentando Dennis Altman)

Um processo de consciência de si é a busca maior com relação a identidade. Todos os veículos de comunicação estão preocupados na definição daquilo que é ser homossexual. Textos vários poderiam ser apontados pela busca da criação de uma identidade - que aqui destacamos como uma identidade marcada pela masculinidade.

A afirmação da identidade homossexual foi construída de acordo com as sugestões dos movimentos e marcada pelo ato de "*sair do armário*", porém, essa política não condizia com a realidade da maioria dos homossexuais da época. Como já demonstramos, ser homossexual trazia consigo marcas pelas quais muitas pessoas não podiam ou não queriam ter em seus corpos e suas vidas. E são nesses espaços de afirmação que vemos uma nítida separação entre a figura feminina e do homem heterossexual.

A possibilidade de mostrarmos com orgulho o Ser Homossexual, **de não sermos complementos da mulher ou do homem, mas sermos nós mesmos; conquistar nossa integridade, deixando de ser objetos sexuais** - diante de nós mesmos - e de sermos considerados algo mais que um elemento produtivo, para alcançar mecanismos de projeção social e um desdobramento total nas demais esferas da realidade. (Ventana Gay, 1980, nº 2, Liberacion, Liberación, Liberación. – tradução livre, destaque nosso)

A relação dessa masculinidade com as mulheres se mostra evidente na compreensão e reconhecimento das opressões sofridas por elas pelo machismo, do qual os homossexuais também são vítimas.

Não por acaso se fazem presentes em oito subcategorias formas de violências diretas ou indiretas contra elas, violências essas que eram denunciadas, ao mesmo tempo que os espaços de protagonismo conjunto eram valorizados e divulgados.

A denúncia contra a misoginia é que mais se destaca. As explorações e ódios cotidianos se expressavam na vida das mulheres e eram os motivos pelos quais se realizava uma união entre masculinidade e feminilidade. Neste sentido, podemos afirmar que se trata de uma masculinidade criada a favor das pautas feministas, se nutrindo inclusive da própria luta feminina. Denúncias como a realizada no Lampião da Esquina dão o tom dessa união:

Desde que nasce, a mulher é assim submetida a diferentes formas de violência, que se distribuem num continuum e vão desde a imposição da ignorância, passividade, fragilidade, e impotência como componentes do seu papel social a ser desempenhado, até a violência física propriamente dita, sendo o estupro um dos exemplos neste caso. (Lampião da Esquina, nº 20, 1980. Rio: a violência como convém)

Porém, a maior relação de troca da masculinidade homossexual com o estereótipo feminino é por meio da mimetização. Homens que se travestiam de mulher se faziam presentes no cotidiano da época e eram colocados como exteriores a construção da homossexualidade que estava sendo formulada naquele período, muitas vezes participando da mesma categoria das travestis e do âmbito da transexualidade.

Há uma nítida diferenciação discursiva entre esses gays que imitavam as mulheres daqueles que não o faziam. Há inclusive, em alguns pontos, comentários transfóbicos com relação a essas pessoas, principalmente na figura das travestis. Não se trata de um unísono, porém, se mostra um ponto de afastamento nesta construção de masculinidade, como é possível verificar na fala de um leitor de Lampião da Esquina:

Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho dos paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula **o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher.** (Lampião da Esquina, nº 2, 1978 – destaques nossos)

Mesmo quando o conteúdo não contém traços transfóbicos, a relação é abordada em um outro espaço. Trata-se de uma identidade outra, que tem necessidades específicas que não a do homossexual, mesmo que seja tratado indevidamente pelo pronome masculino. Neste caso, no

qual se aborda a mimetização, sem necessariamente estar atrelada a transexualidade, é possível verificar essa externalidade.

É uma necessidade real que a pessoa sente de adaptar-se ao meio que o condena. Se “ele” usa roupa de mulher não é para se gratificar ou para se exibir. “Ele” se sente mulher mesmo, e se traja de acordo com sua identificação mais profunda com o sexo feminino. Em roupas de homem, “ele” se sentiria mal, desajeitado. (Lampião da Esquina, nº 35, 1981. Esse espírito dos sexos...)

Concordando com esse argumento temos, em uma entrevista a nítida diferenciação entre o homossexual e os travestis. Glorinha Pereira, jornalista responsável por uma coluna de temática gay no jornal Correio Copacabana, justifica o destaque que dava em seus textos as travestis, pois, de acordo com ela o preconceito era menor por conta da caricatura que essas pessoas ofereciam à sociedade.

Talvez eles achem **os travestis** engraçados, porque **são homens vestidos de mulher**, e quanto ao **homossexual propriamente dito: são homens que se identificam com outros homens**: Homem e Homem. (Gente Gay, s.n., 1979. Entrevista com Glorinha Pereira – destaques nossos)

Com relação ao estereótipo de homem, essa nova masculinidade deixa clara sua oposição as características machistas e opressoras. A existência da masculinidade homossexual, se explica pelo combate daquilo que é tido como um sistema que viola os direitos dos homossexuais e das mulheres e que oferece privilégios para os homens, lidos em nossa pesquisa como heterossexuais. Cientes da criação do homem enquanto um discurso e poder com o qual o Ocidente se formou, essa nova masculinidade questiona a justificativa que se apresenta como natural por conta de sua dominância em diversos aspectos da vida, entre eles:

Os valores que – segundo a ideologia burguesa – são “naturais e inerentes ao homem enquanto tal”, precisam de ser defendidos pelas armas, porque – ao que parece – já ninguém acredita neles. Assim, o aparato de propaganda oficial constrói seus discursos a partir de apelos à unidade da família, à autoridade, ao amor à pátria, à defesa do modo de vida ocidental, ao combate à imoralidade e à toxicodependência, etc. (Revista Somos, nº8, 1976. 1975: la crisis de la normalidad burguesa – tradução livre)

A oposição à figura da masculinidade hegemônica é tão evidente e externa que para referirem-se a si enquanto homens, destacam a homossexualidade. Não são raros os posicionamentos nos quais temos as palavras homens homossexuais uma ao lado da outra, demonstrando que existe uma diferença entre aqueles que são apenas homens frente aos que

são homens e homossexuais. Outra evidência que confirma nossa ideia de que há em disputa a construção de uma outra e nova masculinidade, como vemos em um trecho de chamamento contra a perseguição policial:

Nas páginas de NUEVO AMBIENTE convidamos parceiras lésbicas e **homens homossexuais** a se juntarem à nossa campanha contra a perseguição policial aos homossexuais. Convidamos você a participar de nossas atividades de reportagem que (Nuevo Ambiente, nº1, 1979. CAMPAÑA EN CONTRA DE LA REPRESIONA – tradução livre, destaque nosso)

O mesmo ocorre em um trecho no qual é explicada a falta de atração de mulheres lésbicas por homens, utilizando os homens homossexuais como exemplo oposto. O interessante deste trecho é justamente a utilização dos dois tipos de masculinidades em um mesmo contexto. O que nos facilita ler a diferenciação entre ambas:

No caso específico das lésbicas, a circunstância de **o homem** não as motivar de forma alguma não significa que se deva rejeitá-las, o mesmo se diria **do homem homossexual** em relação à mulher. (Ventana Gay, nº 2, 1980. Relación Lesbianismo – tradução livre, destaques nossos)

Essa distinção, porém, não se torna clara quando o tema abordado é o sexo. Neste sentido a masculinidade homossexual não parece ter uma relação de afastamento com a imagem do homem. Em diversas passagens encontramos o sexo realizado por dois homens, sem a distinção se se tratam de homo ou heterossexuais. O fato de serem dois homens praticando sexo pode ser inclusive visto como um diferencial para a busca do prazer, como trecho de matéria no *Ventana Gay*:

Diz-se que **um homem sabe como excitar outro homem** porque conhece intimamente o seu próprio corpo e pode transferir esse conhecimento ao seu amante. É bem possível que isso seja verdade e se torne mais perceptível durante o ato de sucção ou felação (estimulação oral do pênis). (Ventana Gay, nº2, 1980. TÉCNICAS DEL AMOR GAY – tradução livre, destaque nosso)

Outra passagem, agora no Lampião da Esquina também nos oferece essa visão de dois homens transando. No caso, a brutalidade do ato é destacada ao ponto de chamar atenção do jornalista que relata o fato e os expectadores da casa de encontros. Chamamos atenção para os adjetivos e verbos empregados no destaque: furiosamente, raiva, gritavam, soltavam pragas e diziam palavrões. Atitude bastante distinta da descrita em outros espaços “do amor que não ousa dizer seu nome”:

Ultrapassei a barreira esfumaçada e fétida das duas primeiras portas e cheguei, afinal, à roda de curiosos que, amontoados diante da última, assistiam ao espetáculo impassível, este que eu agora via enquanto me comprimia contra eles: lá dentro, as calças nos tornozelos, **dois homens se roçavam um contra o outro, e o faziam furiosamente; quase com raiva, enquanto gemiam, gritavam, soltavam pragas e diziam palavrões.** (Lampião da esquina, 1978 – n°2)

Essa dicotomia entre a relação sexual com homens – ao invés de homens homossexuais - pode se mostrar apenas uma compreensão de que dois homossexuais, são dois homens, porém, chama atenção o destaque de identidade no aspecto político, mas não no sexual e de relacionamentos.

Em suma, acreditamos que a proposta do movimento homossexual era o de criar uma nova masculinidade que luta por sua identidade, que estende a mão e a tem acolhida pela mulher que também é oprimida e vê em seu corpo as marcas deixadas pela violência do homem, que no final das contas pode ser também aquele que satisfaz seu desejo, já que em certa medida é semelhante a si.

Considerações Finais

*Como me pedir para manter a calma?
Se a calma que me pedes é mais além
A calma que tu falas é uma boca
E a saliva profanando o que há de santo em mim
Teu quarto – Filipe Catto*

Nesta jornada que foi o doutorado faz parte de minhas considerações finais primeiramente destacar a capacidade da coletividade. Esse processo coletivo que me perpassa foi a possibilidade da compreensão da criação desta masculinidade específica que foi construída durante as décadas de 1960 e 1980 com contribuição da imprensa gay latino-americana.

Sem os esforços de meus antecessores não haveria história para ser contada, não haveria imprensa para ser relatada e muito dificilmente poderia eu ser quem sou: gay, orgulhoso de minha identidade e que por meio da ciência busca conhecer uma história que de certa forma também é a sua. Posso afirmar, assim como disse bell hooks (2013) que o processo de conhecimento é um processo de cura.

Os movimentos homossexuais latino-americanos das décadas de 1960 e 1980 foram essenciais para que direitos fossem estabelecidos décadas mais tarde na maioria dos países que compõem este vasto continente.

Atualmente, nos vinte países que compõem a América Latina³⁸ os atos homossexuais não são considerados crimes³⁹; em nove deles: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, México e Uruguai, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legalizado; Argentina, Brasil, Colômbia e Uruguai têm leis que permitem a adoção homoparental; especificamente no Brasil, a LGBTfobia foi equiparada ao racismo enquanto crime, homens que transam com outros homens tiveram seu direito de doar sangue reconhecido, diversos tratamentos pré e pós exposição ao vírus HIV estão disponíveis no Sistema Público de Saúde

³⁸Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela

³⁹ Dados retirados da base de dados da ILGA World – The International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association: <https://ilga.org/ilga-world-maps>

(SUS) gratuitamente, há ainda uma cultura vasta de música, teatro, cinema, entre outras expressões voltadas ao universo LGBTQIAPN+, entre outros.

Esses dados não significam que não devemos permanecer alertas para retrocessos ou batalhar por novas demandas, especialmente aquelas ligadas aos direitos das pessoas transexuais que vêm sofrendo incessantemente uma campanha de perseguição, especialmente pelos setores conservadores da sociedade atrelados a religiosos mal-intencionados. Porém, olhando em retrospectiva, essas conquistas são dignas de comemoração.

E foi esse olhar retrospectivo que moveu esta pesquisa durante todo meu caminhar. A começar pelo seu desenho exploratório inicial, no qual foi possível a identificação de uma literatura rica e importante para os estudos comunicacionais relacionados as temáticas LGBTQIAPN+, o caminho da pesquisa bibliográfica encontrado nos diversos livros, artigos e dados servem de referência não apenas para esta pesquisa, mas para aqueles e aquelas que desejarem se aprofundar em mais detalhes em nossa história.

A identificação, classificação e disponibilização de periódicos encontrados também seguem o mesmo caminho. Foram referenciadas nesta tese 175 publicações latino-americanas, de 13 países distintos que compõem o fenômeno que comprovamos ser a imprensa gay latino-americana. Veículos em sua maioria produzidos ou influenciados pelos Movimentos Sociais Homossexuais da época e que tinham como objetivo buscar não apenas a visibilidade a uma população carente em seus direitos, mas lutar por ela, por meio do enfrentamento dos caracteres da masculinidade hegemônica. Com isso, recuperando nossa hipótese de que:

A existência de uma imprensa gay latino-americana foi uma resposta dos indivíduos e movimentos sociais para o enfrentamento da masculinidade hegemônica a qual estavam subordinados e que este processo se deu por meio do combate aos estereótipos vigentes à época, a fim de uma construção e vivências até então não experienciadas publicamente.

Podemos afirmar que ela se provou válida, já que o que identificamos foi a construção de uma masculinidade que até então, além de não ter espaço na Esfera Pública não era permitida de ser vivenciada e experienciada nas ruas, nos bares, nas casas, nas famílias, nas religiões e em diversos outros espaços públicos e privados. A opressão vivida cotidianamente em um sistema machista, regido pelas regras da masculinidade hegemônica, foi a principal causa da reação organizada pelo direito de vida dos homossexuais daquele período.

Além disso, foi comprovada a existência de uma protoimprensa gay latino-americana, experienciada, principalmente no Brasil, por meio de periódicos artesanais que apesar de não estarem relacionadas aos movimentos homossexuais, e existirem previamente a essa organização política, traziam discussões importantes entre membros de seus grupos, sem a intenção de influenciar a Esfera Pública e mimetizando o formato jornalístico das colunas sociais, em especial, as colunas de mexicanos.

A imprensa inclusive foi um ponto nevrálgico de articulação entre os movimentos, é possível verificar uma intensa troca de conhecimentos, busca de colaborações, participações em eventos dentro e fora da América Latina com o objetivo de ampliar o poder de luta frente as atrocidades diárias.

Os jornais gays latino-americanos foram canais essenciais para a promoção desta masculinidade até então não vista, oferecendo por meio de pautas diversas uma noção de que os homossexuais são pessoas que para além de transarem com pessoas do mesmo sexo, são seres capazes da organização coletiva, do debate, de articulações, de apreciação e elaboração das artes, entre outros.

Assim, respondendo nossa pergunta inicial de pesquisa (*Essas publicações enfrentaram os estigmas sociais derivados da masculinidade hegemônica e ajudaram a construir novas representações de masculinidades?*), podemos afirmar que sim, esses jornais enfrentaram os estigmas sociais, ajudando a construir uma nova representação de masculinidade. E não apenas isso, foram e são testemunhos de vidas que lutavam cotidianamente para existir, foram articuladoras dos movimentos sociais, além de trazerem debates para além de suas pautas pessoais, como foi o caso do feminismo, das lesbianidades e das transexualidades, identidades essenciais e que por meio de suas relações foram os limiares para a própria identificação da masculinidade ali proposta.

Vale ressaltar ainda que o estereótipo do homem, representante da masculinidade hegemônica, também se mostrou essencial para a construção dessa nova masculinidade homossexual. Isso porque o sistema de violência experienciado pelos indivíduos homossexuais, além de deixar marcas em seus corpos, foi elemento definitivo e propulsor para que a militância - principal característica da masculinidade homossexual da época - tivesse sentido.

Foi por meio da atitude política que esses indivíduos se tornaram coletivos e, posteriormente, conceitos, ideias, palavras e materializaram em suas experiências aquilo que

desejavam ser. Nitidamente um processo de construção de si, antes daquilo que hoje conhecemos como *queering* existir sequer em teoria. Essa imprensa foi ao mesmo tempo experimentação, representação, organização e vivência da masculinidade homossexual. E como não poderia ser diferente, este é o nome ao qual essa masculinidade subordinada deve ser intitulada, pela escolha de seus próprios integrantes, ao ressaltarem enfaticamente a unidade pela qual estavam dispostos a lutar.

Dentro do esquema proposto por Connell (1987), podemos compreender a imprensa gay latino-americana como uma materialização de parte das disputas realizadas na arena reprodutiva em torno do gênero e das masculinidades. Nela, estão expressas as transformações cotidianas deste processo por meio dos relatos jornalísticos, estão expressos também os desejos de transformação que mesmo não concretizados à época serviram de utopia para que os combates continuassem sendo travados. É possível identificarmos nesta imprensa as negociações, os enfrentamentos e os impedimentos oferecidos pela estrutura de gênero tão presente e persistente na sociedade ocidental.

Optando pela observação dos estereótipos foi buscado nesta tese um caminho entorno de sua capacidade comunicacional, ao invés de ser lido como em outras ciências, especialmente a Sociologia, como idêntico a estigmatização de indivíduos e povos. Nesse sentido, vale dedicarmos no futuro mais tempo sobre as especificidades deste conceito para a área da comunicação. Partindo do princípio de que nosso objetivo é estudar aquilo que tem como essência o *communicare*, o tornar comum, há no conceito estereótipo uma riqueza a ser lapidada.

Neste sentido que resgatamos Lippman neste trabalho e com ele concordamos que uma comunicação sem estereótipos seria impossível de ser praticada, já que a simplificação é uma função essencial para o comunicar. Trata-se de compreender melhor o processo de estereotipia e seus resultados em termos comunicacionais, sem ignorar aquilo que pode se tornar estigma. Ou seja, se partimos do princípio de que os estereótipos são elementos essenciais da comunicação, que são os próprios atos comunicacionais que os mantêm ou os transformam, podemos abrir o debate para que esses processos comunicacionais se tornem mais equânimes, a partir do momento que a estereotipia não esteja baseada em paradigmas inadequados.

A criação da masculinidade homossexual na arena reprodutiva produziu discursiva e imagetivamente um outro ser, ou se quisermos ser menos relativistas, modificou as estruturas daquele ser que antes havia. Se para as *Scientia Sexuales* o homossexual era um corpo

debilitado, mole e frágil; se para a sociedade machista, um ser caricato que buscava apenas mimetizar a mulher em seus aspectos mais frívolos e também estereotipados; se para igreja um pecador que deveria ser punido nas labaredas do inferno; para os próprios homossexuais em sua construção de si, eram seres que tinham direitos de amar e serem amados, que não deviam ter medo de ser o que eram.

Ao voltar nosso olhar para os dias atuais, o estereótipo de homossexual está mais próximo de quais dessas visões? Talvez uma pista do porquê o processo de cristalização de significados não seja tão desnecessário de ser observado quanto alguns campos das Ciências Humanas pregam. A busca pela fluidez deve ser a utopia, porém, as estruturas dos estereótipos não devem ser desconsideradas ou tidas como mero obstáculo para uma vivência plena de nossas identidades, sexualidades e desejos. Os estereótipos são definições, porém, nem toda definição carrega consigo um caráter negativo.

Recuperando nosso objetivo de pesquisa que consistia em: *analisar os processos comunicacionais por meio dos estereótipos veiculados nos jornais gays do continente latino-americano, entre as décadas de 1960 e 1980, visando demarcar os enfrentamentos realizados por seus integrantes à masculinidade hegemônica da época*. Acreditamos ter tido êxito nesta empreitada.

Além de demonstrar a existência de uma imprensa gay latino-americana, por meio deste trabalho foi possível identificar os estereótipos que ela trouxe consigo. Neste sentido, a base da Análise de Conteúdo fornecida por Bardin (2006) foi essencial. Compreendemos por meio das frequências analisadas a relevância de cada um dos estereótipos dentro de nosso conteúdo, assim como a qualidade de cada um deles. Por meio do processo de inferência também proposto pela autora, foi possível identificar os níveis de relação entre o estereótipo autorreferencial do homossexual com dois extrarreferenciais da mulher e do homem.

A identificação do estereótipo homossexual como militante, marcado pelas disputas de uma sociedade violenta e preconceituosa, com aparatos, mesmo que ilegais, provocadas por uma sociedade patriarcal e machista; seu alinhamento com o estereótipo da mulher também militante e vítima das violências misóginas, a demarcação entre o feminino e o masculino nos campos das transexualidades e da mimetização; assim como o apontamento do estereótipo do homem como machista, promotor de violência e espaço de desejo, se deram por meio dos critérios de frequência dos conteúdos. Outrossim, foi a possibilidade do reconhecimento da

relevância dessas figuras dentro dos conteúdos por nós analisados, demonstrando que esses três estereótipos foram a base de construção da masculinidade homossexual da época.

Também acreditamos que os objetivos específicos desta pesquisa foram alcançados ao modo que foi possível: 1) *Traçar o histórico das publicações voltadas aos gays no contexto da América Latina entre as décadas de 1960 e 1980*; 2) *Identificar quais estereótipos foram enfrentados, ou reforçados, por estas publicações*; 3) *Compreender como as construções em torno das masculinidades subordinadas e da masculinidade hegemônica eram apresentadas nessas publicações*.

Por fim, gostaria de trazer os possíveis caminhos que essa pesquisa pode seguir. O primeiro passo é o aproveitamento dos materiais coletados para uma análise ainda mais aprofundada por meio de temáticas e publicações específicas. O fato de termos listado 175 periódicos e encontrado parte significativa destes, de maneira física ou digitalmente, deve ser motivo de alegria, mas também de responsabilidade, para que tanto a história dos que fizeram a imprensa gay latino-americana seja respeitada em sua magnitude, assim como o conhecimento possível seja explorado ao máximo para auxiliar estudos futuros.

O mesmo pode se dizer sobre os estereótipos não explorados nesta pesquisa por conta de nossa escolha pela frequência como elemento determinante para sua conclusão. A comparação entre os estereótipos de travestis, bichas, viados, entre outros que se demonstraram menos frequentes devem ser observados em suas particularidades, como compositores desta masculinidade homossexual, mas também dentro de suas próprias características.

O mesmo ocorre com a relação com a raça, que em nossa pesquisa não se mostrou presente, por sua baixa frequência. Questionar a interseccionalidade também se faz importante em projetos futuros, sendo ela existente ou não nos materiais, este estudo deve ser aprofundado para sabermos até que ponto essa própria masculinidade era democrática, se ela estendeu e teve o acolhimento das mãos negras que com certeza fizeram parte de sua luta.

A fim de honrar o investimento público do Estado brasileiro na pesquisa em Comunicação, assim como o apoio financeiro direto da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em nome dos homossexuais que fizeram por meio de suas histórias essa história possível e para incentivar e promover estudos na temática da imprensa gay latino-americana presente no conhecimento comunicacional, farei o possível para tornar todos os dados deste trabalho públicos e de alta divulgação e circulação,

parte deste esforço já pode ser conferido inicialmente nos anexos deste trabalho, nos quais são disponibilizados uma lista de outros trabalhos que abordam a temática, assim como uma lista das associações homossexuais existentes à época e as quais tivemos acesso por meio das publicações, especialmente o guia turístico Spartacus.

Referências Bibliográficas

ACHILLES, Nancy. **The homosexual bar**. Chicago: University of Chicago, 1964.

ALTMAN, Dennis. **Homosexual: oppression an liberation**. Nova Iorque: Outerbridge & Dienstfrey, 1971.

ALTMAN, Dennis. **The Homosexualization of America**. Boston: Beacon Pr, 1982.

ALTMAN, Dennis. **Coming out in the seventies**. Nova Iorque: Alyson Pubns, 1979.

ALTMAN, Dennis. **Homosexual: oppression an liberation**. Brisbane: University of Queensland Press, 2012.

AMOSSY, Ruth. Estereótipos In CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do. Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

AS ALZIRAS de ontem e hoje. **Instituto as Alziras**. s.d. Disponível em: <https://www.alziras.org.br/nossainspiracao>. Acesso em 22 abr. 2022.

ATKINSON, Ti-Grace. **Amazon odyssey**. Nova Iorque: Links, 1974.

BAIM. Tracy. **Gay press, gay power**. The growth of LGBT community newspapers in America. Scotts Valley: Createspace Independent Publishing Platform, 2012.

BALDERSTON, Daniel; QUIROGA, José. A Beautiful, Sinister Fairyland. **Social Text**, 76, v.21, n. 3. Inverno de 2003. Disponível em: http://d-scholarship.pitt.edu/5675/1/Balderston_Quiroga_Social_Text.pdf. Acesso em 24 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosana. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: **IPEA**, 2000. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2003/1/TD_0800.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

BAUTISTA, Nelly Andrea Guerrero. Saltamos por la ventana. Surgimiento de la revista “Ventana Gay” desde el punto de vista de Manuel Antonio Velandia Mora, uno de sus fundadores. **Forum Linguistic**, Florianopolis, v. 15, n.3, p.3263 – 3275, jul/set 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n3p3263>. Acesso em: 22 abr. 2022.

BAUTISTA, Nelly Andrea Guerrero. **Lampião da Esquina e Ventana Gay**: uma análise do acontecimento do discurso gay na imprensa do Brasil e da Colômbia (1978-1984) Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214546>. Acesso em: 22 abr. 2022.

BAZÁN, Osvaldo. **Historia de la homosexualidad en la Argentina**: de la conquista de América al siglo XXI. Buenos Aires: Marea, 2002.

BENSTON, Margaret. **The political economy of women's liberation**. Nova Iorque: Monthly Review, 1969.

BÉRUBÉ, Allan. **Coming Out Under Fire**: The History of Gay Men and Women in World War II. Nova Iorque: Free Press, 1990.

BÉRUBÉ, Allan. Marching to a Different Drummer: Coming out During World War II [1981] in DUBERMAN, Martin Bauml Duberman; VINICIUS, Martha; CHAUNCEY, George (Edi.) **Hidden from History**: Reclaiming the Gay and Lesbian Past. Nova Iorque: Pluma, 1990.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura** 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BLAKE, Roger. **The homosexual explosion**: a 1966 report on the sexual revolution that is sweeping American and the world. Los Angeles: A Brandon House Book; 1966.

BOLETIM da Aliança de Ativistas Homossexuais, n 1. [1976].

BOLETIM da Aliança de Ativistas Homossexuais, n 3. [1977].

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge. 2019, 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Direito, São Leopoldo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminista e subversão da identidade [1990]. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter**: On the Discursive Limits of "Sex". Londres: Routledge, 2011.

LEÓN ZULETA, el gran inspirador del movimiento LGBT y el protector de las maricas. Caribe Afirmativo, 21 agosto de 2020. Disponível em: <https://caribeafirmativo.lgbt/leon-zuleta>

[a-el-gran-inspirador-del-movimiento-lgbt-y-el-protector-de-las-maricas/](#). Acesso em: 22 abr. 2022.

CARTA DO LEITOR. **Gente gay**, p. 11, 1977.

CONNELL, Raewyn. **Gender & Power**. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities** 2 ed. Berkeley: University of California Pres, 2005.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015.

CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro. A imprensa gay do Círculo Corydon em prol da cidadania homossexual. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2016.

CORY, Donald Webster (SAGARIN, Edgard). **El homosexual en Norteamérica**. Cidade do México: Cia. General de Ediciones, S. A, 1951.

COSTA, R.S.M. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob**. (Dissertação).Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2010.

CRUCHAGA, Xabier Lizagarra. **Una historia sociocultural de la homosexualidad**. Cidade do México: Paidós Mexicana Editorial, 2003.

DA SILVA, José Fabio Barbosa. O Homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário In GREEN, James N. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

DALY, Mary. Gyn/Ecology: **The Metaethics of Radical Feminism**. Boston: Beacon, 1978.

DAVIS, Angela. “Reflections on the Black Woman’s Role in the Community of Slaves.” **The Massachusetts Review**, vol. 13, no. 1/2, 1972, pp. 81–100. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25088201>. Acesso em: 13 abr. 2022.

D’EMILIO, John. **Sexual Politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

DEADERICK, Sam. **Gay Resistance: the hidden history**. Seattle : Red Letter Press, 1997.

DELPHY, Christine. The main enemy In: DELPHY, Christine. **Close to home: a materialist analysis of Women's Oppression**. Londres: Hutchinson, 1970.

DJAJIC-HORVÁTH, Aleksandra. "Magnus Hirschfeld". **Encyclopedia Britannica**, 10 maio 2021, Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Magnus-Hirschfeld>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DONAVAN, Josephine. **Feminist theory: the intellectual traditions of American feminism**. 2. ed. Nova Iorque. Frederick Ungar Publishing, 1992.

DUNBAR, Roxanne. **Female liberation as the basis for social revolution**. Boston:New England Free Press 1970.

EMICIDA, MAJUR; VITTAR, Pablo. **AmarElo** In: AmarElo, 2019.

FERRARI, Alceu R. Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes, resultados preliminares. **Cad. Pesq.** São Paulo, n.52: p. 35-49, fev. 1985. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/225397/000318823.pdf?sequence=1>. Acesso em 23 abr. 2022.

FEIN, Steven; SPENCER, Steven J. Prejudice as self-image maintenance: Affirming the self through derogating others. **Journal of Personality and Social Psychology**, n.73, v. 1, 1997. Disponível em:<https://psycnet.apa.org/record/1997-04812-003>. Acesso em 23 abr. 2022.

FERAY, Jean-Claude; HERZER, Manfred; PEPPEL, Glen W. Homosexual Studies and Politics in the 19th Century: **Journal of Homosexuality**, 19(1), 23–48, 2010.

FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution** (1970). Nova Iorque: Bantam, 1971.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17 ed. São Paulo: Graal. 2006.

FRADIN, Bernard; MARADIN, Jean-Marie. Autour de la définition: de la lexicographie à la sémantique. **Persée**. n. 43, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1979_num_43_1_6163. Acesso em 23 abr. 2022.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FULLER, Margaret. **Woman in the Nineteenth Century** (1895). Nova Iorque: Norton, 1971.

GAGE, Matilda Joslyn. **Woman, Church and State**: a historical account of the status of women through the Cristian Ages; with reminiscences of the matriarchate (1893). Bath: Persephone Press, 1980.

GONZÁLEZ, Jorge. **Historia de las revistas LGBT de Venezuela**. [Caracas]: [s.l.], 2015.

GONZÁLEZ, Jorge A.(Coord.). **Cibercultur@** e iniciación en la investigación. CNCA/IMC/UNAM-CEICH, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. [s.l.] Coletivo Sabotagem, 2004.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX [1999]. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade no Brasil (1870- 1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond Editora, 2004.

HALBERSTAM, Judith. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press. 1998.

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist Feminism in the Late Twentieth Century In SIMIANS, **Cyborgs and Women**: The Reinvention of Nature (New York; Routledge, 1991), pp.149-181

HIGHLEYMAN, Liz. Letters from camp Rehoboth. **CAMP Rehoboth**. 14 set. 2007. Disponível em: <https://www.camprehoboth.com/letters/2007/september-14-2007-past-out>. Acesso em: 23 abr. 2022.

HIRSCHFELD, Magnus. **The homosexuality of men and women** (1911). Nova Iorque: Prometheus Books, 2001.

HOOKER, Evelyn. Male Homosexuals and Their 'Worlds' In MARMOR, Judd. (Ed.), **Sexual inversion**: The multiple roots of homosexuality. Nova Iorque: Basic Books, 1965.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

HOWES.R. Raising the flag: the early years of the lesbian, gay, bisexual and trans press in Brazil, 1963-1981. In **Studies in Latin American Popular Culture**, Universidade do Texas, v. 33, 2015, p.179-198.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is not one**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1977.

JABLONSKY, Oliver. The Birth of a French Homosexual Press in the 1950s. **J Homosex**, n. 41, v.3-4, 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11871725/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JAY, Karla; YOUNG, Allen. **Out of Closets**. Charlottesville: Douglas Book Corporation/Universidade de Virgínia, 1972.

JOHNSON, Patrick; HENDERSON, Mae G. **Black Queer Studies: A Critical Anthology**. Durham: Duke University Press, 2005.

JU, Anne. Women's studies at Cornell evolves over 40-year history to include sexual minorities. **Cornell Chronicle**. 4. nov. 2009. Disponível em: <https://news.cornell.edu/stories/2009/11/cornell-looks-back-40-years-womens-studies> Acesso em: 13 de abr. 2022.

KARLSON, Eric. **The Homosexual Uprising**. Los Angeles: Universidade da Califórnia/Adult Books, 1967.

KARTZ, Daniel; BRALY, Kenneth. Racial stereotypes of one hundred college students. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, n. 28, v.3, 1933. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fh0074049>. Acesso em: 22 abr. 2022.

KATZ, Jonathan. **Gay American History: lesbian and gay men in the U.S.A**. Crowell: Brand, 1976.

KATZ, Jonathan.. **Gay/Lesbian Almanac: A New Documentary (1982)**. Nova Iorque: Carroll & Graf Pub, 1994.

KINSEY, Alfred. **Sexual behavior in the human male**. Filadélfia; Londres: W.B. Saunders Company, 1948

KIRKWOOD, Julieta. **Ser política en Chile: las feministas y los partidos**. Santiago: FLASCO, 1986.

LAGUARDA, Rodrigo. ¡Tenemos un mundo por ganar! Visiones militantes de las homosexualidades masculinas en la Ciudad de México. **Historia y Grafía**, UIA, núm. 31,

2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/589/58922941006.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

LA PARANOIA anti-homosexual. **Él Otro**, n.1, p. 6, 1977.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Direção: Livia Perez. Produção: Giovanni Francischelli. Brasil: Doctela, 2016. 1 DVD.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública** [1922] 2 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

LOPES, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer, Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da “abertura” [1990]. Salvador: Edufba, 2018.

MARCH, Sue. **Libertação Homossexual**. São Paulo: Editora Nova Época, 1981.

MAROTTA, Toby. **The Politics of Homosexuality**. Boston: Houghton Mifflin, 1981.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MASTERS, Robert. **The Homosexual Revolution** [1962]. Belmont: Belmont Books, 1964.

MERNISSI, Fatima. **Beyond the veil**: male-female dynamics in modern muslim society. Londres: Rowman & Littlefield, 2004.

MEZO GONZÁLEZ, Juan Carlos. Consuming the Mexican Body: Gender, Race, and the Nation in Macho Tips, 1985-1989. **Hispanic American Historical Review** 100, n. 4, 2020: 655-687. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article-abstract/100/4/655/167087/Consuming-the-Mexican-Body-Gender-Race-and-the?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MICCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme” ... os bons tempos da imprensa guei. **Lampião da Esquina**, n. 28. Setembro de 1980 p. 6-7.

MILLETT, Kate. **Sexual Politics** (1970). Nova Iorque: Avon, 1971.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 11, n. 21, jan./jun. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 abr. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MOLESSO, Ashley; NEEDHAM, Chess. **The gay agenda**: a modern queer history e handbook. Nova Iorque: HarperCollins, 2020.

MORSE, Benjamin. **The Homosexual**. [s.l.]: Monarch Books, 1961.

MOTT, Luiz. **Escrivão, homossexualidade e demologia**. São Paulo: Editora Ícone, 1988.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Livre: Mercado Aberto, 1987.

MURRAY, Stephen O. **Latin american male homosexualities**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

NAJAR, Alberto. O ‘baile dos 41’, a festa gay da elite do México que provocou um escândalo há mais de um século. **BBC Brasil**, 27 dez. 2020. Acesso em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55163651>. Acesso em 20 abr. 2022.

NELLIGAN, Maurice. **La otra cara del machismo**: estudio sobre el varon homosecial mexicano. Cidade do México: Edamex, 1982.

PARKER, Andrew; SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Performative and Performance**. Londres, Routledge, 1995.

PEREIRA, Victo Melo. Homoerotismo e masculinidades: abordagens sobre HIV/Aids na revista Spartacus (1987-1990). **Revista Angelus Novus**, a. XII, n. 17, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/189589/180490>. Acesso em 23 julho 2022.

POR QUE la organización. **Revista Somos**, n.6, p. 9-13, [1974].

PRECIATO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

ROGELIO. Los homosexuales somos hermosos o que es ser un hombre? **Revista Somos**, maio de 1974.

RUSSELL, Temperance; LOFTIN, Lori; SHAYNE, Julie. The history of San Diego State University's Women's Studies Program. In: SHAYNE, Julie. **Persistence is Resistance: celebrating 50 years of Gender, Women & Sexuality Studies**. Seattle: University of Washington libraries, 2020. Disponível em: <https://uw.pressbooks.pub/happy50thws/> Acesso em 13 abr. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral** [1916] 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Oakland: University of California Press, 2007.

SEMPOL, Diego. **De los baños a la calle: historia del movimiento lésbico, gay, trans uruguayo (1984-2013)**. Montevideo: Editorial Sudamericana Uruguay, 2013.

SIGAL, Pete. **Infamous Desire: male homosexuality in colonial Latin America**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira; GOBBI, Maria Cristina. O Centauro e as experiências entendidas: um episódio da protoimprensa gay brasileira. **Revista Esferas**, n. 27. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14336>. Acesso em 20 dez 2023.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade - uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

STANTON, Elizabeth Candy. **The woman's bible**. 2 vols. (1895 e 1899). Nova Iorque: Arno, 1972.

STANTON, Elizabeth Candy. **The matriarchate, or, Mother-age**. Beatrice: **Women's Tribune, 1891**.

STANTON, Elizabeth Candy; ANTHONY, Susan B.; GAGE, Matilda Joslyn. **The history of Woman's Suffrage**, vols. 1 -3. Rochester: Charles Mann. 1881-1886.

STEARNS, Jess. **The Grapevine: a Report on the Secret World of the Lesbian**. Nova Iorque: Doubleday, 1964.

TEAL, Doon. **The Gay Militants**. Nova Iorque: Stein & Day, 1971.

TOMAMOS la palabra. **Nuestro Cuerpo**, n.1, p.2, maio de 1979.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso** 4 ed. revista e ampliada - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

VEIGA, Edison. Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. **UOL**. 17 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/05/17/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas.htm> Acesso em 13 abr. 2022.

VOGEL, Lise. The earthly family. **Radical America**, Providence, v. 7, n. 4 e 5, p. 101-130, 1973.

WARNER, Michael. **The Trouble with Normal: Sex, Politics, and the Ethics of Queer Life**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

WEBER, M. **A política como vocação e ofício** [1919]. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

WEEKS, Jeffrey. **Coming Out: homosexual politics in Britain**. Londres: Quartet Books, 1977.

WILCHINS, Riki. **Queer Theory, Gender Theory**. Nova Iorque: Alyson Books, 2004.

WILLIAMS, Colin J., WEINBERG, Martin S. **Homosexuals and the Military**. Nova Iorque: Harper & Row, 1971

WORTHY, Ken. **The Homosexual Generation**. [s.l.]: L.S. Publications, 1965.

WORTHY, Ken. **The New Homosexual Revolution**. [s.l.]: L.S. Publications, 1965a.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A indication of the rights of women: with structures on political and moral subjects**. Boston: Peter Edes, 1791.

ANEXO I – Artigos sobre masculinidade na área da comunicação no Brasil

Título	Autores	Ano	IES	Veículo	Link
Programa “Hoje em dia”: a representação da nova masculinidade na televisão	Alexandre Muniz Bulhões; Kayo Kleberon C. Oliveira; Jefferson Cruz Acácio; Roberto Ribeiro Miranda Cotta; Scheilla Franca de Souza	2007	UESC	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0687-1.pdf
Homem que é homem também se mostra sensível	Simone Maria Rocha; Vanessa R. Lacerda e Silva	2008	UFMG	Mídia e Consumo	http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/131/132
É FESTA, AMOR E SEXO? Um estudo sobre as representações de gênero no forró eletrônico	Paulo Rogério Nozi; Cynthia Harumy Watanabe Correa	2009	UEL	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35391
Os super-heróis também envelhecem? Corpos e masculinidades nos desenhos animados	Milena Santos de Jesus	2009	UESC	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35422
Porque Homem é Homem: a consolidação da construção identitária do gênero masculino através da música.	Aline Josiane Schuster; Caroline Casali	2009	UFSM	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35464
A GENTE SE AMA E SE ODEIA AO MESMO TEMPO” UMA ETNOGRAFIA DO CONSUMO DE SMARTPHONES EM CIRCUITOS DE SOCIABILIDADE DE JOVENS DE CAMADAS POPULARES'	Andréia Botelho de Rezende	2009	USP	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35299
A men’s place: o passado como referência para o futuro das masculinidades em The Handmaid’s tale	Isis Laroque Cornelli; Janine Aparecida Bastos Stecanella; Lucas Guarnieri; Najara Ferrari Pinheiro	2009	UCS	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1999-1.pdf
A FICÇÃO DO HOMEM: UM ESTUDO SOBRE A RECEPÇÃO MASCULINA DE TELENOVELAS	Bárbara Morch Lipp; Bianca Luísa Nervis; Candice Kipper Klemm; Najara Ferrari Pinheiro	2009	UCS	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1960-1.pdf
Masculinidade (em) revista: apropriações, negociações e	Vicente William da Silva Darde	2009	UFRGS	Galáxia	https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/2651/1691

resistências entre leitores da Men's Health					
Gênero midiático, performance e corpos em trânsito: uma análise sobre dissidências da conversação televisiva em canais no YouTube	Milena Santos de Jesus; Sylvia Maria Campos Teixeira	2010	UESC	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35487
Que tesão! a masculinidade na pornografia gay	DANIELA JAKUBASZKO	2010	USP	Catalogo de Teses e Dissertações	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-08112010-115228/pt-br.php
UMA AUTOCONSCIÊNCIA ICONOGRÁFICA DO CORPO MASCULINO EM ME CHAME PELO SEU NOME	Alan Souza LUPATINI; Bianca Moura dos Reis SITTONI; Siane Capella LEONHARDT	2010	PUC-RS	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0620-1.pdf
Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino/masculino em formato televisivo para plataforma web	Viviane Possa PATRÍCIO; Demétrio de Lacerda Caetano dos SANTOS; Najara Ferrari PINHEIRO	2010	UCS	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1443-1.pdf
A (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES EM PROGRAMAS ESPORTIVOS DE TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal	Janine Aparecida BASTOS STECANELLA; Najara FERRARI PINHEIRO	2010	UCS	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0265-1.pdf
Corpos e "modelos" de masculinidades: o foco nas mídias	Filipe BORDINHÃO; Milena Carvalho Bezerra Freire de OLIVEIRA-CRUZ	2010	UFSM	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0581-1.pdf
As masculinidades nas telenovelas do horário nobre da Rede Globo: uma proposta de observação da representação de um novo espectro de masculinidades à luz da Teoria Queer	Milena Santos de Jesus; Sylvia Maria Campos Teixeira	2011	UESC	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35616
As Ficções e as Representações Culturais na Pós-modernidade: Análise Discursiva Acerca da Crise da Masculinidade nos Vídeos da UESC	André Araújo Rodrigues	2011	UERN	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1856-1.pdf
Homens e sua Imagem: o que diz a Propaganda do século XXI	Filipe BORDINHÃO	2011	UFSM	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2130-1.pdf

HOMEM HOMEM, HOMEM COM H E HOMEM-IMAGEM: Masculinidades midiáticas nas culturas do consumo	Mayka Castellano	2011	UFRJ	Intexto	https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/15957/14494
Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares	Sabina R. Anzuategui	2011	USP	Rumores	http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51222/55292
O HOMEM NA PUBLICIDADE DE GRIFES DE LUXO INTERNACIONAIS: REPRESENTAÇÃO MASCULINA NAS MÍDIAS SOCIAIS DE YVES SAINT LAURENT E PRADA	Filipe Bordinhão	2012	UFSM	Cadernos de Comunicação	https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/5839/4333
Falar De 'Si' Como Potência Para Falar De 'Nós': O Que Os Rapazes Precisam Aprender	Paula Guimarães Simões	2012	UFMG	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8YQNQ9/1/tese_completa_final_biblioteca_com_ficha_catalogr_fica_.pdf
Ogro com Cheiro de Cabra Macho: a Permanência Imagética de uma Masculinidade na Comunicação Publicitária	FELIPE BORDINHÃO DOS SANTOS	2012	UFSM	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6339/SANTOS%2c%20FILIPE%20BORDINHAO%20DOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y
O ethos de um guerreiro: saúde e masculinidade no testemunho de Reynaldo Gianecchini sobre o câncer	Gustavo BOAVENTURA	2012	UERJ	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1290-1.pdf
Feminilidades e masculinidades em conflito no sertão nordestino de "Onde Nascem os Fortes"	Felipe da Costa TROTTA	2012	UFF	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0298-1.pdf
Masculinidades em vertigem: a revolução será contra o patriarcado ou não será	Filipe Bordinhão dos Santos; Veneza Mayora Ronsini	2012	UFSM	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2345-1.pdf
As representações do masculino nas páginas pornográficas do site Hotboys	Celso Vitelli	2012	UFRGS	Famecos	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12318
A Performatização de Masculinidades nas Capas de Sui Generis (1995-2000)	Thiago Soares	2012	UFPB	Logos	https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/3270/2901

GAMERGATE:cultura dos jogos digitais e a identidade gamermasculina	Felipe Trotta	2012	UFF	Mídia e Consumo	http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/349/pdf
O Corpo como "Veículo de Ser"na Construção da Masculinidade	Sandra Rúbia Silva	2012	UFSM	Mídia e Consumo	http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/344/pdf
Relações de gênero nos estudos de recepção e consumo midiático: perspectivas de teses e dissertações em comunicação entre 2010 e 2015	Paulo Roberto Ferreira de CAMARGO	2012	UTP (Universidade Tuiuti do Paraná)	Temática	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23694/13000
Estudos de Recepção Sob a Ótica das Masculinidades: Uma Lacuna nas Pesquisas de Comunicação Brasileiras	Paulo Roberto Ferreira de CAMARGO	2012	UTP (Universidade Tuiuti do Paraná)	Temática	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23702/13008
A Masculinidade em Questão: A Promoção de um Debate na Esfera Pública	Filipe Bordinhão dos Santos, Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz	2012	UFSM	Verso e Reverso	http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2012.26.61.04/735
ESPAÇOS E MASCULINIDADES EM NAGISA OSHIMA: TABU E FURYO	Sheila Costa Jorge	2013	Mackenzie	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78996/83077
MÍDIA E CONSTRUÇÃO DE CORPORALIDADES MASCULINAS JUVENIS: UM ESTUDO SOBRE FREQUENTADORES DE ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO	Aurivar Fernandes Filho	2013	UFSC	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/56340
Fronteiras imaginárias – Steven Universo e os gêneros "excêntricos"	GUSTAVO FREIRE BOAVENTURA	2013	UERJ	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=242630
Me too: violência contra a mulher sem disfarces na TV	Camila Augusta Alves Pereira; Fausto Amaro; Fábio Grotz	2013	UERJ	Signos do Consumo	https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/76355/80069
"Elas são muito emotivas": representações de gênero, emoções e trabalho no discurso jornalístico	Soraya BARRETO JANUÁRIO	2014	UFPE	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1617-1.pdf
"Não, eles não são gays...Eles são...fofos!" A Representação Da Nova Masculinidade Na Mídia	Guilherme Moreira Fernandes	2014	UFRJ	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1487-1.pdf

Publicidade e tecnologia de gênero: (des/re)construção de representações de masculinidades	Nincia Cecília Ribas Borges Teixeira	2014	Unicentro	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1550-1.pdf
Masculino plural e comunicação publicitária: A dinâmica atualização da masculinidade hegemônica	Valquíria Michela John; Felipe da Costa	2014	Univali/UFSC	Novos Olhares	https://www.revistas.usp.br/novosolhares/articled/view/83585/86521
A busca pelo pai: performances masculinas em Juventude Transviada, de Nicholas Ray	DANILO POSTINGUEL	2015	ESPM	Catálogo de Teses e Dissertações	https://tede2.espm.br/bitstream/tede/60/1/Dani%20Postinguel.pdf
Vida e morte de um projeto editorial: um estudo da representação do masculino na Revista Alfa	DANIELE MOITINHO DOURADO VALOIS RIOS	2015	UFPE	Catálogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/24296/1/DISSERTA%3%87%830%20Daniel%20Moitinho%20Dourado%20Valois%20Rios.pdf
BICHA, A SENHORA É PERFORMÁTICA MESMO: Sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop	LUIZ FRANCISCO BUARQUE DE LACERDA JUNIOR	2015	UFPE	Catálogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15772/1/Cinema%20gay%20brasileiro%2028PGCOM%2c%202015%29.pdf
A Publicidade das Imagens Cristalizadas Uma análise das representações imagéticas do gênero	HELOISA HELENA DE SOUSA FRANCO OLIVEIRA	2015	UNB	Catálogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.unb.br/handle/10482/17977
Gênero e desconstrução: a resignificação da masculinidade em anúncios de Axe e Natura	THATIANA DE SOUZA LINO	2015	UNIP	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2549667
A (des)estruturação de estereótipos de gênero na produção publicitária	Tania Siqueira MONTORO1Clarissa Raquel Motter DALA SENTA	2015	UNB	Culturas Midiáticas	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/27199
Discursos Sobre uma Masculinidade em Mudança na Revista Men's Health	Soraya Barreto Januário	2015	UFPE	Discursos Fotográficos	http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/21456/18079
A "nova masculinidade" na televisão e sua relação com os mitos de Narciso e Don Juan	Júlia Silveira de Araújo	2015	UFF	Estudos de Jornalismo e Mídia	https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p153/29593
Estereótipos de gênero e rupturas de sentido no discurso publicitário	Jéssica Lange de DEUS; Nincia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA	2015	Unicentro	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0424-1.pdf

MASCULINIDADES PLURAIS, ATIVISMOS DE MARCAS E ATIVISMOS DE CONSUMIDORES-FÃS-FISCAIS'	Bryan Rafael DALL POZZO; Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA	2015	Unicentro	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0457-1.pdf
Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015)	JULIANO MARTINS SOARES	2016	PUC-RS	Catálogo de Teses e Dissertações	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6717/2/DIS_JULIANO_MARTINS_SOARES_COMPLETO.pdf
Questão de gênero e raça: o desempenho escolar de meninos negros	IONA PIZZI DOURADO	2016	PUCSP	Catálogo de Teses e Dissertações	https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19105/2/lon%c3%a1%20Pizzi%20Dourado.pdf
CORRA! E AS RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA DIÁSPORA: PARA UMA DISCUSSÃO EDUCACIONAL	AGATHA ARIANNE DE ASSIS JUSTINO	2016	PUCSP	Catálogo de Teses e Dissertações	https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19644/2/Agatha%20Ariane%20de%20Assis%20Justino.pdf
O QUE É UM HOMEM? OUTRAS MASCULINIDADES EM UM CINEMA DISTANTE	Daniilo POSTINGUEL	2016	ESPM	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0517-1.pdf
COMO FALAR DE SI MESMO NO VIDEOCLÍPE? A Música Popular Massiva Como Parte Constituinte de um Sujeito Inacabado	Jéssica Lange de DEUS; Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA	2016	UECO Universidade Estadual do Centro-Oeste	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1497-1.pdf
Entre o Ler e o Fazer: a relação dos mitos sociais de feminino e masculino nas revistas com o modo de vida de seus leitores	Leonardo MOZDZENSKI; Paula Dias AGUIAR	2016	UFPE	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1849-1.pdf
Marcelo Rezende, um apresentador performático: do telejornalismo policial à celebração"	Jeder Silveira JANOTTI JR. ; João André da Silva ALCANTARA	2016	UFPE	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3080-1.pdf
REVISTA, GÊNERO E SAÚDE: CONSTRUÇÕES DE ESTILOS DE VIDA SAUDÁVEL NAS REVISTAS MEN'S HEALTH E WOMEN'S HEALTH	João Filipe PADILHA; André Iribure RODRIGUES	2016	UFRGS	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2261-1.pdf
Os Desafios da Masculinidade: uma análise discursiva do gênero masculino a partir da obra As Velhas de Adonias Filho	Tatiane Leal	2016	UFRJ	Fronteiras	http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.182.06/5495
Violência simbólica e Cidadania no Futebol: o	Simone Evangelista Cunha; Thiago	2016	UFF/UFBA/UFF	Interin	https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/466

discurso homofóbico em programas esportivos	Soares; Luciana Xavier de Oliveira				
Masculinidades Negras e Discurso: subjetivações compartilhadas por homens negros no Twitter	ELENILDES DANTAS	2016	USP	Matrizes	http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/120019/117266
A DANÇA NA PUBLICIDADE E AS NOVAS MASCULINIDADES: MEMÓRIA, TENDÊNCIAS E O REPOSICIONAMENTO DA MARCA MASH DE CUECAS	Filipe Bordinhão dos Santos; Danilo Postinguel	2016	UFSM/ESPM	Novos Olhares	https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/107639
Corpo Feminista e Animado: as representações dos gêneros nos filmes feministas e animados da década de 1970 de Monique Renault	Rafael Grohmann	2016	FIAM-FAAM	Sessões do Imaginário	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/20586/14851
Entre cabras-machos, ogros e o 'novo homem': o ethos e o pathos construindo masculinidades em propagandas de cosméticos masculinos	Filipe Bordinhão dos Santos; Danilo Postinguel	2016	UFSM/ESPM	Verso e Reverso	http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2016.30.73.04/5190
CINEMA GAY BRASILEIRO Políticas de representação e além	FÁBIO CAIM	2017	FCL	Ação Midiática	https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/54167/34220
A Construção e a Representação das Masculinidades na Revista Paranaense O Olho da Rua	DANDARA PALANKOF E CRUZ	2017	UFPB	Catalogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6273984
A FÁBRICA DE MONSTROS: corpo, identidade e performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda	JOAO ANDRE DA SILVA ALCANTARA	2017	UFPE	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/27907/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Jo%C3%A3o%20Andr%C3%A9%20da%20Silva%20Alcantara.pdf
Som de cabra-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró	FILIFE BORDINHAO DOS SANTOS	2017	UFSM	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15035/TES_PPGCOMUNICACAO_2017_SANTOS_FILIFE.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Masculinidade e publicidade: a mediação da socialidade a partir das questões de classe	FERNANDA RESENDE SERRADOURADA	2017	Unicamp	Catalogo de Teses e Dissertações	http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REP_OSIP/332103

Identidade e gênero masculino: aspectos da masculinidade contemporânea na publicidade	CHRISTIAN GONZATTI	2017	UNISINOS	Catálogo de Teses e Dissertações	http://www.repositorio.iuesuita.org.br/handle/UNISINOS/6902
Reflexões Sobre A Representação Masculina em Propagandas de Materiais de Limpeza	FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO	2017	UNISINOS	Catálogo de Teses e Dissertações	http://www.repositorio.iuesuita.org.br/handle/UNISINOS/6398
Dramas televisivos de prestígio e masculinidade	NICOLE KOLLROSS	2017	UTP (Universidade Tuiuti do Paraná)	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/publicoconsultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5874513
Provocações feministas: Alain Bergala diante de Monika e seus desejos	Danilo Postinguel	2017	ESPM	Culturas Midiáticas	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/37706
Game e transmídia: identidade móveis em World of Warcraft	André Luiz Silva PERUZZO	2017	USP	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2818-1.pdf
De Tarcísio a Cauã: masculinidades na telenovela	Paulo Roberto Ferreira de Camargo	2017	UTP (Universidade Tuiuti do Paraná)	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2356-1.pdf
Gênero e mídia na Revista O Cruzeiro: gestando a metrosssexualidade	Felipe Viero	2017	UFOP	Evento SBPJor	http://sbpior.org.br/congresso/index.php/sbpior/sbpior2017/paper/viewFile/947/338
Absolut x Adbusters: vínculos sociais da publicidade revelados pela antipublicidade	Adriana Amaral; Camila Monteiro. Thiago Soares	2017	Unisinos/Huddersfield/UFA	Famecos	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/23912/15013
A transposição do ethos masculino para a figura feminina de Luzia-Homem em Domingos Olímpio	IVANA BENTES	2017	UFRJ	Matrizes	http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/133380/133220
Estética, sexualidade e consumo: anotações sobre as representações masculinas na revista Men's Health	Lucas GOULART; Henrique NARDI	2017	UFRGS	Mídia e Cotidiano	http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9855/6985
QUAIS HOMENS PODEM EXISTIR? Masculinidades em Junior e em Men's Health Portugal	Tainan Pauli Tomazetti; Paula Coruja	2017	UFRGS	Novos Olhares	https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/131734/132716
O imaginário em palimpsesto: um estudo sobre steve jobs como herói tecnológico à luz da psico-história-arquetípica	Hadriel Theodoro	2017	ESPM	Passagens	http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/20258

É POSSÍVEL PENSAR EM CONSUMO SIMBÓLICO DE MASCULINIDADES? TENSIONAMENTOS EM TORNO DE UM CONCEITO	Paula VIEGAS	2017	PUC-RS	Temática	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/35736/18145
Identidade nordestina, sonoridade e masculinidade no forró contemporâneo	ETTORE STEFANI DE MEDEIROS	2018	UFMG	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B4SKG3/1/dissertacao_versao_final.pdf
Disputas no YouTube: mapeando masculinidades através do canal Manual do Homem Moderno	FABIOLA CAROLINA DE SOUZA	2018	UFMG	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BB6VQJ/1/tese_fabiola_souza_2018_fafich.pdf
Arrocha com Troinha: Música e Performance no Bregafunk	OTAVIO CHAGAS ROSA	2018	UFSM	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15472/DIS_PPGCOMUNIC_ACAO_2018_ROSA_OTAVIO.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Homens em revista: gênero, cultura e imagem nas representações masculinas na Publicidade	THIAGO ALVARES DA TRINDADE	2018	UFSM	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16042/DIS_PPGCOMUNIC_ACAO_2018_TRINDADE_THIAGO.pdf?sequence=1&isAllowed=y
CAMINHOS PARA UMA NOVA MASCULINIDADE NA PUBLICIDADE: "THE BEST MEN CAN BE"	SONIELSON LUCIANO DE SOUSA	2018	UFT	Catalogo de Teses e Dissertações	http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1143/1/Sonielson%20Luciano%20de%20Sousa%20-%20Dissertacao%20a7%20a30.pdf
Masculinidade em anúncio(s): recepção publicitária e identidade de gênero'	NOEMI CORREA BUENO	2018	Unesp	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157187/bueno_nc_dr_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y
Ogro com cheiro de cabra macho: a permanência imagética de uma masculinidade na comunicação publicitária	ANDRESSA GORDYA LOPES DOS SANTOS	2018	Unicamp	Catalogo de Teses e Dissertações	http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333633/1/Santos_AndressaGordyaLopesDosM.pdf
RELAÇÕES DE GÊNERO E CONSUMO NA PUBLICIDADE DA BRAHMANA COPA DO MUNDO DE 2010	PEDRO TINEN	2018	Unicamp	Catalogo de Teses e Dissertações	http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333424
DANDARA: A VIDA NUA DE UM CORPO SEM PESO	PAULO ROBERTO FERREIRA DE CAMARGO	2018	UTP (Universidade Tuiuti do Paraná)	Catalogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7304793

A midiatização da cultura e a personagem do agente secreto James Bond no cinema	Eliza Bachega Casadei	2018	ESPM	Comunicação Midiática	https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/426
Linguagem atorial: a atuação no entre-lugar do audiovisual e do teatro	Eliza Bachega Casadei	2018	ESPM	Contemporânea	https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/25898/16376
Corpo e Comunicação: O Que A Performance Ultramasculina Deseja Falar Em Uma Sauna Gay De Fortaleza?	Carlos Magno Camargos Mendonça	2018	UFMG	Contemporânea	https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/25986/16385
CRISES PERFORMÁTICAS: REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NO CINEMA DE BETO BRANT'	Tiago José Lemos MONTEIRO	2018	IFRJ	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0355-1.pdf
"O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo"	Roberto Abib; Igor Sacramento	2018	UFRJ/Fiocruz	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0471-1.pdf
As Representações das Masculinidades na Publicidade: os comerciais da campanha "Você é o cara. Você é o Kaiser"	Nelson Soutero Coutinho NETO	2018	Unila	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0666-1.pdf
Não sou/ não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr	André PERUZZO; Rafael ORLANDINI	2018	USP	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2385-1.pdf
ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS: PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE MASCULINIDADES NEGRAS EM MOONLIGHT	Eliza Bachega Casadei	2018	ESPM	Fronteiras	http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2018.2.03.03/60746661
Processos de atualização da imagem masculina na comunicação publicitária	Daniela Jakubaszko; João Nemi Neto	2018	USCS/Columbia	Interin	https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/576
Masculinidades em anúncio a publicidade enquanto tecnologia de gênero	Rosângela Fachel de Medeiros; Rosana Fachel de Medeiros	2018	URI Erechim/UFRGS	Mídia e Consumo	http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1324/pdf
A construção dos sentidos da masculinidade na telenovela A Favorita: um diálogo entre as representações da masculinidade na telenovela e as representações das manifestações	Wellington Oliveira dos SANTOS	2018	UEG	Mídia e Cotidiano	http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27139/16058

discursivas do ambiente social brasileiro					
Violência cultural, masculinidades e publicidade: a campanha "É de homem!" da L'Oréal em Portugal	Sofia José Santos; Alexandre de Sousa Carvalho	2018	Universidade de Coimbra	Organicom	https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/150581/147391
AS (DES) CONSTRUÇÕES DO MACHO NORDESTINO EM VIDEOCLIPES: um estudo das performances de Daniel Peixoto e Johnny Hooker	Gelson Santana; Bernadette Lyra	2018	UAM	Rumores	http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/140067/140911
MASCULINIDADE, PUBLICIDADE & DISCURSO: OS MEIOS DE LOCOMOÇÃO COMO EXTENSÕES DO HOMEM	Clotilde Perez; André Luiz Silva Peruzzo	2018	USP	Tríade	http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3319
OS RAPPERS TAMBÉM AMAM: MASCULINIDADE NEGRA E AMOR PRÓPRIO EM "BLUESMAN", DE BACO EXU DOS BLUES	Thiago Álvares da Trindade; Sandra Rúbia da Silva	2018	UFSM	Verso e Reverso	http://revistas.unisinov.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2018.32.80.02/60746340
A construção das relações de gênero na publicidade da cerveja Skol: uma análise sobre consumo, cultura e criatividade	Rodrigo Cabrini Dall'Ago; Taciana Rocha	2019	UNIFAMMA	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/155715
Lixo é coisa de homem! As questões de gênero na subcultura cinematográfica do trash	Danilo Postinguel	2019	ESPM	Animus	https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/35211/pdf
O corpo fragmentado do cinema contemporâneo	Danilo POSTINGUEL	2019	ESPM	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8188028
Masculinidades e Religiosidade: o Anticlericalismo nas Ilustrações da Revista O Olho da Rua	André Luiz Silva Peruzzo	2019	USP	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8129634
Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR	Daniela Afonso Ortega	2019	USP	Catálogo de Teses e Dissertações	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7761887
Identidades fraturadas: sobre a fragilidade dos heróis masculinos na franquia Silent Hill	Mayka Castellano, Melina Meimaridis, Gabriel Ferreirinho	2019	UFF	Comunicação e Inovação	https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5470

O Corpo maculado: a promoção de uma cultura visual do homem na Publicidade	Pedro Maciel Guimarães; Karla Bessa	2019	Unicamp	Eco-pós	https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/26389/pdf
Performatividade de gênero na cultura midiática: dinâmicas de visibilidade nas trajetórias de MC Xuxu e Titica	Igor Sacramento; Danielle Brasiliense; Julio Cesar Sanches	2019	UFRJ	Evento Compós	http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos/arquivo_5VXXIA14HPM69XEE1UUW_28_7689_21_02_2019_16_03_21.pdf
Violência simbólica e Cidadania no Futebol: o discurso homofóbico em programas esportivos	Stephani ECHALAR	2019	UFG	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0556-1.pdf
Biopolítica feminista e estéticas subversivas	Davi Carlos Acácio; Wedencley Alves Santana	2019	UFJF	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1532-1.pdf
A gente se ama e se odeia ao mesmo tempo”1 : uma análise das práticas de masculinidade juvenis em dinâmicas de sociabilidade mediadas pelos smartphones	Daniela Afonso Ortega	2019	USP	Evento Intercom	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0453-1.pdf
SUPER QUEERS: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES LGBTT NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPERHERÓIS NORTE-AMERICANAS'	João Victor Gomes de OLIVEIRA; Regina Célia ESCUDERO	2019	UEL	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0447-1.pdf
Os AMORES MASCULINOS: Desiderium afetivo sexual de masculinidades na narrativa seriada de Looking (2014)	David COSTA; Pablo ASSUMPÇÃO	2019	UFC	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1259-1.pdf
Mídia e masculinidade: o programa de televisão Manhattan Connection	José Ailton de Freitas SILVEIRA FILHO; Marcela Costa da Cunha Chacel	2019	UFRN	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1685-1.pdf
Identidade de gênero: anotações sobre a masculinidade contemporânea na publicidade	João Pedro Ramalho MARTINS; Carla Conceição da Silva PAIVA	2019	Uneb	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0225-1.pdf
Corpos perfumados: os homens em anúncios da revista Men's Health	Helder Felipe Souza FERREIRA; Carolina ASSUNÇÃO E ALVES	2019	UnICEUB (Centro Universitário de	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1860-1.pdf

			Brasília)		
O homem na publicidade sob o olhar da semiótica	David Francisco de AMORIM	2019	UniFavip (Centro Universitário Vale do Ipojuca)	Evento Intercom Júnior	http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0004-1.pdf
O Queen, a Queen: Controvérsias sobre gêneros e performances	Felipe Borges; Isabelle Chaga-----	2019	UFMG	Galáxia	https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/41699/29550
HOMENS QUE SE VEEM: MASCULINIDADES EM JUNIOR E EM MENS HEALTH PORTUGAL	Juliana Freire Gutmann; Edinaldo Mota Junior; Fernanda Mauricio da Silva	2019	UFMG/UFBA	Galáxia	https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/41752/29551
Amores Alucinados: relações de gênero, violência e criminalidade nos road movies de casais de foras da lei	Eliza Bachega Casadei	2019	ESPM	Intexto	https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/80004/50884
“Engole o choro e vai pra cima”: masculinidade e repercussão midiática da atuação brasileira na Copa do Mundo da Fifa de 2014	Luiz Fernando Rodrigues Lemes	2019	UFG	Intexto	https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82739/54227
Um calafrio anda pelo meu corpo: Mário Peixoto na Inglaterra	Denilson Lopes	2019	UFRJ	Significação	http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/152046/154290
Armados e perigosos: representações de masculinidade em Os Matadores, de Beto Brant	Eliza Bachega Casadei	2019	ESPM	Temática	https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/49355/28643
RESISTÊNCIAS EM REDE: Uma análise das articulações entre cidadania, comunicação e consumo a partir do vídeo “Bichas: o documentário”	Bruna Tecchio Tonini	2020	ESPM	Anagrama	https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/174850/165744
Imaginários da masculinidade bem-sucedida e as narrativas de consumo na curadoria jornalística: o medo da despossessão financeira e o elogio à potência em VIP, GQ e L'Officiel Hommes	Elyson Gums, Fábio Hansen	2020	UFPR	Comunicação e Inovação	https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6116
AS FANTASIAS SOBRE UM CORPO QUE SABE: ESPAÇOS NARRATIVOS	João Paulo Baliscei	2020	UEM	Comunicação e Sociedade	https://www.metodista.br/revistas/revistas-

LIMINOIDES, TEATRALIDADES MASCULINAS E CONSUMO NA PLAYBOY					ims/index.php/CSO/article/view/9395
Homem e Masculinidade em Revista no Brasil	Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa; Almudena García Manso	2020	UFPE/ Universidade Rey Juan Carlos	Culturas Midiáticas	https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/51535
A emergência do homem consumidor na imprensa: articulações históricas entre as políticas de gênero e de consumo no jornalismo brasileiro	Juliana Soares, Tess Chamusca, Thiago Ferreira	2020	UFMG/ UFBA	Esferas	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/12372
Consumo e gênero: revisitando as singularidades masculinas nas comunicações publicitárias	Vicente de Paula Nascimento Leite Filho, Gabriela Pereira de Freitas	2020	UnB	Esferas	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/12144/7154
Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente	Icaro Ferraz Vidal Junior; Mauricio de Bragança	2020	PUC-SP/UFF	Evento Compós	http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_4P8QZDBF236D7BXDSO2R_30_8529_24_02_2020_12_43_04.pdf
Quem é mais homem? A construção de masculinidades rivais na animação a Bela e a Fera (1991) da Disney	Eliza Bachega Casadei	2020	ESPM	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0424-1.pdf
Homem sensível e mulher liberal: questões de sexualidade na telenovela O grito de Jorge Andrade	Thomas Lopes Saunders	2020	UFC	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1651-1.pdf
O jogo do poder masculino em O Invasor	Samuel Macêdo do Nascimento	2020	UFC	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0311-1.pdf
DISCURSOS SOBRE MASCULINIDADES E FUTEBOL MODERNO: identidade e diferença no “decreto Cenas Lamentáveis”	Davi Carlos Acácio; Wendencley Alves Santana	2020	UFJF	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2582-1.pdf
Se calhar é porque existem mais brancos do que negros no mundo	Romulo Zanotto Francino de Oliveira; Fábio Hansen	2020	UFPR	Evento Intercom	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1408-1.pdf
A representação do protagonismo homossexual masculino nas telenovelas do horário nobre da Rede Globo: revivendo os	Rafael Alessandro Viana	2020	UEPR	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0050-1.pdf

amores de Inácio e de Félix					
Men's Health: novas tendências pós-modernas, antigas hegemonias masculinas	Janssen Joseph Albino da Silva	2020	UFPE	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1745-1.pdf
Estratégias de convocação para o consumo da revista Placar: engendramentos discursivos da afetividade e sociabilidade masculina no futebol	Thainá Gomes de Lira Belém	2020	UFPE	Evento Intercom Júnior	http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1176-1.pdf
A DIVERSIDADE DE REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA PUBLICIDADE	João Pedro Jacobo dos Santos	2020	UnB	Evento Intercom Júnior	intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0272-1.pdf
Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp	Luiz Fernando Rodrigues Lemes; Ana Carolina Rocha Pessoa Temer	2020	UFG	Intexto	https://seer.ufrgs.br/intexto/search/search?query=%22masculinidade%22&authors=&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=
A interação nos videogames e a mediação de valores da masculinidade: análise pragmática da conversação em vídeos de gameplay de casal	Danielle Ramos Brasiliense, Victor Antonio Araújo	2020	UFF	Lumina	https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/articula/view/26116/21870
João Francisco e Chiron, mas podem nos chamar de Madame Satã e Black: análise do personagem negro, homossexual e marginalizado nos cinemas brasileiro e norte-americano	Adriana Andrade Braga, Alexandre Augusto Freire Carauta	2020	PUC-RJ	Revista Intercom	http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/articula/view/3442/2396
Conveniências performáticas num show de brega no Recife: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriguetes e cafunus	Tainan Pauli Tomazetti	2020	UFSM	Revista Intercom	http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/articula/view/3472/2476
ENFRENTAMENTOS NA PRODUÇÃO: OS PROFISSIONAIS DA	Ricardo Di Carlo Ferreira	2020	Unespar	Temática	https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/articula/view/56670/32197

CRIAÇÃO, O CAMPO E A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO NA PUBLICIDADE					
Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais	Felipe Viero Kolinski Machado, Christian Gonzatti	2020	UFOP/ UNISIN OS	Mídia e Cotidiano	https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38071
QUE BRANCO É ESSE NO RAP? - ROTEIROS DE MASCULINIDADES PERFORMADOS POR RAPPERS BRANCOS EM VIDEOCLIPES	<i>Thiago Soares, Winglison Henrique do Nascimento Tenório</i>	2020	UFPE	Panorama	http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/8375/5013
Notas sobre a frescura, o trabalho bicha e a fanchonice em É fogo na roupa! (Watson Macedo, 1953)	Jocimar Dias Jr	2020	UFF	Rebeca	https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/701/414
A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégias de convocação dos homens em campanhas do SUS	Eliza Bachega Casadei;Victoria Sayuri Freire dos Santos Kudeken	2020	ESPM/ Unesp	Reciis	https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2094/2405
A Fábrica de Monstros: performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda	Igor Sacramento; Danielle Ramos Brasiliense; Julio Cesar Sanches	2020	UFRJ/U FF	Contracam po	https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38416
Mi Jaragual: Masculinidade precária,soberania e farmacolonialidade aural na salsa de Ismael “Maelo” Rivera	César Colon Montijo	2020	Princint on	Eco-pós	https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27544
Masculinidades em anúncio: a publicidade enquanto tecnologia de gênero	Jorge Miklos, Leonardo Torres	2021	Unip	Comunicaç ão e Inovação	https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6656
O padrão normativo na notícia: uma reflexão sobre as representações das masculinidades no discurso jornalístico	Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça	2021	UFOP	Famecos	https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/36618/26540
Eles dançam na noite: Narrativas de masculinidade no corpo	Marcos William de Barros e Melo Júnior	2021	UERJ	Catalogo de Teses e Dissertações	---
SEJA O STEVEN QUE VOCÊ QUER VER NO MUNDO : animação como materialidade para a produção de sentidos	José Leonardo Costa	2021	UFPR	Catalogo de Teses e Dissertações	https://acervodigital.ufr.br/handle/1884/72227

sobre masculinidades na série Steven Universe					
MASCULINIDADES NEGRAS EM DISCURSO: formulações heterogêneas sobre raça e gênero	Davi Carlos de Jesus Acacio Soares	2021	UFJF	Catalogo de Teses e Dissertações	https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13751
Representações de masculinidades no discurso publicitário: os meios de locomoção como extensão do homem	Romulo Zanotto Francino de Oliveira	2021	UFPR	Catalogo de Teses e Dissertações	
GETTIN' BI: A REPRESENTAÇÃO DA BISEXUALIDADE MASCULINA NA SÉRIE TELEVISIVA CRAZY EX-GIRLFRIEND	Adriana Schryver Kurtz; Fabiana Marsiglia Thomas	2021	ESPM/RS	Intercom	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt4-fs/adriana-schryver-kurtz.pdf
CRÍTICA À MASCULINIDADE HEGEMÔNICA DOS MALANDROS CARIOCAS DO SAMBA	Rodolfo R. Viana de Paulo	2021	UFF	Intercom	---
“ENCOSTA TUA CABECINHA NO MEU OMBRO E CHORA”: AMBIGUIDADES NA MASCULINIDADE CRISTÃ NA PERFORMANCE DE UM PADRE CANTOR	Juliana Souto; Thiago Soares	2021	UFPE	Intercom	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-me/juliana-souto.pdf
QUEM MATOU O MUNDO? A MASCULINIDADE MODERNA/COLONIAL NO REAL E NA FICÇÃO	Pollyane Belo	2021	UERJ	Intercom	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/pollyane-belo.pdf
Violência de gênero e responsabilidade masculina: uma análise das campanhas da HeForShe	Maria Clara Aquino; Leticia Rossa	2021	Unisinos	Intercom	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/maria-clara-aquino.pdf
A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE NAS CAPAS DE DISCO DO ROCK BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1960	Eliza Bachega Casadei; Herom Vargas	2021	ESPM	Intercom	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-sc/eliza-bachega-casadei.pdf
Masculinizar a mulher e feminilizar o homem: o conluio entre LGBT+ e a esquerda para implantar a “ideologia de gênero” no Brasil	Guilherme Popolin	2021	UFF	Compós	https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/masculinizar-a-mulher-e-feminilizar-o-homem--o-conluio-entre-lgbt--e-a-esquerda-para-implantar-a-ideologia-de-genero-

ESTEREÓTIPOS E PADRÃO DE IMAGEM MASCULINO NOS TELEJORNALIS DOS CONGLOMERADOS MIDIÁTICOS	Karen Barboza Santarem Rodrigues	2021	UFF	Intercom Jr.	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij01/karen-barboza-santarem-rodrigues.pdf
A REMODELAÇÃO DE LAMPIÃO E DOS PADRÕES DE MASCULINIDADE DO HERÓI NA CONSTRUÇÃO DX PERSONAGEM LUNGA, DO FILME BACURAU	Camila Jucá Rodrigues de Brito et. al.	2021	UFPE	Intercom Jr.	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij04/camila-juca-rodrigues-de-brito.pdf
POR UM JORNALISMO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS SOBRE MASCULINIDADE VEICULADAS NA PUBLICAÇÃO ONLINE DAS REVISTAS CLAUDIA E GQ BRASIL	Mayara Maier; Ariane Carla Pereira	2021	UECO Universidade Estadual do Centro-Oeste	Intercom Jr.	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij06/mayara-maier.pdf
REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE E DE FEMINILIDADES EM ROMANCES DE AMOR DE BANCAS DE REVISTA DAS DÉCADAS DE 1980-1990	Kryсна Pereira da Silva et al	2021	UECE	Intercom Jr.	https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij06/kryсна-pereira-da-silva.pdf
A representação da masculinidade frágil nas mídias sociais: Análise do perfil de Dan Bilzerian no Instagram	Letícia Helena Takeno Camargo; Simone Alves de Carvalho	2021	USP	Abrapcorp Graduação	http://portal.abrapcorp2.org.br/wp-content/uploads/2021/07/sff-167.pdf
O imaginário em palimpsesto: um estudo sobre steve jobs como herói tecnológico à luz da psico-história-arquetípica	Jorge Miklos; Leonardo Torres	2021	Unip	Comunicação & Inovação	https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6656
Onde está o homem negro na publicidade? Masculinidades negras no segmento de higiene pessoal	Pablo Moreno Fernandes Viana	2021	UFMG	Contemporânea	https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/33370/24250
“Porque todo ponto de vista é a vista de um ponto”: a subjetividade como um dos lugares para compreender o jornalismo	Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça	2021	UFOP	Estudos de Jornalismo e Mídia	https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/76324
“Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades	Carlos Magno Camargos Mendonça; Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça	2021	UFMG/UFOP	Galáxia	https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/46768

Narrativas homoeróticas: sexo, amor e família nas páginas dos romances sentimentais	<i>Roberta Manuela Barros de Andrade, Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa</i>	2021	UECE/U FPE	Intexto	https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/97153/65025
Pai precisa ter pau? Os sentidos de masculinidades sobre Thammy Miranda postos em circulação no Twitter	<i>Kalliandra Quevedo Conrad, Valquíria Michela John, Regiane Ribeiro, Larissa Drabeski, Felipe da Costa</i>	2021	UFSC/UFPR	Libero	https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1539/1273
A propagabilidade midiática de expressões trans(-)viadas: ressignificação de ofensa em potência	<i>Ettore Stefani Medeiros, Caio Benevides Pedra</i>	2021	UFMG	Libero	https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1503/1277
Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro	Vera Regina Veiga França; Vanrochris Vieira	2021	UFMG/UFSC	Mídia e Cotidiano	https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/47767
Fisuras, desvíos y transgresiones a las leyes de los machos: Masculinidades en O menino e o vento y A intrusa de Carlos Hugo Christensen	Cecilia Nuria Gil Mariño	2021	Conicet	Rebeca	https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/709/442
Belas do reino: a força das pastoras por uma necessidade mercadológica	Marcos Camilo de Santana; Helder BlessKanashiro	2021	Unip/Clarentino	REU	http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/4639/4422
Da manosphere à machosfera	Gracila Vilaça; Carlos d'Andréa	2021	UFMG	Eco-pós	https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703
MOSAICO DA VIADAGEM: DISPUTAS E CONFLITOS EM TORNO DE UMA TEXTUALIDADE PERFORMÁTICO-MIDIÁTICA	Juarez Guimarães Dias; Carlos Magno Camargos Mendonça; Ettore Stefani Medeiros	2021	UFMG	Esferas	https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/12368/7327
Música e masculinidade regional o caso Morocha	Henrique Ramos Reichelt	2021	UFF	Famecos	https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/38880
Vitrine das hipermasculinidades Estratégias de legitimação discursiva de conteúdos machistas em comunidades no Facebook	Eliza Bachega Casadei	2021	ESPM	Famecos	https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/38980
O BOICOTE VIRTUAL À CAMPANHA THE BEST MAN CAN BE DA GILLETTE UM ESTUDO SOBRE MASCULINIDADES E CULTURA PARTICIPATIVA	Fagner Deport Ferreira do Nascimento; Martina Eva Fischer	2021	PUCRS	Geminis	https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/529

A pesquisa sobre as masculinidades no campo da comunicação: estado da arte de teses e dissertações na base Capes entre 1999 e 2018	Danilo Postinguel	2021	FMU	Signos do Consumo	https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/173945
--	-------------------	------	-----	-------------------	---

ANEXO II – Lista de associações gays latino-americanas organizadas entre 1960 e 1980

Nome Associação	País	Endereço	Descrição	Localização
Círculo Corydon	Brasil	c/o Manuel Messias Bacco, Caixa Postal 9905, 01000 – São Paulo, SP	Tel. 221 30 30	Spartacus, 1983, p. 106
Grupo Somos	Brasil	Caixa Postal 22196, 01000 – São Paulo, SP	See also Gay Group listings under São Paulo for details of Clube de Cinema Somos	Spartacus, 1983, p. 106
Grupo de Atuação e Afirmação Gay (GAAG)	Brasil	C.P 135, Duque de Caxias, RJ, 25000.	-----	Spartacus, 1983, p. 106
Terceiro Ato	Brasil	Caixa Postal 1720, 30000 Belo Horizonte MG, Brazil	-----	Spartacus, 1983, p.107
Beijo Livre	Brasil	Caixa Postal 070812, 70000, Brasilia, DF. Brazil	-----	Spartacus, 1983, p.107
Bready's Friends Club	Brasil	Rua Pedro Pereira, 1362, 60000, Fortaleza Ceará	-----	Spartacus, 1983, p.108
Nós Também	Brasil	Rua Orris Soares 51, Castelo Branco, 58000, João Pessoa, PB, Brazil	-----	Spartacus, 1983, p.108
Bando de Ca	Brasil	Rua Gavião Peixoto 100, sobrado, Icaraí, 24000, Niterói, RJ, Brazil	-----	Spartacus, 1983, p.109
AUE/Recife	Brasil	Rua Franscisco Soares Canha, Quadra 2, Bloco 5, ap. 301, 2º andar, Curado III, 54000, Jaboatão, PE, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p.110
QUE/Rj	Brasil	Caixa Postal 25029, 20000, Rio de Janeiro, RJ, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p.113

Grupo Gay da Bahia	Brasil	Caixa Postal 2552, 40000, Salvador, Bahia, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p.114
Coletivo Alegria Alegria	Brasil	Caixa Postal 58095, 01000, São Paulo, SP, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p. 116
Eros	Brasil	Caixa Postal 5140, 01000, São Paulo, SP, Brazil.	A study group attached to the Faculty of Philosophy, University of São Paulo.	Spartacus, 1983, p. 116
Fração Homossexual da Convergência Socialista (FHCS)	Brasil	Av. Professor Afonso Bovero, 815, 05019, São Paulo, SP, Brazil.	Organised in June 1979, a left-wing homosexual group affiliated to the Convergência Socialista political group.	Spartacus, 1983, p. 116
Grupo Opção a Liberdade Sexual (GOLS)	Brasil	Caixa Postal 426, 09000, Santo André, SP, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p. 116
Outra Coisa	Brasil	Caixa Postal 8906, 01000, São Paulo, SP, Brazil.	Created in May 1980 by dissidents from the former organization Somos. At present as exclusively male group. Publication: O Bandeirante Destemido, a very detailed Guide to gay life in São Paulo, but only available in Portuguese.	Spartacus, 1983, p. 116
Somos/Sorocaba	Brasil	Caixa Postal 294, 18100, Sorocaba, SP, Brazil.	-----	Spartacus, 1983, p. 117
Fraternidad para la Emancipacion Homosexual (FRAPEH)	Colômbia	c/o Ricardo Parra, Apartado Aéreo No 56.684, Bogotá, D.E.	-----	Spartacus, 1983, p. 145
Heliogabalus	Colômbia	c/o Manuel Rodriguez, Apartado Aéreo 56.559, Bogotá, D.E.	-----	Spartacus, 1983, p. 145
Instituto Lambda de Colômbia	Colômbia	c/o "Ventana Gay", Apartado Aéreo, 25770, Bogotá 1, Colombia.	-----	Spartacus, 1983, p. 145

		Publication: Lambda Gay		
Movimiento de Liberación Homosexual	Colômbia	c/o Alcides Figaros, Bodegón de la Candelaria, Calle de las Damas, Cartagena.	-----	Spartacus, 1983, p. 146
Movimiento de Liberación Sexual	Colômbia	c/o León Zuleta, Apartado Aéreo, 6525, Medellin (Tel. 38 26 91). Publication: El Otro, in Spanish.	-----	Spartacus, 1983, p. 147
Grupo Lambda	Guatemala	c/o Que Pasa Calabaza?, 9a Calle 3-19, Zona 1, Guatemala City.	-----	Spartacus, 1983, p. 356
Gay Freedom Movement	Jamaica	P.O. Box 1152, Kingston 8 (926 65 62 – Laurence Chang)	-----	Spartacus, 1983, p. 422
Colectivo Autonomo de Liberacion Homosexual (CUILOTZIN)	México	Apartado postal M-2551 México City	-----	Spartacus, 1983, p. 448
Fraternidad Universal de Iglesias de la Comunidad Metropolitana	México	Apartado Postal 7-1423, México, 7 D. F.	Local affiliate of the US-based Metropolitan Community Church	Spartacus, 1983, p. 448
Grupo Lambda de Liberacion Homosexual	México	Apartado Postal 73-130, México 12 D.F. Offices Baja California 71, Colonia Roma, México City.	-----	Spartacus, 1983, p. 448
Grupo Orgullo Homosexual de Liberacion (GOHL)	México	Apartado Postal 1-1693, Guadalajara, Jalisco	-----	Spartacus, 1983, p. 450
FIGTH [Frente Internacional por las Garantias Humanas]	México	Apartado Postal 3302, Tijuana, Baja California	-----	Spartacus, 1983, p. 455
Comunidad de Orgullo Gay (COG)	Porto Rico	P.O. Box 5523, Puerta de Tierra Station, San Juan, PR 00906, U.S.A.	-----	Spartacus, 1983, p. 560
Comite Proresate de la Privacidad	Porto Rico	P.O. Box 1001, Old San Juan, PR 00902, U.S.A.	-----	Spartacus, 1983, p. 560
Grupo Entendido	Venezuela	Postal 65240, Chau 1065-A,	A new group in Caracas. We do not have an	Spartacus, 1983, p. 759

		Caracas, Venezuela.	address or telephone details and suggest contact be made through the Editorial staff of Entendido	
Frente Internacional de Tijuana	México	Apartado postal 3302, Tijuana, Baja California, México (85 02 71)	-----	Spartacus, 1984, p. 442
Front de Liberación Homosexual de la Argentina (in exile)	Argentina	c/o Comunidad de Orgullo Gay, Apartado 5523, Puerta de Tierra, San Juan, Puerto Rico, 00906 (Publishers of Samos magazine)	-----	Spartacus, 1981, p.34
Grupo de Atuação Homossexual (GATHO)	Brasil	Centro Luiz Freir, Rua 27 de Janeiro, Carmo, 53000, Olinda, PE, Brazil	-----	Spartacus, 1981, p.86
Movimiento Sexual	Colômbia	c/o Enrique Grass, Apartado Aéreo 6600.	-----	Spartacus, 1981, p. 111
F.H.A.R. (Frente Homosexual de Acción Revolucionaria)	México	Apartado postal 13-320, México, 13 D.F.	-----	Spartacus, 1981, p.355
FHAR-OAXACA	México	Escribe/Write to: Gerardo Carmona, R. Apartado Postal 517, Oaxaca, Oax, México.	-----	Spartacus, 1981, p. 360
Comunidad Homosexual Argentina (C.H.A.)	Argentina	PO Box 45, sucursal 37, 1437, Buenos Aires.	Argentina's most important organization for gay liberation and member of the International Lesbian & Gay Association (ILGA). They deal with political activities, legal advice, and give general information, regularly published in "Vamos a Andar"	Spartacus, 1988, p. 49.
G.F.G [Grupo Federativo Gay]	Argentina	PO Box 5554	-----	Spartacus, 1988, p. 53.

Libertos	Brasil	PO Box 132 07000 Guarulhos- SP	-----	Spartacus, 1988, p.115
SOMOS/RJ	Brasil	PO Box 3356 20000, Rio de Janeiro	-----	Spartacus, 1988, p.121
Triangulo Rosa	Brasil	PO Box 62.618 [Rio de Janeiro]	-----	Spartacus, 1988, p.121
Gay Power International	Chile	c/o Marcelino Flantes Brady (president) Carlos Aldunante, 60, dpto 23, Comuna de Nuñon 74 34 17	-----	Spartacus, 1988, p.148
Asociación Nacional em Defensa del Gay y la Lesbiana	Colômbia	PO Box 37272, Bogotá	-----	Spartacus, 1988, p.152
Grupo de Ayuda e Información (G.A.I.)	Colômbia	PO Box 25770, Bogotá, information and support.	-----	Spartacus, 1988, p.152
C.O.R.G	Colômbia	PO. Box 44409	Gay studants working fo gay liberation. They publish a newsletter called – De Ambiente – US \$ 2	Spartacus, 1988, p.155
Colectivo Mitilene	Republica Dominicana	PO Box 156-9	-----	Spartacus, 1988, p.185
Calamus	México	Culiacan, nº 18, 3er Piso; Col. Hipódromo Condesa.	Legal and helth services, cultural and educational events.	Spartacus, 1988, p.557
POLEN (GLM)	México	PO Box 3589	This gay/lesbian youth group has joined with the Grupo Y Que and FIGTH to set up an AIDS organization to help deal whit the AIDS crisis in northern Mexico	Spartacus, 1988, p.560
Y QUE!	México	PO Box 3589, Tel 80 99 63	-----	Spartacus, 1988, p.560
M.H.O.L.	Peru	PO Box 110289, Lima, 11.	-----	Spartacus, 1988, p.654
Frente de Liberación Homosexual de Mexico	México	80 Fifth Ave, New York, NY, 10011, USA	Nacional Gay Task Force	Spartacus, 1975.
Movimento de Liberación Homosexual	Colômbia	c/o Manuel Rodriguez, Apartado Aereo	-----	Spartcus, 1979

		25796, Bogotá D.E.		
Movimiento de Liberación Hosexual	Colombia	c/o Alcides Figaro, Bodegón de la Candelaria, Calle de las Damas, Cartagena.	-----	Spartacus, 1979, p. 89
Movimiento de Liberación Homosexual (MLH)	Costa Rica	c/o Demetrio Boniche, Casa 347, Acara E. Hatilio 5, San Jose.	-----	Spartacus, 1980, p. 105
Social Club of Jalisco	México	J. Clemente Orozco N° 1187, Guadalajara, Jal. Mexico.	-----	Spartacus, 1981, p. 411
Grupo Entendido	Venezuela	Apartado Postal 65240, Chuao, 1065-A, Caracas, Venezuela.	-----	Spartacus, 1984, p.758
Grupo Liberalista	México	Apartado Postal 904	-----	Spartacus, 1984, p. 442
Movimiento Gai Para La Liberación (MGPL)	Argentina	c/o Revista "Cerdos y Peces), Cochabamba 726, 1150, Buenos Aires	-----	Spartacus, 1985, p.41
Gay Power International	Chile	c/o Marcelino Flanter Brady (president) Carlos Aldunante 60, depto 23. Comuna de Nuñon, Santiago de Chile (74 34 17)	-----	Spartacus, 1985, p.137
Groupe Gai Guyanais	Guiana Francesa	BP 347, 97302 Cayenne	-----	Spartacus, 1985, p. 390
Logos	México	Apartado Postal 73-138, México 13 D.F. C.P. 03020 México.	-----	Spartacus, 1985, p. 501
Grupo Fidelidad Homosexuales Cristianos	México	Apartado Postal M-8366, México 1 D.F.	-----	Spartacus, 1985, p. 501
Grupo Nueva Batalla de México	México	Nazas 52/Sena Col. Cuatemoc, México D.F. 06500	-----	Spartacus, 1985, p. 501
Grupo Liberalista	México	c/o Alejandro Jiménez, Calle Batopilas 153, Colonia Cacho, Tijuana, Baja California Norte.	-----	Spartacus, 1985, p. 508

Movimiento Homosexual de Lima	Peru	Apartado 111789 Lima 11	-----	Spartacus, 1987, p.556
Colectivo Ayukelen	Chile	Bellavista 0547, Provincia, Santiago de Chile	-----	Spartacus, 1987, p. 151
Grupo Nueva Generación	México	PO Box 36.218 publishes newsletter Crisalida	-----	Spartacus, 1987, p. 556
Calamo	México	Culiacan, nº 18 3er piso; Col. Hipodromo	-----	Spartacus, 1987, p. 558
Circulo de Cultura Gay	México	c/o J.M. Covarrubias, Yosemite 5 -1 – Col. Napoles	-----	Spartacus, 1987, p.558
Colectivo Masiorare	México	c/o Alvarez, O Box 5-607	-----	Spartacus, 1987, p. 558
Ruidho	México	c/o Alvarez, PO Box 5-607	-----	Spartacus, 1987, p. 558
Fundación Escorpio	Uruguay	PO Box 10.752	-----	Spartacus, 1987, p.991
Movimiento 5 de Abril	Costa Rica	PO Box 14 12, 1000, San José Library and archive	-----	Spartacus, 1989, p. 124
Liberación y Derecho	Colombia	PO Box 50284, Bogotá 2	-----	Spartacus, 1989, p. 113
Sergio Amaya	Colombia	Apartado Aéreo 372 72, Bogota DE	-----	Spartacus, 1989, p. 113
Colectivo Miltene	República Dominicana	PO Box 156-9	-----	Spartacus, 1989, p.147
Rita Arauz	Nicaragua	Apartado A 262, Managua	-----	Spartacus, 1989, p. 622
Contramano	Peru	Apartado Postal 11-0541 Work for integration of the gay community in Peru.	-----	Spartacus, 1989, p. 638
Homosexuales Unidos	Venezuela	Venezuela 1499 esq. Magallanes	-----	Spartacus, 1989, p. 1041